



Laços do  
Espírito

Richelle Mead



Academia de Vampiros

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**RICHELLE MEAD**

Laços  
do Espírito

Série Academia de Vampiros -  
Livro 5

Tradução de Rafaela/Naru-Chan  
Revisão de Carla Ferreira  
Formatação de Leytor

Para meu agente, Jim McCarthy.  
Obrigado por fazer todas as coisas difíceis.  
Esses livros não aconteceriam sem você!

# UM

Tem uma grande diferença entre ameaças de morte e cartas de amor – mesmo se a pessoa escrevendo as ameaças ainda alega te amar. É claro, considerando que uma vez eu tentei matar alguém que eu amava, talvez eu não tenha direito de julgar.

A carta de hoje tinha um timing perfeito, não que eu devesse esperar menos, eu já a li quatro vezes até agora, e mesmo que esteja atrasada, eu não conseguia me impedir de ler uma quinta vez.

*Minha querida Rose,*

*Uma das poucas desvantagens de ter despertado é que não precisamos mais dormir; portanto nós não sonhamos mais. É uma pena porque se eu pudesse sonhar, eu sei que sonharia com você. Eu sonharia com o seu cheiro e com a sensação do seu cabelo negro entre meus dedos. Eu sonharia com a suavidade da sua pele e o poder de seus lábios quando nos beijamos.*

*Sem sonhos, eu tenho que me contentar apenas com minha imaginação – que é quase tão bom quanto. Eu posso imaginar todas essas coisas perfeitamente, assim como consigo imaginar como será quando eu tirar sua vida desse mundo. É algo que eu me arrependo de ter que fazer, mas você tornou minha escolha inevitável. Sua recusa de se juntar a mim numa vida de amor eterno não me deixa outra opção, e eu não posso permitir que alguém tão perigoso quanto você viva. Além do mais, mesmo que você seja transformada contra sua vontade, você agora tem tantos inimigos entre os Strigoi que um deles iria te matar. Se você deve morrer, que seja por minhas mãos. De mais ninguém.*

*Mesmo assim, eu te desejo sorte hoje enquanto você faz suas provas – não que você precise. Se eles estão fazendo você fazer os testes – e eu não tenho dúvidas que eles fizeram – é uma perda do tempo de todos. Você é a melhor no grupo, e nessa noite você vai merecer sua marca da promessa. É claro, isso significa que você será um desafio muito maior quando nos reencontrarmos – o que eu vou gostar, definitivamente.*

*E nós vamos nos encontrar de novo. Com a formatura, você partirá da Academia, e assim que você estiver do lado de fora das wards, eu vou encontrar você. Não existe lugar nesse mundo que você possa se esconder de mim. Estou observando.*

*Amor,*

*Dimitri.*

Apesar de seus desejos de boa sorte, eu não achei a carta inspiradora, enquanto eu a jogava na minha cama e saía do quarto. Eu tentei não deixar as

palavras dele me atingir, embora seja difícil não ficar assustada com algo assim. Não existe lugar nesse mundo em que você possa se esconder de mim.

Eu não duvidava disso. Eu sabia que Dimitri tinha espiões. Desde que meu instrutor-que-se-tornou-meu-amante foi transformado em um maligno vampiro morto vivo, ele também meio que se tornou um líder entre eles – algo que eu ajudei a acelerar quando eu matei o antigo chefe dele. Eu suspeitava que muitos desses espiões fossem humanos, esperando para me ver passar as fronteiras da escola. Nenhum Strigoi poderia ficar 24 horas vigiando. Humanos podiam, e eu recentemente descobri que muitos humanos estavam dispostos a servir os Strigoi em troca da promessa de algum dia ser transformado. Esses humanos consideram que vale a pena corromper suas almas e matar outros para sobreviver com vida eterna. Esses humanos me enjoam.

Mas os humanos não foram os responsáveis pelos meus passos vacilantes, enquanto andava através da grama, que havia se transformado em um verde brilhante devido ao toque do verão. Foi Dimitri. Sempre Dimitri. Dimitri, o homem que eu amava. Dimitri, o Strigoi que eu queria salvar. Dimitri, o monstro que eu provavelmente terei que matar. O amor que nós partilhamos queimava dentro de mim, não importa o quão frequentemente diga a mim mesma para seguir em frente, não importa o quanto o mundo pensa que eu segui em frente. Ele sempre estava comigo, sempre na minha mente, sempre fazendo eu me questionar.

“Você parece pronta pra enfrentar um exercito.”

Eu saí dos meus pensamentos negros. Estive tão fixada em Dimitri e em sua carta que estive andando pelo campus, inconsciente do mundo, e não notei minha melhor amiga, Lissa, andando ao meu lado, com um sorriso provocador no rosto. Ela me pegar de surpresa era uma raridade porque partilhávamos de um laço psíquico, um que sempre me deixava ciente da presença e sentimentos dela. Eu tinha que estar bem distraída para não notar ela, e se havia algo que podia me distrair, era alguém querendo me matar.

Eu dei a Lissa o que esperava que fosse um sorriso convincente. Ela sabia o que tinha acontecido com Dimitri, e como ele, agora, estava esperando para me matar depois que eu tentei – e falhei – matar ele. Mesmo assim, as cartas que eu recebia dele toda semana a preocupavam, e ela já tinha o bastante pra lidar na sua vida sem o meu perseguidor morto vivo na lista.

“Eu meio que estou enfrentando um exercito,” eu apontei. Era cedo da noite, mas o verão ainda encontrava o sol no céu de Montana, nos iluminando com uma luz dourada enquanto andávamos. Eu amava, mas como um Moroi –

um vampiro pacífico e vivo – Lissa iria eventualmente ficar fraca e inconfortável nele.

Ela riu e jogou seu cabelo loiro platina por cima de um ombro. O sol iluminou sua cor pálida com um brilho angelical. “Eu suponho. Eu

não achei que você estaria tão preocupada.”

Eu podia entender porque ela pensava assim. Até Dimitri tinha dito que isso seria uma perda do meu tempo. Afinal de contas, eu fui para Rússia para procurá-lo, e enfrentei Strigois de verdade – matando vários deles sozinha. Talvez eu não devesse temer os testes que estavam por vir, mas toda a fanfarra e expectativas de repente me pressionavam. Meu ritmo cardíaco aumentou. E se eu não conseguisse fazer isso? E se eu não fosse tão boa quanto achava que era? Os guardiões que iriam me desafiar não eram Strigois, mas tinham habilidade e lutavam a mais tempo do que eu. Arrogância podia me trazer muitos problemas, e se eu falhasse, eu o faria na frente de todas as pessoas que se importavam comigo. Todas as pessoas que tinham tanta fé em mim.

Uma outra coisa também me preocupava.

“Estou preocupada com a forma que notas vão afetar meu futuro,” eu disse. Isso era verdade. Os testes eram o último exame para um guardião novato como eu. Eles garantiam que eu podia me formar na Academia St. Vladimir e tomar meu lugar com os verdadeiros guardiões que defendiam os Moroi dos Strigois. Os testes basicamente definiam a que Moroi o guardião seria designado.

Através do nosso laço, eu senti a compaixão de Lissa – e sua preocupação. “Alberta acha que tem uma boa chance de ficarmos juntas – de você ser minha guardiã.”

Eu fiz uma careta. “Eu acho que Alberta estava dizendo isso para me manter na escola.” Eu desisti, para caçar Dimitri, alguns meses atrás e então retornei – algo que não ficava bem em nenhum histórico escolar. Também havia o pequeno fato de que a rainha Moroi, Tatiana, me odiava e provavelmente iria influenciar a quem eu seria designada – mas isso é outra história. “Eu acho que Alberta sabe que o único jeito deles me deixarem proteger você é se eu fosse a última guardiã da terra. E mesmo assim, minhas chances ainda seriam bem pequenas.”

Na nossa frente, o rugido da multidão ficava mais alto. Um dos muitos campos esportivos da escola tinha sido transformado em

uma arena, parecido com algo dos tempos dos gladiadores romanos. As arquibancadas tinham aumentado, expandidas de simples assentos de madeira para luxuosos bancos estofados. Faixas cercavam o campo, suas cores vibrantes visíveis daqui

enquanto elas balançavam com o vento. Eu ainda não conseguia vê-las, mas eu sabia que haveria algum tipo de barraca construída na entrada do estádio para os novatos esperarem com os nervos a flor da pele. O próprio campo fora transformado em um percurso de obstáculos com perigosos testes. E pelos sons daquela ensurdecadora torcida, muitos já estavam testemunhando este evento.

“Eu não vou desistir,” Lissa disse. Através do laço, eu sabia que ela tinha falado pra valer. Isso era uma das coisas maravilhosas em relação a ela – uma fé e otimismo que resistia as mais terríveis provações. Era um afiado contraste com o meu recente ceticismo.

“E eu tenho algo que pode te ajudar hoje.”

Ela parou e botou a mão no bolso de seu jeans, tirando um pequeno anel de prata cheio de pequenas pedras que pareciam jade. Eu não precisava de nenhum laço para entender o que ela estava oferecendo.

“Oh, Liss... eu não sei. Eu não quero nenhuma, um, vantagem injusta.”

Lissa revirou os olhos. “Esse não é o problema, e você sabe. Esse está bom, eu juro.”

O anel que ela me ofereceu era um talismã, infundido com o raro tipo de magia que ela possuía. Todos os Moroi tem controle de um dos cinco elementos: terra, ar, água, fogo ou espírito. Espírito é o mais raro – tão raro que tinha sido esquecido através dos séculos. Então Lissa e alguns outros recentemente tinham aparecido com ele. Diferentemente de qualquer outro elemento, que são mais físicos por natureza, o espírito estava ligado à mente e todo tipo de fenômeno psíquico. Ninguém o entende completamente.

Fazer talismãs com espírito era algo que Lissa tinha apenas começado tentar a fazer – e ela não era muito boa nisso. Sua melhor habilidade com espírito era de cura, então ela continuava a tentar fazer talismãs de cura. O último tinha sido um bracelete que chamuscou meu braço.

“Esse funciona. Só um pouco, mas vai manter a escuridão longe durante o teste.”

Ela falou de leve, mas ambas sabíamos a seriedade das palavras dela. Com todo dom de espírito vinha um custo: uma escuridão que se mostrava como raiva e confusão, e, eventualmente, levava a insanidade. Escuridão que passava, através do nosso laço, para eu. Lissa e eu fomos informadas que com talismãs e a cura dela, poderíamos lutar contra isso. Isso era algo que ambas tínhamos que dominar.

Eu dei a ela um fraco sorriso, comovida pela preocupação dela, e aceitei o anel. Ele não queimou minha mão, o que eu considerei um sinal. Era pequeno e só cabia no meu mindinho. Eu não senti nada quando o coloquei. Às vezes isso acontece com talismãs de cura. Ou podia significar que o anel era completamente inútil. De qualquer forma, não fazia mal experimentar.

“Obrigada,” eu disse. Eu senti deleite passar por ela, e nós continuamos a andar.

Eu estendi minha mão diante de mim, admirando a forma como a pedra verde brilhava. Jóias não são uma boa ideia nesse tipo de teste físico que vou enfrentar, mas eu teria luvas para cobrir ele.

“Difícil acreditar que depois disso, teremos terminado, e vamos sair para o mundo real,” eu falei em voz alta, sem considerar minhas palavras.

Ao meu lado Lissa endureceu, e eu imediatamente me arrependi de ter falado. “Estar no mundo real” significava que Lissa e eu iríamos assumir uma tarefa que ela – nada feliz – prometeu me ajudar a cumprir alguns meses atrás.

Enquanto estava na Sibéria, eu descobri que pode haver uma forma de restaurar Dimitri para que ele volte a ser um dhampir como eu. Era um tiro no escuro – possivelmente uma mentira – e considerando a forma como ele está fixado em me matar, eu não tinha ilusão de que teria outra escolha a não ser matar ele, se a coisa acabasse ficando entre ele e eu. Mas se havia uma forma de eu poder salvar ele antes disso acontecer, eu tinha que descobrir.

Infelizmente, a única pista que tínhamos para fazer esse milagre virar realidade era através de um criminoso. Mas não apenas qualquer criminoso: Victor Dashkov, um Moroi da realeza que tinha torturado Lissa e cometido todo tipo de atrocidade que tinha transformado nossa vida num inferno. A justiça tinha sido feita, e Victor foi preso, o que complica as coisas. Soubemos que enquanto ele estivesse destinado a uma vida atrás das grades, ele não via motivos para partilhar o que ele sabia sobre seu meio-irmão – a única pessoa que uma vez tinha, supostamente, sido capaz de salvar um Strigoi. Eu decidi – possivelmente de forma ilógica – que Victor pode dar a informação se oferecermos a ele a única coisa que mais ninguém poderia: liberdade.

A ideia não era infalível, por vários motivos. Primeiro, eu não sabia se ia funcionar. Isso era meio que uma coisa importante. Segundo, eu não fazia ideia como bolar uma fuga da prisão, muito menos em que prisão ele estava. E finalmente, havia o fato de que estaríamos soltando nosso inimigo mortal. Isso era devastador o bastante para mim, ainda mais para Lissa. Ainda sim, mesmo

com a ideia perturbando ela profundamente – e acredite em mim, a afetava – ela firmemente jurou que ia me ajudar. Eu ofereci liberar ela de sua promessa dezenas de vezes nos últimos meses, mas ela permaneceu firme. É claro, considerando que não tínhamos nem como encontrar a prisão, a promessa dela podia não importar no fim.

Eu tentei consertar o constrangedor silêncio entre nós, explicando que estaríamos livres para celebrar o aniversário dela com estilo na semana que vem. Minhas tentativas foram

interrompidas por Stan, um dos meus velhos instrutores. "Hathaway!" ele rosnou, vindo da direção do campo. "Que bom da sua parte se juntar a nós. Entre aqui agora!"

O pensamento sobre Victor sumiu da mente de Lissa. Ela me deu um rápido abraço. "Boa sorte," ela sussurrou. "Não que você precise."

A expressão de Stan me disse que aquele tchau de 10 segundos foram 10 segundos demais. Eu agradei Lissa com um sorriso, e então ela foi encontrar nossos amigos nas arquibancadas enquanto eu ia atrás de Stan.

"Você tem sorte por não ser uma das primeiras," ele rosnou. "As pessoas estavam até apostando se você ia ou não aparecer."

"Mesmo?" eu perguntei alegre. "Quais são as chances? Porque eu ainda posso mudar de ideia e fazer minha própria aposta. Fazer um pouco de dinheiro."

Seus olhos estreitos me enviaram um aviso que não precisava de palavras enquanto entrávamos na área de espera adjacente ao campo, na frente das arquibancadas. Sempre me surpreendeu quanto trabalho dava esses testes, e eu não estava menos impressionada agora que estava vendo de perto. A barraca em que os novatos esperavam foi construída de madeira, completa com um teto. A estrutura parecia como se sempre tivesse sido parte do estádio. Ela tinha sido construída com uma incrível velocidade e seria derrubada igualmente rápido, assim que os testes terminassem. Uma porta da extensão de três pessoas dava uma visão parcial do campo, onde um dos meus colegas de classe estava esperando ansioso seu nome ser chamado. Todo tipo de obstáculo fora colocado lá, desafios cujo objetivo era testar o equilíbrio e coordenação dos estudantes enquanto ainda tinham que lutar e se esquivar dos guardiões adultos que estariam por perto de objetos e cantos. Paredes de madeira foram construídas em uma ponta do campo, criando um escuro e confuso labirinto. Redes e estruturas fracas estavam em outras áreas, designadas para checar o quão bem podíamos lutar nessas condições.

Alguns dos outros novatos estavam amontoados na porta, esperando conseguir uma vantagem observando aqueles que iam na frente deles. Eu não. Eu iria entrar lá às cegas, contente em enfrentar o que quer que fosse que eles iam jogar para cima de mim. Estudar o curso agora iria simplesmente me fazer pensar demais e entrar em pânico. Calma era do que eu precisava agora.

Então eu me inclinei contra uma das paredes da barraca e observei aqueles ao meu redor. Parecia que eu realmente tinha sido a última a aparecer, e eu me perguntei se as pessoas realmente tinham perdido dinheiro apostando em mim. Alguns dos meus colegas sussurravam amontoados. Alguns faziam flexões e aquecimento. Outros estavam com os instrutores que tinham sido seus mentores. Esses professores falavam atentamente com seus estudantes, dando conselhos de última hora. Eu ficava ouvindo palavras como concentração e calma.

Ver os instrutores fez meu coração se apertar. Não muito tempo atrás, era assim que eu tinha imaginado esse dia. Eu imaginei Dimitri e eu parados juntos, com ele me dizendo para levar isso a sério e não perder meu controle quando eu estivesse no campo. Alberta tinha feito uma grande quantidade de “mentoria” em mim desde que voltei da Rússia, mas como capitã, ela estava no campo, ocupada com outras responsabilidades. Ela não tinha tempo para vir aqui e segurar minha mão. Amigos meus que poderiam oferecer conforto – Eddie, Meredith, e outros – estavam ocupados com seus próprios medos. Eu estava sozinha.

Sem ela ou Dimitri – ou, bem, qualquer um – eu senti uma surpreendente dor de solidão passar por mim. Isso não estava certo. Eu não deveria estar sozinha. Dimitri deveria estar aqui comigo. Era assim que deveria ter sido. Fechando meus olhos, eu me permiti fingir que ele realmente estava aqui, apenas centímetros de distância enquanto conversávamos.

“Não se preocupe, camarada. Eu posso fazer isso vendada. Diabos, talvez eu até faça. Você tem alguma coisa que eu possa usar? Se você for bonzinho comigo, eu até te deixo amarrar.” Já que

essa fantasia iria acontecer depois que dormimos juntos, havia uma forte possibilidade dele depois me ajudar a tirar a venda – entre outras coisas.

Eu podia imaginar, perfeitamente, o balanço exasperado da cabeça dele que esse comentário teria ganho. “Rose, eu juro, às vezes parece que cada dia com você é meu próprio teste pessoal.”

Mas eu sabia que ele iria sorrir mesmo assim, e o olhar de orgulho e encorajamento que ele iria me dar enquanto eu caminhasse para o campo seria tudo que eu iria precisar para passar no teste –

“Você está meditando?”

Eu abri meus olhos, surpresa com a voz. “Mãe? O que você está fazendo aqui?”

Minha mãe, Janine Hathaway, estava parada na minha frente. Ela era apenas alguns centímetros mais baixa que eu, mas era durona o bastante para alguém duas vezes do meu tamanho. O olhar perigoso em seu rosto bronzeado desafiava qualquer um a encarar o desafio. Ela me deu um sorriso amarelo e pôs uma mão no quadril.

“Você honestamente pensou que eu não viria ver você?”

“Eu não sei,” eu admiti, me sentindo meio culpada por duvidar dela. Ela e eu não tivemos muito contato através dos anos, e foram apenas os eventos recentes – a maioria deles ruim – que começaram a restabelecer a conexão entre nós. Na maior parte do tempo, eu ainda não sabia como me sentir em relação a ela. Eu oscilava entre uma garotinha com carência por sua mãe ausente e uma adolescente ressentida por ter sido abandonada. Eu também não tinha muita certeza se eu havia perdoado ela pela vez que ela “acidentalmente” me socou no rosto em um treinamento. “Eu pensei que você teria, você sabe, coisas mais importantes para fazer.”

“De jeito nenhum eu poderia perder isso.” Ela inclinou sua cabeça em direção à porta, fazendo seus cachos ruivos balançarem. “Nem seu pai.”

“O que?”

Eu corri até a porta e espiei no campo. Minha visão da arquibancada não era fantástica, graças a vários obstáculos no campo, mas era boa o bastante. Lá estava ele: Abe Mazur. Era fácil ver ele com sua barba e bigode preto, assim como um cachecol verde esmerando sobre sua camisa. Eu podia até ver um pouco do contorno do seu brinco. Ele tinha que estar derretendo nesse calor, mas eu achei que ia ser necessário mais do que um pouco de suor para ele manchar seu senso de moda.

Se minha relação com minha mãe era rudimentar, minha relação com meu pai era praticamente inexistente. Eu o conheci em maio, e mesmo naquela época, não foi até eu voltar que descobri que eu era a filha dele. Todos os dhampir tem pais Moroi, e ele era o meu. Eu ainda não tinha certeza de como me sentia sobre ele. A maior parte da história dele ainda era um mistério, mas havia vários rumores de que ele estava envolvido em negócios ilegais. As pessoas também agiam como se ele fosse o tipo perigoso, e embora eu não

tivesse visto evidência disso, eu não achava surpreendente. Na Rússia, eles o chamavam de Zmey: a Serpente.

Enquanto eu o encarava surpresa, minha mãe foi para o meu lado. “Ele vai ficar feliz por você ter chego a tempo,” ela disse. “Ele estava fazendo uma grande aposta sobre você aparecer. Ele apostou em você, se isso te faz sentir melhor.”

Eu rosnei. “É claro. É claro que ele estaria fazendo as apostas. Eu deveria saber isso assim que eu –” Minha mandíbula se abriu. “Ele está falando com Adrian?”

Yup. Sentado ao lado de Abe estava Adrian Ivashkov – meu, mais ou menos, namorado. Adrian era um Moroi da realeza – e outro usuário de Espírito como Lissa. Ele era louco por mim (e normalmente apenas louco) desde que nos conhecemos, mas eu só tinha olhos para Dimitri. Depois do fracasso na Rússia, eu voltei e prometi dar a Adrian uma chance. Para minha surpresa, as coisas tem sido... boas entre nós. Até mesmo ótimas. Ele me escreveu uma proposta do porque sair com ele era uma boa decisão. Ela incluía coisas como “eu vou desistir dos cigarros a não ser que eu

realmente, realmente precise de um” e “eu vou fazer surpresas românticas toda semana, tais como: um incrível piquenique, rosas, ou uma viagem para Paris – mas nenhuma dessas coisas, já que elas não são mais surpresa.”

Estar com ele não era como tinha sido com Dimitri, mas de qualquer forma, eu suponho que duas relações nunca podem ser exatamente a mesma coisa. Eles são homens diferentes, afinal de contas. Eu ainda acordo todo tempo, sentindo a dor da perda de Dimitri e nosso amor. Eu me atormento devido à falha em matar ele na Sibéria e de libertá-lo desse estado de morto vivo. Ainda sim, esse desespero não significava que minha vida romântica estava acabada – algo que me levou um tempo para aceitar. Seguir em frente era difícil, mas Adrian me fazia feliz. E por enquanto, isso era o bastante.

Mas isso não significava que eu queria ele conversando com meu pirata e mafioso pai.

“Ele é uma má influencia!” eu protestei.

Minha mãe bufou. “Eu duvido que Adrian vá influenciar Abe.”

“Não Adrian! Abe. Adrian está tentando se comportar. Abe vai estragar as coisas.” Fora fumar, Adrian tinha jurado parar de beber e de outros vícios em sua proposta. Eu me apertei entre a multidão olhando para ele e Abe, tentando descobrir que tópico poderia ser tão interessante.

“Do que eles estão falando?”

“Eu acho que essa é o menor dos seus problemas agora.” Janine Hathaway não era nada a não ser prática. “Se preocupe menos com eles e mais com aquele campo.”

“Você acha que eles estão falando sobre mim?”

“Rose!” Minha mãe me deu um leve soco no braço, e eu arrastei meus olhos de volta para ela. “Você tem que levar isso a sério. Fique calma, e não se distraia.”

As palavras dela eram tão parecidas com o que eu tinha imaginado que Dimitri diria que um pequeno sorriso apareceu em meu rosto. Eu não estava sozinha afinal de contas.

“O que é tão engraçado?” ela perguntou.

“Nada,” eu disse, dando a ela um abraço. Ela a princípio ficou dura e então relaxou, de fato me abraçando de volta brevemente antes de se afastar. “Estou feliz por você estar aqui.”

Minha mãe não é do tipo afetuoso, e eu a peguei desprevenida. “Bem,” ela disse, obviamente corada, “eu te disse que não iria perder isso.”

Eu olhei para a arquibancada. “Abe, por outro lado, eu não tenho tanta certeza.”

Ou... espere. Uma estranha ideia surgiu. Não, não tão estranha na verdade. Gangster ou não, Abe tinha conexões – extensivas o bastante para ele ser capaz de mandar uma mensagem para Victor Dashkov na prisão. Abe tinha pedido informações sobre Robert Doru, o irmão de Victor, para me ajudar. Quando Victor respondeu ele dizendo que ele não tinha motivos para ajudar Abe com o que ele precisava, eu prontamente larguei meu pai e me voltei a ideia de invadir a prisão. Mas agora –

“Rosemarie Hathaway!”

Foi Alberta quem me chamou, sua voz soando alta e clara. Era como um trompete, uma chamada para batalha. Todos os pensamentos sobre Abe e Adrian – e sim, até mesmo Dimitri – sumiram da minha mente. Eu acho que minha mãe me desejou boa sorte, mas as palavras exatas se perderam enquanto eu ia em direção a Alberta e ao campo. Adrenalina passou por mim.

Meu pulso cresceu mais uma vez. Toda minha atenção agora estava no que eu iria enfrentar: o teste que me faria definitivamente uma guardiã.

# DOIS

Meus testes foram um borrão.

É de se imaginar que, já que era a parte mais importante da minha educação em St. Vladimir, eu lembraria tudo de forma perfeita e cristalina, com detalhes. Mas mesmo assim, meus pensamentos recentes eram meio que de realização. Como esses testes poderiam se comparar ao que eu já enfrentei? Como essas lutas simuladas se comparavam um grupo de Strigoi atacando nossa escola? Eu tive que enfrentar chances pequenas, sem saber se aqueles que eu amava estavam vivos ou mortos. E como eu poderia temer uma “batalha” com um dos instrutores da escola depois de ter lutado com Dimitri? Ele era letal quando dhampir e pior como Strigoi.

Não que eu quisesse fazer pouco dos testes. Eles são sérios. Eu fui atacada por todo lado, por guardiões que vem lutando e defendendo Moroi desde antes de eu nascer. A arena não era toda nivelada, o que complicou tudo. Ela estava cheia de engenhocas e obstáculos, vigas a degraus que testaram meu equilíbrio – incluindo uma ponta que me lembrou, dolosamente, daquela última noite com Dimitri. Eu o empurrei depois de empalar a estaca de prata no seu coração – uma estaca que tinha caído durante a queda dele rio abaixo.

A ponte da arena era um pouco diferente daquela de madeira sólida em que Dimitri e eu lutamos na Sibéria. Essa era frágil, um caminho mal construído de tábuas de madeira com apenas cordas para dar suporte. Cada passo fazia toda a ponte balançar e tremer, e buracos nas tábuas me mostravam onde meus ex-colegas tinham (infelizmente para eles) descoberto pontos fracos. O teste o qual eles designaram para mim na ponte, provavelmente foi o pior de todos.

Meu objetivo era levar um "Moroi" para longe de um grupo de "Strigoi" que o estavam perseguindo. Meu Moroi estava sendo bancado por Daniel, um guardião novato que tinha vindo com outros, para escola, para substituir aqueles que foram mortos no ataque. Eu não o conhecia muito bem, mas para esse exercício, ele estava bancando o dócil e indefeso – até um pouco com medo, como qualquer outro Moroi que eu estivesse guardando seria.

Ele foi um pouco resistente em pisar na ponte, e eu usei minha voz mais calma e persuasiva voz para fazer ele finalmente andar na minha frente. Aparentemente eles estavam testando o jeito das pessoas assim como sua

habilidade em luta. Não muito longe de nós, é claro, eu sabia que os guardiões que agiam como Strigoi se aproximavam.

Daniel pisou para fora, e eu fiquei atrás dele, ainda assegurando ele enquanto todos os meus sentidos estavam alertas. A ponte balançava largamente, me dizendo com um choque que nossos perseguidores tinham nos alcançado. Eu olhei para trás e vi três "Strigoi" vindo atrás de nós. Os guardiões bancando Strigoi estavam fazendo um excelente trabalho – se movendo com tanta destreza e velocidade como um verdadeiro Strigoi andaria. Eles iam nos alcançar se não acelerássemos.

"Você está se saindo bem," eu disse a Daniel. Era difícil manter o tom de voz certo. Gritar com um Moroi poderia deixar ele em choque. Muita gentileza o faria achar que isso não era sério. "E eu sei que você pode ir mais rápido. Precisamos ficar na frente deles – eles estão se aproximando. Eu sei que você pode fazer isso. Rápido."

Eu devo ter passado na parte persuasiva do teste, porque ele de fato aumentou a velocidade – não o bastante para se comparar a nossos propósitos, mas era um começo. A ponte balançou como louca de novo. Daniel gritou de forma convincente e congelou, agarrando as cordas laterais com força. Na frente dele, eu vi que outro guardião-Strigoi, estava esperando do lado oposto à ponte. Eu acho que o nome dele é Randall, outro instrutor novo. Eu estava presa entre ele e o grupo atrás de mim. Mas Randall continuou

parado, esperando na primeira tábua da ponte, para poder balançar ela mais e dificultar nossa passagem.

“Continue em frente,” eu disse, minha mente girando. “Você pode fazer isso.”

“Mas tem um Strigoí lá! Estamos presos,” Daniel exclamou.

“Não se preocupe. Eu cuido dele. Agora mexa-se.”

Minha voz foi brava dessa vez, e Daniel continuou indo para frente, levado por minha ordem. Os próximos momentos exigiram sincronização da minha parte. Eu tive que olhar os “Strigois” dos dois lados e fazer Daniel continuar a andar, e ao mesmo tempo monitorar em que ponto estávamos na ponte. Quando tínhamos atravessado quase 3/4 da ponte, eu disse, “Fique de quatro, agora! Rápido!”

Ele obedeceu, parando. Eu imediatamente me abaixei, ainda falando num meio-tom: “Estou prestes a gritar com você. Ignore.” Em uma voz mais alta,

para que os que estavam vindo atrás de nós me ouvissem, eu exclamei, “O que você está fazendo? Não podemos parar!”

Daniel não se mexeu, e eu de novo falei levemente. “Ótimo. Está vendo onde as cordas estão conectadas com a base das tábuas? Agarre elas. Agarre elas com a maior força que puder, e não solte, não importa o que aconteça. Enrole ela ao redor de suas mãos se precisar. Faça isso agora!”

Ele obedeceu. O tempo estava passando, e eu não desperdicei nenhum segundo. Em um movimento, enquanto ainda abaixada, eu virei e cortei as cordas com uma faca que recebi junto com minha estaca. A lâmina era afiada, graças a Deus. Os guardiões organizando os testes não estavam brincando. Ela não cortou instantaneamente as cordas, mas eu as cortei tão rápido que os ‘Strigoí’ nos dois lados não tiveram tempo de reagir.

As cordas partiram assim que eu, de novo, lembrava Daniel de se segurar firme. As duas metades da ponte balançaram em direção a “base” de madeira, carregadas pelo peso das pessoas nela. Bem, o

nosso lado foi. Daniel e eu estávamos preparados. Os três, atrás de nós que nos perseguiram, não. Dois caíram. Um mal conseguiu se segurar numa tábua, escorregando um pouco antes de conseguir se firmar. A queda era de 1,8m, mas me falaram para considerar como se fosse 15 metros – uma distância que me mataria e Daniel também, caso caíssemos.

Contra todas as possibilidades, ele ainda estava agarrado na corda. Eu estava me segurando também, e assim que a corda e a madeira estavam parados contra as laterais da “base”, eu comecei a subir como se fosse uma escada. Não foi fácil subir por cima de Daniel, mas eu consegui, o que me deu mais uma chance de dizer a ele para se segurar firme.

Randall, que esteve esperando na nossa frente, não tinha caído. Mas ele estava com os pés na ponte, quando eu a cortei, e ficou surpreso o bastante para perder o equilíbrio. Rápido para se recuperar, ele agora estava balançando as cordas, tentando subir até o chão firme novamente. Ele estava muito mais próximo do que eu, mas eu consegui agarrar a perna dele e o impedir. Eu o puxei em minha direção. Ele continuou a segurar na ponte, e nós lutamos. Eu sabia que, provavelmente, não conseguiria soltar ele, mas eu fui capaz de continuar a me aproximar. Finalmente, eu soltei a faca que estive segurando e consegui tirar minha estaca do cinto – algo que testou meu equilíbrio. A posição desajeitada de Randall me deu uma chance para acertar seu coração, e eu aproveitei.

Para os testes, tínhamos estacas sem ponta, que não iriam perfurar a pele, mas que poderiam ser usadas com força o bastante para convencer nossos

oponentes de que sabíamos o que estávamos fazendo. Meu alinhamento foi perfeito, e Randall, aceitando de que teria sido um golpe fatal, soltou seu aperto e caiu da ponte.

Isso me deixou a tarefa dolosa de persuadir Daniel a subir. Levou um tempão, mas de novo, seu comportamento não foi diferente de como um Moroi assustado poderia se comportar. Eu só estava

agradecida por ele não ter decidido que um Moroí de verdade teria se soltado e caído.

Depois desse desafio muitos outros vieram, mas eu lutei, nunca diminuindo a velocidade ou deixando a exaustão me afetar. Eu entrei no “modo batalha”, meus sentidos focados em instintos básicos: lutar, desviar, matar.

E enquanto estava ligada neles, eu ainda tinha que inovar e não cair em uma armadilha. Caso contrário, eu não seria capaz de reagir a uma surpresa como na ponte. Eu consegui passar por tudo, batalhando com nenhum outro pensamento a não ser completar as tarefas que me foram apresentadas. Eu tentei não pensar nos meus instrutores como pessoas que eu conhecia. Eu os tratei como Strigois. Eu não poupei socos.

Quando finalmente acabou, eu quase não percebi. Eu estava simplesmente parada ali no meio do campo com mais nenhum ataque vindo em minha direção. Eu estava sozinha. Devagar, eu fiquei mais ciente dos detalhes ao meu redor. A multidão na plateia torcendo. Alguns instrutores acenando uns para os outros enquanto se juntavam. A batida do meu coração.

Apenas quando uma Alberta sorrindo puxou meu braço que eu percebi que tinha acabado. O teste que eu esperei por toda a minha vida, terminou no que pareceu um piscar de olhos.

“Venha,” ela disse, envolvendo seu braço ao redor dos meus ombros e me guiando em direção à saída. “Você precisa tomar um pouco de água e sentar.”

Deslumbrada, eu deixei ela me levar para fora do campo, onde as pessoas ainda estavam torcendo e gritando meu nome. Atrás de nós, eu ouvi algumas pessoas dizendo que eles teriam que fazer uma pausa e consertar a ponte. Ela me levou de volta a área de espera, e gentilmente me sentou num banco. Outra pessoa sentou ao meu lado e me entregou uma garrafa de água. Eu olhei ao redor e vi minha mãe. Ela tinha uma expressão no rosto que eu nunca tinha visto antes: puro e radiante orgulho.

“Acabou?” eu finalmente perguntei.

Ela me surpreendeu de novo com uma genuinamente divertida risada. “Acabou?” ela repetiu. “Rose, você esteve lá por quase uma hora. Você passou como um borrão por esse teste com cores radiantes – provavelmente foi um dos melhores testes que essa escola já viu.”

“Mesmo? Só pareceu...” Fácil não era bem a palavra certa. “Foi uma confusão, só isso.”

Minha mãe apertou minha mão. “Você foi incrível. Estou tão, tão orgulhosa de você.”

Entender isso realmente, realmente me afetou naquele momento, e eu senti um sorriso nos meus próprios lábios, se espalhar. “E agora o que acontece?” Eu perguntei.

“Agora você se torna uma guardiã.”

\*\*\*

Eu fui tatuada várias vezes, mas nenhum desses eventos chegou perto da cerimônia e fanfarra que ocorreu enquanto eu recebia minha marca da promessa. Antes, eu recebi tatuagens molnija por matanças que fiz em inesperadas e trágicas circunstâncias: lutar com Strigoi em Spokane, o ataque e o resgate na escola – eventos que eram causa para luto e não celebração. Depois de todas essas mortes, a gente meio que perde a conta, e enquanto os guardiões que faziam tatuagens tentavam marcar cada matança individual, eles finalmente me deram uma marca em forma de estrela, que era um jeito chique de dizer que eles tinham perdido a conta de quantas eu tinha feito.

Tatuar não é um processo rápido, mesmo que você esteja fazendo uma pequena, e toda a turma de formandos tinha que receber uma. A cerimônia ocorreu onde, normalmente, era o salão de jantar da Academia, um salão que foi capaz de incrivelmente, transformar-se em algo tão grandioso e elaborado quando o que encontramos no Corte Real. Espectadores – amigos, família, guardiões – enchiam o salão enquanto Alberta chamava nossos

nomes, um de cada vez, e lia nossas notas enquanto nos aproximávamos do tatuador. As notas eram importantes. Elas seriam públicas e, junto com nossas notas gerais, influenciariam nossas designações. Moroi podiam pedir certas notas para seus guardiões. Lissa tinha me requisitado, é claro, mas até mesmo as melhores notas no mundo poderiam não compensar por todo mal comportamento no meu histórico.

Não havia Moroi nessa cerimônia, fora os poucos que foram convidados pelos recém formados. Todos os outros reunidos eram dhampir: ou guardiões

da escola ou prestes a se tornar guardiões como eu. Os convidados estavam sentados mais atrás, e os guardiões sênior estavam sentados mais a frente. Meus colegas e eu ficamos de pé o tempo todo, talvez como algum tipo de último teste de resistência.

Eu não me importei. Eu troquei minhas roupas rasgadas e sujas e coloquei calças simples e um suéter, uma roupa que parecia arrumada enquanto ainda tinha um ar solene. Foi uma boa escolha porque o ar no salão estava cheio de tensão, todos os rostos uma mistura de alegria devido a nosso sucesso, mas também ansiedade devido ao nosso novo, e mortal, papel no mundo. Eu observei com olhos brilhantes enquanto meus amigos eram chamados, surpresa e impressionada com muitas notas.

Eddie Castile, um amigo próximo, conseguiu uma nota particularmente alta em proteção Moroi. Eu não consegui me impedir de sorrir enquanto observava o tatuador trabalhando em Eddie. "Eu me pergunto como ele tirou seu Moroi da ponte," eu murmurei baixo. Eddie era cheio de recursos.

Ao meu lado, outra amiga minha, Meredith, me deu um olhar confuso. "Do que você está falando?" A voz dela era igualmente suave.

"Quando fomos perseguidos na ponte com um Moroi. O meu foi Daniel." Ela ainda parecia confusa, e eu elaborei. "E eles colocaram um Strigoi de cada lado?"

“Eu cruzei a ponte,” ela sussurrou, “mas foi apenas eu sendo perseguida. Eu levei meu Moroi através de um labirinto.”

Um olho feio de um novato nos calou, e eu escondi minha confusão. Talvez eu não tenha sido a única que passou pelos testes numa confusão. Meredith tinha confundido os fatos.

Quando meu nome foi chamado, eu ouvi alguns ofegos enquanto Alberta lia minhas notas. Eu tinha as mais altas da turma de longe. Eu estava meio que feliz por ela não ler minhas notas semestrais. Elas teriam tirado, completamente, a glória do resto da minha performance. Eu sempre me saí bem em aulas de combate, mas matemática e história... bem, esses eram um pouco desleixados, particularmente desde que sempre parecia estar saindo e entrando na escola.

Meu cabelo estava bem preso num rabo de cavalo, com cada fio preso com grampos para que o tatuador não tivesse interferências no seu trabalho. Eu me inclinei para frente para dar a ele uma boa visão e ouvi ele grunhir em surpresa.

Com minha nuca coberta de marcas, ele teve que ser habilidoso. Normalmente um novo guardião tinha uma nuca nua. Mas esse cara era bom, e consegui colocar, delicadamente, a marca da promessa no centro da minha nuca, afinal de contas. A marca da promessa parecia um longo e esticado “S”, com pontas enroladas. Ele a colocou entre as marcas molnija, deixando elas se enrolarem ao redor dele, como um abraço. O processo doeu, mas mantive meu rosto branco, me recusando a fazer careta. Me mostraram o resultado final com um espelho, antes dele cobrir com uma bandagem para que cicatrizasse.

Depois disso, eu me juntei aos meus colegas e observei enquanto o resto deles recebiam suas tatuagens. O que significou ficar de pé por mais duas horas, mas eu não me importei. Meu cérebro ainda estava revivendo tudo que tinha acontecido hoje. Eu era uma guardiã. O que aconteceria agora? Minhas notas seriam boas o bastante para apagar meu histórico de má comportamento? Eu seria guardiã de Lissa? E quanto a Victor? E quanto a Dimitri?

Eu me remexi, inquieta, enquanto todo o impacto da cerimônia dos guardiões me atingiu. Isso não era apenas sobre Dimitri e Victor. Isso era sobre mim – sobre o resto da minha vida. A escola havia terminado. Eu não teria mais professores me vigiando ou me corrigindo quando eu cometia erros. Todas as decisões seriam minhas quando eu estivesse protegendo alguém. Moro e dhampirs mais novos olhariam para mim como uma autoridade. E eu não teria mais o luxo de praticar combate num minuto e ficar sem fazer nada no meu quarto no próximo. Não haviam mais aulas para matar agora. Eu estaria sempre em serviço. Essa ideia era desencorajante, a pressão quase demais. Eu sempre igualei a graduação com liberdade. Agora eu não tinha tanta certeza. Que nova forma minha vida iria assumir? Quem decidiria? E como eu iria chegar até Victor se eu fosse designada a proteger qualquer um, a não ser Lissa?

Do outro lado do salão, eu encontrei os olhos de Lissa entre a plateia. Eles queimavam com um orgulho que se comparava ao da minha mãe, e ela sorriu quando nossos olhos se encontraram.

Tire essa cara feia do rosto, ela provocou através do nosso laço. Você não deveria parecer tão ansiosa, não hoje. Você precisa celebrar.

Eu sabia que ela tinha razão. Eu podia lidar com o que estava por vir. Minhas preocupações, que eram muitas, poderiam esperar mais um dia – particularmente já que o humor exuberante dos meus amigos e família asseguravam de que eu iria celebrar. Abe, com aquela influência que ele sempre parecia ter, tinha separado uma pequena sala e deu uma festa para mim que parecia mais adequada a uma debutante real, não a uma solitária e descuidada dhampir.

Antes do evento, eu me troquei de novo. Roupas de festa bonitas agora pareciam mais apropriadas do que a roupa formal da cerimônia molnija. Eu coloquei um vestido verde esmeralda de manga curta e meu colar de nazar ao redor do meu pescoço, mesmo que não combinasse. O nazar era um pequeno pingente que parecia um olho, com diferentes tons de azul circulando ao redor. Na

Turquia, de onde Abe veio, acreditasse que seja uma proteção. Ele tinha dado para a minha mãe anos atrás, e ela deu para mim.

Até a hora que eu finalmente coloquei maquiagem e escovei meu cabelo numa longa e escura onda (porque minha bandagem não combinava nenhum pouco com o vestido), eu dificilmente parecia alguém capaz de lutar com monstros ou sequer dar um soco. Não – isso não é bem verdade, eu percebi um momento depois. Me olhando no espelho, eu estava surpresa por ver um olhar assobrado em meus olhos castanhos. Havia dor ali, dor e perda que até mesmo o mais bonito vestido e maquiagem não poderiam esconder.

Eu o ignorei e fui para a festa, dando um encontrão em Adrian assim que saí do meu dormitório. Sem uma palavra, ele me envolveu em seus braços e me sufocou com um beijo. Eu fui pega totalmente de surpresa. Vai entender. Criaturas mortas vivas não me surpreendem, mas um Moroí da realeza irreverente podia.

E foi um belo beijo, um que eu quase me senti culpada em mergulhar. Eu tinha preocupações quando comecei a sair com Adrian, mas muitas desapareceram com o tempo. Depois de ver ele flertar sem vergonha e não levar nada a sério por tanto tempo, eu nunca esperei ver tanta devoção dele na nossa relação. Eu também não esperei sentir meus sentimentos crescendo por ele – o que parecia tão contraditório considerando que eu ainda amava Dimitri e estava considerando formas impossíveis de salvá-lo.

Eu ri quando Adrian me soltou. Ali perto, alguns Moroí mais jovens tinham parado para nos observar. Moroí saindo com dhampir não era super incomum na nossa idade, mas uma notória dhampir namorando o sobrinho-neto da rainha? Isso era meio que fofoca – especialmente já que era amplamente sabido o quanto a rainha Tatiana me odiava. Havia algumas testemunhas do meu último encontro com ela, quando ela gritou comigo e me disse para ficar longe de Adrian, mas as fofocas sobre esse tipo de coisa sempre se espalham.

“Gostaram do show?” eu perguntei a nossos voyeurs. Percebendo que tinham sido pegos no flagra, os garotos Moroí rapidamente

continuaram seu caminho. Eu virei de volta para Adrian e sorri. “O que foi isso? Foi meio que um super beijo para dar em público.”

“Isso,” ele disse alegre, “foi sua recompensa por arrasar naqueles testes.” Ele pausou. “E também porque você está totalmente quente neste vestido.”

Eu dei a ele um olhar torto. “Recompensa, huh? O namorado de Meredith comprou para ela brincos de diamante.”

Ele segurou minha mão e deu de ombros despreocupado enquanto começamos a andar em direção a festa. “Você quer diamante? Eu te dou diamantes. Eu vou banhar você neles. Diabos, te dou um vestido feito deles. Mas ele vai ser pequeno.”

“Eu acho que vou me conformar com o beijo,” eu disse, imaginando Adrian me vestindo como uma modelo de trajes de banho. Em um pole dance. A referência a joias também me trouxe de volta uma memória nada bem vinda. Quando Dimitri me manteve presa na Sibéria, me atraindo com sua abençoada complacência com suas mordidas, ele também me banhou com joias.

“Eu sabia que você era fodona,” continuou Adrian. Uma quente brisa de verão bagunçou o cabelo castanho que ele todo dia levava horas para arrumar, e com sua mão livre, ele despreocupadamente tentou recolocar ele no lugar. “Mas eu não percebi o quanto, até que vi você derrubando aqueles guardiões.”

“Isso significa que você vai ser mais gentil comigo?” eu provoquei.

“Eu já sou gentil com você,” ele disse animado. “Você tem noção do quanto quero um cigarro agora? Mas não. Eu corajosamente sofro com abstinência de nicotina – tudo por você. Mas eu acho que ver você lá, vai me fazer ter um pouco mais de cuidado ao seu redor. Aquele seu pai louco meio que está me fazendo ter cuidado também.”

Eu gemi, lembrando de como Adrian e Abe estiveram sentados juntos. “Deus. Você realmente teve que ficar com ele?”

“Hey, ele é incrível. Um pouco instável, mas incrível. Nós nos damos muito bem.” Adrian abriu a porta para o prédio que estávamos procurando. “E ele é fodão em seu próprio jeito também. Eu quero dizer, qualquer outro cara que usasse cachecol daquele jeito? Ele seria gozado na escola. Abe não. Ele bate de frente com alguém quase tão fodão quanto você. Na verdade...” a voz de Adrian ficou nervosa. Eu dei a ele um olhar de surpresa.

“Na verdade o que?”

“Bem... Abe disse que gosta de mim. Mas ele também deixou claro o que fará comigo se eu te machucar ou fazer algo ruim.” Adrian fez uma careta. “Na

verdade, ele descreveu o que ele faria de uma forma bem gráfica. E então, do nada, ele trocou de assunto para um tópico feliz. Eu gosto do cara, mas ele é assustador.”

“Ele exagerou!” Eu parei do lado de fora da sala onde seria a festa. Através da porta, eu ouvi o zunido de conversa. Nós aparentemente éramos os últimos a chegar. Eu acho que isso significava que eu faria uma grande entrada, apropriada para a convidada de honra. “Ele não tem direito de ameaçar meus namorados. Tenho 18 anos. Uma adulta. Eu não preciso da ajuda dele. Eu mesma posso ameaçar meus namorados.”

Minha indignação divertiu Adrian, e ele me deu um sorriso preguiçoso. “Concordo com você. Mas isso não significa que não vou levar o “conselho” dele a sério. Meu rosto é bonito demais para arriscar.”

O rosto dele era bonito, mas isso não me impediu de balançar minha cabeça em exaspero. Eu alcancei a maçaneta da porta, mas Adrian me afastou.

“Espera,” ele disse.

Ele me pegou nos braços de novo, nossos lábios se encontrando em outro beijo quente. Meu corpo se pressionou contra o dele, e eu me encontrei confusa com meus próprios sentimentos e a realização

de que eu estava chegando em um ponto onde eu poderia querer mais do que apenas beijar.

“Ok,” disse Adrian quando finalmente nos afastamos. “Agora podemos entrar.”

Ele tinha o mesmo tom leve em sua voz, mas em seus olhos verde escuro, eu vi a paixão. Eu não era a única considerando mais do que apenas beijar. Até agora, evitamos discutir sobre sexo, e ele foi muito bom em não me pressionar. Eu acho que ele sabia que eu não estava pronta depois de Dimitri, mas em momentos assim, eu podia ver o quão difícil era para Adrian se segurar.

Isso suavizou algo dentro de mim, e parada na ponta dos pés, eu dei a ele outro beijo. “O que foi isso?” ele perguntou alguns momentos depois.

Eu sorri. “Sua recompensa.”

Quando finalmente entramos na festa, todos na sala me cumprimentaram com torcida e orgulhosos sorrisos. Há muito tempo atrás, eu queria ser o centro das atenções. Esse desejo tinha sumido um pouco, mas agora, eu coloquei um rosto confiante e aceitei os elogios das pessoas que amo com alegria e

arrogância. Eu ergui minhas mãos triunfante, recebendo mais aplausos e elogios.

Minha festa foi um borrão quase tanto meus testes. Você nunca realmente sabe quantas pessoas se importam com você até que todas se viram para te apoiar. Isso me fez sentir humilde e quase um pouco chorosa. Mas eu mantive isso para mim mesma. Eu dificilmente poderia começar a chorar na minha própria festa da vitória.

Todos queriam falar comigo, e fiquei surpresa e feliz cada vez que uma nova pessoa se aproximava. Não era sempre que eu tinha todas as pessoas que eu amava colocadas em um só lugar, e, agitada, percebi que essa oportunidade poderia nunca mais se repetir.

“Bem, você finalmente ganhou sua licença para matar. Já era hora.”

Eu virei e encontrei os olhos divertidos de Christian Ozero, alguém que uma vez foi uma incomodação e que se tornou um bom amigo. Tão bom, de fato, que em meu humor contente eu o abracei – algo que ele claramente não esperava. Eu estava surpreendendo a todos hoje.

“Whoa, whoa,” ele disse se afastando, corado. “Vai entender. Você é a única garota que fica emocionada por poder matar. Eu nem quero pensar o que acontece quando você e Ivashkov estão sozinhos.”

“Hey, olha quem tá falando. Você está se coçando pra ir lá para fora também.”

Christian deu de ombros concordando. Era uma regra padrão em nosso mundo: Guardiões protegem Moroi. Moroi não se envolvem em batalhas. E ainda sim, depois dos ataques recentes dos Strigoi, vários Moroi – embora dificilmente a maioria – começou a concordar que era hora para os Moroi dar um passo a frente e começar a ajudar os guardiões. Usuários de fogo como Christian, são particularmente valorosos já que queimado era uma das melhores formas de matar um Strigoi (junto com empalar e decapitar). O movimento para ensinar Moroi a lutar estava atualmente – e propositalmente – empacado no governo Moroi, mas isso não impediu alguns Moroi de praticar em segredo. Christian era um deles. Olhando atrás dele, eu pisquei surpresa. Havia alguém com ele, alguém que eu mal notei.

Jil Mastrano estava parada perto dele como uma sombra. Uma caloura Moroi – bem, prestes a se tornar veterana – Jill se apresentou como alguém que também queria lutar. Ela meio que havia se tornado aluna de Christian.

“Hey, Jill,” eu disse, dando a ela um quente sorriso. “Obrigada por vir.”

Jill corou. Ela estava determinada a aprender a se defender, mas ela ficava corada perto dos outros – particularmente perto das “celebridades” como eu. Murmurar coisas sem sentido era sua reação nervosa. “Eu tive,” ela disse, tirando seu longo cabelo castanho da frente do rosto. Como sempre, ele estava cheio de cachos. “Quero dizer, é tão legal o que você fez. Nos testes. Todo mundo ficou surpreso. Eu ouvi um dos guardiões dizer que nunca viu ninguém como você, então quando Christian me convidou para vir, é claro que eu tive. Oh!” Os olhos verdes dela se arregalaram. “Eu nem te dei os parabéns. Desculpe. Parabéns.”

Ao lado dela, Christian lutava para manter o rosto sério. Eu nem tentei e rindo dei um abraço nela também. Eu estava correndo sério perigo de ficar fofa e simpática. Eu provavelmente teria meu status de guardiã revogado se continuasse assim. “Obrigado. Vocês dois já estão prontos para derrubar um exército de Strigoi?”

“Em breve,” disse Christian. “Mas podemos precisar do seu apoio.” Ele sabia tão bem quanto eu que Strigoi estavam muito longe do alcance deles. A mágica de fogo dele me ajudou muito, mas sozinho? Seria uma história diferente. Ele e Jill estavam ensinando um ao outro a usar mágica de forma ofensiva, e quando eu tinha tempo entre as aulas, eu os ensinava alguns golpes.

O rosto de Jill caiu um pouco. “Vai acabar quando Christian se for.”

Eu virei para ele. Não era surpresa que ele estivesse partindo. Todos iríamos partir. “O que você vai fazer consigo mesmo?” eu perguntei.

Ele deu de ombros. “Vou para a Corte com o resto de vocês. A tia Tasha disse que vamos ter uma “conversa” sobre meu futuro.” Ele fez uma careta. Qualquer que fossem os planos dele, parecia que não eram os mesmos que os de Tasha. A maioria dos Moroi da realeza teria ido para faculdades de elite. Eu não tinha certeza do que Christian tinha em mente.

Era uma prática padrão que depois da graduação, os novos guardiões irem para a Corte da Realeza Moroi para orientação e

receber seus protegidos. Todos iríamos partir em alguns dias. Seguindo o olhar de Christian, eu vi a tia dele cruzar a sala, e deus me ajude, ela estava falando com Abe.

Tasha Ozera tinha quase 30, com o mesmo cabelo preto brilhoso e olhos azuis gelados que Christian tinha. Mas seu rosto lindo estava marcado, no entanto, por uma horrível cicatriz em um lado – o resultado de ferimentos infligidos pelos próprios pais de Christian. Dimitri foi transformado em Strigoi

contra sua vontade, mas os Ozera escolheram propositalmente se transformar, pelo bem da imortalidade. Isso tinha, ironicamente, custado suas vidas, quando os guardiões os caçaram. Tasha tinha criado Christian (quando ele não estava na escola) e era uma dos muitos líderes do movimento que apoiava aqueles Moroi que queriam lutar contra os Strigoi.

Cicatriz ou não, eu admirava ela e ainda a achava bonita. Pela atitude do meu pai, era claro que ele também pensava o mesmo. Ele a serviu uma taça de champagne e disse algo que a fez sorrir. Ela se inclinou para frente, como se estivesse contando a ele um segredo, e ele riu também. Minha boca de abriu. Mesmo nessa distância, era óbvio que eles estavam flertando.

“Meu Deus,” eu disse estremecendo, e rapidamente me voltando de volta a Christian e Jill.

Christian parecia dividido entre presunção com o meu desconforto e seu próprio desconforto enquanto observava a mulher que ele considerava como uma mãe ser cantada por um cara que parecia um pirata mafioso. Um segundo depois, a expressão de Christian se suavizou quando ele se voltou para Jill e continuou nossa conversa.

“Hey, você não precisa de mim,” ele disse. “Você vai encontrar outros por aqui. Você terá seu próprio clube de super heróis logo, logo.”

Eu me encontrei sorrindo de novo, mas meus sentimentos gentis logo foram despedaçados por um choque de inveja. Mas não era

meu. Era de Lissa, passando por nosso laço. Surpresa, eu olhei ao redor e a vi do outro lado da sala, dando um olhar mortal a Christian enquanto ele falava com Jill.

É bom mencionar que Christian e Lissa costumavam namorar. Mais do que namorar. Eles estiveram muito apaixonados, e honestamente, eles meio que ainda estão.

Infelizmente, os eventos recentes tinha prejudicado muito a relação deles, e Christian tinha terminado com ela. Ele a amava mas tinha perdido sua confiança nela. Lissa tinha saído do controle quando outra usuária de espírito, Avery Lazar, tinha querido controlar ela. Nós eventualmente impedimos Avery, e ela estava, da última vez que ouvi, trancada num manicômio. Christian agora sabia as razões para o horrível comportamento de Lissa, mas o dano estava feito. Lissa inicialmente esteve deprimida, mas seu pesar foi substituído por raiva.

Ela alega que não quer mais nada a ver com ele, mas nossa ligação a entregou. Ela sempre tem ciúmes de qualquer garota com quem ele fala – particularmente Jill, com quem ele tem passado muito tempo ultimamente. Eu

sabia, com certeza, que não havia nada romântico acontecendo. Jill idolatrava ele como um professor sábio, nada mais. Se ela tinha uma queda por alguém, era Adrian, que sempre a tratava como uma irmã menor. Nós todos meio que tratávamos, na verdade.

Christian seguiu meu olhar, e a expressão dele endureceu. Percebendo que ela tinha chamado à atenção dele, Lissa imediatamente se afastou e começou a falar com o primeiro cara que encontrou, um dhampir bonito da minha turma. Ela começou a flertar cheia de charme, o que sempre vinha fácil com usuários de espírito, e logo, os dois estavam rindo e conversando de uma forma similar a de Abe e Tasha. Minha festa tinha se transformado em um encontro de casais.

Christian voltou sua atenção de volta para mim. “Bem, parece que ela tem muita coisa para manter ela ocupada.”

Eu virei os olhos. Lissa não era a única com inveja. Assim como ela ficava brava quando ele ficava perto de outras garotas, Christian ficava mau humorado quando ela falava com outros caras. Era irritante. Ao invés de admitir que eles ainda se amavam e só precisavam acertar as coisas, esses dois idiotas continuam a mostrar mais e mais hostilidade um pelo outro.

“Dá para parar e tentar falar com ela como uma pessoa racional algum dia?” eu rosnei.

“Claro,” ele disse amargamente. “No dia que ela começar a agir como uma pessoa racional.”

“Oh meu Deus. Vocês dois vão me fazer arrancar meus cabelos.”

“Seria um desperdício de bom cabelo,” disse Christian. “Além do mais, ela deixou sua atitude perfeitamente clara.”

Eu comecei a protestar e dizer a ele o quão idiota ele era, mas ele não tinha intenção nenhuma de ficar por ali e ouvir o sermão que eu já tinha dado uma dúzia de vezes.

“Anda, Jill,” ele disse. “Rose precisa se misturar um pouco mais.”

Ele rapidamente se afastou, e eu estava prestes a ir atrás dele para colocar alguma razão nele, quando uma nova voz falou.

“Quando você vai consertar isso?” Tasha estava parada perto de mim, balançando a cabeça para o afastamento de Christian. “Esses dois precisam voltar a ficar juntos.”

“Eu sei disso. Você sabe disso. Mas eles parecem não serem capazes de colocar isso na cabeça.”

“Bem, é melhor você trabalhar nisso,” ela disse. “Se Christian for para a faculdade do outro lado do país, será tarde demais.” Havia uma nota seca – exasperada – na voz dela, quando mencionou Christian indo para a faculdade.

Lissa iria para Lehighm uma universidade perto da Corte, devido a um acordo com Tatiana. Lissa poderia frequentar uma universidade maior do que os Moroi normalmente frequentavam, em troca de passar algum tempo na Corte e aprender sobre o comércio real.

“Eu sei,” eu disse exasperada. “Mas porque sou eu que tenho que consertar isso?”

Tasha sorriu, “Porque você é a única com força o bastante para fazer eles serem razoáveis.”

Eu decidi ignorar a insolência de Tasha, na maior parte porque ela conversar comigo significava que ela não estava falando com Abe.

Olhando ao redor da sala, eu de repente endureci. Ele agora estava conversando com a minha mãe. Eu conseguia ouvir pedaços da conversa deles, apesar do barulho.

“Janine,” ele disse animado, “você não envelheceu um dia. Você poderia ser irmã de Rose. Você lembra daquela noite na Cappadocia?”

Minha mãe riu. Eu nunca ouvi ela fazer isso antes. Eu decidi que nunca mais queria ouvir. “É claro. E eu lembro o quão ansioso você estava para me ajudar, quando a alça do meu vestido rasgou.”

“Meus Deus,” eu disse. “Ninguém para ele.”

Tasha parecia não estar entendendo até que viu do que eu estava falando. “Abe? Ele é bem charmoso.”

Eu rosnei. “Com licença.”

Eu fui em direção aos meus pais. Eu aceitei que uma vez eles tinham tido um romance – um que levou a minha concepção – mas isso não significava que eu queria vê-los o reviver. Eles estavam lembrando sobre uma caminhada na

praia quando os alcancei. Eu prontamente empurrei o braço de Abe para longe. Ele estava próximo demais dela.

“Hey, posso falar com você?” eu perguntei.

Ele parecia surpreso, mas deu de ombros. “Certamente.” Ele deu um sorriso sabe-tudo para minha mãe. “Conversamos mais depois.”

“Nenhuma mulher está segura por aqui?” eu exigi, enquanto eu o afastava.

“Do que está falando?”

Paramos perto do ponche. “Você está flertando com todas as mulheres desta sala!”

Minha acusação não o afetou. “Bem, tem tantas adoráveis mulheres aqui... é sobre isso que você queria conversar?”

“Não! Eu quero falar sobre você ameaçando meu namorado. Você não tinha direito de fazer isso.”

Suas sobrancelhas escuras se ergueram. “O que, aquilo? Aquilo não foi nada. Só um pai cuidando da sua filha.”

“A maioria dos pais não ameaça estripar o namorado de suas filhas.”

“Isso não é verdade. E de qualquer forma, não foi bem o que eu disse. Foi muito pior.”

Eu suspirei. Ele pareceu ficar deleitado com minha exasperação.

“Pense nisso como um presente de formatura. Estou orgulhoso de você. Todos sabiam que você seria boa, mas ninguém sabia que você seria tão boa.” Ele piscou para mim. “Eles certamente não esperavam que você destruísse a propriedade deles.”

“Que propriedade?”

“A ponte.”

Eu franzi. “Eu precisei. Era a forma mais eficiente. Deus, aquele desafio foi uma merda. O que os outros fizeram? Eles não lutaram no meio daquela coisa, lutaram?”

Abe balançou a cabeça, adorando cada minuto do seu conhecimento superior. “Mas ninguém foi posto nessa situação.”

“É claro que foram. Todos enfrentamos o mesmo teste.”

“Não você. Enquanto planejavam os testes, os guardiões decidiram que você precisava de algo... extra. Algo especial. Afinal de contas, você esteve lutando no mundo real.”

“O que?” O volume da minha voz chamou a atenção de alguns outros. Eu abaixei, e as palavras anteriores de Meredith voltaram na

minha mente. “Isso não é justo!”

Ele não parecia preocupado. “Você é superior aos outros. Fazer você fazer coisas fáceis não teria sido fácil.”

Eu enfrentei várias coisas ridículas na minha vida, mas isso era o máximo. “Então eles me fizeram dar uma de dublê na ponte maluca? E se eles ficaram surpresos por eu ter cortado ela, então o que diabos eles esperavam que eu fizesse? De que outra forma eu deveria sobreviver àquilo?”

“Hmm.” Ele acariciou seu queixo distraidamente. “Eu honestamente acho que eles não sabiam.”

“Oh, pelo amor de Deus. Isso é inacreditável.”

“Porque você está com tanta raiva? Você passou.”

“Porque eles me colocaram numa situação que nem eles sabiam como sair.” Eu dei a ele um olhar suspeito. “E como você sabe sobre isso? Isso é assunto de guardiões.”

Uma expressão que eu não gostava nem um pouco, apareceu no rosto dele. “Ah, bem, eu estava com sua mãe ontem à noite e —”

“Whoa, ok. Para aí,” eu interrompi. “Eu não quero ouvir o que você e minha mãe estiveram fazendo ontem à noite. Eu acho que isso seria pior que a ponte.”

Ele sorriu. “Os dois estão no passado, então não é preciso se preocupar. Aproveite seu sucesso.”

“Vou tentar. Só não me faça mais nenhum favor com Adrian, ok? Eu quero dizer, eu fico feliz por você ter vindo para me dar apoio, mas isso é mais do que o bastante.”

Abe me deu um olhar astuto, me lembrando que por baixo daquela presunção ele era de fato um homem astuto e perigoso. “Você esteve mais do que feliz por me fazer te fazer um favor depois que retornou da Rússia.”

Eu sorri. Ele tinha razão, já que tinha sido capaz de mandar uma mensagem para dentro de uma prisão de segurança máxima. Mesmo que tivesse levado a nada, ele ainda ganhou pontos.

“Ok,” eu admiti. “Isso foi bem incrível. E sou agradecida. Eu ainda não sei como você conseguiu aquilo.” De repente, como um sonho que você lembra um dia depois, eu lembrei da ideia que tive logo antes dos testes. Eu abaixei minha voz. “Você não foi lá, foi?”

Ele bufou. “É claro que não. Eu não colocaria um pé naquele lugar. Eu simplesmente usei meus contatos.”

“Onde é esse lugar?” eu perguntei, esperando soar desinteressada.

Ele não foi enganado. “Porque você quer saber?”

“Porque estou curiosa! Criminosos condenados sempre desaparecem sem rastro. Sou uma guardiã agora, e eu nem sei nada sobre nosso próprio sistema prisional. É só um prisioneiro? Tem vários?”

Abe não respondeu imediatamente. Ele estava me estudando com cuidado. No negócio dele, ele suspeitava dos motivos de todos. Como filha dele, eu provavelmente era duplamente suspeita. Estava nos genes.

Ele deve ter subestimado meu potencial para insanidades porque ele finalmente disse, “Tem mais de uma. Victor está numa das piores. Se chama Tarasov.”

“Onde é?”

“Agora?” Ele considerou. “No Alasca, eu acho.”

“Como assim, ‘agora’?”

“Ela se move conforme o ano passa. Agora é no Alasca. Mais tarde, será na Argentina.” Ele me deu um sorriso bobo, aparentemente se perguntando o quão astuta eu era. “Sabe por quê?”

“Não, eu – espera. Luz do sol.” Fazia perfeito sentido. “O Alasca tem sol sem parar por quase todo ano – mas noite sem parar no inverno.”

Eu acho que ele ficou mais orgulhoso do que eu percebi do que dos meus testes. “Qualquer prisioneiro tentando escapar teria

dificuldades.” No sol, nenhum Moroí fugitivo iria muito longe. “Não que alguém possa escapar com aquele nível de segurança.” Eu tentei ignorar o quanto isso parecia um agouro.

“Parece que eles a colocaram bem ao norte do Alasca, então,” eu disse, esperando descobrir a localização exata, indiretamente. “Você tem mais luz desse jeito.”

Ele riu. “Nem eu posso te dizer isso. Essas informações os guardiões mantém secreta, enterrada em seus quartéis.”

Eu congelei. Quartéis...

Abe, apesar de ser normalmente observador, não notou minha reação. Os olhos dele estavam observando alguém do outro lado da sala. “Aquela é Renee Szelsky? Ora, ora... ela cresceu bem através dos anos.”

Eu mal humorada o mandei embora, em grande parte porque eu queria ir atrás desse novo plano na minha mente – e porque Renee não era alguém que eu conhecia muito bem, o que fez com que ele, cantar ela, não fosse tão pavoroso. “Bem, não deixe eu te impedir. Vá atrair mais mulheres para sua teia.”

Abe nem enrolou. Sozinha, eu deixei meu cérebro girar, me perguntando se meu esquema em desenvolvimento tinha alguma chance de sucesso. As palavras dele tinham acendido um novo plano na minha mente. Não era muito mais louco que os outros. Do outro lado da sala, eu encontrei os olhos verde jade de Lissa de novo. Com Christian fora de vista, o humor dela melhorou. Ela estava se divertindo e estava excitada com as aventuras que nos esperavam, agora que estávamos livres no mundo. Minha mente voltou a pensar naquelas ansiedades que eu senti mais cedo. Podemos estar livres agora, mas a realidade ia nos alcançar em breve. O tempo estava passando. Dimitri estava esperando, observando. Eu me perguntei, brevemente, se eu ainda receberia suas cartas semanais, agora que estaria partindo da escola.

Eu sorri para ela, me sentindo meio mal por estragar o humor dela de novo, quando contasse que agora podemos ter uma chance

bem real de soltar Victor Dashkov.

# TRÊS

Os dias seguintes foram estranhos. Os outros novatos e eu podemos ter tido uma impressionante formatura, mas não éramos os únicos terminando nossa educação em St. Vladimir. Os Moroi tinham sua própria cerimônia, e o campus ficou cheio de visitas. Então, quase tão rapidamente quanto vieram, os pais desapareceram – levando seus filhos e filhas com eles. Os Moroi da realeza partiram para passar seu verão com seus pais em propriedades luxuosas – muitas no hemisfério sul, onde os dias eram mais curtos nessa época do ano. Morois “normais” também partiram com seus pais, para casas mais modestas, possivelmente conseguindo empregos de verão antes da faculdade.

E, é claro, com a escola terminando para as férias, todos os outros estudantes partiram também. Alguns sem família para voltar, normalmente dhampirs, ficavam o ano todo, fazendo eletivas especiais, mas eles eram a minoria. O campus ficou mais vazio a cada dia enquanto meus colegas e eu esperávamos o dia de sermos levado para a Corte Real. Nos despedimos dos outros, Moroi seguindo em frente ou dhampirs mais novos que em breve seguiriam nossos passos.

Uma pessoa que fiquei triste em ver partir foi Jill. Eu a vi enquanto andávamos em direção do quarto de Lissa, um dia antes da viagem a Corte. Havia uma mulher com Jill, presumivelmente sua mãe, e as duas carregavam caixas. O rosto de Jill se iluminou quando ela me viu.

“Hey, Rose! Eu disse tchau para todo mundo mas não consegui encontrar você,” ela disse excitada.

Eu sorri. “Bem, fico feliz que tenha me achado.”

Não pude dizer a ela que eu estive dizendo adeus também. Eu passei meu último dia em St. Vladimir entrando em todos os prédios

familiares, a começar pelo campus onde Lissa e eu nos conhecemos no jardim de infância. Eu explorei aquelas paredes e cantos do meu dormitório, passei pelas minhas salas de aula favoritas, e até visitei a capela. Eu também passei muito tempo nas áreas cheias de memórias agridoces, como a área de treinamento onde eu comecei a conhecer Dimitri. A pista onde ele me fazia correr. A cabana onde finalmente tínhamos cedido um para o outro. Aquela tinha sido uma das noites mais incríveis da minha vida, e pensar nela sempre me trazia tanto alegria quando dor.

Mas Jill não precisava ser bombardeada com nada disso. Eu virei em direção à mãe dela e comecei a oferecer minha mão, até que percebi que ela não poderia aperta-la enquanto segurava a caixa. "Sou Rose Hathaway. Aqui, me deixe carregar isso."

Eu peguei a caixa antes que ela pudesse protestar porque eu tinha certeza que ela protestaria. "Obrigado," ela disse, agradavelmente surpresa. Eu comecei a ficar ao lado delas enquanto começávamos a andar de novo. "Sou Emily Mastrano. Jill me contou muito sobre você."

"Oh, yeah?" eu perguntei, dando a Jill um sorriso provocador.

"Nem tanto. Só que eu ando com você às vezes." Havia um leve aviso nos olhos verdes de Jill, e me ocorreu que Emily provavelmente não sabia que sua filha esteve praticando praticas proibidas de matar Strigoi com magia, no seu tempo livre.

"Gostamos de ter Jill por perto," eu disse, sem estragar o disfarce dela. "E um dia desses, vamos ensinar ela a domar esse cabelo."

Emily riu. "Estou tentando há quase 15 anos. Boa sorte."

A mãe de Jill era linda. As duas não pareciam muito externamente. O cabelo lustroso de Emily era liso e negro, seus olhos azuis profundo e com longos cílios. Ela se movia com graça, muito diferente do jeito sempre auto-consciente de andar de Jill. Jill ainda era jovem, e enquanto crescia, ela provavelmente seria linda algum dia – algo que ela provavelmente nem desconfiava. Com sorte a auto-confiança dela cresceria.

“Onde é a casa de vocês?” eu perguntei.

“Detroit,” disse Jill, fazendo uma cara.

“Não é tão ruim,” riu sua mãe.

“Não tem montanhas. Só estradas.”

“Faço parte de uma companhia de balé, lá,” Emily explicou. “Então ficamos onde dá para pagar as contas.” Eu acho que fiquei mais surpresa pelas pessoas irem ao balé em Detroit do que Emily ser bailarina. Fazia sentido, observando ela, e com seu corpo alto e magro, Moroi são o tipo ideal de dançarinos, até onde importa aos humanos.

“Hey, é uma cidade grande,” eu disse a Jill. “Aproveite o agito enquanto pode, antes de voltar para esse lugar chato no meio do nada.” É claro, treinamentos ilícitos e ataques de Strigoi dificilmente eram chatos, mas eu queria fazer Jill se sentir melhor. “E não vai demorar tanto tempo.” As férias de verão dos Moroi mal são de 2 meses. Os pais ficam ansiosos para trazer seus filhos de volta a segurança da Academia.

“Eu suponho que sim,” disse Jill, não soando convencida. Chegamos no carro delas, e eu coloquei as caixas no porta-malas.

“Eu te mando um email quando der,” prometi. “E eu aposto que Christian vai mandar um também. Talvez eu possa até convencer o Adrian de mandar.”

Jill se alegrou, e eu fiquei feliz por ver ela voltar ao seu normal e super excitada. “Mesmo? Isso seria o máximo. Eu quero saber tudo que acontece na Corte. Você provavelmente vai fazer todo tipo de coisas legais com Lissa e Adrian, e eu aposto que Christian vai descobrir todo tipo de coisa... sobre as coisas.”

Emily não pareceu notar a tosca tentativa de edição de Jill e ao invés disso, me deu um bonito sorriso. “Obrigado pela ajuda, Rose. Foi ótimo conhecer você.”

“Você também – umph!”

Jill tinha se jogado em cima de mim, para um abraço. “Boa sorte em tudo,” ela disse. “Você tem tanta sorte – você vai ter uma vida tão boa agora!”

Eu correspondi o abraço, incapaz de explicar o quanto eu sentia ciúmes dela. A vida dela ainda era segura e inocente. Ela podia se ressentir de ter que passar o verão em Detroit, mas a estadia seria breve, e logo ela estaria de volta ao mundo familiar e fácil de St. Vladimir. Ela não seria mandada para o desconhecido e seus perigos.

Foi apenas depois que ela e sua mãe partiram que fui capaz de responder seu comentário. “Eu espero que sim,” eu murmurei, pensando sobre o que estava por vir. “Eu espero que sim.”

\*\*\*

Meus colegas e Moroi selecionados voaram cedo no dia seguinte, deixando as montanhas rochosas de Montana e as trocando pelas colinas da Pensilvânia. A Corte Real era bem como eu lembrava, com o mesmo ar imponente e ântico que St. Vladimir tentava igualar com seus prédios cheios de torres e padrões

arquitetônicos de pedra intrincados. Mas a escola também parecia querer mostrar um ar sábio e estudioso, e a Corte um ar mais ostentoso. Era como se os próprios prédios tentassem se certificar que todos soubéssemos que aqui era o lugar de poder e realza entre os Moroi. A Corte Real queria que nós ficássemos maravilhados e talvez um pouco intimidados.

E bem embora tenha estado aqui antes, eu ainda estava impressionada. As portas e janelas dos prédios de pedra estavam gravados e emoldurados em decorações douradas. Eles eram um distante choro do brilhantismo que eu vi na Rússia, mas eu percebi que os designers da Corte tinham modelado esses prédios como os da antiga Europa – a fortaleza e os palácios de São Petesburgo. St. Vladimir tinha bancos e trilhas nas quadras e jardins, mas a Corte ia um passo além. Fontes e elaboradas estátuas de antigos governantes adornavam os jardins, trabalhos em mármore excelentes que antes estiveram escondidos na neve. Agora, em

pleno verão, elas eram brilhantes e avista. E por toda parte, haviam flores em árvores, arbustos, trilhas – era deslumbrante.

Fazia sentido que os recém formados visitassem a central administrativa dos guardiões, mas me ocorreu que havia outro motivo para eles trazerem novos guardiões pra cá no verão. Eles queriam que meus colegas e eu víssemos tudo isso, para ficarmos deslumbradas e apreciarmos a glória do que lutamos. Olhando para os rostos dos recém formados, eu sabia que a tática estava funcionando. A maioria nunca esteve aqui antes.

Lissa e Adrian estavam no meu voo, e nós três nos amontoamos juntos enquanto andávamos em grupo. Era tão quente quanto tinha sido em Montana, mas a umidade aqui era muito maior. Eu estava suando depois de apenas pouco tempo andando.

“Você trouxe um vestido dessa vez, certo?” perguntou Adrian.

“É claro,” eu disse. “Eles tem umas coisas chiques que querem que a gente vá, fora à recepção principal. Embora eles possam me dar a roupa preto-e-branco para isso.”

Ele balançou a cabeça, e eu notei que a mão dele começou a se dirigir a seu corpo, antes de hesitar e se afastar. Ele pode ter feito progresso em parar de fumar, mas eu tinha certeza que estava no seu subconsciente automaticamente buscar um maço quando estava no ar livre, o que é difícil de se livrar.

“Eu quero dizer para hoje à noite. Para o jantar.”

Eu olhei questionadoramente para Lissa. O horário dela na Corte sempre tinha todo tipo de evento em que “pessoas normais” não iam. Com meu novo e

incerto status, não tinha certeza se eu iria com ela. Eu senti a surpresa dela através do nosso laço, e percebi que ela não sabia de nenhum plano especial para jantar.

“Que jantar?” eu perguntei.

“O que eu armei com minha família.”

“O que você –” eu parei abruptamente e encarei com olhos arregalados, sem gostar do sorriso no rosto dele nem um pouco. “Adrian!” Alguns dos recém formados me olhou curioso e continuou a andar.

“Qualê, estamos saindo há alguns meses. Conhecer os pais é parte do ritual. Eu conhecia sua mãe. Eu até conheci seu pai assustador. Agora é sua vez. Eu garanto que ninguém da minha família vai fazer a sugestão que seu pai fez.”

Eu meio que já conheci o pai de Adrian antes. Ou, bem, eu o vi numa festa. Eu duvidava que ele tivesse ideia de quem eu era – fora a minha reputação maluca. Eu não sabia quase nada sobre a mãe de Adrian. Ele falava muito pouco dos seus familiares – bem, da maior parte deles.

“Só seus pais?” eu perguntei cuidadosa. “Mais algum familiar que eu deveria saber?”

“Bem...” A mão de Adrian se torceu de novo. Eu acho que dessa vez ele queria um cigarro como algum tipo de proteção do tom de aviso em minha voz. Lissa, eu observei, parecia estar se divertindo com tudo isso. “Minha tia-avó favorita pode aparecer.”

“Tatiana?” eu exclamei. Pela centésima vez, eu me perguntei como eu tive a sorte de sair com um cara parente da líder de todo mundo Moroi. “Ela me odeia! Você sabe o que aconteceu da última vez que nos encontramos.” Vossa Majestade Real tinha me chamado e gritado sobre como eu era muito inferior para ficar com seu sobrinho e como ela tinha grandes “planos” para ele e Lissa.

“Eu acho que ela vai superar.”

“Oh, qual é!”

“Não de verdade.” Ele quase parecia estar dizendo a verdade. “Eu falei com minha mãe no outro dia, e... eu não sei. Tia Tatiana não parece mais odiar tanto você.”

Eu franzi, e nós três começamos a andar de novo. “Talvez ela admire seu recente trabalho de vigilante,” brincou Lissa.

“Talvez,” eu disse. Mas eu não acreditava nisso. No máximo, eu fugir deveria ter feito eu ser mais desprezível aos olhos da rainha.

Eu me senti meio traída por Adrian jogar esse jantar pra cima de mim, mas não havia nada para ser feito sobre isso. O único lado bom é que eu tinha a impressão dele estar me gozando sobre a tia dele talvez aparecer. Eu disse a ele que iria, e minha decisão o deixou com um humor bom o bastante para ele não fazer muitas perguntas quando Lissa e eu falamos que íamos fazer “nossas próprias coisas” aquela tarde. Meus colegas estavam fazendo um tour na Corte e nos terrenos como parte do sua doutrinação, mas eu já tinha visto tudo antes e fui capaz de escapar dessa. Lissa e eu soltamos nossas coisas em nossos quartos e então fomos para o lado mais distante da Corte, onde as pessoas não-tão-da-realeza viviam.

“Você vai me dizer qual é essa outra parte do seu plano?” perguntou Lissa.

Desde que Abe tinha explicado sobre a prisão de Victor, eu estive fazendo outra lista mental de problemas que poderíamos enfrentar. Na maior parte, haviam dois, o que era um a menos dos que eu tinha antes de falar com Abe. Não que as coisas tivessem ficado mais fácil. Primeiro, não fazíamos ideia de onde no Alasca era esse lugar. Segundo, não sabíamos quais eram as defesas e a planta da prisão. Não fazíamos ideia do que fazer para tirar ele de lá.

Ainda sim, algo que me disse que todas essas respostas poderiam ser encontradas numa fonte, o que significava que eu tinha, na verdade, apenas um problema imediato: como chegar até essa fonte. Felizmente, eu conhecia alguém que poderia nos ajudar a chegar lá.

“Nós vamos ver Mia,” eu disse a ela.

Mia Rinaldi era uma ex-colega Moroi nossa – uma ex inimiga, na verdade. Ela também era a garota propaganda para total mudanças de personalidade. Ela passou de uma vadia que estava disposta a acabar – e dormir – com qualquer um, em sua busca para

popularidade, para uma garota pé no chão ansiosa para aprender a se defender de outros Strigoi. Ela vive aqui na Corte com seu pai.

“Você acha que Mia sabe como invadir uma prisão?”

“Mia é boa, mas não acho que ela seja tão boa. Mas ela provavelmente pode nos ajudar com informações.”

Lissa gemeu. “Eu não acredito que você acabou de usar a palavra informação. Isso realmente está se transformando num filme de espionagem.” Ela falou despreocupada, mas eu podia sentir a preocupação dentro dela. O tom leve estava mascarado por seu medo, a inquietude que ela ainda sentia por libertar Victor, apesar de sua promessa para mim.

Aqueles que não eram da realeza e trabalhavam e faziam coisas mais comuns, na Corte viviam em apartamentos longe do castelo da rainha e do hall de entrada. Eu já havia pego o endereço de Mia, e passamos por dentro de um perfeito jardim, conversando uma com a outra sobre o longo dia quente. Encontramos ela em casa, casualmente vestida em jeans e camiseta com um picolé na mão. Os olhos dela se arregalaram quando ela nos viu do lado de fora de sua porta.

“Bem, Deus me ajude,” ela disse.

Eu ri. Era o tipo de resposta que eu daria. “É bom ver você também. Podemos entrar?”

“É claro.” Ela deu espaço. “Quer um picolé?”

Quando que eu não queria. Eu aceitei um de laranja e sentei com ela e Lissa na pequena sala. O lugar estava longe da onipotência das casas de convidados da realeza, mas era aconchegante e limpa e sem dúvidas amada por Mia e seu pai.

“Eu sabia que os recém formados estavam vindo,” Mia disse, tirando seus cabelos loiros ondedados do rosto. “Mas não tinha certeza se você estava ou não com eles. Você se formou?”

“Me formei,” eu disse. “Recebi a marca da promessa e tudo mais.” Ergui meu cabelo para que ela pudesse ver a bandagem.

“Estou surpresa por eles deixarem você voltar, depois que fugiu para sair numa matança. Ou você recebeu créditos extras por isso?”

Aparentemente, Mia tinha ouvido as mesmas histórias sobre minhas aventuras que todo mundo. Por mim tudo bem. Eu não queria falar sobre a verdade. Eu não queria falar sobre Dimitri.

“Você acha que alguém pode impedir Rose de fazer o que ela quer?” Perguntou Lissa com um sorriso. Ela estava tentando evitar que entrássemos em muitos detalhes sobre meu antigo paradeiro, pelo que eu fiquei agradecida.

Mia riu e mordeu um bom pedaço de picolé limão. Era de se admirar que ela não tivesse seu cérebro congelado. “Verdade.” O sorriso dela sumiu enquanto ela engolia. Os olhos azuis dela, sempre perspicazes, me estudaram em silêncio por alguns segundos. “E Rose quer algo agora.”

“Hey, estamos apenas felizes por ver você,” eu disse.

“Acredito. Mas também acredito que você tem outro motivo.”

O sorriso de Lissa aumentou. Ela estava achando graça eu ter sido pega no meu jogo de espiã. “Porque diz isso? Você consegue ler Rose assim tão bem ou você sempre assume que ela tem outros motivos?”

Agora Mia sorriu de novo. “Os dois.” Ela se esticou para frente, no sofá, me dando um olhar sério. Quando ela tinha ficado tão perceptiva? “Ok. Não tem porque perder tempo. O que você precisa de ajuda?”

Eu suspirei, pega no flagra. “Eu preciso entrar no prédio de segurança dos guardiões.”

Ao meu lado, Lissa fez um tipo de barulho estrangulado. Eu me senti meio mal por ela. Embora ela pudesse esconder seus pensamentos de mim, eventualmente, não havia muita coisa que ela fazia ou dizia que era uma grande surpresa. Eu? Eu continuamente a surpreendia. Ela não fazia ideia do que estava por vir na metade do tempo, mas honestamente, se estávamos planejando libertar um

renomado criminoso da prisão, então passar pelo prédio da segurança não deveria ser um choque tão grande.

“Wow,” disse Mia. “Você não perde tempo com coisas pequenas.” O seu sorriso se contorceu um pouco. “É claro, você não me pediria ajuda para coisas pequenas. Você mesma poderia fazer isso.”

“Você consegue me – nos – colocar lá dentro?” eu perguntei. “Você é amiga de alguns dos guardiões aqui... e seu pai tem acesso a muitos lugares...” Eu não sabia o exato trabalho do Sr. Rinaldi, mas eu achava que era relacionado à manutenção.

“O que você está procurando?” ela perguntou. Ela ergueu a mão quando abri minha boca para protestar. “Não, não. Eu não preciso de detalhes. Só uma ideia geral para poder dar um jeito. Eu sei que você não vai lá só para dar uma volta.”

“Eu preciso de alguns registros,” eu expliquei.

As sobrancelhas dela se ergueram. “Pessoais? Tentando conseguir um emprego?”

“Eu – não.” Huh. Essa não era uma má ideia, considerando minha situação precária para ser designada para Lissa. Mas não. Um problema de cada vez. “Eu preciso de uns registros sobre a segurança de outros lugares – escolas, casas da realeza, prisões.” Eu tentei manter minha expressão casual quando mencionei a última. Mia era disposta a fazer algumas loucuras, mas até ela tinha limites. “Eu suponho que eles devem manter essas coisas aqui?”

“Eles mantêm,” ela disse. “Mas a maioria é eletrônico. E sem ofensa, isso pode ir além das suas habilidades. Mesmo que conseguíssemos chegar a um dos computadores, tudo é protegido por senha. E se eles se afastam, eles bloqueiam os computadores. Eu estou supondo que você não se tornou uma hacker desde a última vez que te vi.”

Não, certamente não. E ao contrário dos heróis dos filmes de espião dos quais Lissa me provocou, eu não tinha um amigo entendido de tecnologia o bastante para sequer chegar perto de quebrar esse tipo de segurança criptografada. Merda. Eu encarei

meus pés desanimada, me perguntando se teria alguma chance de conseguir mais informações de Abe.

“Mas,” disse Mia, “se a informação que você precisa não é muito nova, eles podem ainda ter cópias em papel.”

Eu ergui minha cabeça. “Onde?”

“Eles tem enormes depósitos, em um dos porões. Arquivos e mais arquivos. Ainda fechados à chave – mais provavelmente mais fáceis de conseguir do que lutando contra computadores. De novo, depende do que você precisa. Do quão antigo é.”

Abe deu a entender que a prisão de Tarasov existia há algum tempo. Certamente havia um registro dela naqueles arquivos. Eu não duvidava que os guardiões tivessem entrado para o mundo digital há um tempo, o que significava que poderíamos não encontrar informações atualizadas sobre a segurança, mas eu fico satisfeita com tinta de caneta.

“Pode ser o que precisamos. Você consegue nos levar lá?”

Mia ficou quieta por vários segundos, e eu podia ver a mente dela trabalhando. “Possivelmente.” Ela olhou para Lissa. “Você ainda consegue usar compulsão nas pessoas, para que sejam seus escravos?”

Lissa fez uma careta. “Eu não gosto de pensar nisso desta forma, mas yeah, eu consigo.” Essa era outra das vantagens do espírito.

Mia considerou mais alguns segundos e deu outro rápido aceno.

“Ok. Voltem lá pelas duas, e vamos ver o que podemos fazer.”

Duas da tarde para o resto do mundo significava o meio da noite para os Moroi, que tinham um horário noturno. Estar na rua em plena luz do dia não parecia particularmente esperto, mas eu imaginava que o plano de Mia se baseava no fato de que também haveria menos pessoas nessa hora do dia.

Eu estava pensando se deveríamos conversar mais ou ir embora quando uma batida na porta interrompeu meus pensamentos. Mia

recuou e de repente pareceu desconfortável. Ela levantou para atender a porta, e ouvimos uma voz familiar vindo do correr.

“Desculpe por vir cedo, mas eu –”

Christian entrou na sala. Ele abruptamente se calou quando viu Lissa e eu. Todos parecerem congelados, então parecia que dependia de mim fingir que essa não era uma situação horrivelmente constrangedora.

“Hey, Christian,” eu disse alegre. “Como vai?”

Os olhos dele estavam em Lissa, e ele levou um momento para arrastá-los até mim. “Bem.” Ele olhou para Mia. “Eu posso voltar...”

Lissa apressadamente se levantou. “Não,” ela disse, a voz fria e muito parecida com o de uma princesa. “Rose e eu temos que ir mesmo.”

“Yeah,” eu concordei, seguindo a deixa dela. “Nós temos... coisas... para fazer. E não queremos interromper seu...” Diabos, eu não fazia ideia do que eles iam fazer. Não tinha certeza nem se queria saber.

Mia encontrou sua voz. “Christian queria ver alguns dos golpes que estive praticando com os guardiões do campus.”

“Legal.” Eu mantive o sorriso no rosto enquanto Lissa e eu nos movíamos até a porta. Ela passou o mais longe que pode de Christian. “Jill vai ficar com ciúmes.”

E não apenas Jill. Depois de outra rodada de despedidas, Lissa e eu partimos e voltamos para os jardins. Eu podia sentir a raiva e o ciúme irradiando pelo nosso laço.

“É apenas o clube de luta deles, Liss,” eu disse, sem precisar que ela me respondesse. “Nada está acontecendo. Eles vão falar sobre socos e chutes e outras coisas chatas.” Bem, na verdade essas coisas eram bem legais, mas eu não ia glorificar Christian e Mia andando juntos.

“Talvez agora nada esteja acontecendo,” ela rosou, encarando a frente. “Mas quem sabe o que poderia acontecer? Eles passam

tempo juntos, praticam uns golpes físicos, uma coisa leva a outra –”

“Isso é ridículo,” eu disse. “Esse tipo de coisa não é nem um pouco romântica.” Outra mentira, já que foi exatamente assim que minha relação com Dimitri tinha começado. De novo, era melhor não mencionar isso. “Além do mais, Christian não pode se envolver com toda garota com quem anda. Mia, Jill – sem ofensas, mas ele não é tão garanhão.”

“Ele é bem bonito,” ela discutiu, aqueles sentimentos negros ainda dentro dela.

“Yeah,” eu cedi, mantendo meus olhos cuidadosamente no caminho. “Mas é preciso mais que isso. Além do mais, eu achei que você não se importava com o que ele fazia.”

“Eu não me importo,” ela concordou, nem convencendo a si mesma, muito menos eu. “Nem um pouco.”

Minhas tentativas de distrair ela se provaram bem inúteis pelo resto do dia. As palavras de Tasha voltaram pra mim: Porque você não consertou isso? Porque Lissa e Christian não estavam sendo razoáveis, os dois presos em seus próprios sentimentos de mágoa – o que meio que estava me irritando também. Christian teria sido bem útil em nossas escapadas ilícitas, mas eu tinha que manter distância pelo bem de Lissa.

Eu finalmente a deixei com seu mau humor na hora do jantar.

Comparada com a situação romântica dela, meu relacionamento com um mimado playboy da realeza, com uma família que desaprovava o relacionamento, parecia romântico. Que mundo triste e assustador isso estava ficando. Eu garanti a Lissa que voltaria direito depois do jantar e iríamos ver Mia juntas. Mencionar Mia não deixou Lissa feliz, mas a ideia de um potencial arrombamento a distraiu, momentaneamente, de Christian.

O vestido que eu estava usando para o jantar era marrom, feio de um material leve ótimo para o tempo do verão. O decote era decente, e pequenas mangas davam um ar de classe. Com meu cabelo num rabinho que fazia um trabalho decente em esconder

minha tatuagem, eu quase parecia uma namorada respeitável – o que apenas serve para mostrar o quanto as aparências podem enganar, já que tudo era parte do meu esquema maluco para trazer meu último namorado de volta dos mortos.

Adrian me avaliou dos pés a cabeça quando eu cheguei na casa de seus pais. Eles tinham uma residência permanente aqui na Corte. O pequeno sorriso em seu rosto me disse que ele gostou do que viu.

Ele passou um braço ao redor da minha cintura. “Infelizmente sim, eu estava esperando que você aparecesse vestida com algo bem mais vadio. Algo que deixasse meus pais escandalizados.”

“Às vezes é como se você nem se importasse comigo como uma pessoa,” eu observei enquanto andávamos para dentro. “É como se você estivesse me usando para chocar as pessoas.”

“Ambos, pequena dhampir. Eu me importo com você, e estou usando você para chocar as pessoas.”

Eu escondi um sorriso enquanto a governanta dos Ivashkov nos levava em direção à sala de jantar. A Corte tem restaurantes e cafeterias em seus prédios, mas a realeza, como os pais de Adrian, consideram de mais classe dar um jantar chique em casa. Eu, eu preferiria estar em público. Mais opções de fuga.

“Você deve ser Rose.”

Minha avaliação das saídas foi interrompida quando uma Moroi muito alta e elegante entrou na sala. Ela usava um longo vestido verde escuro de cetim que, imediatamente me fez sentir deslocada, e que combinava perfeitamente com a cor dos olhos dela – e de Adrian. Seu cabelo escuro estava preso num laço, e ela sorriu para mim com um genuíno calor enquanto eu apertava sua mão.

“Sou Daniella Ivashkov,” ela disse. “É muito bom finalmente te conhecer.”

Era mesmo? Minha mão automaticamente apertou a dela em resposta. “Prazer em te conhecer também, Lady Ivashkov.”

“Me chame de Daniella, por favor.” Ela virou para Adrian e fez um som de reprovação enquanto ajeitava o colarinho da camisa, com botões, dele.

“Honestamente, querido,” ela disse. “Você sequer olhou no espelho antes de passar pela porta? Seu cabelo está uma confusão.”

Ele desviou dela enquanto ela se esticava em direção a sua cabeça. “Você está brincando? Eu passo horas na frente do espelho para fazer ele parecer assim.”

Ela deu um suspiro atormentado. “Às vezes não consigo decidir se tenho sorte ou não de não ter outro filho.” Atrás dela, servos silenciosos estavam colocando comida na mesa. Vapor se erguia dos pratos, e meu estômago roncou. Eu esperei que mais ninguém tivesse ouvido. Daniella olhou para o corredor além dela.

“Nathan, pode se apressar? A comida está esfriando.”

Alguns segundos depois, passos pesados soaram na madeira ornamentada do chão, e Nathan Ivashkov entrou na sala. Como sua esposa, ele estava formalmente vestido, o cetim azul de sua gravata brilhando em contraste a seu pesado terno. Eu estava feliz por eles terem ar-condicionado aqui, ou ele estaria derretendo embaixo de todo esse tecido pesado. Sua feição mais marcante era o que eu lembrava de antes: um distinto cabelo prata e bigode. Eu me perguntei se o cabelo de Adrian seria assim quando ele fosse mais velho. Nah, eu nunca iria descobrir. Adrian provavelmente iria tingir seu cabelo no primeiro sinal de um grisalho – ou prata.

O pai de Adrian poderia ser exatamente como eu lembrava, mas estava claro que ele não fazia ideia de quem eu era. Na verdade, ele parecia genuinamente surpreso por me ver.

“Esses são Adrian, e, uma amiga, Rose Hathaway,” disse gentilmente Daniella. “Você lembra – ele disse que a traria hoje à noite.”

“É um prazer te conhecer, Lord Ivashkov.”

Diferentemente de sua esposa, ele não se ofereceu a ser chamado pelo primeiro nome, o que me aliviou um pouco. O Strigoi

que tinha transformado Dimitri a força também se chamava Nathan, e esse não era um nome que eu queria falar em voz alta. O pai de Adrian olhou para mim, mas não era em apreciação como Adrian tinha feito antes. Era mais como se eu fosse uma aberração. “Oh. A garota dhampir.”

Ele não foi exatamente rude, só desinteressado. Eu quero dizer, não foi como se ele tivesse me chamado de meretriz de sangue nem nada disso. Todos sentamos para comer e embora Adrian tenha mantido seu sorriso safado todo o

tempo no rosto, eu de novo senti a vibração de que ele realmente, realmente queria um cigarro. Provavelmente uma bebida forte também. Estar perto de seus pais não era algo que ele gostava. Quando um dos servos serviu a todos vinho, Adrian pareceu imensamente aliviado e não se segurou. Eu dei a ele um olhar de aviso mas ele ignorou.

Nathan conseguiu devorar rapidamente seus medalhões de porco enquanto ainda parecia elegante e apropriado. “Então,” ele disse, toda atenção focada em Adrian, “agora que Vasilisa se formou, o que você vai fazer com você? Você não vai continuar a se misturar com estudantes, vai? Não tem mais porque ficar lá.”

“Eu não sei,” disse Adrian preguiçosamente. Ele balançou a cabeça, bagunçando seu cabelo ainda mais. “Eu meio que gosto de andar com eles. Eles acham que eu sou mais engraçado do que realmente sou.”

“Que surpresa,” seu pai respondeu. “Você não é nem um pouco engraçado. Está na hora de você fazer algo produtivo. Se você não vai voltar para a faculdade, você deveria ao menos começar a tomar partido de algumas reuniões sobre os negócios de família. Tatiana mima você, mas você poderia aprender muito com Rufus.”

Eu sabia o bastante sobre políticas Moroi para reconhecer o nome. O membro mais velho de cada família era normalmente seu “príncipe” ou “princesa” e tinha uma posição no Conselho Real – e era elegível para se tornar rei ou rainha. Quando Tatiana assumiu a

coroa, Rufus se tornou príncipe dos Ivashkov, já que ele era o segundo mais velho.

“Verdade,” disse Adrian sem expressão. Ele não estava comendo. Estava mais para ficar brincando com a comida. “Eu realmente gostaria de saber como ele esconde suas duas amantes em segredo da mulher.”

“Adrian!” surtou Daniella, um leve tom de rosa se espalhando por suas bochechas. “Não diga coisas assim na mesa de jantar – e certamente não na frente de convidados.”

Nathan pareceu me notar de novo e deu um aceno desconsiderando. “Ela não importa.” Eu mordi meu lábio para não responder, repreendendo a vontade de ver se eu conseguia jogar meu prato de porcelana, no estilo de um Frisbee, e acertar ele na cabeça. Eu decidi não tentar. Isso não apenas arruinaria o jantar, mas o prato provavelmente não seria servido de novo. Nathan voltou sua atenção de novo para Adrian. “Mas você sim. Eu não vou aceitar que você não faça nada – e use nosso dinheiro para isso.”

Algo me disse que eu deveria ficar fora disso, mas eu não consegui suportar ver Adrian ser diminuído por seu pai irritante. Adrian não fazia nada e desperdiçava dinheiro, mas Nathan não tinha direito de gozar dele por causa disso. Eu quero dizer, claro, eu fazia isso o tempo todo. Mas isso é diferente.

“Talvez você pudesse ir a Lehigh com Lissa,” eu ofereci. “Continuar a estudar espírito com ela e então... fazer o que você estava fazendo da última vez que estive na faculdade...”

“Bebendo e matando aulas,” disse Nathan.

“Arte,” disse Daniella. “Adrian fazia aulas de arte.”

“Mesmo?” eu perguntei, ficando surpresa. De alguma forma, eu podia imaginar que ele era o tipo artístico. Se encaixava na personalidade errante dele. “Então seria perfeito. Você poderia voltar ao curso.”

Ele deu de ombros e terminou sua segunda taça de vinho. “Eu não sei. Essa faculdade provavelmente teria o mesmo problema que

a última.”

Eu franzi. “Qual?”

“Dever de casa.”

“Adrian,” rosnou seu pai.

“Está tudo bem,” disse Adrian animado. Ele colocou seu braço, casualmente na mesa. “Eu não preciso de um emprego ou dinheiro extra. Depois que Rose e eu nos casarmos, as crianças e eu vamos viver do salário de guardiã dela.”

Todos nós congelamos, até eu. Eu sabia perfeitamente bem que ele estava brincando. Eu quero dizer, mesmo que ele tivesse fantasias de se casar e ter filhos (e eu tinha certeza que ele não tinha), o salário insignificante de um guardião nunca seria o bastante para mantê-lo nesse luxuoso estilo de vida no qual ele estava acostumado.

O pai de Adrian, no entanto, claramente não achava que ele estava brincando. Daniella parecia indecisa. Eu, eu estava desconfortável. Era um tópico muito, muito ruim para trazer a mesa de jantar desta forma, e eu não conseguia acreditar. Adrian tinha entrado no assunto. Eu acho que nem o vinho tem culpa. Adrian só gostava de atormentar seu pai tanto assim.

O horrível silêncio se tornou cada vez mais pesado. Meu instinto de preencher silêncio com conversa estava vindo à tona, mas algo me disse para

continuar quieta. A tensão aumentou. Quando a campainha tocou, nós quatro quase pulamos de nossas cadeiras.

A governanta, Torrie, correu para atendê-la, e eu soltei, mentalmente, um suspiro de alívio. Um visitante inesperado iria ajudar a aliviar a tensão.

Ou talvez não.

Torrie limpou a garganta quando retornou, claramente frustrada enquanto olhava de Daniella para Nathan. “Vossa Majestade Real Rainha Tatiana está aqui.”

De jeito. Nenhum.

Os três Ivashkovs levantaram abruptamente, e meio segundo depois, eu me juntei a eles. Eu não acreditei em Adrian mais cedo, quando ele disse que Tatiana poderia aparecer. Pela cara dele, ele também parecia bem surpreso agora. Mas certa o bastante, ali estava ela. Ela varreu a sala, elegante no que deveria ser um casual-formal para ela: calças pretas e um casaco com seda vermelha e uma blusa cheia de laços por baixo. Pequenos passadores cheios de joias brilhavam em seu cabelo negro, e aqueles olhos imperiosos olharam todos nós enquanto oferecíamos rápidas reverências. Até mesmo sua própria família seguia as formalidades.

“Tia Tatiana,” disse Nathan, forçando o que parecia um sorriso em seu rosto. Eu acho que ele não faz isso muito frequentemente. “Você não vai se juntar a nós para jantar?”

Ela acenou uma mão dispensando. “Não, não. Não posso ficar. Estou indo encontrar Priscilla mas resolvi passar aqui quando ouvi que Adrian tinha retornado.” O olhar dela caiu nele. “Eu não acredito que você esteve aqui o dia todo e não foi visitar.” A voz dela era fria, mas juro que havia um brilho de diversão nos olhos dela. Era assustador. Ela não era alguém que eu imaginasse gentil e fofa. Toda a experiência de ver ela fora de uma das salas de cerimônias dela era totalmente irreal.

Adrian sorriu para ela. Ele era, claramente, a pessoa mais confortável no salão agora. Por razões que eu nunca entendi, Tatiana ama e mimava Adrian. Não que ela não amasse sua família; só era claro que ele era favorito dela. O que sempre me surpreendeu, considerando o patife que ele era às vezes.

“Aw, achei que você teria coisas mais importantes a fazer do que me ver,” ele disse a ela. “Além do mais, eu parei de fumar, então agora não poderemos ir esconder cigarros atrás da sala do trono juntos.”

“Adrian!” reprovou Nathan, ficando vermelho. Me ocorreu, naquele momento, que eu poderia fazer um jogo baseado em beber

sempre que ele exclamava o nome do filho de forma desaprovadora. "Tia, eu sint –"

Tatiana ergueu sua mão. "Oh, fique quieto, Nathan. Ninguém quer ouvir." Eu quase me engasguei. Estar no mesmo aposento que a rainha era uma preocupação, mas quase valia a pena ver ela espetar verbalmente Lord Ivashkov. Ela virou de volta para Adrian, o rosto derretido. "Você finalmente largou? Já era hora. Eu suponho que isso tenha a ver com você?"

Levou um tempo para eu perceber que ela estava falando comigo. Até aquele ponto, eu meio que esperava que ela não tivesse me notado. Parecia que a única explicação para ela não estar gritando para remover a rebelde pequena meretriz de sangue. Era chocante. A voz dela também não era acusatória. Era... impressionada.

"B-bem, não foi eu, Vossa Majestade," eu disse. Minha obediência era longínquo grito do meu comportamento no nosso último encontro. "Foi Adrian quem teve, uh, a determinação para isso."

Que Deus me ajude, Tatiana riu. "Muito diplomático. Eles deveriam designar você para um político."

Nathan não gostou da atenção estar em mim. Eu não tinha certeza se gostava também, semiagradável ou não.

"Você e Priscilla vão discutir negócios hoje à noite? Ou só um jantar amigável?"

Tatiana arrastou seu olhar de mim. "Ambos. Tem uma interação familiar acontecendo. Não publicamente, mas está se espalhando. As pessoas estão fazendo barulho sobre a questão da segurança. Alguns estão prontos para começar a treinar agora mesmo. Outros estão se perguntando se podem continuar sem dormir." Ela rolou os olhos. "E essas são as sugestões mais sutis."

Sem dúvida. Essa visita se tornou muito mais interessante.

"Eu espero que você cale a boca desses militantes," rosnou Nathan. "Nós lutando ao lado dos guardiões é um absurdo."

“O que é absurdo,” disse Tatiana, “é ter briga entre as classes da realeza. É isso que eu quero “calar”.” O tom dela ficou elevado, muito similar ao de uma rainha.

“Somos os líderes entre os Moroi. Temos que dar o exemplo. Precisamos estar unificados para sobreviver.”

Eu a estudei com curiosidade. O que isso significava? Ela não tinha concordado ou discordado do comentário de Nathan sobre Moroi lutando. Ela apenas mencionou querer estabelecer a paz entre seu povo. Mas como? Seu método era encorajar o novo movimento ou esmagá-lo. A segurança era uma enorme preocupação para todos depois do ataque, e estava nas mãos dela descobrir o que fazer.

“Parece bem difícil para mim,” disse Adrian, bancando estar inconsciente a seriedade do assunto. “Se você ainda quiser um cigarro depois, vou fazer uma exceção.”

“Vou me conformar com você vindo fazer uma visita apropriada amanhã,” ela disse secamente. “Deixe os cigarros em casa.” Ela olhou para a taça vazia de vinho dele. “E outras coisas.” Um flash de resolução de ação cruzou o olhar dela, e embora tenha derretido tão rapidamente quanto apareceu, eu quase senti alívio. Ali estava a gelada Tatiana que eu conhecia.

Ele fez uma saudação. “Pode deixar.”

Tatiana deu ao resto de nós, breves olhares. “Tenham uma boa noite,” foi sua única despedida. Nos curvamos de novo, e então ela foi em direção a porta da frente. Enquanto ela fazia isso, eu ouvi brigas entre vozes murmuradas. Ela esteve viajando com uma comitiva, eu percebi, e tinha deixado todos do foyer enquanto vinha dizer olá para Adrian.

O jantar foi silencioso depois disso. A visita de Tatiana meio que deixou todos nós surpresos. Pelo menos isso significava que eu não tinha que ouvir Adrian e seu pai brigar mais. Daniella na maior parte manteve a pouca conversa que havia, tentando descobrir meus interesses, e eu percebi que ela não tinha dito uma palavra durante

a breve visita de Tatiana. Daniella tinha casado com os Ivashkovs, e me perguntei se ela achava a rainha intimidadora.

Quando chegou a hora para partirmos, Daniella só sorria enquanto Nathan se retirou para estudar.

“Você precisa aparecer mais vezes,” ela disse a Adrian, arrumando o cabelo delo, apesar de seus protestos. “E você é sempre bem vinda, Rose.”

“Obrigado,” eu disse, pasma. Eu fiquei estudando o rosto dela para ver se ela estava mentindo, mas eu não achei que ela estivesse. Não fazia sentido.

Moroi não aprovam relacionamentos duradouros com dhampirs. Os Moroi da realeza, especialmente, não aprovavam. E os Moroi da realeza com parentes a rainha especialmente não aprovavam, pelo menos se as experiências passadas eram algum indicativo.

Adrian suspirou. “Talvez se ele não estiver por perto. Oh, droga. Isso me lembra. Eu deixei meu casaco aqui da última vez – eu quis sair muito rápido.”

“Você tem, tipo, cinquenta casacos,” eu disse.

“Pergunte a Torrie,” disse Daniella. “Ela sabe onde está.”

Adrian saiu para encontrar a governanta, me deixando com sua mãe. Eu deveria ter feito uma conversa educada e sem consequências, mas minha curiosidade estava me matando.

“O jantar foi muito bom,” eu disse a ela honestamente. “E eu espero que você não leve a mal... mas, quero dizer... bem, você não parece ter problemas em ver Adrian e eu saindo.”

Ela acenou serenamente. “Eu não tenho.”

“E...” Bem, eu tinha que dizer. “Tat – a Rainha Tatiana também meio que parece não ter problemas com isso.”

“Ela não tem.”

Eu me certifiquei que minha boca não caísse no chão. “Mas... quero dizer, da última vez que eu falei com ela, ela estava muito

brava. Ela ficava me dizendo como ela nunca permitiria que ficássemos juntos no futuro, ou nos casássemos nem nada disso.” Eu me encolhi, lembrando da piada de Adrian. “Eu achei que você fosse pensar a mesma coisa. O Lord Ivashkov pensa. Você não pode querer, de verdade, que seu filho fique com uma dhampir para sempre.”

O sorriso de Daniella era gentil mas seco. “Você planeja ficar com ele para sempre? Você planeja se casar com ele e se ajeitar em algum lugar?”

A pergunta me pegou totalmente desprevenida. “Eu... não... eu quero dizer, não quero ofender o Adrian. Eu só nunca –”

“Planejou se ajeitar?” Ela acenou sabiamente. “Foi o que pensei. Acredite em mim, eu sei que Adrian não falou sério mais cedo. Todos estão pulando para conclusões que nem aconteceram. Eu te ouvi, Rose – todos ouviram. E eu

admiro você. E pelo que ouvi, estou supondo que você não é o tipo que desistiria de ser guardiã para ser uma dona de casa.”

“Você tem razão,” eu admiti.

“Então não vejo problemas. Vocês dois são jovens. Vocês tem direito a se divertir e fazerem o que quiserem agora, mas eu – você e eu – mesmo que você continue vendo Adrian agora e pelo resto da vida, vocês não vão casar ou se ajeitar. E não tem nada a ver com o que Nathan ou qualquer outra pessoa diz. É como o mundo funciona. É o tipo de pessoa que você é. Eu posso ver nos seus olhos. Tatiana sabe disso também, e é por isso que ela se acalmou. Você precisa estar lá fora lutando, e é isso que você fará. Pelo menos se você realmente pretende ser uma guardiã.”

“Eu pretendo.” Eu estava encarando ela maravilhada. A atitude dela era incrível. Ela era a primeira pessoa da realeza que eu conhecia e não tinha imediatamente surtado e ficado louca com a ideia de um Moroi e um dhampir ficarem juntos. Se outras pessoas partilhassem o ponto de vista dela, isso faria a vida de muitas pessoas mais fácil. E ela tinha razão. Não importava o que Nathan

achava. Não teria importado nem se Dimitri estivesse por perto. No fim das contas Adrian e eu não ficaríamos juntos para o resto das nossas vidas porque eu sempre seria uma guardiã em serviço, sem vagabundear como ele fazia. Perceber isso, liberou as coisas... mas também me fez sentir um pouco triste.

Atrás dela, eu podia ver Adrian se aproximando pelo corredor. Daniella se inclinou para frente, baixou sua voz para que apenas eu ouvisse. Havia um tom saudoso em suas palavras quando ela falou, o tom de uma mãe preocupada. "Mas Rose? Embora eu não me importe com vocês dois saindo e sendo felizes, por favor tente não quebrar muito o coração dele quando a hora chegar."

# QUATRO

Decidi que seria melhor não mencionar minha conversa com a mãe de Adrian para ele. Eu não precisava de poderes psíquicos para sentir seu humor confuso enquanto andávamos de volta para casa de hóspedes. O pai dele o irritou, mas a aparente aceitação de sua mãe o animou. Eu não queria estragar isso deixando Adrian saber que ela só não se importava com a gente sair porque ela achava que era uma coisa temporária e divertida.

“Então você vai sair com Lissa?” ele perguntou quando chegou no meu quarto.

“Yup, desculpe. Você sabe – coisas de garota.” E por coisas de garota, eu me referia a invadir um prédio.

Adrian parecia um pouco desapontado, mas eu sabia que ele não iria se meter na nossa amizade. Ele me deu um pequeno sorriso e envolveu seus braços ao redor da minha cintura, se abaixando para me beijar. Nossos lábios se encontraram, e aquele calor que sempre me surpreendia se espalhou por mim. Depois de alguns doces momentos, nos separamos, mas o olhar no rosto dele me disse que aquilo não era fácil para ele.

“Te vejo depois,” eu disse. Ele me deu mais um rápido beijo e então voltou para seu próprio quarto.

Eu imediatamente procurei Lissa, que estava em seu quarto. Ela estava encarando uma colher de prata, e através do nosso laço, eu podia sentir a sua intenção. Ela estava tentando colocar compulsão de espírito, para que quem quer que fosse que a segurasse ficasse alegre. Eu me perguntei se ela queria a colher para si mesmo ou só para experimentar. Eu não futriquei em sua mente para descobrir.

“Uma colher?” eu perguntei divertida.

Ela deu de ombros e a soltou. “Hey, não é fácil conseguir prata. Eu tenho que aceitar o que conseguir.”

“Bem, ela vai servir para alegrar os jantares.”

Ela sorriu e colocou os pés sobre a mezinha de ébano que estava no meio de sua pequena sala. Cada vez que eu a via, eu não conseguia me impedir de

lembrar dos móveis pretos que estiveram na minha própria suíte-prisão na Rússia. Eu tinha lutado com Dimitri com um estaca feita da perna da uma cadeira com um estilo similar.

“Falando nisso... como foi seu jantar?”

“Não tão ruim quanto pensei,” eu admiti. “Mas eu nunca percebi o quão idiota o pai de Adrian é. A mãe dele é bem legal. Ela não teve problemas comigo e ele saindo.”

“Yeah, eu a conheci. Ela é legal... embora eu nunca tenha pensando que ela seria legal o bastante para não se importar com namoros escandalosos. Eu não suponho que Vossa Majestade Real tenha aparecido?” Lissa estava brincando, então minha resposta a surpreendeu.

“Ela apareceu, e... não foi horrível.”

“O que? Você disse ‘não foi’?”

“Eu sei, eu sei. Foi tão louco. Foi uma visita bem rápida para ver Adrian, e ela agiu como se estar lá não fosse nada demais.” Eu não me incomodei em comentar sobre a política de Tatiana em relação a treinar os Moroi para batalha. “É claro, quem sabe o que teria acontecido se ela ficasse? Talvez ela tivesse se transformado em seu velho eu. Então eu precisaria de todo um conjunto de ornamentos de prata – para me impedir de enfiar uma faca nela.”

Lissa gemeu. “Rose, você não pode fazer esse tipo de piada.”

Eu sorri. “Eu digo às coisas que você tem medo.”

Isso fez ela sorrir em resposta. “Faz um longo tempo desde que ouvi isso,” ela disse suavemente. Minha viagem para a Rússia tinha

prejudicado nossa amizade – o que acabou me mostrando o quanto eu realmente significo para ela.

Nós passamos o resto do tempo juntas, conversando sobre Adrian e outras fofocas. Eu fiquei aliviada por ver que ela superou aquele humor de antes por causa de Christian, mas conforme o dia progredia, sua ansiedade cresceu devido a nossa missão com Mia.

\*\*\*

“Vai ficar tudo bem,” eu disse a ela quando a hora chegou. Estávamos passando pelo jardim de trás da Corte, vestidas com jeans confortáveis e

camiseta. Era bom estar livre do toque de recolher da escola, mas de novo, estar sob o sol brilhante não me fazia sentir escondida. “Isso será fácil.”

Lissa fez uma cara mas não disse nada. Os guardiões eram a força de segurança no nosso mundo, e esse era seu quartel general. Invadir seria qualquer coisa, menos fácil.

Mia parecia determinada quando alcançamos ela, e eu me senti encorajada pelo atitude dela – e ela estava toda de preto. Na verdade não ia fazer muita diferença na luz do sol, mas fez tudo parecer mais legítimo. Eu estava morrendo para saber o que tinha acontecido com Christian, e Lissa também. De novo, era um daqueles tópicos que era melhor não explicar.

Mia explicou, no entanto, seu plano para nós, e eu honestamente achava que teria cerca de 65% de chance de funcionar. Lissa estava inquieta em relação ao seu papel já que envolvia compulsão, mas ela era um soldado e concordou em ir. Repassamos tudo em detalhes algumas vezes e então fomos para o prédio que servia para guardar as operações dos guardiões.

Eu estive lá uma vez, quando Dimitri me levou para ver Victor em uma das celas adjacente ao HG dos guardiões. Eu nunca passei muito tempo no escritório principal antes, e como Mia tinha previsto, tinha pouco pessoal a essa hora do dia.

Quando entramos, fomos imediatamente recebidos por uma área administrativa como você encontra em qualquer escritório de administração. Um guardião sério estava sentado na mesa com um computador, preenchendo gavetas e mesas ao redor dele. Ele provavelmente não tinha muita coisa pra fazer a essa hora da noite, mas ele estava claramente no alerta da noite. Além dele havia uma porta que chamou minha atenção. Mia tinha explicado que era um portal para todos os segredos dos guardiões, para seus registros e escritórios principais e áreas de vigilância que monitoravam regiões de alto risco na Corte.

Sério ou não, o cara deu um pequeno sorriso para Mia. “Não é um pouco tarde para você? Você não está em uma de suas lições, está?”

Ela sorriu em resposta. Ele deve ser um dos guardiões com quem ela ficou amiga durante seu tempo na Corte. “Nah, só estou com uns amigos e queria mostrar a elas o lugar.”

Ele arqueou a sobrancelha quando olhou para eu e Lissa. Ele deu um leve aceno de reconhecimento. “Princesa Dragomir. Guardiã Hathaway.”

Aparentemente nossa reputação nos procede. Era a primeira vez que se dirigiam a mim por meu novo título. Isso me assustou – e me fez sentir levemente culpada por trair o grupo que eu tinha acabado de virar membro.

“Esse é Don,” explicou Mia. “Don, a princesa precisa te pedir um favor.” Ela olhou significativamente para Lissa.

Lissa respirou fundo, e eu senti a magia da compulsão queimando através do nosso laço enquanto focava seu olhar nele. “Don,” ela disse firmemente, “nos dê as chaves e os códigos para o arquivo de registros lá embaixo. Então se certifique que as câmeras nessa área sejam desligadas.”

Ele franziu. “Porque eu iria –” Mas enquanto ela continuava a olhar ele nos olhos, eu podia ver a compulsão tomando conta dele. As linhas no rosto dele se suavizaram em obediência, e eu suspirei

aliviada. Muitas pessoas são fortes o bastante para resistir à compulsão – particularmente a de um Moroi comum. Lissa era muito mais forte por causa do espírito, embora nunca se saiba se alguém poderá resistir.

“É claro,” ele disse, levantando. Ele abriu uma gaveta da escrivaninha e entregou para Mia um par de chaves que ela prontamente me deu. “O código é 4312578.”

Eu o decorei, e ele nós levou através da poderosa porta. Além dela, os corredores se espalhavam por todas as direções. Ele apontou para um à direita. “Por lá. Pegue a direita no fim do corredor, desça dois lances de escada, e é a porta a direita.”

Mia me olhou para se certificar que eu entendi. Eu acenei, e ela virou de volta para ele. “Agora se certifique que a vigilância está desligada.”

“Nós leve lá,” disse Lissa firmemente.

Don não conseguiu resistir ao comando dela, e ela e Mia o seguiram, me deixando sozinha. Essa parte do plano era por minha conta, e eu corri pelo corredor. O lugar podia ter pouca gente, mas eu ainda podia encontrar alguém – e não haveria nenhuma compulsão para me ajudar a me livrar do problema.

As instruções de Don foram certas, mas eu ainda não estava preparada quando digitei o código e entrei no cofre. Fileiras e mais fileiras de arquivos se estendiam pelo enorme corredor. Eu não conseguia ver o fim. Gavetas estavam em pilhas altas, e a iluminação fraca de luz fluorescente e um silêncio dava a tudo uma sensação assustadora, quase assombrada. Toda a informação dos guardiões de antes da era digital. Só Deus sabe de quando começaram a serem

datados esses registros. Dos dias medievais da Europa? Eu de repente me senti desencorajada e me perguntei se conseguiria fazer isso.

Eu andei até o primeiro armário a minha esquerda, aliviada por ver que ele estava etiquetado. Se lia AA1. Abaixo estava AA2 e assim

por diante. Nossa senhora. Eu ia levar vários armários para chegar até o fim dos A's. Eu estava agradecida pela organização ser simplesmente em ordem alfabética, mas agora eu entendia porque esses armários não tinham fim. Eu tive que andar mais de três quartos até o fim para chegar até a letra T. Não foi até eu encontrar a gaveta TA27 que eu encontrei o arquivo sobre a Prisão de Tarasov.

Eu ofeguei. O arquivo era grosso, cheio de todo tipo de documento. Havia páginas sobre a história da prisão e seu padrão de imigração, assim como as plantas para cada localização. Eu mal conseguia acreditar. Tanta informação... mas o que eu precisava? O que seria útil? A resposta veio rápido: tudo. Eu fechei a gaveta e enfiei a pasta debaixo do braço. Ok. Hora de sair daqui.

Eu virei e comecei a ir em direção a saída, perto da luz. Agora que eu tinha o que precisava, a urgência de escapar se pressionou contra mim. Eu estava quase lá quando ouvi um suave clique, e a porta se abriu. Eu congelei enquanto um dhampir que eu não reconheci entrou. Ele também congelou, claramente surpreso, e eu considerei uma pequena benção para ele não me prender imediatamente contra a parede e começar a me interrogar.

"Você é Rose Hathaway," ele disse. Meu Deus. Havia alguém que não sabia quem eu era?

Eu fiquei tensa, insegura do que esperar agora, mas falei como se encontrar ele aqui fizesse total sentido. "É o que parece. Quem é você?"

"Mikhail Tanner," ele disse, ainda surpreso. "O que você está fazendo aqui?"

"Fazendo uma tarefa," eu disse despreocupada. Eu indiquei o arquivo. "O guardião em serviço aqui precisava de algo."

"Você está mentindo," ele disse. "Eu sou o guardião em serviço. Se alguém precisava de algo, eles teriam me mandado."

Oh, merda. Em falar em melhor planos que falharam. Ainda sim, enquanto eu estava parada ali, um estranho pensamento me passou pela cabeça. A aparência dele não era nem um pouco familiar:

cabelo marrom cacheado, altura normal, quase 30 anos. Bem bonito, na verdade. Mas seu nome... algo sobre seu nome...

“Sra. Karp,” eu ofeguei. “Foi você... você esteve envolvido com a Sr. Karp.”

Ele endureceu, seus olhos azuis cerrando levemente. “O que você sabe sobre isso?”

Eu engoli. O que eu tinha feito – o que eu tentei fazer por Dimitri – não era sem precedentes. “Você a amava. Você foi matá-la depois que ela... depois que ela se transformou.”

A Sr. Karp tinha sido uma professora nossa alguns anos atrás. Ela era uma usuária de espírito, e quando os efeitos começaram a deixá-la insana, ela fez a coisa que ela sabia que podia salvar sua mente: se tornou um Strigoi. Mikhail, seu amante, fez a única coisa que ele sabia para acabar com aquele estado maligno: procurou e matou ela. Me ocorreu que eu estava frente-a-frente com o herói de uma história de amor quase tão dramática quanto a minha.

“Mas você nunca a encontrou,” eu disse suavemente. “Encontrou?”

Ele levou muito tempo para responder, seus olhos me observando pesadamente. Eu me perguntei sobre o que ele estava pensando. Nela? Em sua própria dor? Ou ele estava me analisando?

“Não,” ele disse finalmente. “Eu tive que parar. Os guardiões precisavam mais de mim.”

Ele falou daquele jeito calmo e controlado que os guardiões são excelentes em fazer, mas em seus olhos, eu vi pesar – um pesar que eu mais que compreendia. Eu hesitei antes de aproveitar a única chance que eu tinha para não ser pega e acabar na cela de uma prisão.

“Eu sei... eu sei que você tem todos os motivos para me arrastar daqui e me entregar. Você deveria. É o que você deveria fazer – o que eu faria. Mas acontece que, isso...” eu de novo apontei para a pasta. “Bem, eu meio que estou tentando fazer o que você fez. Estou tentando salvar alguém.”

Ele ficou quieto. Ele provavelmente ia supor que quando eu falei “salvar” quis dizer “matar”. Se ele sabia quem eu era, ele saberia quem era meu mentor. Poucos sabiam sobre meu relacionamento romântico com Dimitri, mas eu me importar com ele seria uma conclusão lógica.

“É inútil, sabe,” Mikhail disse finalmente. Dessa vez, a voz dele estava um pouco entrecortada. “Eu tentei... eu tentei tanto encontrar ela. Mas quando eles desaparecem... quando não querem ser encontrados...” Ele balançou a

cabeça. “Não tem nada que você possa fazer. Eu entendo porque você quer fazer isso. Acredite em mim, eu entendo. Mas é impossível. Você nunca vai encontrar ele se ele não quiser ser achado.”

Eu me perguntei o quanto poderia dizer a Mikhail – o quanto eu deveria. Me ocorreu que se havia mais alguém no mundo que entendia pelo que eu estava passando, seria esse homem. Além do mais, eu não tinha muitas opções.

“O negócio é, eu acho que posso encontrar ele,” eu disse devagar. “Ele está procurando por mim.”

“O que?” as sobrancelhas de Mikhail se ergueram. “Como você sabe?”

“Porque ele, um, me manda cartas sobre isso.”

A aparência destemida do guerreiro imediatamente retornou. “Se você sabe disso, se você pode encontrar ele... você deveria se afastar para matá-lo.”

Eu recuei devido àquelas últimas palavras e de novo temi o que teria de dizer a seguir. “Você acreditaria em mim se eu falasse que tem uma forma de salvá-lo?”

“Você quer dizer destruí-lo.”

Eu balancei a cabeça. “Não... eu digo realmente salvá-lo. Uma forma de fazer ele voltar ao seu estado original.”

“Não,” Mikhail disse duramente. “Isso é impossível.”

“Pode não ser. Eu conheço alguém que conseguiu – que transformou um Strigoi de volta ao normal.” Ok, essa foi uma pequena mentira. Eu não conhecia a pessoa, mas eu não ia entrar no detalhe do ‘eu conheço alguém que conheceu alguém...’

“Isso é impossível,” Mikhail repetiu. “Strigoi estão mortos. Mortos vivos. A mesma coisa.”

“E se houvesse uma chance?” eu disse. “E se pudesse ser feito? E a Sr. Karp – se Sonya – pudesse se tornar uma Moroi de novo? E se vocês pudessem ficar juntos de novo?” O que também significaria que ela ficaria louca de novo, mas isso era um detalhe técnico para mais tarde.

Pareceu uma eternidade antes dele responder, e minha ansiedade cresceu. Lissa não podia usar compulsão para sempre, e eu disse a Mia que seria rápida.

Esse plano iria por água abaixo se eu não saísse logo. Ainda sim, observando ele pensar, eu pude ver sua máscara cair. Depois de todo esse tempo, ele ainda amava Sonya.

“Se o que você está dizendo é verdade – e eu não acredito – então eu vou com você.”

Whoa, não. Não estava nos planos. “Você não pode,” eu disse duramente. “Eu já tenho as pessoas no lugar.” Outra pequena mentira. “Mais gente pode estragar as coisas. Eu não estou fazendo isso sozinha,” eu disse, cortando aquele que seria seu próximo argumento. “Se você realmente quer me ajudar – realmente quer aproveitar a chance de trazer ela de volta – você precisa me deixar ir.”

“Não tem como ser verdade,” ele repetiu. Mas havia dúvida em sua voz, e em me aproveitei dela.

“Você pode aproveitar essa chance?”

Mais silêncio. Eu estava começando a suar agora. Mikhail fechou os olhos por um momento e respirou fundo. Então ele abriu espaço e gesticulou em direção à porta. “Vá.”

Eu quase caí de alívio e imediatamente agarrei a maçaneta da porta. "Obrigado. Muito obrigado."

"Eu posso me meter em muitos problemas por causa disso," ele disse cansado. "E eu ainda não acredito que seja possível."

"Mas você espera que seja." Eu não precisava de uma resposta dele para saber que eu tinha razão. Eu abri a porta, mas antes de passar, eu parei e olhei para ele. Dessa vez, ele não mais escondia o pesar e a dor em seu rosto. "Se você falou sério... se você quer ajudar... pode haver uma forma."

Outra peça do quebra-cabeça tinha se revelado para mim, outro jeito de conseguir fazer isso. Eu expliquei o que eu precisava dele e fiquei surpresa por ver o quão rapidamente ele concordou. Ele realmente era como eu, eu percebi. Nós dois sabíamos que a ideia de trazer um Strigoi de volta era impossível... e ainda sim, nós queríamos tanto, tanto que pudesse ser feito.

Eu subi pelas escadas sozinha depois disso. Don não estava em sua mesa, e eu me perguntei o que Mia tinha feito com ele. Eu não esperei para descobrir e ao invés disso fui em direção a saída, até um pequeno jardim que nós estabelecemos que seria o ponto de encontro. Mia e Lissa estavam ali, andando

de um lado para o outro. Não estando mais distraída devido à ansiedade, eu me abri para o laço e senti a agitação de Lissa.

"Graças a Deus," ela disse quando me viu. "Pensamos que você tinha sido pega."

"Bem... é uma longa história." Uma que eu não me incomodei em contar. "Eu tenho o que preciso. E... consegui muito mais. Eu acho que podemos fazer isso."

Mia me olhou de uma forma que era tanto torta quando desejosa. "Eu com certeza gostaria de saber o que vocês estão fazendo."

Eu balancei minha cabeça enquanto nós três nos afastávamos. "Não," eu respondi. "Não tenho certeza que você quer."

# CINCO

Eu decidi que seria melhor se Lissa e eu ficássemos acordadas até mais tarde quando voltamos para o quarto dela, debruçadas sobre os documentos. Ela era uma mistura de sentimentos e eu disse a ela sobre meu encontro com Mikhail – o que eu não tinha mencionado a Mia. A reação inicial de Lissa foi surpresa, mas havia outras coisas também. Medo por causa dos problemas em que eu podia me meter. Um pouco de romantismo devido o que Mikhail e eu estávamos dispostos a fazer por aqueles que amávamos. Imaginando se ela faria o mesmo se Christian estivesse naquela situação. Ela instantaneamente decidiu que faria; seu amor por ele ainda era forte. Então ela disse a si mesma que na verdade ela não se importava mais com ele, o que eu teria achado irritante se eu não estivesse tão distraída.

“Qual problema?” ela perguntou.

Eu suspirei alto em desânimo sem perceber enquanto lia os pensamentos dela. Não querendo que ela soubesse que eu estive vasculhando sua mente, eu apontei para os papéis espalhados na cama dela. “Só estou tentando dar sentido a tudo isso.” O que não era muito longe da verdade.

A planta da prisão era complexa. As celas ocupavam dois andares e eram pequenas – só um prisioneiro por cela. Os papéis não explicavam porque, mas o motivo era óbvio. Tinha a ver com o que Abe disse sobre manter os criminosos longes de se tornarem Strigoi. Se eu estivesse presa há anos, eu poderia entender a tentação de surtar e matar meu colega para me tornar um Strigoi e escapar. As celas também ficavam abrigadas no centro do prédio, cercadas por guardas, escritórios, “salas de exercício,” uma cozinha, e uma sala de alimentadores. Os documentos explicavam os turnos dos guardas, assim como os horários de alimentação dos prisioneiros. Eles aparentemente eram escoltados até os alimentadores um por

vez, muito bem guardados, e só podiam tomar pouco sangue. De novo, tudo mantinha os prisioneiros fracos e os impedia de se tornarem Strigoi.

Tudo era boa informação, mas eu não tinha motivos para acreditar que os dados estavam atualizados, já que o arquivo tinha 5 anos. Também era provável que tivesse sido instalado na prisão todo tipo de equipamento de vigilância. Provavelmente a única coisa que poderíamos contar em ser o mesmo era o local da prisão e a planta da prisão.

“O quão bem você está se sentindo em relação as suas habilidades de fazer talismãs?” eu perguntei a Lissa.

Embora ela não conseguisse colocar tanto espírito nos meus anéis quanto uma mulher que eu conhecia chamada Oksana, eu notei que meu temperamento induzido pela escuridão se acalmou um pouco. Lissa fez um anel para Adrian também, embora eu não pudesse dizer, com certeza, se era isso que estava ajudando ele a controlar seus vícios ultimamente – vícios que ele normalmente usava para controlar o espírito.

Ela deu de ombros e virou de costas. Exaustão encheu ela, mas ela estava tentando ficar longe pelo meu bem. “Estou melhorando. Queria poder conhecer Oksana.”

“Talvez algum dia,” eu disse vagamente. Eu achava que Oksana jamais deixaria a Sibéria. Ela fugiu com seu guardião e queria manter discrição. Além do mais, eu não queria Lissa por lá, depois dos problemas. “Você conseguiu colocar alguma coisa dele, a não ser cura?” Um momento depois, eu respondi minha própria pergunta. “Oh, certo. A colher.”

Lissa fez uma careta, mas ela se tornou num bocejo. “Eu não acho que funcionou muito bem.”

“Hmm.”

Eu olhei de volta para as plantas. “Eu acho que se pudéssemos fazer mais alguns talismãs com compulsão, seria muito bom para ajudar com isso. Precisamos fazer as pessoas verem o que queremos

que elas vejam.” Certamente se Victor – cujos poderes de compulsão não eram nem de perto tão poderosos quando os dela – tinha conseguido fazer um talismã de luxúria, ela podia fazer o que eu precisava. Ela só precisava de mais prática. Ela entendia os princípios básicos mas tinha dificuldade em fazer o efeito durar. O único problema era que ao pedir a ela para fazer isso, eu estava fazendo ela usar mais espírito. Mesmo que os efeitos colaterais não aparecesse imediatamente, eles provavelmente voltariam para assombrar ela no futuro.

Ela me olhou curiosamente, mas quando a vi bocejar de novo, eu disse a ela para não se preocupar com isso. Eu ia explicar amanhã. Ela não discutiu, e depois de um rápido abraço, cada uma foi pra cama. Não íamos dormir muito, mas tínhamos que aproveitar o que podíamos. Amanhã era um grande dia.

\*\*\*

Eu usei uma variação da roupa preto-e-branco formal, dos guardiões, quando fui ao julgamento de Victor. Numa situação normal, usávamos roupas comuns. Mas para eventos de gala, eles queriam que nós parecêssemos

profissionais e decididos. Na manhã depois da nossa invasão, eu tive meu primeiro verdadeiro teste da moda guardiã.

Eu usei roupas informais no julgamento de Victor, mas agora eu tinha uma roupa oficial de guardiã, feita sob medida: calças pretas retas, uma blusa de abotoar branca, e uma jaqueta preta que me servia perfeitamente. Certamente ela não foi feita para ser sexy, mas da forma como elas marcavam meu estômago e coxas, deixava meu corpo bem. Eu me senti satisfeita com meu reflexo no espelho, e depois de vários minutos refletindo, eu preendi meu cabelo num laço que mostrava minhas tatuagens molnija. A pele ainda estava irritada, mas pelo menos já estava sem curativo. Eu parecia muito... profissional. Eu meio que me lembrei de Sidney. Ela era uma alquimista – uma humana que trabalhava com Moroi e dhampirs para esconder a existência dos vampiros, do mundo. Com seu gosto

para moda, ela sempre parecia pronta para ação. Eu fico esperando o natal para mandar uma pasta para ela de presente.

Se algum dia fosse à hora para eu me exhibir, hoje era o dia. Depois dos testes e da graduação, essa era a próxima grande coisa em se tornar guardião. Era um almoço que todos os recém formados participavam. Os Moroí elegíveis para novos guardiões também participariam, esperando dar uma olhada nos candidatos. Nossas notas do colégio e dos testes seriam de conhecimento público agora, e essa era a chance para os Moroí nos conhecer e dar lances para aquele que eles queriam como guardiões. Naturalmente, a maioria dos convidados seria da realeza, mas alguns outros Moroí importantes também eram qualificados.

Eu não tinha interesse em aparecer e fazer laços com uma família chique. Lissa era a única que eu queria guardar. Ainda sim, eu tinha que fazer uma boa impressão. Eu precisava deixar claro que era eu que deveria estar com ela.

Ela e eu entramos no almoço real juntas. Era o único lugar grande o bastante para todos nós, já que mais do que apenas os formandos da St. Vladimir estavam presentes. Todas as escolas americanas tinham enviado seus recrutas, e por um momento, eu achei o mar de branco e preto de deixar tonto. Algumas cores – os da realeza vestidos em bonitas roupas – animavam um pouco a palheta de cores. Ao nosso redor, murais coloridos faziam as paredes parecerem que estavam brilhando. Lissa não estava usando um vestido de baile nem nada assim, mas ela estava muito elegante em um vestido feito de seda.

Os da realeza se misturavam com a facilidade de quem foi criado para isso, mas meus colegas se moviam um pouco nervosos. Ninguém parecia se importar. Não era nosso trabalho procurar outros; eles iriam se aproximar de nós. Todos os formandos usavam etiquetas com nomes – gravadas em metal.

Não havia nenhum adesivo de “Olá, meu nome é...” As identificações nos reconheciam para que os da realeza pudessem vir nos interrogar.

Eu não esperava que ninguém, fora meus amigos, falassem comigo então Lissa e eu fomos direto para o buffet e então ocupamos um canto silencioso para experimentar nossos canapés e caviar. Bem, Lissa comeu caviar. Ele me lembrava demais da Rússia.

Adrian, é claro, nos viu primeiro. Eu dei a ele um sorriso torto. “O que você está fazendo aqui? Eu sei que você não é elegível para ter um guardião.”

Sem planos concretos para o seu futuro, era presumido que Adrian simplesmente viveria na Corte. Como tal, ele não precisava de proteção – embora ele certamente se qualificasse se escolhesse sair mundo afora.

“Verdade, mas eu dificilmente poderia perder uma festa,” ele disse. Ele segurava uma taça de champagne na mão, e eu me perguntei se os efeitos do anel que Lissa tinha dado a ele estavam terminando. É claro, beber ocasionalmente não era o fim do mundo, e a linguagem de namoro rolava solto naquela área. Na maior parte, era do cigarro que eu queria que ele ficasse longe. “Você foi abordada por uma dúzia de pessoas esperançosas?”

Eu balancei a cabeça. “Quem iria querer a descuida Rose Hathaway? Aquela que abandona tudo sem avisar, para fazer suas próprias coisas?”

“Muita gente,” ele disse. “Eu certamente quero. Você arrasou na batalha, e lembre-se todos pensam que você fugiu para sair matando Strigoi. Alguns talvez pensem que sua personalidade maluca vale a pena.”

“Ele tem razão,” uma voz de repente falou. Eu olhei para cima e vi Tasha Ozero parada perto de nós, um pequeno sorriso em seu rosto marcado. Apesar da desfiguração, eu achei que ela parecia muito bonita hoje – mais real do que eu jamais a vi. Seu longo cabelo negro brilhava, e ela usava uma saia de marinheiro e um top cheio de laços. Ela até estava usando salto alto e joias – algo que eu certamente nunca a vi usar.

Eu estava feliz por vê-la; eu não sabia que ela viria a Corte. E um pensamento estranho me ocorreu. “Finalmente vão te deixar ter um guardião?” A realeza tinha muitas formas silenciosas e educadas de apartar aqueles que estavam em desgraça. No caso dos Ozera, seu lote de guardiões tinha sido cortado pela metade como um tipo de punimento pelo que os pais de Christian tinha feito. Era totalmente injusto. Os Ozera mereciam os mesmos direitos que o resto das famílias reais.

Ela acenou. “Eu acho que eles esperam que isso vai me calar das ideias de Moroi lutando com dhampirs. Meio que um suborno.”

“Um no qual você não vai cair, tenho certeza.”

“Nope. No máximo vai me dar alguém com quem praticar.” Seu sorriso sumiu, e ela olhou incerta entre nós. “Eu espero que você não se ofenda... mas eu requisitei você, Rose.”

Lissa e eu nos encaramos surpresa. “Oh.” Eu não sabia o que mais dizer.

“Eu espero que eles te deem para Lissa,” Tasha acrescentou rapidamente, claramente desconfortável. “Mas a rainha parece bem certa de suas próprias escolhas. Se esse for o caso...”

“Está tudo bem,” eu disse. “Se não posso ficar com Lissa, então prefiro estar com você.” Era verdade. Eu queria Lissa mais do que qualquer outra pessoa no mundo, mas se eles nos separassem, então eu preferiria absolutamente Tasha do que algum esnobe da realeza. É claro, eu estava bem certa de que minhas chances de ser designada para ela eram tão ruins quanto a de ser designada para Lissa. Aqueles que estavam com raiva de mim por ter fugido saíam do seu caminho para me colocar na situação mais desagradável possível. E mesmo que ela recebesse um guardião, eu tinha o pressentimento que as preferências de Tasha também não seriam a maior prioridade. Meu futuro ainda era um enorme ponto de exclamação.

“Hey,” exclamou Adrian, ofendido por eu não tê-lo nomeado como minha segunda escolha.

Eu balancei a cabeça para ele. "Você sabe que eles me designariam para uma mulher. Além do mais, você tem que fazer algo com sua vida para merecer um guardião."

Eu falei brincando, mas um pequeno franzido me fez pensar que eu tinha machucado os sentimentos dele. Tasha, enquanto isso, parecia aliviada. "Estou feliz que você não se importe. Enquanto isso, eu farei o que puder para ajudar as duas." Ela virou os olhos. "Não que minha opinião conte muito."

Partilhar minhas dúvidas sobre ser designada para Tasha parecia inútil. Ao invés disso, eu comecei a agradecer ela pelo esforço, mas então outra visita se juntou a nós: Daniella Ivashkov. "Adrian," ela disse gentilmente, um pequeno sorriso no rosto, "você não pode ficar com Rose e Vasilisa para si." Ela virou para Lissa e eu. "A rainha gostaria de ver ambas."

Que maravilha. Nós duas levantamos, mas Adrian continuou sentado, sem ter qualquer desejo de ver sua tia. Tasha aparentemente também não tinha. Vendo ela, Daniella deu um pequeno e educado aceno. "Lady Ozero." Então ela se afastou, assumindo que a seguiríamos. Eu achei irônico que Daniella parecesse disposta a me aceitar mas ainda tinha preconceito típico contra os Ozero. Eu suponho que sua gentileza tinha limites.

Tasha, no entanto, há muito tempo tinha se tornado imune a esse tratamento. "Divirtam-se," ela disse. Ela olhou para Adrian. "Mais champagne?"

"Lady Ozero," ele disse divertido, "você e eu somos duas mentes em um único pensamento."

Eu hesitei antes de seguir Lissa até Tatiana. Eu tinha observado a aparência elegante de Tasha, mas só agora prestei atenção em algo. "Sua joia é prata?" eu perguntei.

Ela distraidamente tocou no colar opala ao redor do pescoço. Seus dedos estavam adornados com três anéis. "Sim," ela disse confusa. "Por quê?"

“Isso vai soar estranho... bem, talvez não comparado com minha estranheza normal. Mas nós poderíamos, um, pegar emprestado todos eles?”

Lissa me olhou com uma cara e imediatamente entendeu meus motivos. Precisávamos de mais talismãs e tínhamos pouca prata. Tasha arqueou uma sobrancelha, mas como tantos dos meus amigos, ela tinha uma incrível habilidade de encarar ideias estranhas.

“Claro,” ela disse. “Mas posso te dar depois? Eu não quero tirar todas as minhas joias no meio desta festa.”

“Sem problemas.”

“Vou mandar elas para o seu quarto.”

Com isso acertado, Lissa e eu andamos até onde Tatiana estava cercada por admiradores e aqueles que queriam puxar saco. Daniella tinha que ter se enganado quando disse que Tatiana queria ver nós duas. A memória dela gritando comigo por causa de Adrian queimava em minha mente, e o jantar na casa dos Ivashkov não tinha me feito pensar que a rainha e eu de repente éramos melhores amigas.

Ainda sim, surpreendentemente, quando ela viu Lissa e eu, ela era só sorrisos. “Vasilisa. E Rosemarie.” Ela nos chamou mais para perto, e todo o

grupo se separou. Eu me aproximei com Lissa, meus passos cautelosos. Ela ia gritar comigo na frente de toda essa gente?

Aparentemente não. Sempre havia novas pessoas da realeza para conhecer, e Tatiana apresentou, primeiro, Lissa para todos. Todos estavam curiosos sobre a princesa Dragomir. Eu também fui apresentada, embora a rainha não tenha feito esforço para me dar elogios como fez com Lissa. Ainda sim, ser reconhecida já era incrível.

“Vasilisa,” disse Tatiana, assim que as formalidades acabaram, “Eu estava pensando que você deveria ir visitar Lehigh logo. Arranjos estão sendo feitos para você visitar, oh, daqui talvez uma

semana e meia. Pensamos que seria uma boa recompensa para o seu aniversário. Serena e Grant vão te acompanhar, naturalmente, e eu vou enviar outros.” Serena e Grant eram os guardiões que tinham substituído Dimitri e eu como a futura proteção de Lissa. É claro que eles iriam com ela. Então, Tatiana disse a coisa mais surpreendente de todas. “E você também pode ir, se quiser, Rose. Vasilisa dificilmente poderia celebrar sem você.”

Lissa se iluminou. A Universidade Lehigh. A tentação que tinha feito ela aceitar viver na Corte. Lissa ansiava pelo máximo de conhecimento que ela poderia conseguir, e a rainha tida dado a ela uma chance para isso. A perspectiva de uma visita a encheu com ansiedade e antecipação – especialmente já que ela poderia celebrar seu décimo oitavo aniversário comigo. Isso foi o bastante para distraí-la do assunto Victor e Christian, uma grande coisa.

“Obrigado, Majestade. Será ótimo.”

Havia uma forte possibilidade, eu sabia, de não estarmos por perto para essa visita marcada – não se meu plano para Victor funcionasse. Mas eu não queria arruinar a felicidade de Lissa – e eu dificilmente poderia mencionar isso nessa multidão da realeza. Eu também fiquei meio surpresa por ser convidada. Depois de fazer o convite, a rainha não disse mais nada para mim e continuou a falar com os outros a seu redor. Ainda sim, ela foi agradável – do jeito dela, pelo menos – quando se dirigiu a mim, como ela tinha feito na casa dos Ivashkov. Não estilo “melhores amigas”, mas certamente não uma vadia insana. Talvez Daniella tivesse razão.

Mais momentos agradáveis se seguiram enquanto todos conversavam e tentavam impressionar a rainha, e logo ficou claro que eu não era mais necessária. Olhando ao redor do salão, eu encontrei alguém com quem eu precisava falar e humildemente me separei do grupo, sabendo que Lissa podia cuidar de si.

“Eddie,” eu chamei, alcançando o outro lado do salão. “Finalmente sozinho.”

Eddie Castile, um amigo de longa data, sorriu quando me viu. Ele também era dhampir, alto com um rosto longo e estreito que ainda

era fofo como o de um garotinho. Ele tinha domado seu cabelo loiro escuro para variar. Lissa uma vez tinha esperado que Eddie e eu saíssemos juntos, mas ele e eu somos apenas amigos. Seu melhor amigo tinha sido Mason, um cara doce que era louco por mim e que foi assassinado por um Strigoi. Depois de sua morte, Eddie e eu adotamos atitudes protetoras em relação um ao outro. Ele, mais tarde, foi sequestrado durante o ataque a St. Vladimir, e suas experiências fizeram dele um guardião sério e determinado – às vezes um pouco sério demais. Eu queria que ele se divertisse mais e fiquei maravilhada em ver o brilho de alegria em seus olhos castanhos.

“Eu acho que cada membro da realeza no salão tentou pegar você,” eu provoquei. Não foi totalmente uma piada. Eu estive mantendo os olhos nele na festa, e sempre havia alguém com ele. Seu histórico era incrível. Sobreviver aos terríveis eventos em sua vida pode tê-lo marcado, mas isso se refletia bem em suas habilidades. Ele tinha ótimas notas e qualificações dos testes. O mais importante, ele não tinha minha reputação de descuidado. Ele era um bom partido.

“É o que parece.” Ele riu. “Eu não esperava isso.”

“Você é tão modesto. Você é a coisa mais quente desse salão.”

“Não comparado com você.”

“Yeah. O que se mostra pelas pessoas fazendo fila para falar comigo. Tasha Ozera é a única que me quer, até onde eu sei. E Lissa, é claro.”

Linhas de pensamento surgiram no rosto de Eddie. “Poderia ser pior.”

“Será pior. De jeito nenhum vou conseguir qualquer uma delas.”

Ficamos em silêncio, e uma repentina ansiedade me encheu. Eu vim pedir um favor para Eddie, mas não parecia mais uma boa ideia. Eddie estava prestes a embarcar numa incrível carreira. Ele era um amigo leal, e eu tinha certeza que ele me ajudaria com o que eu

precisasse... mas eu de repente pensei que não poderia pedir. Como Mia, no entanto, Eddie era observador.

“Qual o problema, Rose?” Sua voz era preocupada – aquele instinto protetor tomando conta.

Eu balancei a cabeça. Eu não podia fazer isso. “Nada.”

“Rose,” ele disse advertindo.

Eu desviei o olhar, incapaz de encontrar seus olhos. “Não é importante. Mesmo.” Eu vou encontrar outro jeito, outra pessoa.

Para minha surpresa, ele tocou meu queixo e ergueu minha cabeça. Seu olhar pegou o meu, sem permitir uma saída. “O que você precisa?”

Eu o encarei um longo tempo. Eu era tão egoísta, arriscando a vida e a reputação de amigos com quem eu me importava. Se Christian e Lissa não estavam disponíveis, eu ia pedir a ele também. Mas Eddie era tudo que me restava.

“Eu preciso de algo... algo que é bem extremo.”

Seu rosto era sério, mas seus lábios se ergueram num pequeno sorriso.

“Tudo que você faz é extremo, Rose.”

“Não assim. Isso é... bem, é algo que poderia arruinar tudo para você. Te meter em grandes problemas. Não posso fazer isso com você.”

Aquele meio sorriso sumiu. “Não importa,” ele disse ferozmente. “Se você precisa de mim, eu vou fazer isso. Não importa o que é.”

“Você não sabe o que é.”

“Eu confio em você.”

“É meio ilegal. Até mesmo traiçoeiro.”

Isso o surpreendeu por um momento, mas ele continuou firme. “O que quer que você precise. Não me importo. Eu te dou cobertura.” Eu salvei a vida de Eddie duas vezes, e eu sabia que ele tinha falado sério. Ele se sentia em dívida comigo. Ele faria o que

quer que eu pedisse, não por um amor romântico, mas por amizade e lealdade.

“É ilegal,” eu repeti. “Você teria que sair da Corte... hoje à noite. E eu não sei quando vamos voltar.” Era totalmente possível que nós não voltássemos. Se

nos encontrássemos com guardas da prisão... bem, eles poderiam tomar atitudes letais para cumprir seu dever. Era para isso que todos nós tínhamos treinado. Mas eu não ia conseguir planejar essa fuga apenas com a compulsão de Lissa. Eu precisava de outro lutador na minha cobertura.

“Apenas me diga quando.”

E foi isso. Eu não contei a ele todo meu plano, mas eu dei a ele o local de encontro e disse o que ele precisava trazer. Ele nunca me questionou. Ele disse que estaria lá. Mais pessoas da realeza vieram falar com ele então, e eu o deixei, sabendo que ele ia aparecer mais tarde. Era difícil, mas eu deixei de lado minha culpa por provavelmente estragar seu futuro.

\*\*\*

Eddie chegou, como tinha prometido, quando meu plano começou a se desenrolar mais tarde aquela noite. Lissa também. De novo, noite significa ‘plena luz do dia’. Eu senti a mesma ansiedade de quando estávamos escondidos com Mia. A luz expõe tudo, mas também, a maioria das pessoas estava dormindo. Lissa, Eddie, e eu ainda nos movíamos através dos jardins da Corte tão cobertos quanto possível, nos encontrando com Mikhail numa parte de garagens onde todos os veículos estavam estacionados. As garagens eram prédios grandes de metal colocados na parte mais distante da Corte, e mais ninguém estava lá fora.

Entramos na garagem que ele indicou noite passada, e fiquei aliviada por não encontrar mais ninguém lá. Ele olhou para nós três, parecendo surpreso com meu “time de combate”, mas ele não fez perguntas e nem maiores tentativas de se juntar a nós. Mais culpa

passou por mim. Aqui havia outra pessoa que estava arriscando seu futuro por mim.

“Vai ser apertado,” ele disse.

Eu forcei um sorriso. “Somos todos amigos aqui.”

Mikhail não riu da minha piada, ao invés disso abriu o porta malas de um Doge Charger. Ele não estava brincando sobre ser apertado. Era um modelo mais novo, o que meio que foi uma pena. Um modelo mais velho seria maior, mas guardiões só guardam coisas top de linha.

“Quando estivermos bem longe, eu vou parar e soltar vocês,” ele disse.

“Vamos ficar bem,” eu o assegurei. “Vamos fazer isso.”

Lissa, Eddie, e eu entramos no porta malas. “Oh Deus,” murmurou Lissa. “Espero que ninguém seja claustrofóbico.”

Foi como um jogo ruim de Twister ([Nota 1](#)). O porta malas era grande o bastante para algumas malas mas não para três pessoas. Ficamos apertados juntos, e o espaço pessoal não existia. Todos estávamos muito próximos. Satisfeito com todos nós lá dentro, Mikhail fechou o porta malas e a escuridão nos engolfou. O motor ligou um minuto depois, e eu senti o carro se mover.

“Quanto tempo você acha que leva até a gente parar?” perguntou Lissa. “Ou morrer por intoxicação de monóxido de carbono?”

“Nem deixamos a Corte ainda,” eu falei. Ela suspirou.

O carro acelerou, e não muito tempo depois nós paramos. Mikhail deve ter alcançado os portões e conversado com os guardas. Mais cedo ele me disse que não tinha motivos para acreditar que os guardas o questionariam ou fariam uma busca no carro. A Corte não estava preocupada com pessoas saindo, como na nossa escola. A maior preocupação era deixar as pessoas entrarem.

Um minuto se passou, e eu me perguntei, agitada, se havia algum problema. Então o carro se moveu de novo, e nós três

expiramos de alívio. Nós ganhamos velocidade, e depois do que eu suspeitei ser um quilômetro e meio, o carro virou para o lado e parou. O porta malas se abriu, e nós saímos. Eu nunca fiquei tão agradecida por ter ar fresco. Eu sentei no banco do passageiro do lado de Mikhail, e Lissa e Eddie sentaram atrás. Assim que ficamos acomodados, Mikhail continuou a dirigir sem dar uma palavra.

Eu me permiti alguns momentos de culpa por envolver as pessoas, mas depois eu deixei para lá. Era tarde demais para se preocupar agora. Eu também deixei minha culpa por causa de Adrian para lá. Ele teria sido um bom aliado, mas eu dificilmente poderia pedir a ele que me ajudasse nisso.

E com isso, eu me sentei para trás e voltei meus pensamentos no trabalho diante de nós. Ia levar cerca de uma hora para chegar ao aeroporto, e de lá, nós três iríamos para o Alasca.

# SEIS

“Você sabe o que precisamos?”

Eu estava sentada entre Eddie e Lissa, no nosso voo de Seattle até Fairbanks. Como a mais baixa – por pouco – e a mentora do plano, eu fiquei no assento do meio.

“Um novo plano?” perguntou Lissa.

“Um milagre?” perguntou Eddie.

Eu parei e os encarei antes de responder. Desde quando eles se tornaram os comediantes daqui? “Não. Coisas. Precisamos de aparelhos legais se vamos fazer isso.” Eu bati na planta da prisão que estava no meu colo por quase toda viagem até agora. Mikhail tinha nos deixado em um pequeno aeroporto no caminho para a Corte. Pegamos um voo comunitário de lá para Filadélfia, e de lá para Seattle e agora para Fairbanks. Isso me lembrava um pouco dos voos malucos que eu tive que tomar da Sibéria de volta aos EUA. Aquela jornada também tinha passado por Seattle. Eu estava começando a acreditar que essa cidade é um portão para lugares obscuros.

“Eu pensei que as únicas ferramentas que precisávamos era nosso juízo,” brincou Eddie. Ele podia falar sério sobre seu trabalho de guardião na maior parte do tempo, mas ele também podia “ligar” seu humor seco quando relaxava. Não que ele estivesse tranquilo com nossa missão aqui, agora que ele sabia mais (mas não tudo) detalhes. Eu sabia que ele voltaria ao modo sério quando pousássemos. Ele ficou compreensivelmente chocado quando contei a ele que iríamos libertar Victor Dashkov. Eu não tinha contado a Eddie nada sobre Dimitri ou espírito, só que libertar Victor era um grande papel para o bem maior. A confiança de Eddie em mim era tão implícita que ele tinha aceito minha palavra e não insistiu no

assunto. Eu me perguntei como ele reagiria quando ele soubesse a verdade.

“No mínimo vamos precisar de GPS,” eu disse. “Só tem latitude e longitude nessa coisa. Nenhuma direção real.”

“Não deve ser difícil,” disse Lissa, virando um bracelete de novo e de novo em suas mãos. Ela abriu sua bandeja e espalhou as joias de Tasha por toda ela. “Tenho certeza que até no Alasca tem tecnologia moderna.” Ela também assumiu uma postura engraçada, mesmo com ansiedade irradiando através do nosso laço.

O bom humor de Eddie diminuiu um pouco. “Eu espero que você não esteja pensando em armas nem nada do tipo.”

“Não. Absolutamente não. Se isso funcionar como queremos, ninguém vai sequer saber que estivemos lá.” Um confronto físico era provável, mas eu esperava minimizar os feridos.

Lissa suspirou e me entregou o bracelete. Ela estava preocupada porque muito do meu plano dependia dos talismãs ([Nota 2](#)) dela – literal e figurativamente falando. “Eu não sei se isso vai funcionar, mas talvez te dê mais resistência.”

Eu peguei o bracelete e o coloquei no pulso. Não senti nada, mas eu raramente sentia com objetos encantados. Eu deixei para Adrian um bilhete dizendo que Lissa e eu queríamos fugir para uma “noite de garotas” antes de eu ser designada e ela ir visitar a faculdade. Eu sabia que ele ficaria magoado. O ponto de vista das garotas carregava muito peso, mas ele ia se sentir magoado por não ser convidado para um período de férias ousado – se ele sequer acreditasse em um. Ele provavelmente me conhecia bem o bastante para saber que a maioria das minhas ações tinha mais de um propósito. Minha esperança era que ele espalhasse a história pela Corte quando nosso desaparecimento fosse notado. Ainda íamos nos meter em problemas, mas um fim de semana selvagem é melhor do que invadir uma prisão. E honestamente, como as coisas poderiam ficar piores para mim? A única falha aqui era que Adrian poderia me visitar em meus sonhos e me questionar sobre o que realmente

estava acontecendo. Era uma das habilidades mais interessantes – e ocasionalmente irritantes – de espírito. Lissa não tinha aprendido a andar nos sonhos, mas ela entendia o princípio. Entre isso e compulsão, ela tentou encantar o bracelete de uma forma que ele bloqueasse Adrian quando nós fossemos dormir mais tarde.

O avião começou a descer em Fairbanks, e eu olhei pela janela os altos pinheiros e a terra verde. Nos pensamentos de Lissa, eu li o quanto ela esteve meio que esperando ver bancos de neve, apesar de saber que era verão aqui. Depois da Sibéria, eu aprendi a manter a mente aberta sobre os estereótipos regionais. Minha maior preocupação era o sol. Era dia quando deixamos a Corte, e conforme nossa viagem nos levava a oeste, o fuso horário mudar significava que o sol continuava conosco. Agora, embora fosse quase nove da noite, tínhamos um brilhante céu azul, graças a nossa latitude norte.

Era como um gigante cobertor seguro. Eu não tinha mencionado isso para Lissa ou Eddie, mas parecia provável que Dimitri tivesse espiões por toda parte. Eu era intocável em St. Vladimir e na Corte, mas as cartas dele tinham claramente afirmado que ele estaria esperando eu sair dos limites das propriedades. Eu não conhecia a extensão da sua logística, mas humanos observando a Corte na luz do dia não teria me surpreendido. E embora eu tenha partido escondida num porta malas, havia uma forte possibilidade que Dimitri já estivesse nos perseguindo. Mas a mesma luz que guardava os prisioneiros iria nos manter seguros também. Nós mal teríamos algumas horas de noite para nos guardar, e se fizéssemos isso rápido, estaríamos fora do Alasca em breve. É claro, essa pode não ser uma coisa tão boa. Iríamos perder o sol.

Nossa primeira complicação aconteceu depois que pousamos e tentamos alugar um carro. Eddie e eu tínhamos 18 anos, mas nenhuma das companhias ia alugar um carro para alguém tão jovem. Depois da terceira recusa, minha raiva começou a crescer. Quem iria pensar que íamos atrasar por causa tão idiota? Finalmente, na quarta tentativa, a mulher hesitantemente nos disse que havia um cara a cerca de um quilometro e meio do aeroporto

que podia nos alugar um carro se tivéssemos um cartão de crédito e déssemos um grande depósito.

Nós andamos sob um tempo agradável, mas eu percebi que o sol estava começando a incomodar Lissa quando chegamos ao nosso destino. Bud – ou Bud Aluguéis de Carro – não parecia tão fino quanto eu esperava e de fato alugava carros quando tínhamos dinheiro o bastante. Dalí, pegamos um quarto num modesto hotel e repassamos nossos planos.

Todas as nossas informações indicavam que a prisão tinha um horário vampirico, o que significa que essa era sua hora ativa do dia. Nosso plano era ficar no hotel até o dia seguinte, quando seria “noite” para os Moroi, e dormir um pouco. Eu dei à Lissa mais tempo para trabalhar com seus talismãs. Nosso quarto era fácil de defender.

Meu sonho foi livre de Adrian, pelo que eu fiquei agradecida, o que significava que ou ele tinha aceitado a viagem de garotas ou não podia passar pelo bracelete de Lissa. De manhã, pegamos umas rosquinhas e comemos um pouco sonolentos. Mudar nosso horário estava nos deixando um pouco cansados.

Mas o açúcar nos ajudou a acordar, e Eddie e eu deixamos Lissa perto das 10 e fomos vasculhar. Compramos um GPS e algumas outras coisas na loja esportiva no caminho e o usamos para navegar pelas ruas que pareciam levar a lugar nenhum. Quando o GPS apontou que estávamos a um quilometro da prisão, paramos no acostamento de terra e andamos a pé através de um campo de grama alta que não tinha fim, diante de nós.

“Eu pensei que o Alasca tivesse tundra,” disse Eddie, se abaixando para passar pela grama alta. O céu estava azul e limpo de novo, com apenas algumas

nuvens que não faziam nada a não ser esconder o sol. Eu estava com um casaco leve mas agora eu o tinha amarrado na cintura enquanto suave. Ocasionalmente um bem vindo ar passava, achatando a grama e fazendo meu cabelo esvoaçar.

“Eu acho que nem todas as partes. Ou talvez tenhamos que ir mais para o norte. Oh, hey. Isso parece promissor.”

Paramos antes de uma alta cerca de arame farpado com uma placa enorme de PROPRIEDADE PRIVADA – PESSOAL NÃO AUTORIZADO NÃO PERMITIDO. A letra era vermelha, aparentemente para dar ênfase no quão sério eles eram. Pessoalmente, eu teria acrescentado um crânio e uma cruz de ossos para fazer a mensagem realmente ser entendida.

Subir em arame farpado não é impossível, mas não é divertido. Jogando meu casaco nos fios, eu podia segurar protegida, mas ainda terminei com uns arranhões e roupas rasgadas. Assim que cheguei ao topo, eu pulei para baixo, preferindo o choque da queda ao invés de descer escalando. Eddie fez o mesmo, fazendo uma careta devido ao impacto forte.

Andamos um pouco mais para frente, então o contorno negro de um prédio ficou a vista. Nós dois paramos e nos agachamos, buscando qualquer cobertura possível na grama. O registro da prisão indicava que eles tinham câmeras do lado de fora, o que significava que arriscávamos sermos pegos se chegássemos mais perto. Eu comprei um poderoso binóculo junto com o GPS e os peguei agora, estudando o exterior do prédio.

O binóculo era bom – muito bom – como deveria ser, pelo preço. O nível de detalhes era incrível. Como tantas criações Moroi, o prédio era uma mistura de antigo e novo. Suas paredes eram feitas de blocos cinza sinistros, e quase obscurecia toda a prisão, cujo teto apenas se erguia um pouco. Algumas figuras andavam na extensão das paredes, olhos vivos junto com as câmeras. O lugar parecia uma fortaleza, impenetrável e impossível de escapar. Ele merecia estar num penhasco com um céu sinistro atrás dele. O campo e o sol pareciam deslocados.

Eu entreguei o binóculo para Eddie. Ele fez sua própria avaliação e gesticulou em direção à esquerda. “Lá.”

Cerrando os olhos, eu mal vi uma caminhonete SUV dirigindo em direção à prisão. Ela fez uma curva e desapareceu de vista. “Nossa

única chance de entrar,” eu murmurei, lembrando da planta. Nós sabíamos que não tínhamos chance de escalar os muros ou sequer se aproximar o bastante a pé sem sermos vistos. Nós precisávamos literalmente entrar pela porta da frente, e era aí que o

plano complicava um pouco. Eddie baixou o binóculo e olhou para mim, a testa franzida. “Eu falei sério antes, sabe. Eu confio em você. Por qualquer que seja o motivo que você esteja fazendo isso, eu sei que é bom. Mas antes das coisas começarem, tem certeza que é isso que você quer?”

Eu dei a ele uma dura risada. “Quero? Não. Mas é o que eu preciso fazer.”

Ele acenou. “Isso está bom o bastante.”

Nós observamos a prisão por mais um tempo, nos mexendo para ver os diferentes ângulos enquanto ainda nos mantínhamos longe. O cenário era o que eu esperava, mas ter uma visão 3D foi útil.

Depois de cerca de meia hora, voltamos para o hotel. Lissa estava sentada de pernas cruzadas em uma das camas, ainda trabalhando nos talismãs. Os sentimentos vindo dela eram de calor e contentamento. Espírito sempre fez ela se sentir bem – mesmo que tivesse efeitos colaterais depois – e ela achou que estava fazendo progresso.

“Adrian me ligou duas vezes,” ela me disse quando entramos.

“Mas você não atendeu?”

“Nope. Pobre coitado.”

Eu dei de ombros. “É melhor assim.”

Nós contamos o que tínhamos visto, e o humor alegre dela começou a se esmaecer. Nossa visita transformou o que faríamos mais tarde aquele dia mais e mais real, e trabalhar com tanto espírito já a tinha cansado. Alguns segundos depois, eu senti ela engolindo seu medo. Ela se decidiu. Ela me disse que faria isso e ela pretendia cumprir sua palavra, embora ela temesse cada segundo que a levava mais próxima de Victor Dashkov.

O almoço seguiu, e então algumas horas depois, era hora de colocar nosso plano em ação. Era cedo da noite para os humanos, o que significava que a noite dos vampiros ia acabar logo. Era agora ou nunca. Lissa nervosamente distribui os talismãs que fez para nós, preocupada que eles não funcionassem. Eddie se vestiu com sua roupa de guardião preto-e-branco formal, enquanto Lissa e eu continuamos com nossas roupas comuns – com algumas alterações. O cabelo de Lissa era marrom, o resultado de uma coloração temporária. Meu cabelo estava preso debaixo de uma peruca vermelha que me lembrou, desconfortavelmente, da minha mãe. Sentamos na traseira de um carro enquanto Eddie dirigia no estilo motorista pela remota estrada que tínhamos

visto mais cedo. Diferente de antes, nós não paramos. Continuamos na estrada, dirigindo direto para a prisão – ou, bem, seu portão. Ninguém falou enquanto andávamos, mas a tensão e ansiedade em nós só crescia.

Antes de conseguirmos sequer nos aproximar do muro, havia um ponto de segurança guardada por um guardião. Eddie parou o carro, e tentou parecer calmo. Ele baixou a janela, e o guardião em serviço se aproximou e se abaixou para poder ficar cara a cara.

“Qual seu assunto aqui?”

Eddie entregou um pedaço de papel, sua atitude confiante e despreocupada, como se isso fosse perfeitamente normal. “Estou trazendo novos alimentadores.”

O registro tinha todo tipo de formulários e papéis dos assuntos da prisão, incluindo relatórios e formulários de pedidos para suprimentos – como alimentadores. Fizemos uma cópia de um dos requerimentos de alimentadores e o preenchemos.

“Eu não fui notificado de uma entrega,” o guardião disse, não achando suspeito, mas mais uma surpresa. Ele olhou a papelada. “Esse é um formulário antigo.”

Eddie deu de ombros. “Foi o que me deram. Sou meio novo nisso.”

O homem sorriu. "Yeah, você mal parece ser velho o bastante para ter saído da escola."

Ele olhou para Lissa e eu, e apesar do meu controle praticado, eu fiquei tensa. O guardião franziu enquanto nos olhava. Lissa tinha me dado um colar, e ela tinha um anel, os dois encantados com uma leve compulsão para fazer os outros pensarem que éramos humanas. Teria sido muito mais fácil fazer sua vítima usar um talismã e forçar eles a pensar que eles estavam vendo humanos, mas isso não era possível. A magia era mais difícil assim. Ele cerrou os olhos, quase como se tivesse olhando para trás através de uma nevoa. Se os talismãs funcionassem perfeitamente, ele não teria nos olhado duas vezes. Eles eram um pouco falhos. Eles estavam mudando nossa aparência, mas não tanto quanto esperávamos. Era por isso que tínhamos nos dado o trabalho de mudar nosso cabelo: se a ilusão humana falhasse, ainda teríamos uma forma de proteger nossas identidades. Lissa se preparou para trabalhar diretamente com compulsão, embora esperássemos que não chegasse a isso com cada pessoa que encontrássemos.

Alguns segundos depois, o guardião deu as costas para nós, aparentemente decidindo que éramos humanas afinal de contas. Eu inspirei e soltei os punhos. Eu não tinha percebido que os tinha fechado. "Espere um minuto, e vou ligar para resolver isso," ele disse a Eddie.

O guardião se afastou e pegou o telefone de dentro da cabine. Eddie olhou para nós. "Até agora tudo bem?"

"Fora o formulário velho," eu murmurei.

"Não tem como saber se o talismã está funcionando?" perguntou Eddie.

Lissa deu a ele um dos anéis de Tasha, encantado para fazer ele parecer bronzeado com cabelo preto. Já que ela não estava alterando a raça dele, a magia só precisava esconder as feições dele. Como nossos talismãs humanos, eu suspeitava que ele não estava projetando exatamente a imagem que ela esperava, mas ele deveria ter alterado a aparência dele o bastante para que ninguém

identificasse Eddie mais tarde. Com nossa resistência a compulsão – e sabendo que havia um encanto ali, o que negatizava seus efeitos sobre nós – Lissa e eu não tínhamos muita certeza de como ele parecia para os outros.

“Tenho certeza que está funcionando,” disse Lissa confiante.

O guardião retornou. “Eles falaram para vocês entrarem, e eles vão resolver isso lá dentro.”

“Obrigado,” disse Eddie, pegando o antigo formulário de volta.

A atitude do guardião sugeria que esse era um erro normal. Ele ainda foi cuidadoso, mas a ideia de alguém trazer alimentadores para dentro de uma prisão dificilmente era o tipo de coisa que alguém iria esperar – ou ver como um risco a segurança.

Pobre cara.

Dois guardas nos receberam quando chegamos à porta da prisão. Nós três saímos e fomos levados conduzidos entre o muro e a própria prisão. Onde em St. Vladimir e a Corte havia um jardim cheio de plantas e árvores, a terra aqui era austera e solitária. Nem mesmo grama, só terra. Era isso que servia como área de exercício dos prisioneiros? Eles sequer tinham permissão para sair? Eu fiquei surpresa por não haver algum tipo de fosso por aqui.

O interior do prédio era tão austero quanto o exterior. As celas da Corte eram frias e áridas, todas de metal e paredes brancas. Eu esperava algo familiar.

Mas quem quer que fosse que tinha feito o designe de Tarasov tinha esquecido do visual moderno e ao invés disso imitou o tipo de prisão que poderia ser encontrada na Romênia em tempos medievais. As pedras duras das paredes continuavam pelo corredor, cinza e agourentas, e o ar era frio e úmido. Isso tinha que fazer as condições de trabalho aqui serem desagradáveis para os guardiões designados para cá.

Presumivelmente, eles queriam assegurar que a aparência intimidadora se estendesse por toda parte, até mesmo para prisioneiros entrando pela primeira vez pelos portões. De acordo

com nossa planta, havia uma pequena sessão de dormitórios onde os empregados viviam. Com sorte, eles eram melhores.

Decoração do Tempo das Trevas, ou não, passamos pelas câmeras ocasionais enquanto passávamos pelo corredor. A segurança desse lugar de forma alguma era primitiva. Ocasionalmente ouvíamos a batida pesada de uma porta, mas no geral, havia um perfeito e estranho silêncio que era quase mais arrepiante do que gritos e berros.

Fomos levados para o escritório do diretor, uma sala que ainda tinha a mesma arquitetura deprimente mas estava cheia dos assessorios administrativos normais: mesa, computador, etc. Ela tinha uma aparência eficiente, nada mais. Nossas escoltas explicaram que íamos ver o diretor assistente, já que o sênior ainda estava dormindo. Era de se imaginar. O subordinado pegou o turno da noite. Eu esperava que isso significasse que ele estava cansado e pouco observador. Provavelmente não. Isso raramente acontecia com guardiões, não importava quais eram suas designações.

“Theo Marx,” disse o diretor assistente, apertando a mão de Eddie. Ele era um dhampir não muito mais velho que nós, e eu me perguntei se ele tinha sido recentemente designado para cá.

“Larry Brown,” respondeu Eddie. Bolamos um nome sem graça para ele, um que não se destacasse, e tinha sido usado na papelada.

Theo não falou com Lissa e eu, mas ele nos olhou da mesma forma confusa que o primeiro cara tinha, enquanto o glamour dos talismãs agia em sua ilusão. Mais uma demora se seguiu, mas mais uma vez, ele caiu. Theo voltou sua atenção para Eddie e pegou seu formulário.

“Esse é diferente do normal,” ele disse.

“Não faço ideia,” disse Eddie se desculpando. “É minha primeira vez.”

Theo suspirou e olhou para o relógio. “O diretor vai entrar em serviço daqui duas horas. Acho que vamos ter que esperar até ele

chegar para descobrir o que está acontecendo. Sommerfeld normalmente não erra.”

Haviam algumas instalações Moroi no país que reuniam alimentadores – aqueles excluídos da sociedade humana que ficavam contentes em passar suas vidas altos devido a endorfinas dos vampiros – e então os distribuía. Sommerfeld era o nome de uma dessas instalações, localizada em Kansas City.

“Eu não sou o único novato deles,” Eddie disse. “Talvez alguém tenha se confundido.”

“Típico,” bufou Theo. “Bem, é melhor você se sentar e esperar. Posso conseguir café se você quiser.”

“Quando vamos ser mordidas?” Eu de repente perguntei, usando a voz mais irritante e sonhadora que consegui. “Faz tanto tempo.”

Lissa seguiu minha deixa. “Eles falaram que seria quando chegássemos aqui.”

Eddie virou seus olhos devido aquele típico comportamento de alimentadores. “Elas estão assim o tempo todo.”

“Posso imaginar,” disse Theo. “Humph. Alimentadores.” A porta do escritório dele estava parcialmente aberta e ele deu um grito chamando. “Hey, Wes? Pode entrar aqui?”

Um dos guardas da escolta enfiou sua cabeça para dentro. “Yeah?”

Theo nos deu um aceno nos dispensando. “Leve essas duas para a área de alimentação para que elas não nos enlouqueçam. Se alguém estiver na fila, eles podem usar elas.”

Wes acenou e nos chamou. Eddie e eu fizemos o menor contato visual. Seu rosto não demonstrava nada, mas eu sabia que ele estava nervoso. Tirar Victor de lá era nosso trabalho agora, e Eddie não gostava de nos ver entrar na toca do leão.

Wes nos levou através de mais portas e controles de segurança enquanto entrávamos mais profundamente na prisão. Eu percebi que a cada setor de segurança que passávamos, eu teria que passar

por ele de novo quando escapássemos. De acordo com a planta, a área dos alimentadores estava situada no lado oposto da prisão. Eu assumi que faríamos um caminho por fora,

mas ao invés disso entramos direto no centro do prédio – onde os prisioneiros eram mantidos. Estudar as plantas me deu um guia do local, mas Lissa não percebeu para onde estávamos indo até que a placa nos alertou: CUIDADO – AGORA ENTRANDO NA ÁREA DOS PRISIONEIROS (CRIMINAIS). Eu achei que essa era uma placa estranha. Todos aqui não eram prisioneiros?

Portas duplas pesadas bloqueavam essa sessão, e Wes usou tanto um código eletrônico quando uma chave para passar por elas. O ritmo de Lissa não mudou, mas eu senti a ansiedade dela aumentar quando entramos num longo corredor alinhado com celas. Eu também não me sentia melhor, mas Wes – ainda em alerta – não mostrou qualquer sinal de medo. Ele entrava nessa área o tempo todo, eu percebi. Ele sabia que era segura. Os prisioneiros podiam ser perigosos, mas passar por eles era uma atividade rotineira para ele.

Ainda sim, espiar dentro das celas quase fez meu coração parar. Os pequenos compartimentos eram tão escuros e solitários quanto todo resto, contendo apenas móveis lisos. A maioria dos prisioneiros estava dormindo, graças a Deus. Alguns, no entanto, observavam enquanto passávamos. Nenhum deles disse nada, mas o silêncio fazia quase com que fosse ainda mais assustador. Alguns dos Moroi tinham o olhar como de pessoas comuns com as quais você encontra na rua, e eu me perguntei o que eles poderiam ter feito para terminar aqui. Seus rostos eram tristes, sem qualquer esperança.

Eu olhei de novo, e percebi que alguns dos prisioneiros não eram Moroi; eram dhampirs. Fazia sentido, mas mesmo assim isso me pegou desprevenida. Minha própria raça também tinha criminosos para tomar conta.

Mas nem todos os prisioneiros pareciam normais. Outros pareciam definitivamente pertencer a Tarasov. Havia uma

malevolência neles, um ar sinistro enquanto seus olhos nos observavam e não paravam de olhar. Eles avaliaram cada centímetro nosso, embora porque motivo, eu não soubesse dizer. Eles estavam buscando algo que os ajudasse a escapar? Eles podiam ver através de nossos talismãs? Eles simplesmente estavam com fome? Eu não sabia, mas me senti agradecida pelo silêncio que os guardiões mantinham no corredor. Eu também fiquei agradecida por não ter visto Victor e assumi que ele vivia em outro corredor. Não podíamos arriscar ser reconhecidas ainda.

Finalmente saímos do corredor dos prisioneiros, passando por outra porta e finalmente chegamos à área de alimentação. Ela também parecia uma masmorra medieval, mas decorações tinham que ser mantidas, pelo bem dos prisioneiros. Fora a decoração, a área de alimentação era similar ao que St. Vladimir tinha, só que era menor. Alguns cubículos ofereciam uma privacidade moderada, e um Moroi que parecia entediado estava lendo um livro numa mesa, mas parecia pronto para adormecer. Só havia um alimentador na sala, um

humano de meia idade com aparência acabada, que estava sentado em uma cadeira com um sorriso bobo no rosto, encarando o nada.

O Moroi recuou quando entramos, seus olhos se arregalando. Claramente, nós éramos a coisa mais excitante que acontecia para ele a noite toda. Ele não teve aquele momento de desorientação quando nos viu; ele aparentemente tinha baixa resistência à compulsão, o que era bom saber.

“O que é isso?”

“As duas novas que acabaram de chegar,” disse Wes.

“Mas não requisitamos nada,” disse o Moroi. “E nunca pegamos essas tão novas. Eles sempre nos dão os velhos, usados.”

“Não me pergunte nada,” disse Wes, se movendo em direção à porta assim que indicou cadeiras para Lissa e eu. Estava claro que ele achava que escoltar alimentadores era uma tarefa inferior a ele.

“Marx quer elas aqui até que Sullivan acorde. Meu palpite é que vai acabar sendo um engano, mas elas estavam reclamando precisar de uma mordida.”

“Maravilha,” rosnou o Moroi. “Bem, nossa próxima refeição será daqui a 15 minutos, então posso dar ao Bradley uma pausa. Ele já está tão caído que eu duvido que ele note que outra pessoa doe sangue ao invés dele.”

Wes acenou. “Vamos ligar quando tudo estiver acertado.”

O guardião saiu, e o Moroi pegou uma prancheta, suspirando. Eu tinha a sensação que todos aqui estavam meio cansados de seus trabalhos. Eu podia entender por que. Esse tinha que ser um trabalho miserável para se trabalhar. Me dê o resto do mundo a qualquer hora.

“Quem vai vir se alimentar daqui a 15 minutos?” eu perguntei.

O Moroi ergueu sua cabeça surpreso. Não era o tipo de pergunta que uma alimentadora faria. “O que você disse?”

Lissa levantou e o pegou com seu olhar. “Responda a pergunta dela.”

O rosto do homem ficou sem energia. Ele era fácil de compelir. “Rudolf Kaiser.”

Ninguém que alguma de nós reconhecesse. Ele poderia estar aqui por homicídio em massa ou fraude, até onde sabíamos. “Quando será a vez de Victor Dashkov?” perguntou Lissa.

“Duas horas.”

“Altere esse horário. Diga aos guardas dele que houve um ajuste e que ele vai ter que vir agora ao invés de Rudolf.”

Os olhos vazios do Moroi – agora quase tão deslumbrados quando o de Bradley, o alimentador – pareceram levar um momento para processar isso. “Sim,” ele disse.

“Isso é algo que pode acontecer normalmente. Não vai levantar nenhuma suspeita.”

“Não vai levantar suspeitas,” ele repetiu monotonamente.

“Faça isso,” ela ordenou, a voz dura. “Ligue para eles, arrume tudo, e não tire os olhos de mim.”

O Moroi obedeceu. Enquanto falava no telefone, ele se identificou como Northwood. Quando ele desligou, os arranjos tinham sido feitos. Não tínhamos nada para fazer agora, a não ser esperar. Meu corpo todo estava tenso. Theo tinha dito que tínhamos cerca de uma hora até que o diretor entrasse em serviço. Ninguém faria perguntas até lá. Eddie simplesmente tinha que matar tempo com Theo e não levantar suspeitas por causa de um erro nos papéis. Se acalme, Rose. Você pode fazer isso.

Enquanto esperávamos, Lissa compeliu Bradley, o alimentador, para que dormisse pesado. Eu não queria testemunhas, nem mesmo drogadas. Eu também virei levemente às câmeras do cômodo, para que elas não conseguissem mais ver as pessoas. Naturalmente, tínhamos que lidar com todo o sistema de vigilância da prisão antes de partir, mas agora, não precisávamos de ninguém da segurança vendo o que estava prestes a acontecer.

Eu tinha acabado de me acomodar em um dos cubículos quando a porta se abriu. Lissa tinha ficado em sua cadeira perto da mesa de Northwood, para poder manter sua compulsão nele. Ele o instruiu de que eu seria a alimentadora. Eu estava sem vista, mas através dos olhos de Lissa, eu vi o grupo entrar: dois guardiões, e Victor Dashkov.

Ela sentia agora, o mesmo estresse que ela sentiu quando o viu em seu julgamento. Seu ritmo cardíaco aumentou. Suas mãos tremiam. A única coisa

que a tinha acalmado no julgamento foi o término de tudo, saber que Victor ficaria trancado para sempre e incapaz de a ferir de novo.

E agora estávamos prestes a mudar isso.

Lissa forçou seu medo para fora da mente para poder manter seu controle sobre Northwood. Os guardiões ao lado de Victor eram sérios e prontos para ação, embora eles não precisassem estar. A

doença que ele carregava há anos – uma pelo qual Lissa tinha temporariamente o curado – estava começando a rarear seu cabelo de novo. Falta de exercícios e ar fresco parecia tê-lo afetado também, assim como o limite de sangue que os prisioneiros recebiam. Os guardas o algemaram, só por precaução, e seu peso faziam se curvar, quase se arrastando.

“Por ali,” disse Northwood, apontando para mim. “Aquela.”

Os guardiões passaram com Victor por Lissa, e ele mal a olhou duas vezes. Ela estava trabalhando em dobro com compulsão: mantendo Northwood sobre seu controle e usando um pouco para se fazer insignificante para Victor quando ele passou. Os guardiões o colocaram na cadeira ao meu lado e então se afastaram, ainda observando. Um deles começou a conversar com Northwood, notando nossa juventude e jovialidade. Se eu fizesse isso de novo, eu faria com que Lissa nos fizesse parecer mais velhas.

Sentado ao meu lado, Victor se inclinou em minha direção e abriu sua boca. Se alimentar era tão como uma segunda natureza, e os movimentos sempre os mesmos, que ele dificilmente tinha que pensar sobre isso. Era provável que ele nem me visse.

Só que, então... ele viu.

Ele congelou, seus olhos ficando selvagens. Certas características marcavam as famílias reais Moroi, e olhos claros num tom verde jade era uma característica entre tanto os Dashkovs quanto os Dragomirs. O olhar resignado e cauteloso dele desapareceu, e a nítida astúcia que o caracterizava – o afiado intelecto que eu conhecia bem – assumiu. O que estranhamente me lembrava de alguns dos prisioneiros dos quais passamos mais cedo.

Mas ele estava confuso. Como as outras pessoas que encontramos, meu talismã estava confundindo seus pensamentos. Seus sentidos diziam a ele que eu era humana... mas a ilusão não era perfeita. Havia também o fato de que Victor, sendo forte em compulsão mesmo não utilizando espírito, era relativamente resistente a ele. E assim como Eddie, Lissa, e eu estivemos imunes aos talismãs um do outro porque nós sabíamos nossas verdadeiras

identidades, Victor vivenciou o mesmo efeito. Sua mente podia insistir que eu era humana, mas seus olhos diziam que eu era Rose Hathaway, mesmo com minha peruca. E assim que esse reconhecimento foi solidificado, a ilusão de humana desapareceu para ele.

Um devagar e intrigado sorriso se espalhou em seu rosto, mostrando claramente suas pressas. "Oh nossa. Essa pode ser a melhor refeição que eu já tive." A voz dele mal era audível, coberta pela conversa dos outros.

"Coloque seus dentes em qualquer parte, perto de mim, e será sua última refeição," eu murmurei, a voz tão baixa quanto. "Mas se você quer uma chance de sair daqui e ver o mundo de novo, você fará exatamente o que eu disser."

Ele me olhou de forma questionadora. Eu respirei fundo, temendo o que eu teria que dizer a seguir.

"Me ataque."

# SETE

“Não com seus dentes,” eu acrescentei apressada. “Atire-se sobre mim. Balance suas algemas. O que você puder fazer.”

Victor Dashkov não era um homem estúpido. Outros poderiam ter hesitado ou feito mais perguntas. Ele, não. Ele podia não saber exatamente o que estava acontecendo, mas sabia que era sua chance de escapatória. Ele era uma pessoa que passou uma grande parte da vida planejando planos grandiosos, então era como um profissional em participar deles.

Erguendo suas mãos o máximo que conseguia, ele partiu para cima de mim, encenando muito bem sua tentativa de me estrangular com a corrente das algemas. Com isso, eu soltei um grito de gelar o sangue. Em um segundo, os guardiões estavam lá para impedir aquele prisioneiro enlouquecido que atacava sem motivo uma pobre garota. Mas quando eles tentaram subjulgá-lo, eu me ergui e ataquei eles. Mesmo que tivessem esperado que eu fosse perigosa – e eles não esperavam – eu os surpreendi de tal forma que eles não tiveram tempo de reagir. Eu quase me senti culpada por quão injusto aquilo foi com eles.

Soquei o primeiro com tanta força que ele soltou Victor e foi lançado para trás, atingindo a parede próxima à Lissa enquanto ela usava compulsão freneticamente em Northwood para que ele ficasse calmo e não chamasse ninguém em meio ao caos. O outro guardião teve um pouco mais de tempo para reagir, mas ele ainda foi lento demais para soltar Victor e voltar suas atenções para mim. Eu usei essa abertura para acertar um soco, começando uma luta entre nós. Ele era grande e formidável e, assim que me viu como uma ameaça, não se segurou. Um golpe em meu ombro fez a dor se espalhar pelo meu braço, e eu respondi com uma joelhada em seu estômago. Enquanto isso, seu parceiro estava de pé e vinha em nossa direção. Eu precisava terminar rápido com aquilo, não só para meu próprio

bem, mas também porque não tinha dúvidas de que eles chamariam reforços na primeira chance.

Eu agarrei o mais próximo e o empurrei de rosto contra a parede com toda a minha força. Ele cambaleou, tonto, e eu repeti aquilo assim que seu companheiro me alcançou. O primeiro guardião caiu, inconsciente. Eu odiava fazer aquilo, mas parte do meu treino envolvia saber a diferença entre incapacitar e matar. Ele devia apenas ficar com uma dor de cabeça. Assim, eu esperava. O outro guardião, porém, era muito mais agressivo, e nós dois circulávamos um ao outro, acertando alguns golpes e esquivando de outros.

“Eu não consigo derrubá-lo!” eu gritei para Lissa. “Precisamos dele. Use a compulsão.”

A resposta dela veio através do elo. Ela iria compelir duas pessoas ao mesmo tempo, mas aquilo exigiria muito esforço. Nós ainda não estávamos fora, e ela ainda não podia arriscar queimar todas as suas energias. A frustração substituiu o medo dentro dela.

“Northwood, vá dormir!” ela gritou. “Aí mesmo. Na sua mesa. Você está exausto e vai dormir por horas.”

Do canto do olho, vi Northwood escorregar, sua cabeça atingindo a mesa com um barulho seco. Todo mundo que trabalhava aqui teria uma concussão quando tivéssemos terminado. Então, eu me atirei sobre o outro guardião, usando todo meu peso para colocá-lo ao alcance do olhar de Lissa. Ela se meteu em nossa briga e ele a olhou surpreso. Era tudo que ela precisava.

“Pare!”

Ele não respondeu tão rápido quanto Northwood, mas ele hesitou. Esse cara era mais resistente.

“Pare de lutar!” ela repetiu com mais convicção, intensificando sua vontade.

Forte ou não, ele não podia resistir contra tanto espírito. Seus braços caíram ao seu lado, e ele parou de brigar comigo. Eu me distanciei para recuperar o fôlego, colocando minha peruca de volta no lugar.

“Segurar esse aí vai ser difícil,” Lissa me disse.

“Difícil por cinco minutos ou por cinco horas?”

“Algo no meio.”

“Então, vamos nos mexer. Pegue a chave de Victor dele.”

Ela ordenou que o guarda lhe desse a chave para as algemas. Ele nos contou que o outro guardião a tinha. Claro, eu remexi o corpo inconsciente – ele estava respirando normalmente, graças a Deus – e peguei a chave. Então, eu dediquei toda a minha atenção a Victor. Assim que a luta começou, ele havia saído do caminho e limitando-se a observar silenciosamente enquanto, sem dúvidas, todas as possibilidades foram se formando em sua mente doentia.

Eu me aproximei e coloquei minha “cara assustadora” enquanto erguia a chave. “Eu vou soltar suas algemas agora,” eu disse, numa voz ao mesmo tempo doce e ameaçadora. “Você vai fazer exatamente o que lhe dissermos para fazer. Você não vai correr, começar a brigar, ou interferir em nossos planos de qualquer maneira.”

“Hã? Você também usa compulsão hoje em dia, Rose?” ele perguntou secamente.

“Eu não preciso.” Soltei as algemas dele. “Eu posso derrubá-lo tão facilmente quanto fiz com aquele cara ali e arrastá-lo para fora. Não faz diferença para mim.”

As algemas pesadas e as correntes caíram no chão. Aquele ar astuto e presunçoso continuava em seu rosto, mas suas mãos tocaram gentilmente cada pulso. Então, eu notei que havia marcas neles. Aquelas algemas não eram feitas para conforto, mas me recusei a sentir pena dele. Ele olhou de volta para nós.

“Que lindo,” ele comentou. “De todas as pessoas, eu nunca imaginei que seriam vocês que me resgatariam. Ainda assim, em retrospecto, vocês devem ser as mais capazes.”

“Não precisamos dos seus comentários, Hannibal,” eu falei. “E não use a palavra resgatariam. Faz parecer que você é um herói

preso injustamente.”

Ele ergueu uma sobrancelha, como se acreditasse que esse podia realmente ser o caso. Ao invés de discutir, ele acenou com a cabeça em direção à Bradley, que de fato dormira durante a luta. Drogado como estava, a compulsão de Lissa foi mais que o bastante para derrubá-lo.

“Dê ele para mim,” disse Victor.

“O quê?” eu exclamei. “Não temos tempo para isso!”

“E eu não tenho forças para fazer seja lá o que for que você tem em mente,” silvou Victor. Aquela máscara de sabe-tudo agradável desapareceu, substituída por uma expressão viciosa e desesperada. “Prisão envolve mais do que barras, Rose. Eles dão o mínimo que podem de comida e sangue para nós, tentando nos enfraquecer. Caminhar aqui é o único exercício que tenho, e isso é esforço o bastante. A menos que você realmente planeje me arrastar para fora, dê-me sangue!”

Lissa interrompeu qualquer resposta que eu pudesse dar. “Seja rápido.”

Eu olhei para ela com espanto. Eu estava para negar aquilo a Victor, mas através do elo eu senti uma mistura estranha de sentimentos dentro dela. Compaixão e... compreensão. Ah, ela ainda o odiava. Mas ela também sabia como era viver com sangue limitado.

Piedosamente, Victor foi rápido. Sua boca estava no pescoço do humano praticamente antes que Lissa terminasse de falar. Tonto ou não, sentir os dentes em seu pescoço foi o bastante para despertar Bradley. Ele acordou com um susto, mas sua expressão logo se tornou aquela de prazer que os alimentadores tinham ao receber as endorfinas de vampiros. Um gole rápido de sangue era tudo de que Victor precisaria, mas quando os olhos de Bradley se arregalaram de surpresa, eu percebi que Victor estava tomando mais que um gole rápido. Eu saltei para frente e afastei Victor do alimentador.

“O que diabos você está fazendo?” eu perguntei, sacudindo Victor com força. Isso era algo que eu queria fazer havia tempo. “Você achou que poderia secá-lo e virar um Strigoi na nossa frente?”

“Difícilmente,” respondeu Victor, estremeando com meu aperto.

“Não era isso que ele estava fazendo,” disse Lissa. “Ele só perdeu o controle por um segundo.”

Sua sede de sangue satisfeita, o jeito tranquilo de Victor retornou. “Ah, Vasilisa. Sempre tão compreensiva.”

“Não presuma nada,” ela rugiu.

Eu lancei olhares a ambos. “Temos que ir. Agora.” Voltei-me para o guardião compelido. “Nos leve à sala onde monitoram todos os vídeos de segurança.”

Ele não me respondeu e, suspirando, eu olhei para Lissa enquanto esperava. Ela repetiu minha pergunta, e ele saiu da sala imediatamente. Minha adrenalina estava em alta depois da luta e eu estava ansiosa para terminar com tudo aquilo e nos tirar dali. Através do elo, senti o nervosismo dela. Ela podia ter defendido a necessidade de sangue de Victor, mas enquanto caminhava, ela se mantinha o mais distante possível dele. A compreensão de quem ele era e o que estávamos fazendo a atingiam. Eu queria poder confortá-la, mas não havia tempo.

Ela seguiu o guardião – Lissa perguntou seu nome, era Giovanni – por mais salas e postos de segurança. A rota pela qual ele nos guiou nos levava pela borda da prisão, não através das celas. Eu segurei minha respiração quase todo o tempo, apavorada que pudéssemos encontrar alguém. Muitos outros fatores

trabalhavam contra nós; não precisávamos disso também. Nossa sorte se manteve, entretanto, e não encontramos ninguém – de novo, provavelmente o resultado de fazermos isso quase no final da noite e sem passar por uma área de alta segurança.

Lissa e Mia haviam feito o guardião da Corte apagar todos os vídeos de segurança daqui também, mas eu não tinha visto isso. Agora, quando Giovanni nos levou para a sala de vigilância da

prisão, eu não pude conter um arquejo; monitores cobriam as paredes e consoles com botões complexos e interruptores estavam diante deles. Mesas cobertas de computadores estavam por toda a parte. Eu sentia como se essa sala tivesse energia para se lançar no espaço. Tudo na prisão podia ser vigiado: cada cela, várias salas, e até mesmo a sala do carcereiro, onde Eddie estava falando besteira com Theo. Dois outros guardiões estavam ali, e eu me perguntei se eles nos viram nas salas. Mas não – estavam muito fixados em outra coisa: uma câmera que estava voltada para uma parede vazia. Era a que eu ajustara na sala dos alimentadores.

Eles se inclinavam sobre ela, um deles dizendo como deviam chamar alguém para checar lá. Então, os dois ergueram os olhos e nos perceberam.

“Ajude-a a subjulgá-los,” Lissa ordenou a Giovanni.

Mais uma vez, houve hesitação. Estaríamos melhor com um ajudante de vontade mais fraca, mas Lissa não tinha ideia quando ela o escolheu. Como antes, ele acabou entrando em ação. E como antes, o elemento surpresa colaborou muito para vencer aqueles dois guardiões. Eu era uma estranha – imediatamente deixando-os em alerta – mas ainda parecia humana. Giovanni era colega de trabalho deles; eles não esperavam que ele os atacasse.

Isso, no entanto, não fez com que fosse fácil de derrubá-los. Ter ajuda ajudou muito, e Giovanni era bom em seu trabalho. Deixamos um guardião inconsciente bem rápido. Giovanni usou uma chave de pescoço para cortar brevemente o ar dele até que o fizesse desmaiar. O outro guarda manteve distância de nós, e eu notei seus olhos focando constantemente uma das paredes. Tinha um extintor de incêndio, um interruptor de luz e um botão prateado redondo.

“É um alarme!” exclamou Victor assim que o guardião saltou para apertá-lo. Giovanni e eu nos atiramos sobre ele ao mesmo tempo, parando o cara logo antes que sua mão pudesse tocar o botão e mandar uma legião de guardas para cima de nós. Um golpe na cabeça derrubou esse guardião também. A cada pessoa que eu derrotava nessa fuga da prisão, um nó de culpa e náusea se

apertava mais e mais no meu estômago. Guardiões eram os caras bons, e eu não podia deixar de pensar que estava lutando no lado do mal.

Agora que estávamos sozinhos, Lissa sabia o próximo passo. “Giovanni, desligue todas as câmeras e apague a última hora de gravações.”

Houve uma hesitação maior da parte dele dessa vez. Fazê-lo lutar contra seus ouvidos exigiu muita compulsão forçosa da parte de Lissa. Ela estava mantendo o controle, mas estava enfraquecendo, e seria cada vez mais difícil fazê-lo obedecer seus comandos.

“Faça,” rugiu Victor, ficando ao lado de Lissa. Ela se encolheu com a proximidade, mas quando o olhar dele uniu-se ao dela, Giovanni aceitou a ordem e começou a acionar interruptores e consoles. Victor não era páreo para o poder de Lissa, mas sua pouca compulsão fortaleceu a dela.

Um por um, os monitores se apagaram, e então Giovanni digitou alguns comandos no computador que guardava os vídeos das câmeras. Luzes vermelhas de erro piscavam nos consoles, mas não havia ninguém para consertá-las.

“Mesmo que ele apague tudo, há aqueles que podem recuperar os dados do disco rígido,” observou Victor.

“É um risco que precisamos correr,” eu disse irritada. “Reprogramar ou seja lá o que for não está no meu repertório de habilidades.”

Victor revirou seus olhos. “Talvez, mas destruição certamente está.”

Levou um momento para eu entender o que ele queria dizer, mas então me caiu a ficha. Com um suspiro, eu agarrei um extintor de incêndio de uma parede e bati com ele no computador até que não sobrou nada além de uma pilha de plástico e fragmentos de metal. Lissa se encolheu a cada golpe e ficou olhando para a porta.

“Espero que seja a prova de som,” ela murmurou.

“Parece resistente,” eu disse confiante. “E agora, é hora de ir.”

Lissa ordenou que Giovanni nos levasse de volta à sala do carcereiro na entrada da prisão. Ele aceitou, nos guiando de volta através do labirinto pelo qual havíamos passado antes. Seus códigos e cartão de segurança nos permitiram passar por cada ponto de segurança.

“Eu não acho que você consiga compelir Theo para nos deixar sair?” perguntei para Lissa.

Sua boca era uma linha sinistra. Ela sacudiu a cabeça. “Não sei nem quanto tempo mais eu posso conter Giovanni. Eu nunca usei alguém como fantoche antes.”

“Está tudo bem,” eu disse, tentando encorajar nós duas. “Estamos quase prontas com isso.”

Mas nós teríamos mais uma luta em nossas mãos. Depois de derrotar metade dos Strigoi da Rússia, eu ainda me sentia confortável com minha própria força, mas aquele sentimento de culpa não me deixava em paz. E, se encontrássemos uma dúzia de guardiões, minha força não iria se manter.

Eu havia perdido a planta, mas, no final das contas, a rota de Giovanni estava nos levando através do bloco de celas. Outro aviso acima de nossas cabeças dizia CUIDADO – ENTRANDO AGORA NA ÁREA DE PRISIONEIROS (PSIQUIÁTRICA).

“Psiquiátrica?” eu perguntei surpresa.

“Claro,” murmurou Victor. “Onde você acha que eles mandam os prisioneiros com problemas mentais?”

“Para hospitais,” eu respondi, segurando uma piada sobre todos os criminosos tendo problemas mentais.

“Bem, não é sempre –”

“Pare!”

Lissa o interrompeu e parou subitamente diante da porta. O resto de nós quase se chocou contra ela. Ela se afastou, voltando vários passos.

“O que há de errado?” eu perguntei.

Ela se virou para Giovanni. “Ache outro caminho.”

“Esse é o mais rápido,” ele argumentou.

Lissa sacudiu a cabeça. “Eu não ligo. Ache outro, um pelo qual não nos encontraremos com outros.”

Ele fez uma careta, mas a compulsão se manteve. Ele se virou abruptamente, e nós nos apressamos para acompanhá-lo. “O que há de

errado?” eu repeti. A mente de Lissa estava muito confusa para que eu entendesse qualquer coisa. Ela fez uma careta.

“Sinto auras de espírito atrás dali.”

“O quê? Quantas?”

“Pelo menos duas. Não sei se me sentiram ou não.”

Se não fosse pela rapidez de Giovanni e a urgência que nos pressionava, eu teria parado. “Usuários de espírito...”

Lissa procurou com tanto esforço e por tanto tempo por outros como ela. Quem imaginaria que os encontraria aqui? Na verdade... talvez devêssemos ter esperado isso. Sabíamos que os usuários de espírito dançavam com a insanidade. Por que não terminariam em um lugar como esse? E, considerando o trabalho que tivemos para aprender sobre a prisão, não era de se surpreender que esses usuários estivessem escondidos. Eu duvidava que qualquer um trabalhando aqui sequer soubesse o que eles eram.

Lissa e eu trocamos olhares rápidos. Eu sabia o quanto ela queria investigar, mas agora não era a hora. Victor já parecia muito interessado no que dissemos, então as próximas palavras de Lissa foram na minha cabeça: eu tenho certeza de que qualquer usuário de espírito veria através de meus encantamentos. Não podemos correr o risco de termos nossas aparências reais descobertas – mesmo que elas viessem de pessoas consideradas loucas.

Eu acenei em entendimento, deixando de lado a curiosidade e o arrependimento. Teríamos que checar isso outra hora – digamos, da

próxima vez que decidíssemos invadir uma prisão de segurança máxima.

Finalmente alcançamos o escritório de Theo sem qualquer outro incidente, embora meu coração estivesse acelerado e meu cérebro continuasse me dizendo Vai! Vai! Vai! Theo e Eddie estavam discutindo política da Corte quando nosso grupo entrou. Eddie levantou-se de imediato e foi até Theo, percebendo que era hora de ir. Ele segurou Theo em uma chave de pescoço de forma tão eficiente quanto Giovanni fizera antes, e eu fiquei feliz em saber que alguém estava fazendo o trabalho sujo além de mim. Infelizmente, Theo soltou um ganido alto antes de desmaiar.

Imediatamente, os dois guardiões que nos escoltaram antes invadiram o escritório. Eddie e eu partimos para a luta, Lissa e Victor fizeram Giovanni se unir a nós. Para dificultar as coisas, logo após vencermos um dos guardiões, Giovanni venceu a compulsão e começou a lutar contra nós. Pior ainda, ele

chegou a uma parede onde eu descobri – tarde demais – outro botão prateado. Ele bateu com o punho contra este, e um som horrível preencheu o ar.

“Merda!” eu gritei.

As habilidades de Lissa não serviam para luta física, e Victor não era muito melhor. Sobrou para mim e Eddie acabar com esses dois – e tínhamos que ser rápidos. A segunda escolta caiu, então éramos nós e Giovanni. Ele me acertou em cheio – me fez bater com a cabeça na parede. Não foi bom o bastante para me fazer desmaiar, mas o mundo girou e pontos pretos e brancos dançaram diante de meus olhos. Me congelou por um momento, mas então Eddie estava nele, e Giovanni deixou de ser uma ameaça.

Eddie pegou meu braço para me endireitar, então nós quatro saímos correndo da sala. Eu espiei os corpos inconscientes, me odiando novamente por isso. Mas não havia tempo para culpa. Tínhamos que sair. Agora. Cada guardião na prisão estaria ali em menos de um minuto.

Nosso grupo correu para as portas da frente, só para achá-las trancadas por dentro. Eddie xingou e nos mandou esperar. Ele correu de volta para o escritório de Theo e voltou com um dos cartões de segurança que Giovanni passara constantemente nas portas. É claro que esse nos deixou sair, e nós corremos loucamente até o carro alugado. Nos aglomeramos lá dentro, e eu fiquei agradecida por Victor aguentar todos nós sem fazer um de seus comentários irritantes.

Eddie pisou no acelerador e dirigiu de volta para o caminho pelo qual havíamos vindo. Eu sentei ao seu lado no banco da frente. “Eu garanto que o cara do portão vai ficar sabendo do alarme,” eu alertei. Nossa ideia original era simplesmente sair dizendo que houvera uma bagunça burocrática.

“É,” Eddie concordou, expressão dura. Como esperávamos, o guardião saiu de seu abrigo no portão, acenando os braços.

“É uma arma?” eu perguntei.

“Não vou parar para descobrir.” Eddie pisou fundo no acelerador, e quando o guardião percebeu que iríamos passar de um jeito ou de outro, ele pulou para fora do caminho. Nós arrebatamos a madeira que bloqueava o caminho, deixando um monte de farpas.

“Bud vai manter nosso depósito,” eu disse.

Atrás de nós, eu ouvi o som de tiros. Eddie xingou de novo, mas a medida que nos distanciávamos, os tiros ficavam mais fracos e, logo, estávamos fora de seu alcance. Ele exalou. “Se tivessem atingido os pneus ou as janelas, teríamos muito mais com que nos preocupar que um depósito.”

“Eles vão mandar pessoas atrás de nós,” disse Victor do banco de trás. Mais uma vez, Lissa ficou o mais longe possível dele. “Devem ter caminhões saindo agora.”

“Você achou que não havíamos previsto isso?” eu respondi. Eu sabia que ele queria ajudar, mas ele era a última pessoa que eu queria ouvir naquele momento. Mesmo enquanto falava, eu espiava a estrada e via as sombras negras de dois veículos acelerando atrás

de nós. Eles estavam avançando rápido, não deixando dúvidas de que os utilitários esportivos logo alcançariam nosso carro compacto.

Eu olhei para o nosso GPS. "Precisamos virar logo," eu avisei Eddie, não que ele precisasse disso.

Nós mapeamos uma rota de fuga de antemão, uma que dava muitas e muitas voltas nessas estradas remotas. Por sorte, havia muitas delas. Eddie fez uma curva fechada à esquerda, seguida quase imediatamente de uma direita. Mesmo assim, os perseguidores estavam conosco no espelho retrovisor. Foi só após algumas voltas que a estrada atrás de nós ficou limpa.

Um silêncio tenso preencheu o carro enquanto esperamos os guardiões nos alcançarem. Isso não aconteceu. Fizéramos muitas voltas confusas, mas levou quase dez minutos até acreditarmos que tínhamos conseguido.

"Acho que os despistamos," disse Eddie, o tom maravilhado de sua voz combinando com meus sentimentos. Seu rosto ainda estava cheio de preocupação, as mãos segurando forte a direção.

"Não teremos despistado eles até deixarmos Fairbanks," eu disse. "Eu tenho certeza de que eles vão procurar, e não é tão grande assim."

"Onde vamos?" perguntou Victor. "Se eu posso perguntar."

Eu me espremi no banco para poder olhá-lo nos olhos. "Isso é o que você vai nos contar. E, por mais difícil que possa parecer, nós não fizemos tudo isso por termos sentido falta de sua companhia agradável."

"Isso é difícil de se acreditar."

Eu apertei meus olhos. "Queremos achar seu irmão. Robert Doru."

Eu tive a satisfação de pegar Victor momentaneamente sem defesas. Então, seu olhar astuto retornou. "É claro. Isso é um desenrolar do pedido de Abe Mazur, não é? Eu devia ter percebido

que ele não aceitaria um não como resposta. É claro, eu nunca esperaria que você estivesse ligada a ele.”

Victor parecia não saber que eu estava familiarmente ligada a Abe, e eu não estava interessada em esclarecer isso. “Irrelevante,” eu disse friamente. “Agora, você vai nos levar até Robert. Onde ele está?”

“Você esquece, Rose,” devaneou Victor. “Você não é aquela com compulsão aqui.”

“Não, mas eu sou quem pode amarrá-lo do lado da estrada e fazer uma ligação anônima para a prisão informando a sua localização.”

“Como eu sei que você não vai pegar o que quer de mim e então me mandar de volta do mesmo jeito?” ele perguntou. “Eu não tenho razão para confiar em você.”

“Você está certo. Eu definitivamente não acreditaria em mim. Mas, se isso der certo, há uma chance de deixarmos você ir depois.” Não, não havia. “Isso é algo em que você queira apostar? Você nunca terá outra oportunidade como essa, e você sabe disso.”

Victor não tinha uma resposta espertinha para isso. Mais um ponto para mim.

“Então,” eu continuei, “você vai nos levar até ele ou não?”

Pensamentos que eu não podia ler passaram por trás dos olhos dele. É claro que ele estava planejando como tomar vantagem dessa situação, provavelmente bolando como escapar de nós antes mesmo de chegarmos até Robert. É o que eu teria feito.

“Las Vegas,” Victor disse por fim. “Precisamos ir a Las Vegas.”

# OITO

Depois de todas as reclamações que fiz a Abe por sempre ter de ir para lugares remotos e ruins, eu deveria ter ficado excitada pela perspectiva de ir para Sin City. Eu tinha alguns reservas em relação a minha próxima viagem épica. Primeiro de tudo, algum lugar como Las Vegas era o último lugar que eu achava que estaria uma pessoa semi-louca reclusa. Pelo que ouvi, Robert tinha saído de vista porque queria ficar sozinho. Uma cidade cheia de turistas não se encaixava nessa descrição. Segundo, cidades assim era o lugar perfeito para Strigoi se alimentarem. Lotadas. Imprudentes. Poucas inibições. Muito fácil para pessoas desaparecerem – especialmente quando a maior parte deles sai à noite.

Parte de mim estava certa que era um truque da parte de Victor, mas ele jurou que era verdade. Então, sem outras pistas, Las Vegas se tornou nosso próximo destino. Não tivemos muito tempo para discutir o assunto mesmo, sabendo que os guardiões estariam procurando por nós em Fairbanks. Eu admito, os talismãs de Lissa tinham alterado nossa aparência o bastante para eles não estarem procurando pessoas com nossa descrição. Mas eles sabiam como Victor parecia, então quanto antes saíssemos do Alasca, melhor.

Infelizmente, tínhamos um pequeno problema.

“Victor não tem identidade,” disse Eddie. “Ele não pode ir de avião.”

Era verdade. Todas as posses de Victor foram tomadas pelas autoridades da prisão, e na confusão de desativar seguranças e derrubar uma dúzia de guardiões, nós mal tivemos tempo de procurar as coisas pessoais dele. A compulsão de Lissa foi fenomenal, mas ela estava exausta depois de usar tanto na prisão. Além do mais, guardiões provavelmente estariam observando o aeroporto.

Nosso “amigo” Bud da concessionária de alugueis de carro deu uma solução. Ele não estava feliz por ver seu carro sendo devolvido com os arranhões devido à direção perigosa de Eddie, mas com dinheiro o bastante finalmente impediu os humanos de falar sobre “alugar o carro para um bando de crianças”. Foi Victor que pensou num plano alternativo e o sugeriu para Bud.

“Tem algum aeroporto privado por perto? Com voos que possamos fretar?”

“Claro,” disse Bud. “Mas não será barato.”

“Não é problema,” eu disse.

Bud nos olhou desconfiado. “Vocês roubaram um banco ou algo assim?”

Não, mas estávamos com muita grana. Lissa tinha um fundo de garantia que cuidava do seu dinheiro até que ela fizesse 18 anos, assim como um cartão de crédito de alto limite. Eu tinha um cartão de crédito próprio, uma sobra de quando em convenci Adrian a custear minha viagem para Rússia. Eu larguei mão do resto dos meus bens, como uma enorme conta bancária que ele fez. Mas, errado ou não, eu precisava de um cartão na mão, em casos de emergência.

Essa certamente era uma emergência, então usamos o cartão para pagar parte do nosso custo do avião. O piloto não podia nos levar até Las Vegas, mas podia nos levar até Seattle, onde ele era capaz de nos conectar com outro piloto que ele conhecia que podia nos levar o resto do caminho. Mais dinheiro.

“E Seattle de novo,” eu brinquei, logo antes do avião decolar. O interior do pequeno jato tinha quatro assentos, dois em cada lado um de frente para o outro. Eu sentei perto de Victor, e Eddie na frente dele. Achamos que essa era a melhor medida de proteção.

“O que tem Seattle?” perguntou Eddie, confuso.

“Esqueça.”

Pequenos jatos particulares não são tão rápidos quanto os comerciais, e nossa viagem levou uma grande parte do dia. Durante ela, eu continuei a fazer perguntas a Victor sobre seu irmão em Las Vegas e ele finalmente me deu a resposta que eu queria. Victor teria que nos contar eventualmente, mas acho que ele é sádico para prolongar respostas.

“Robert não vive em Las Vegas,” ele explicou. “Ele tem uma pequena casa – uma cabana, eu suponho – no Red Rock Canyon, longe da cidade.”

Ah. Agora isso era mais do que eu esperava. Lissa endureceu ao mencionar uma cabana, eu senti sua agitação através do nosso laço. Quando Victor a sequestrou, ele a levou para uma cabana na floresta e a torturou lá. Eu dei a ela um olhar para assegurá-la. Eram em horas dessa que eu desejava que nosso laço funcionasse para os dois lados para eu poder tentar confortá-la.

“Então vamos até lá?”

Victor bufou. “Certamente não. Robert valoriza demais sua privacidade. Ele não deixaria estranhos entrarem em sua casa. Mas ele irá para a cidade se eu pedir.”

Lissa me olhou. Victor pode estar nos armando uma. Ele tinha muitos seguidores. Agora que escapou, ele pode ligar para eles ao invés de Robert para nos encontrar.

Eu dei a ela um pequeno aceno, de novo desejando poder responder através do nosso laço. Eu também tinha pensado nisso. Era imperativo que nunca deixássemos Victor sozinha para fazer ligações sem supervisão. E na verdade, esse plano de se encontrar em Las Vegas me fez sentir melhor. Para nossa própria segurança contra os capangas, era melhor ficar na cidade do que no meio do nada.

“Já que eu fui tão útil,” disse Victor, “eu tenho o direito de saber o que você quer com meu irmão.” Ele olhou para Lissa. “Está procurando por lições de espírito? Você deve ter feito um excelente trabalho investigativo para descobrir sobre ele.”

“Você não tem direito de saber dos nossos planos,” eu respondi afiada. “É sério? Se você está contando quem foi o mais útil aqui, estamos detonando suas notas. Você tem muito para recompensar depois do que fizemos em Tarasov.”

A única resposta de Victor foi um pequeno sorriso.

Uma parte do nosso tempo voando aconteceu a noite, o que significava que era cedo da manhã quando pousamos em Las Vegas. A segurança da luz do sol. Era surpreendente ver o quão lotado estava o aeroporto. O privativo em Seattle tinha vários aviões, mas o aeroporto de Fairbanks quase estivera deserto. Essa viagem estava cheia de pequenos jatos, muitos deles gritando “luxuoso”. Eu não deveria estar surpresa. Las Vegas era o layground das celebridades e outras pessoas saudáveis, muitas das quais provavelmente não poderiam se rebaixar em voar no comercial com outros passageiros normais.

Haviam taxis lá, nos passando o pedido de outra concessionária de alugueis. Mas quando o motorista nos perguntou o que estávamos fazendo, todos ficamos em silêncio. Me virei para Victor.

“No meio da cidade, certo? O Strip?”

“Sim,” ele concordou. Ele tinha certeza que Robert ia querer conhecer estranhos em público. Em algum lugar onde ele poderia facilmente fugir. “O Strip é um lugar grande,” disse o motorista. “Você tem algum lugar em particular ou eu devo te largar no meio da rua?”

Silêncio caiu de novo. Lissa me olhou de forma significativa. “O Witchim Hour. Eu considerei. Las Vegas era o lugar favorito para alguns Moroi. O sol brilhante o fazia ser menos atraente para Strigoi, e os cassinos sem janela criavam uma confortável atmosfera. O Witchim Hour era um hotel e cassino cujo dono era um Moroi, então tinha muitos negócios clandestinos sendo um ótimo esconderijo para vampiros. Alimentadores nas salas de trás. Lounges especiais só para Moroi. Uma boa patrulha de guardiões.

Guardiões...

Eu balancei minha cabeça e olhei para Victor. “Não podemos levar ele lá.” De todos os hotéis em Las Vegas, o Witching Hour era o último que queríamos ir. A fuga de Victor foi notícia em todo mundo Moroi. Levar ele para a maior concentração de Moroi e guardiões em Vegas, provavelmente seria a pior coisa que poderíamos fazer nesse ponto.

No espelho retrovisor, o rosto do motorista parecia impaciente. Foi Eddie quem finalmente deu a direção. “O Luxer.”

Ele e eu estávamos no banco de trás, com Victor entre nós, e eu olhei por cima. “De onde veio essa ideia?”

“Ela coloca distância entre nós e o Wicking Hour.” Eddie de repente parecia um pouco acanhado. “E eu sempre quis ficar lá. Eu quero dizer, se você vai ficar em Vegas, porque não se hospedar numa pirâmide?”

“Não dá para refutar essa lógica,” disse Lissa.

“Então será o Luxer,” eu disse para o motorista.

Andamos em silêncio, todos nós – bem, fora Victor – olhando a vista com temor. Mesmo durante o dia, as ruas de Las Vegas estavam cheias de pessoas. Os jovens e glamorosos andavam lado a lado com os casais mais velhos do da America central, que provavelmente poupavam muito para fazer essa viagem. Os hotéis e cassinos que passamos eram enormes, chamativos e convidativos.

E quando alcançamos o Luxor... yup. Era como Eddie tinha dito. Um hotel em forma de pirâmide. Eu o encarei quando descemos do carro, tentando muito não deixar meu queixo cair como a turista que eu era. Eu paguei o motorista e nós entramos. Eu não sabia quanto tempo ficaríamos, mas definitivamente precisávamos de um quarto para ser base das nossas operações.

Entrar no hotel foi como voltar às danceterias de São Petesburgo e Novsibirsk. Luzes brilhantes e o forte cheiro de cigarro. E barulho. Barulho,

barulho, barulho. Os caça níqueis bipavam e tocavam, fichas caíam, as pessoas gritavam em descrença ou deleite, e o baixo tom

de conversas enchia o salão como abelhas zunindo. Eu fiz uma careta. Os estímulos atrapalhavam meus instintos.

Passamos pela beira do cassino para chegar à recepção, onde a atendente nem piscou quando três adolescentes e um homem mais velho pegaram um quarto juntos. Eu imaginei que por aqui, eles já viram de tudo. Nosso quarto era de tamanho normal, com duas camas, e de alguma forma tivemos sorte e conseguimos uma incrível vista. Lissa ficou parada perto da janela, deslumbrada com a visão das pessoas e carro na rua abaixo, mas eu fui direto para os negócios.

“Ok, ligue para ele,” eu ordenei Victor. Ele se acomodou em uma das camas, as mãos cruzadas e a expressão serena, como se ele realmente estivesse de férias. Apesar daquele sorriso presunçoso, eu podia ver a fadiga em seu rosto. Mesmo cheio de sangue, a fuga e a longa viagem foram cansativas, e os efeitos de sua doença que retornava estavam naturalmente forçando sua força física.

Victor imediatamente pegou o telefone do hotel, mas eu balancei minha cabeça. “Liss, deixe ele usar seu celular. Eu quero um registro desse número.”

Ela cuidadosamente entregou o telefone, como se ele pudesse contamina-lo. Ele o pegou e me deu um olhar de anjo. “Eu não suponho que eu possa ter um pouco de privacidade? Faz tanto tempo desde que Robert e eu conversamos.”

“Não,” eu surtei. A dureza em minha voz até me assustou, e me ocorreu que Lissa não era a única sofrendo com todo o uso de espírito hoje.

Victor deu de ombros e começou a discar. Ele nos disse em um dos voos que ele tinha decorado o número de Robert, e eu tive que acreditar que era para ele que ele estava ligando. Eu também tinha que esperar que o número de Robert não tivesse mudado. É claro, mesmo que Victor não visse seu irmão há anos, Victor só esteve preso há pouco tempo e provavelmente se manteve informado sobre Robert.

A tensão encheu o quarto enquanto esperávamos o telefone chamar. Um momento depois, eu ouvi uma voz responder através do alto falante do telefone – embora eu não conseguisse distinguir as palavras exatas.

“Robert,” disse Victor agradavelmente, “é o Victor.”

Isso recebeu uma resposta frenética do outro lado. Eu só conseguia ouvir metade da conversa, mas era intrigante. Victor primeiro teve que passar muito tempo convencendo Robert de que ele estava fora da prisão. Aparentemente, Robert não era tão distante da sociedade Moroí para não manter contato com notícias atuais. Victor disse a ele que os detalhes seriam revelados mais tarde então começou a abordar Robert para que ele viesse até nós.

Levou um longo tempo. Eu tinha a sensação de que Robert vivia com medo e paranoia, o que me lembrava da Sra. Karp, quando ela esteve nos estado avançado da insanidade do espírito. O olhar de Lissa permaneceu na cena do lado de fora já nela durante toda ligação, mas seus sentimentos espelhavam o meu: medo de que isso poderia, algum dia, ser seu destino. Ou o meu também, já que eu sintonizava o efeito do espírito. A imagem de Tarasov passou brevemente pela mente dela: AVISO – AGORA ENTRANDO EM ÁREA DE PRISIONEIROS (PSIQUIÁTRIA).

A voz de Victor se tornou surpreendentemente serena enquanto falava com seu irmão, até gentil. Eu me lembrei, inquieta, dos dias antes de sabermos dos planos de Victor para dominar os Moroí. Naquela época, ele também nos tratava gentilmente e praticamente tinha sido um membro da família de Lissa. Eu me perguntei se algum dia ele foi sincero ou foi tudo uma atuação.

Finalmente, depois de quase 20 minutos, Victor convenceu Robert de vir nos ver. As palavras indecifráveis do outro lado do telefone eram cheias de ansiedade, e nesse ponto, eu me senti convencida de que Victor realmente estava falando com seu irmão maluco e não seus cúmplices. Victor marcou um jantar em um dos restaurantes de hotel e desligou.

“Jantar?” Eu perguntei quando Victor soltou o telefone. “Ele não está preocupado em ficar exposto depois que escurecer?”

“É um jantar cedo,” Victor respondeu. “Quatro e meia. E o sol não vai se por até às 8.”

“4:30?” eu perguntei. “Meu Deus. Você vai pedir o especial do cidadão idoso?”

Mas ele tinha razão em relação à hora e o sol. Sem a segurança da luz quase sem parar do Alasca, eu estava começando a sufocar com a pressão dos limites do sol nascer e se pôr, embora fosse verão aqui. Infelizmente, um jantar cedo seguro, significava que tínhamos horas para matar.

Victor se inclinou contra cama, os braços atrás da cabeça. Eu acho que ele estava tentando mostrar um ar despreocupado, mas meu palpite é que era a exaustão que o fez buscar o conforto da cama.

“Quer tentar a sorte lá embaixo?” Ele olhou para Lissa. “Usuários de espírito são ótimos jogadores. Eu não tenho que te dizer o quão boa você é em ler pessoas.” Ela não respondeu.

“Ninguém vai deixar esse quarto,” eu disse. Eu não gostava a ideia de nós amontoados aqui, mas eu não podia arriscar uma tentativa de fuga ou Strigoi andado pelo cassino em cantos escuros.

Depois de tirar a tinta do cabelo, Lissa colocou uma cadeira perto da janela. Ela se recusou a se aproximar de Victor. Eu sentei com as pernas cruzadas na segunda cama, onde havia muito espaço para Eddie sentar também, mas ele continuou recostado contra a parede, numa postura de guardião perfeita enquanto observava Victor. Eu não tinha dúvidas de que Eddie podia manter essa posição por horas, não importava o quão desconfortável ela ficasse. Nós fomos treinados para resistir a condições duras. Ele fez um bom trabalho em parecer sério, mas de vez em quando, eu o pegava estudando Victor curiosamente. Eddie tinha me apoiado nesse ato de traição, mas ainda não sabia por que eu tinha feito isso.

Nós estávamos ali há algumas horas quando alguém bateu na porta. Eu dei um salto.

Eddie e eu nos olhamos, nós dois ficando rígidos prestando atenção, as mãos indo em direção a nossas estacas. Pedimos o almoço fazia uma hora, mas há muito tempo o serviço de quarto tinha ido e vindo. Era cedo demais para Robert, e além do mais, ele não sabia o número do nosso quarto. Mas não estava sentindo náusea. Nenhum Strigoi estava na porta. Eu encontrei o olhar de Eddie, mensagens silenciosas passando entre nós sobre o que faríamos.

Mas foi Lissa que agiu primeiro, se levantando e dando alguns passos pelo quarto. “É o Adrian.”

“O que?” eu exclamei. “Tem certeza?”

Ela acenou. Usuários de espírito normalmente viam auras, mas eles podiam sentir um ao outro se estivessem próximos o bastante – como ela tinha sentido na prisão. Ainda sim, nenhum de nós se moveu. Ela me deu um olhar seco.

“Ele sabe que estou aqui,” ela apontou. “Ele também consegue me sentir.”

Eu suspirei, ainda mantendo minha mão na estaca, e passei pela porta. Eu olhei através do olho mágico. Parado ali, sua expressão divertida e cansada, estava Adrian. Eu não conseguia ver mais ninguém, e com nenhuma indicação de Strigoi por perto, eu finalmente abri a porta. Seu rosto se iluminou de alegria quando ele me viu. Se inclinando, ele me deu um rápido beijo na bochecha antes de entrar no quarto.

“Vocês não acharam que poderiam sair num fim de semana de festa sem mim, pensaram? Especialmente aqui entre todos os –”

Ele congelou, e foi um daqueles raros momentos quando Adrian Ivashkov era pego totalmente de surpresa.

“Você sabia,” ele disse devagar, “que Victor Dashkov está sentando na sua cama?”

“Yeah,” eu disse. “Também é meio que um choque para nós.”

Adrian arrastou seu olhar de Victor e olhou ao redor, notando Eddie pela primeira vez. Eddie estava tão parado que ele praticamente parecia parte dos móveis. Adrian virou em minha direção.

“O que diabos está acontecendo? Todo mundo está procurando por ele!”

As palavras de Lissa falaram comigo através do laço. É melhor contar a ele. Você sabe que ele não vai embora agora.

Ela tinha razão. Eu não sabia como Adrian tinha nos encontrado, mas agora que ele tinha, não tinha como ele ir embora. Eu olhei hesitante para Eddie, que adivinhou meus pensamentos.

“Ficaremos bem,” ele disse. “Vá falar. Eu não vou deixar nada acontecer.”

E eu estou forte o bastante de novo para poder compelir ele se ele tentar qualquer coisa. Lissa acrescentou.

Eu suspirei. “Ok. Já voltamos.”

Eu peguei o braço de Adrian e o levei para fora. Assim que estávamos no corredor, ele me encarou de novo. “Rose, o que —”

Eu balancei a cabeça. Enquanto estávamos aqui, eu ouvi barulho o bastante dos outros hóspedes do hotel no corredor, para saber que meus amigos iam ouvir nossa conversa se conversássemos lá. Ao invés disso, Adrian e eu pegamos

o elevador e descemos, onde o barulho do cassino mascarasse nossas palavras. Encontramos um canto fora do caminho, e Adrian praticamente me empurrou contra a parede, sua expressão negra. Sua atitude leve me irritava às vezes, mas eu preferia ela a quando ele ficava chateado, em grande parte porque eu temia que espírito acrescentasse uma certa instabilidade.

“Você me deixa um bilhete dizendo que está dando uma escapada para um último final de semana festivo, e ao invés disso eu encontro você junto com um dos criminosos mais notórios?”

Quando deixei a Corte, era só disso que as pessoas falavam! Aquele cara não tentou matar você?”

Eu respondi a pergunta dele com outra pergunta. “Como você nos encontrou?”

“O cartão de crédito,” ele disse. “Eu estava esperando você usá-lo.”

Meus olhos se arregalaram. “Você prometeu quando eu os peguei de que você não ia ficar se futricando!” Já que minhas contas e cartões tinham surgido devido à ajuda dele, eu sei que ele tinha acesso aos registros, mas acreditei nele quando ele disse que respeitaria minha privacidade.

“Quando você estava na Rússia, eu mantive essa promessa. Isso é diferente. Eu fiquei checando de novo e de novo com a companhia, e assim que houve atividade com o avião fretado, eu liguei e descobri onde você estava indo.” A chegada de Adrian tão logo que nós chegamos não era tão inacreditável se ele estava monitorando o cartão. Assim que ele conseguiu a informação que queria, ele podia ter reservado uma passagem de avião. Um jato comercial teria compensado o tempo na nossa viagem lenta e cheia de paradas. “De jeito nenhum eu poderia resistir a Vegas,” ele continuou. “Então pensei em te surpreender e aparecer para me juntar à diversão.” Eu usei meu cartão para conseguir o quarto, eu percebi, de novo apontando nossa localização. Mais ninguém estava ligado aos meus cartões ou os de Lissa, mas a facilidade com que ele nos rastreou me deixou nervosa.

“Você não deveria ter feito isso,” eu rosnei. “Podemos estar juntos, mas tem limites que você tem que respeitar. Isso não é da sua conta.”

“Não é como se eu estivesse lendo seu diário! Eu só queria encontrar minha namorada e —” Era um sinal do estresse de Adrian sua mente só estar começando, agora, a juntar as peças. “Oh Deus. Rose, por favor não me diga que foram vocês que tiraram ele de lá? Todos estão procurando por duas garotas humanas e um dhampir. As descrições não batem...” Ele gemeu. “Mas foi você, não foi? De

alguma forma, você invadiu uma prisão de segurança máxima. Com Eddie.”

“Não deve ser tão segura,” eu respondi levemente.

“Rose! Esse cara fodeu com a vida de nós dois. Porque você o soltaria?”

“Porque...” eu hesitei. Como eu poderia explicar isso a Adrian? Como eu poderia explicar aquilo que, para todas as evidências em nosso mundo, era impossível? E como eu poderia explicar que o objetivo, em particular, estava me levando a fazer isso? “Victor tinha informações que precisávamos. Ou, bem, ele tinha acesso a alguém que precisávamos. Esse era o único jeito de conseguir.”

“O que diabos ele sabe para te fazer agir assim?”

Eu engoli. Eu entrava em prisões e ninhos de Strigoi, mas dizer o que eu falei para Adrian me encheu de apreensão. “Porque pode haver um jeito de salva Dimitri. Fazer ele voltar ao que ele era. E uma forma de salvar os Strigoi. De transformar eles de volta ao que eram. E Victor... Victor conhece alguém que pode ter feito isso.”

Adrian me encarou por vários longos segundos, e mesmo com todo movimento do cassino e do barulho, era como se o mundo ficasse parado e silencioso.

“Rose, isso é impossível.”

“Pode não ser.”

“Se tivesse um jeito de fazer isso, nós saberíamos.”

“Envolve usuários de espírito. E acabamos de descobrir sobre eles.”

“Isso não significa que – oh. Entendo.” Os olhos profundamente verdes dele brilharam, e dessa vez, eles ficaram com raiva. “É ele, não é? Essa é sua última tentativa maluca de chegar até ele. Até Dimitri.”

“Não apenas ele,” eu disse vagamente. “Poderia salvar todos os Strigoi.”

“Eu pensei que isso tinha acabado!” Adrian exclamou. A voz dele foi alta o bastante para algumas pessoas perto dos caça-níqueis nos olharem. “Você me disse que tinha acabado. Você me disse que podia seguir em frente e ficar comigo.”

“Eu falei sério,” eu disse, surpresa com o tom desesperado da minha voz. “É algo que acabamos de descobrir. Temos que tentar.”

“E daí o que acontece? E se essa fantasia idiota funcionar? Você liberta Dimitri em um ato milagroso, e você me chuta bem assim.” Ele estalou os dedos.

“Eu não sei,” eu disse fracamente. “Estamos dando um passo de cada vez. Eu adoro estar com você. Mesmo. Mas não posso ignorar isso.”

“É claro que não pode.” Ele virou os olhos pra cima. “Sonhos, sonhos. Eu entro neles; eu os vivo. Eu me engano com eles. É de se admirar que eu ainda consiga enxergar a realidade.” O estranho tom na voz dele me deixou nervosa. Eu podia reconhecer um dos seus lapsos levemente malucos induzidos pelo espírito. Então, ele virou para mim e suspirou. “Eu preciso de uma bebida.”

Qualquer pena que eu sentia dele se tornou raiva. “Oh, que bom. Isso vai consertar tudo. Fico feliz de ver que se o mundo estiver enlouquecendo, você ainda tem seus velhos truques.”

Eu recuei quando ele me encarou. Ele não fazia isso muito frequentemente, mas quando fazia, era uma coisa poderosa. “O que você espera que eu faça?” ele perguntou.

“Você poderia... você poderia...” Oh Deus. “Bem, agora que você está aqui, você poderia nos ajudar. Além do mais, essa cara que vamos encontrar. Ele é outro usuário de espírito.”

Adrian não traiu seus pensamentos, mas eu tinha a sensação de que tinha despertado o interesse dele. “Yeah, é exatamente isso que eu quero. Ajudar minha namorada a pegar seu velho namorado de volta.” Ele virou de novo, e eu o ouvi murmurar, “eu preciso de dois drinks.”

“Quatro e meia,” eu o chamei enquanto se afastava. “Vamos nos encontrar às 4:30.”

Não houve resposta, e Adrian se misturou na multidão.

Eu voltei para o quarto numa nuvem negra que foi óbvia para todos. Lissa e Eddie foram espertos o bastante para não fazerem perguntas, mas Victor, é claro, não teve tais reservas.

“O que? O Sr. Ivashkov vai se juntar a nós? Eu estou ansioso pela companhia dele.”

“Cala a boca,” eu disse, cruzando os braços e me inclinando na parede perto de Eddie. “Não fale a não ser que falem com você.”

As próximas horas se arrastaram. Eu estava convencida de que a qualquer minuto Adrian voltaria, e relutantemente concordaria em nos ajudar. Poderíamos usar a compulsão dele, caso as coisas dessem errado, embora ele não se comparasse com Lissa. Certamente... certamente ele me amava o bastante para vir me ajudar? Ele não me abandonaria? Você é uma idiota, Rose. Era minha própria voz que me provocava em minha cabeça, não a de Lissa. Você não deu a ele nenhum motivo para ajudar. Você apenas o magoa de novo e de novo. Como você fez com Mason.

Quando deu 4:15, Eddie me olhou. “Devemos pegar uma mesa?”

“Yeah.” Eu estava inquieta e chateada. Eu não queria mais ficar neste quarto, presa com sentimentos negros que não iriam passar. Victor se ergueu da cama, se esticando como se tivesse acabado de acordar de um relaxante cochilo. Ainda sim, eu podia jurar que havia um ansioso resplendor escondido por trás daqueles olhos.

Ao que tudo indicava, ele e seu meio irmão eram próximos, embora eu não tivesse visto qualquer indicio de que Victor mostrasse amor ou lealdade a ninguém. Quem diria? Talvez em algum lugar dentro dele houvesse uma verdadeira afeição a Robert.

Nós formamos meio que uma configuração protetora comigo na frente, Eddie atrás, e os dois Moroi entre nós. Eu abri a porta do meu quarto e dei de cara com Adrian. Sua mão estava erguida, como se ele estivesse prestes a bater. Ele arqueou a sobrancelha.

“Oh, hey,” ele disse. Ele tinha sua expressão relaxada normal no rosto, embora sua voz fosse um pouco contida. Eu sabia que ele não estava feliz com nada disso. Eu podia ver na sua mandíbula fortemente fechada e a agitação em seus olhos. Mesmo assim, ele estava fazendo uma boa fachada para os outros, pelo que eu fiquei agradecida. O mais importante de tudo, ele voltou. Era isso que importava, então eu podia ignorar o cheiro de álcool e cigarro que vinha dele. “Então... fiquei sabendo que tem uma festa acontecendo. Se importa se me juntar a vocês?”

Eu dei a ele um fraco e agradecido sorriso. “Vem.”

Nosso grupo agora era de cinco, e nos dirigimos pelo corredor em direção ao elevador. “Eu estava limpando uma mesa de pôquer, sabe,” Adrian acrescentou. “Então é melhor isso ser bom.”

“Eu não sei se vai ser bom,” eu disse. As portas do elevador se abriram. “Mas acho que será memorável.”

Nós entramos, indo ver Robert Doru. E o que poderia ser a única salvação de Dimitri.

# NOVE

Foi fácil enxergar Robert Doru.

Não porque ele parecia com Victor. Nem porque um correu em direção do outro numa dramática reunião entre irmãos. Foi a mente de Lissa que me deu a dica. Eu vi Robert pelos olhos dela, a aura dourada de um usuário de espírito que iluminou o canto do restaurante como uma estrela. Isso a pegou de surpresa, e ela tropeçou brevemente. Usuários de espíritos são raros demais de se ver, para ela estar totalmente acostumada com eles. Ver auras era algo que ela podia ligar e desligar, e logo antes dele “desligar a dele”, ela notou que embora a dele fosse tão brilhante quanto ela via em Adrian, havia uma leve instabilidade. Faíscas de outras cores apareciam também, mas elas tremiam e cintilavam. Ela se perguntou se essa era a marca da insanidade de espírito aparecendo.

Seus olhos se iluminaram quando Victor se aproximou da mesa, mas os dois não se abraçaram ou tocaram. Victor simplesmente sentou ao lado de seu irmão. O resto de nós ficou parado, constrangido, por um momento. Toda a situação era estranha. Mas era o motivo de termos vindo, e depois de vários segundos, meus amigos e eu nos juntamos aos irmãos na mesa.

“Victor...” disse Robert, os olhos arregalados. Robert podia ter algumas características faciais dos Dashkov, mas seus olhos eram castanhos, não verdes. Suas mãos brincavam com um guardanapo. “Não consigo acreditar... eu estive querendo te ver a tanto tempo...”

A voz de Victor era gentil, como tinha sido no telefone, como se estivesse conversando com uma criança. “Eu sei, Robert. Também senti sua falta.”

“Você vai ficar? Você vai voltar e ficar comigo?” Parte de mim queria cortar aquela ideia ridícula, mas o desespero na voz de Robert despertou um pouco de pena em mim. Eu permaneci em

silêncio, simplesmente observando o drama se desenrolar. “Eu escondo você. Será ótimo. Só nós dois.”

Victor hesitou. Ele não era idiota. Apesar de minhas vagas palavras no avião, ele sabia que as chances de eu deixar ele ir eram inexistentes. “Eu não sei,” ele disse quieto. “Eu não sei.”

O garçom chegou nos distraindo, e pedimos bebidas. Adrian pediu um gim com Tônica e nem pediram a identidade. Não tinha certeza se era porque ele parecia ter 21 ou era convincente o bastante com espírito. Independentemente,

eu não fiquei feliz com isso. Álcool prejudica espírito. Estávamos numa situação precária, e eu gostaria que ele estivesse com sua força total. É claro, considerando que ele bebeu mais cedo, provavelmente agora não importava.

Depois que o garçom pariu, Robert pareceu notar o resto de nós. Seus olhos passaram rapidamente por Eddie, ficaram afiados em Lissa e Adrian, e se demorou em mim por um longo tempo. Eu endureci, não gostando da avaliação. Ele finalmente voltou-se de novo para seu irmão.

“Quem você trouxe, Victor?” Robert ainda tinha aquele ar indiferente espalhado por ele, mas estava cheio de suspeitas agora. Medo e paranoia.

“Quem são essas crianças? Dois usuários de espírito e...” O olhar dele caiu em mim novamente. Ele estava lendo minha aura. “Uma dos shadow-kissed?”

Por um momento fiquei surpresa por ele ter usado esse termo. Então eu lembrei o que Mark, o marido de Oksana, tinha me dito. Robert já tinha tido um laço com um dhampir – e o dhampir tinha morrido, drasticamente acelerando a velocidade da deterioração da mente de Robert.

“Eles são amigos,” disse suavemente Victor. “Amigos que querem falar com você e te fazer umas perguntas.”

Robert franziu. “Você está mentindo. Eu sei. E eles não consideram você amigo. Eles estão tensos. Eles mantêm distância de

você.”

Victor não negou. “Mesmo assim, eles precisam da sua ajuda, e eu prometi a eles. Foi o preço para que eu pudesse vir te visitar.”

“Você não deveria fazer promessas em meu nome.” O guardanapo de Robert agora estava em pedaços. Eu meio que queria dar a ele o meu.

“Mas você não queria me ver?” perguntou Victor vitorioso. Seu tom era quente, seu sorriso quase genuíno.

Robert parecia perturbado. Confuso. Eu de novo estava me lembrando de uma criança e estava começando a duvidar que esse cara tinha transformado um Strigoi.

Ele foi poupado de responder quando nossas bebidas chegaram. Nenhum de nós tinha pego o menu, para irritação do garçom. Ele saiu, e eu abri o meu sem vê-lo de verdade.

Victor nos apresentou para Robert, tão formalmente quanto se estivesse dando uma de diplomata. A prisão não tinha diminuído sua etiqueta real. Victor deu apenas nossos primeiros nomes. Robert virou de volta para mim, aquele franzido ainda no rosto, e olhou entre Lissa e eu. Adrian havia dito que sempre que estávamos juntas, nossas auras mostravam que estávamos ligadas.

“Um laço... eu quase esqueci como era... mas Alden. Eu nunca esqueci Alden...” Os olhos dele ficaram sonhadores e quase vagos. Ele estava revivendo uma memória.

“Desculpe,” eu disse, surpresa por ouvir simpatia em minha palavra. Esse dificilmente era o duro interrogatório que eu imaginei. “Eu só posso imaginar como deve ter sido... perder ele...”

Aqueles olhos sonhadores ficaram afiados e duros. “Não. Você não pode. Não é como nada que você possa imaginar. Nada. Agora... bem agora... você tem o mundo. Um universo de sentidos além dos outros, um entendimento de outra pessoa que ninguém pode ter. Perder isso... ter isso arrancado de você... faria você desejar a morte.”

Wow. Robert era muito bom em acabar com uma conversa, e nós todos meio que ficamos sentados ali, meio que esperando que o garçom voltasse, dessa vez. Quando ele voltou, nós todos fizemos indiferentes tentativas de pedir comida – exceto Robert – a maior parte de nós estava decidindo imediatamente. O restaurante servia comida asiática, e eu pedi a primeira coisa que eu vi no menu: um omelete.

Com a comida pedida, Victor continuou com a mão firme sobre Robert, da qual eu parecia incapaz de ter.

“Você irá ajuda-los? Vai responder as perguntas deles?”

Eu tinha a sensação de que Victor estava forçando Robert nisso, não tanto para pagar nosso resgate, mas porque a natureza de Victor estava morrendo de vontade de saber os segredos e motivações de todos nós.

Robert suspirou. Sempre que ele olhava para Victor, havia uma expressão tão forte de devoção e até mesmo de adoração. Robert provavelmente não podia negar nada a seu irmão. Ele era o tipo perfeito para participar dos planos de Victor, e eu percebi que provavelmente deveria ficar satisfeita por Robert ficar instável. Se ele tivesse total controle sobre seus poderes, Victor nunca teria se incomodado com Lissa, da última vez. Ele poderia já ter seu próprio curandeiro de espírito para usar sempre que quisesse.

“O que você quer agora?” perguntou Robert. Ele se dirigiu a mim, aparentemente reconhecendo minha liderança.

Eu olhei para meus amigos buscando apoio moral e não recebi nenhum. Nem Lissa ou Adrian aprovavam essa missão para começo de conversa, e Eddie ainda não sabia seus propósitos. Eu engoli, me preparando, e dirigi toda minha atenção para Robert.

“Soubemos que você libertou um Strigoi uma vez. Que você foi capaz de converter ele – ou ela – de volta ao seu estado original.”

Surpresa passou pelo rosto, normalmente composto, de Victor. Ele certamente não esperava isso.

“Onde você ouviu isso?” exigiu Robert.

“De um casal que conheci na Rússia. Seus nomes são Mark e Oksana.”

“Mark e Oksana...” De novo, o olhar de Robert ficou vago por um segundo. Eu tinha a impressão que isso acontecia muito, que ele não passava muito tempo na realidade. “Não sabia que eles ainda estão juntos.”

“Eles estão. Eles estão muito bem.” Eu precisava dele de volta ao presente. “É verdade? Você realmente fez o que eles falaram? É possível?”

As respostas de Robert sempre eram precedidas de uma pausa. “Ela.”

“Huh?”

“Era uma mulher. Eu a libertei.”

Eu ofeguei, mal sendo capaz de processar as palavras dele.

“Você está mentindo.” Foi Adrian quem falou, seu tom duro.

Robert olhou para ele com uma expressão de diversão e desdém. “E quem é você para dizer isso? Como pode saber? Você abusa dos seus poderes tanto que é de se admirar que você sequer consiga ainda tocar a magia. E todas essas coisas que você faz consigo mesmo... não ajuda muito, ajuda? O punimento do espírito ainda te afeta... logo você não será capaz de distinguir realidade de sonho...”

As palavras atordoaram Adrian por um momento, mas ele continuou. “Eu não preciso de sinais psíquicos para saber que você está mentindo. Eu sei que

está porque o que você está descrevendo é impossível. Não tem como salvar um Strigoi. Quando eles se transformam, eles se transformam. Eles estão mortos. Mortos vivos. Para sempre.”

“O que está morto nem sempre permanece morto....” As palavras de Robert não eram dirigidas a Adrian. Elas foram ditas para mim. Eu tremi.

“Como? Como você fez isso?”

“Com uma estaca. Ela foi morta com uma estaca, e ao fazer isso, eu a trouxe de volta à vida.”

“Ok,” eu disse. “Isso é mentira. Eu matei vários Strigoi com uma estaca, e acredite em mim, eles continuam mortos.”

“Não apenas qualquer estaca.” Os dedos de Robert dançaram na beira de seu copo. “Uma estaca especial.”

“Uma estaca encantada com espírito,” disse Lissa de repente.

Ele ergueu seus olhos em direção a ela e sorriu. Era um sorriso bizarro. “Sim. Você é uma garota muito, muito inteligente. Uma garota inteligente e gentil. Gentil e bondosa. Eu posso ver na sua aura.”

Eu encarei a mesa, minha mente sobrepujada. Uma estaca encantada com espírito. As estacas de preta eram encantadas com os outros elementos principais dos Moroi: terra, ar, água e fogo. Era aquela infusão de vida que destruía a força morta viva de um Strigoi. Com nossa recente descoberta de como encantar objetos com espírito, infundir uma estaca nunca tinha me ocorrido. Espírito curava. Espírito tinha me trazido de volta dos mortos. Ao se juntar com os outros elementos na estaca, era realmente possível que a escuridão que se apoderava de um Strigoi pudesse ser aniquilada, restaurando a pessoa a seu estado normal?

Eu fiquei agradecida quando a comida chegou, porque meu cérebro ainda estava devagar. O omelete me deu uma boa oportunidade para pensar.

“É realmente tão fácil?” eu finalmente perguntei.

Robert fez uma cara. “Não é fácil.”

“Mas você acabou de dizer... você acabou de dizer que precisamos de uma estaca com espírito. E então matar um Strigoi com ela.” Ou bem, não matar. Os detalhes técnicos eram irrelevantes.

Ele sorriu em resposta. “Não você. Você não pode fazer isso.”

“Então quem...” eu parei, o resto das minhas palavras morrendo nos meus lábios. “Não. Não.”

“Os shadow-kissed não tem o dom da vida. Só os abençoados com espírito,” ele explicou. “A pergunta é: Quem é capaz de fazer isso? A garota Gentil ou o Cara Bêbado?” Os olhos dele passaram entre Lissa e Adrian. “Minha aposta seria a Garota Gentil.”

Aquelas palavras me tiraram do meu estado atordoado. Na verdade, foram elas que de repente despedaçaram tudo, o sonho de salvar Dimitri.

“Não,” eu repeti. “Mesmo que fosse possível – e não tenho certeza que acredito em você – ela não pode fazer isso. Eu não vou permitir.”

E em uma transformação de eventos, tão surpreendente quanto à revelação de Robert, Lissa se virou para mim, raiva passando por nosso laço. “E desde quando você pode me dizer o que eu posso ou não fazer?”

“Desde que eu não lembro de você algum dia ter treinado para empalar um Strigoi,” eu respondi igualmente brava, tentando manter minha voz calma. “Você só socou Reed, e isso já foi difícil o bastante.” Quando Avery Lazar tentou tomar a mente de Lissa, ela mandou seu irmão shadow-kissed fazer seu trabalho sujo. Com minha ajuda, Lissa o socou e o manteve longe. Ele tinha sido lindamente executado, mas ela odiou fazer aquilo.

“Eu soquei, não soquei?” ela exclamou.

“Lissa, dar um soco não tem nada a ver com empalar um Strigoi. E isso sem contar o fato de que você tem que se aproximar de um, para começo de conversa. Você acha que consegue chegar perto antes dele quebrar seu pescoço? Não.”

“Eu aprendo.” A determinação na voz dela e em sua mente era admirável, mas levava décadas para um guardião aprender a fazer isso – e muitos ainda eram mortos.

Adrian e Eddie pareciam desconfortáveis no meio da discussão, mas Victor e Robert pareciam tanto intrigados quanto se divertindo.

Eu não gostei disso. Não estávamos aqui para entretenimento.

Eu tentei mudar o tópico perigoso, voltando minha atenção de volta a Robert. "Se um usuário de espírito trouxesse de volta um Strigoi, então essa pessoa se tornaria um shadow-kissed." Eu não apontei a conclusão óbvia para Lissa. Parte do que tinha deixado Avery louca (fora o uso normal de espírito) tinha sido se ligar com mais de uma pessoa. Fazer isso criou uma situação muito instável que rapidamente levou todas as pessoas envolvidas a escuridão e loucura.

Os olhos de Robert ficaram sonhadores e ele encarou além de mim. "Laços se formam quando alguém morre – quando sua alma já partiu para o mundo dos mortos. Trazer eles de volta é o que os torna shadow-kissed. A morte os marca." Seu olhar de repente voltou a mim. "Assim como você."

Eu me recusei a evitar os olhos dele, apesar do calafrio que as palavras dele trouxeram. "Strigoi estão mortos. Salvar um significa que sua alma é trazida de volta do mundo dos mortos também."

"Não," ele discutiu. "Suas almas não seguiram em frente. Suas almas vagam... nem nesse mundo, nem no outro. É errado e nada natural. É o que faz deles o que são. Matar ou salvar um Strigoi manda a alma de volta a seu estado normal. Não existe laço."

"Então não tem perigo," Lissa me disse.

"Fora um Strigoi matar você," eu apontei.

"Rose –"

"Vamos terminar essa conversa depois." Eu a olhei duramente. Nós nos olhamos por um momento, e então ela se voltou a Robert. Ainda havia uma obstinação no nosso laço que eu não gostava.

"Como você encanta uma estaca?" ela perguntou a ele. "Eu ainda estou aprendendo."

Eu de novo comecei a censura-la, mas depois pensei melhor. Talvez Robert estivesse errado. Talvez tudo que fosse preciso para converter um Strigoi fosse uma estaca com espírito. Ele só achava

que um usuário de espírito tinha que fazer isso, porque ele tinha o feito. Supostamente. Além do mais, eu prefiro que Lissa se preocupe com encantar coisas do que com lutar. Se a parte de encantar soasse muito difícil, ela talvez desistisse.

Robert olhou entre eu e Eddie. “Um de vocês deve ter uma estaca com vocês. Eu vou mostrar.”

“Não pode pegar uma estaca em público,” exclamou Adrian, era uma observação incrivelmente sábia. “Pode ser estranha para os humanos, mas ainda é uma arma.”

“Ele tem razão,” Eddie disse.

“Podíamos voltar para o quarto depois do jantar,” disse Victor.

Ele tinha aquele olhar totalmente agradável e vazio no rosto. Eu o estudei, esperando que minha expressão demonstrasse meu nojo. Mesmo com seu zelo, eu podia sentir a hesitação de Lissa também. Ela não achava bom seguir nenhuma das sugestões de Victor. Nós vimos no passado o quão desesperadamente Victor estava disposto a agir para tentar cumprir seus planos. Ele convenceu sua própria filha a se transformar em Strigoi e o ajudar a escapar da prisão. Até onde sabíamos, ele estava planejando o mesmo para –

“É isso,” eu ofeguei, sentindo meus olhos se arregalarem enquanto eu o encarava.

“É o que?” Victor perguntou.

“É por isso que você fez Natalie se transformar. Você pensou... você sabia sobre isso. O que Robert tinha feito. Você ia usar a força de Strigoi dela e fazer ela se transformar de volta.”

O rosto já pálido de Victor ficou ainda mais pálido, e ele pareceu envelhecer diante de nossos olhos. Seu olhar presunçoso desapareceu, e ele desviou o olhar. “Natalie está morta e a muito se foi,” ele disse duramente. “Não tem porque discutir sobre ela.”

Alguns de nós fizemos uma tentativa de comer depois disso, mas meu omelete parecia sem gosto agora. Lissa e eu estávamos pensando a mesma coisa. Dentre todos os pecados de Victor, eu

sempre considerei ele convencer sua própria filha a se transformar em Strigoi o mais horrível. Era o que me garantia que ele era um monstro. De repente, eu fui forçada a rever as coisas – forçada a reavaliar ele. Se ele soubesse que poderia trazer ela de volta, fazia o que ele tinha feito terrível – mas não tão terrível. Ele ainda era mal na minha mente, sem dúvidas. Mas se ele acreditou que poderia trazer Natalie de volta, então significava que ele acreditava no poder de Robert. Mesmo assim, de jeito nenhum eu iria deixar Lissa chegar perto de um Strigoi, mas esse incrível conto tinha se tornado levemente mais verossímil. Eu não podia desistir sem investigar mais.

“Podemos voltar para o quarto depois disso,” eu disse finalmente. “Mas não por muito tempo.” Minhas palavras eram para Victor e Robert. Robert parecia ter voltado para seu próprio mundo, mas Victor acenou.

Eu olhei Eddie rapidamente e recebi um curto, mas diferente, tipo de aceno dele. Ele entendeu o risco de levar os irmãos para um lugar privado. Eddie estava me dizendo que ele seria extra cuidadoso – não que ele já não fosse.

Quando terminamos de jantar, Eddie e eu já estávamos rígidos e tensos. Ele foi para perto de Robert, e eu perto de Victor. Mantemos Lissa e Adrian entre os irmãos. Ainda sim, mesmo mantendo perto, era difícil cortar a multidão no cassino. As pessoas ficavam no nosso caminho, andavam ao nosso redor, se metiam no meio... era um caos. Duas vezes, nosso grupo foi separado por turistas. Não estávamos muito longe dos elevadores, mas eu estava ficando inquieta com a possibilidade de Victor ou Robert fugirem através da multidão.

“Precisamos sair da multidão,” eu gritei para Eddie.

Ele deu outro rápido aceno e virou abruptamente para esquerda, o que me pegou de surpresa. Eu levei Victor para a mesma direção, e Lissa e Adrian nos seguiram. Eu fiquei confusa até que vi do que nos aproximávamos, um corredor com uma placa de SAÍDA DE EMERGÊNCIA. Longe do cassino lotado, o barulho diminuiu.

“Achei que haveria escadas aqui,” Eddie explicou.

“Guardião habilidoso.” Eu dei um sorriso para ele.

Outra volta nos trouxe a um armário de limpeza na direita e a frente uma porta com o símbolo para escadas. A porta parecia levar tanto para os andares de cima quanto de baixo.

“Brilhante,” eu disse.

“Você está, tipo, no vigésimo andar,” apontou Adrian. Era a primeira vez que ele falava há um tempo.

“Nada como um exercício para – merda.” Eu parei bruscamente na frente da porta. Tinha um pequeno aviso de que um alarme iria disparar se a porta fosse aberta. “Era óbvio.”

“Desculpe,” disse Eddie, como se fosse pessoalmente responsável.

“Não é sua culpa,” eu disse, virando. “Vamos voltar por onde viemos.” Tínhamos que arriscar com a multidão. O desvio de rota teria cansado Victor e Robert o bastante para dificultar uma fuga. Nenhum deles era mais tão jovem, e Victor ainda estava em má forma.

Lissa estava muito tensa para pensar em ser conduzida de volta, mas Adrian me olhou de uma forma que deixou claro que ele achava que esse vai e não vai era um desperdício de tempo. É claro, ele achava que todo esse negócio com Robert era perda de tempo. Eu estava honestamente surpresa por ele voltar conosco até o quarto. Eu esperava que ele ficasse no cassino com cigarros e outro drinque.

Eddie, liderando nosso grupo, deu alguns passos para trás em direção ao cassino. E então me atingiu.

“Pare!” Eu gritei.

Ele respondeu imediatamente, parando no espaço apertado. Um pouco de confusão se seguiu. Victor tropeçou em Eddie devido à surpresa, e então Lissa tropeçou em Victor. O instinto fez Eddie pegar sua estaca, mas a minha já estava na mão. Eu a peguei assim que senti a náusea.

Havia Strigoi entre nós, no cassino.

# DEZ

E um deles... um deles...

“Não,” eu ofeguei, mesmo enquanto me dirigia àquele que estava mais próximo de mim – uma mulher. Parecia haver três Strigoi ao nosso redor.

Eddie também estava agindo, e nós dois estávamos tentando empurrar os Moroi para trás de nós. Eles não precisaram de muitos empurrões. Ao ver os Strigoi, os Moroi começaram a se afastar – criando meio que um funil. Entre os reflexos instantâneos de Eddie e os Moroi entrarem em pânico, eu tinha certeza que ninguém tinha notado o que eu já tinha visto.

Dimitri estava entre eles.

Não, não, não, eu disse, dessa vez para mim mesma. Ele tinha me avisado. De novo e de novo, ele falou em suas cartas que assim que eu estivesse fora da segurança das wards, ele viria atrás de mim. Eu acreditei nele, e mesmo assim... ver a realidade disso era uma coisa totalmente diferente. Fazia três meses, mas naquele instante, um milhão de memórias passaram em minha mente com uma clareza enorme. Meu cativo com Dimitri. O jeito como sua boca – tão, tão quente, apesar da pele fria – tinha me beijado. A sensação de suas presas se pressionando contra meu pescoço e a doce onde que se seguia...

Ele parecia exatamente o mesmo, também, com aquela pele branca e os olhos vermelhos que contrastavam com o cabelo castanho, na altura do seu queixo e as lindas feições de seu rosto. Ele até usava um casaco de couro. Deveria ser um novo, já que seu antigo casaco ficou bem rasgado na nossa última luta na ponte. Onde ele os conseguia?

“Para fora!” eu gritei. Minhas palavras eram para os Moroi, mesmo enquanto minha estaca atingia o coração da Strigoi. A

confusão momentânea com todos nós no hall tinha sido mais prejudicial para ela do que para mim. Eu tinha uma boa visão dela, e era claro que ela não esperava que eu fosse tão rápida. Eu matei muitos Strigoi porque eles me subestimaram.

Eddie não teve minha sorte. Ele tropeçou quando Victor o empurrou para passar por ele, o que permitiu que o outro Strigoi – um cara – perto da frente prendesse Eddie contra a parede. Ainda sim, esse era o tipo de coisa que enfrentávamos o tempo todo, e Eddie respondeu lindamente. Ele imediatamente se recuperou, e com os Moroí fora do caminho, Eddie conseguiu se jogar em direção ao Strigoi e lutar com ele.

E eu? Minha atenção estava em Dimitri.

Eu passei por cima da Strigoi caído sem nem olhar para ela. Dimitri ficou atrás, enviando seus servos para a linha da frente na batalha. Talvez fosse porque eu conhecia Dimitri tão bem, mas eu suspeitava que ele não estava surpreso por eu ter derrubado aquela ali tão rápido e que Eddie estava dificultando as coisas para o outro. Eu duvidava que Dimitri se importava com eles viverem ou morrerem.

“Eu te disse,” disse Dimitri, os olhos tanto divertidos quanto afiados. Ele estava observando todos os meus movimentos, cada um de nós subconscientemente espelhando o outro enquanto esperávamos uma abertura para atacar. “Eu te disse que te encontraria.”

“Yeah,” eu disse, tentando ignorar os gemidos de Eddie e do outro Strigoi. Eddie podia derrotá-lo. Eu sabia que ele podia. “Eu recebi os memorandos.”

Um fantasma de um sorriso curvou os lábios de Dimitri, mostrando as presas que, de alguma força, trazia uma mistura tanto de medo quanto de saudade em mim. Instantaneamente, eu deixei de lado esses sentimentos. Antes eu hesitei com Dimitri e quase morri por causa disso. Eu me recusei a deixar isso acontecer de novo, e a adrenalina passando por meu corpo servia como um bom lembrete de que era uma situação de vida ou morte.

Ele se moveu primeiro, mas eu esquivei – quase sentindo de que aquilo estava por vir. Esse era nosso problema. Nós conhecíamos um ao outro muito bem – conhecíamos os movimentos um do outro bem demais. É claro, isso dificilmente significava que éramos do mesmo nível. Mesmo quando vivo, ele tinha mais experiência do que eu, e a habilidade de Strigoi dele pesou na balança.

“Ainda sim, aqui está você,” ele disse, ainda sorrindo. “Tolamente saindo das proteções quando deveria ter ficado segura na Corte. Eu não consegui acreditar quando meus espiões me contaram.”

Eu não disse nada, ao invés disso tentei dar um golpe com minha estaca. Ele previu o movimento e se afastou. Ele ter espiões não me surpreendeu – mesmo durante o dia. Ele controlava uma rede de Strigoi e humanos, e eu sabia que ele tinha olhos e ouvidos observando a Corte. A pergunta era: Como diabos ele entrou nesse hotel no meio do dia? Mesmo com humanos observando o aeroporto ou monitorando o cartão de crédito como Adrian tinha feito, Dimitri e seus amigos Strigoi deveriam ter que esperar até o anoitecer para entrar aqui.

Não, não necessariamente, eu percebi um segundo depois. Os Strigoi ocasionalmente tinham improvisações. Caminhões e vans com cabines escuras e completamente seladas. Entradas subterrâneas. Moroi querendo ir para o cassino Witching Hour conheciam túneis secretos que conectavam certos prédios. Dimitri sabia de tudo isso também. Se ele esteve esperando que eu ficasse fora das wards, ele teria feito o que fosse necessário para me alcançar. Eu sabia melhor do que ninguém o quão cheio de recursos ele era.

Eu também sabia que ele estava tentando me distrair, conversando.

“E o mais estranho de tudo,” ele continuou. “Você não veio sozinha. Você trouxe Moroi. Você sempre se arriscou com sua própria vida, mas eu não esperava que você arriscasse a deles.”

Algo me ocorreu naquele momento. Fora o fraco zumbido do outro lado do cassino e dos sons da nossa luta, tudo estava quieto.

Estava faltando um barulho importante. Digamos, como, o alarme de incêndio da porta.

“Lissa!” eu gritei. “Saia daqui! Tire todos daqui.”

Ela deveria saber mais. Eles também deveriam saber melhor. A porta levava para os andares superiores – e para os inferiores. O sol ainda estava a pino. Não importava se o alarme iria trazer a segurança do hotel até nós. Diabos, isso podia até assustar os Strigoi. O que importava era que os Moroi fossem pra segurança.

Mas uma rápida checada com nosso laço me disse que havia um problema. Lissa estava congelada. Atordoada. Ela de repente viu com quem eu estava lutando, e o choque foi demais. Saber que Dimitri era um Strigoi era uma coisa. Ver – realmente, realmente ver – bem, era diferente. Eu sabia por experiência própria. Mesmo depois de estar preparada, sua aparência ainda me deixava nervosa. Ela estava cega, incapaz de se mover.

Só levou um segundo para que eu avaliasse os sentimentos dela, mas numa luta com um Strigoi, um único segundo podia ser a diferença entre vida e morte. A conversa de Dimitri tinha funcionado, e embora eu estivesse de olho e com a guarda alta, ele passou por ela e me empurrou contra a parede, as mãos prendendo meus braços tão dolorosamente que eu perdi meu aperto na estaca.

Ele colocou seu rosto no meu, tão perto que nossas testas se tocaram. “Roza...” ele murmurou. Sua respiração era quente e doce contra minha pele. Parecia como se devesse ter o cheiro de morte ou podridão, mas não. “Por quê? Por que você tinha que dificultar tanto? Poderíamos ter passado a eternidade juntos...”

Meu coração batia forte no peito. Eu estava com medo, aterrorizada da morte que eu sabia estar a segundos de distância. E ao mesmo tempo, eu estava cheia de pesar por ter perdido ele. Ver as feições em seu rosto, ouvir aquela mesma voz com sotaque que até mesmo agora se envolvia ao meu redor como veludo... eu senti meu coração se quebrando tudo de novo. Por quê? Por que isso aconteceu conosco? Por que esse universo era tão cruel?

Eu consegui pensar de novo, mais uma vez ignorar o fato de que este era Dimitri. Nós éramos predador e presa – e eu corria risco de ser comida.

“Desculpe,” eu disse através de dentes cerrados, empurrando com força – e falhando – em me soltar. “Minha eternidade não envolve ser parte da máfia dos mortos vivos.”

“Eu sei,” ele disse. Eu podia jurar que havia tristeza em seu rosto, mas mais tarde me convenci de que eu deveria ter imaginado. “Eternidade será solitária sem você.”

Um barulho agudo de repente me ensurdeceu. Nós duas fizemos uma careta. Barulhos cuja função era assustar os humanos eram horríveis para nossa audição sensível. Ainda sim, não pude evitar de me sentir aliviada. A porta de incêndio. Finalmente, aqueles idiotas – e sim, eu não tinha problema em chamar meus amigos de idiotas quando eles estavam agindo desse jeito – tinham saído do prédio. Eu senti a luz do sol através do nosso laço e me confortei em saber que eram as presas de Dimitri que perfurariam a artéria que derramaria minha vida, através do sangue em meu pescoço.

Eu esperava que o alarme o distraísse, mas ele era bom demais. Eu lutei mais uma vez, esperando usar a surpresa nele, mas não adiantou. O que o surpreendeu foi à estaca de Eddie o acertar no estômago.

Dimitri gemeu de dor e me soltou, se voltando em direção a Eddie. O rosto de Eddie era duro, sem vacilar. Se ver Dimitri o afetava, meu amigo não mostrou nada. Até onde eu sabia, Eddie não estava nem registrando que esse era Dimitri. Provavelmente o que ele via era um Strigoi. Era assim que éramos treinados. Ver monstros, não pessoas.

A atenção de Dimitri não esteve em mim, por um momento. Ele queria aproveitar minha morte. Eddie era simplesmente uma irritação que ele precisava descartar para continuar o jogo.

Eddie e Dimitri começaram uma dança similar àquela que eu estive com Dimitri mais cedo, só que Eddie não conhecia os golpes

de Dimitri como eu.

Então Eddie não era totalmente capaz de evitar que Dimitri agarrasse ele pelos ombros e o empurrasse contra parede. A manobra pretendia esmagar o crânio de Eddie, mas Eddie conseguiu se mexer o bastante para que seu corpo absorvesse todo o peso do impacto. Ainda doeu, mas ele estava vivo.

Tudo isso aconteceu num milésimo de segundo. E naqueles segundos, minha perspectiva mudou. Quando Dimitri esteve me atacando, prestes a me morder, eu consegui superar o impulso que me fazia pensar nele como Dimitri, a pessoa que uma vez eu conheci e amei. Sempre sendo forçada numa posição de vítima, com minha vida prestes a terminar, eu continuei a dizer a mim mesma para continuar a lutar.

Agora, observando outra pessoa lutar com Dimitri... ao ver a estaca de Eddie perto dele... bem, de repente, eu perdi toda aquela objetividade. Eu lembrava porque tinha vindo aqui. Eu lembrei o que tinha acabado de saber com Robert.

Frágil. Ainda era tudo tão frágil. Eu jurei a mim mesma de que se chegássemos ao ponto onde Dimitri estivesse prestes a me matar e eu não soubesse nada sobre salvar Strigoi, eu faria. Eu o mataria. E essa era minha chance. Entre Eddie e eu, nós poderíamos matar Dimitri. Poderíamos acabar com esse estado maligno, como uma vez ele queria.

Ainda sim... a menos de meia hora atrás, eu ganhei uma pequena esperança, de que Strigoi podem ser salvos. Verdade, a parte sobre usuários de espírito fazendo isso era absurda, mas Victor tinha acreditado. E se alguém como ele tinha acreditado...

Eu não podia fazer isso. Dimitri não podia morrer. Ainda não.

Eu joguei minha estaca, um duro golpe que raspou a ponta afiada na parte de trás da cabeça de Dimitri. Ele soltou um rugido de raiva e conseguiu virar e me empurrar enquanto ainda mantinha Eddie longe. Dimitri era assim tão bom. Mas a estaca de Eddie

estava se aproximando do coração de Dimitri, e o olhar do meu amigo era firme, com intenção de matá-lo.

A atenção de Dimitri se dividiu entre nós dois, e em um pequeno lapso – só meia respiração – eu vi Eddie pegar sua estaca, pronto para acertar Dimitri no coração. Um golpe que parecia que seria sucedido, se o meu falhasse.

E foi por isso, que em um segundo, eu joguei minha estaca, passando ela no rosto de Dimitri e jogando o braço de Eddie para o lado. Era um rosto lindo. Eu tive que marcá-lo, mas eu sabia que Dimitri se recuperaria. Quando eu fiz esse ataque, eu passei por ele, empurrando Eddie para que ele e eu tropeçássemos

em direção à porta de incêndio que ainda estava disparando seu alarme. O rosto de pedra de Eddie registrou surpresa, e por um momento ficamos num impasse: eu o empurrando em direção à porta, ele me empurrando em direção de Dimitri. Mas eu vi a hesitação. O posicionamento estava ruim, e Eddie estava prestes a me empurrar em direção a um Strigoi, o que seu treinamento não permitiria.

Mas Dimitri já estava aproveitando a oportunidade. A mão dele se esticou e agarrou meu ombro, tentando me puxar para trás. Eddie agarrou meu braço e me puxou para frente. Eu gritei de surpresa e dor. Parecia que eles iam me rasgar ao meio. Dimitri era de longe o mais forte, mas mesmo no meio, meu peso teve um papel, e eu emprestei minha força para Eddie, o que nos ajudou a recuperar terreno. Ainda sim, ele foi ganho devagar. Como andar em mel. A cada passo para frente, Dimitri me arrastava de volta.

Mas Eddie e eu estávamos fazendo um lento – e muito, muito doloroso – progresso em direção a porta. Alguns momentos depois, eu ouvi o barulho de pés e vozes. “Segurança,” rosnou Eddie, me dando um puxão.

“Merda,” eu disse.

“Você não pode ganhar,” Dimitri assoviou. Ele conseguiu botar as duas mãos no meu ombro agora, e estava nos sobrepujando.

“Oh, yeah? Estamos prestes a ter todo o esquadrão de ataque do Luxor aqui.”

“Estamos prestes a ter uma pilha de corpos aqui. Humanos,” ele disse com desprezo.

Aqueles humanos nos alcançaram. Eu não tinha certeza do que eles deviam estar pensando. Algum cara atacando adolescentes? Eles gritaram algo para nós todos deixarmos aquilo de lado e encarar a eles, algo que nós três ignoramos em nossa épica disputa de cabo de guerra. Então, eles devem ter agarrado Dimitri. Ele ainda estava me segurando, mas seu aperto se afrouxou o bastante para que um puxão mais forte de Eddie e um quase salto de minha parte e eu me libertei. Eddie e eu nem olhamos para trás, embora os seguranças estivessem gritando conosco também.

Eles não eram os únicos a gritar. Um instante antes que eu pudesse abrir a porta, eu ouvi Dimitri me chamar. E ele estava rindo. “Não está acabado, Roza. Você realmente pensa que existe um lugar no mundo onde você possa ir e eu não consiga achá-la?” O mesmo aviso, sempre o mesmo.

Eu fiz meu melhor para ignorar o medo que aquelas palavras me inspiravam. Eddie e eu fomos para o ar enevoado do deserto, assim como para a luz do sol que ainda estava lá, apesar de ser o início da noite. Estávamos no estacionamento do Luxor – o qual não estava cheio o bastante para servir de esconderijo. Sem comunicação falada, eu e ele fomos na direção do Strip ocupado, sabendo que nossas habilidades físicas superariam qualquer perseguidor humano e nos permitisse que sumíssemos nos bandos de gente.

Funcionou. Eu não sabia quantos tinham nos seguido. Imaginava que o pessoal da segurança devia estar focando seus esforços no cara alto matando gente no hotel deles. As vozes gritando atrás de nós sumiram, e Eddie e eu finalmente paramos diante do New York e, de novo, sem sequer falar, entramos imediatamente no hotel. Tinha um estilo bizarro e era mais movimentado que o Luxor, e nos misturamos facilmente até que encontramos um espaço vazio na parede do outro lado do hotel.

A corrida tinha sido dureza até para nós, e levou um tempo para recuperarmos o fôlego. Eu sabia que as coisas estavam sérias quando Eddie finalmente virou-se para mim e a raiva iluminou seu rosto. Eddie sempre foi o exemplo de calma e autocontrole, sempre desde seu primeiro sequestro por Strigoi ano passado. Isso havia deixado ele mais durão, mais determinado a encarar desafios. Mas, ah, ele estava furioso agora.

“O que diabos foi aquilo?” ele exclamou. “Você o deixou escapar!”

Eu usei minha melhor cara de durona, mas ele parecia estar me vencendo hoje. “O quê, perdeu a parte em que eu o cortava com minha estaca?”

“Eu tinha o coração dele na mira! Eu ia acertar, e você me impediu!”

“A segurança estava vindo. Não tínhamos tempo. Precisávamos sair, e eles não podiam ver nós matando.”

“Eu duvido que qualquer um deles tenha sobrevivido para falar qualquer coisa.” Eddie replicou mais calmamente. Ele parecia estar tentando readquirir sua compostura. “Dimitri deixou uma pilha de cadáveres ali. Você sabe disso. Pessoas morreram porque você não me deixou matar ele.”

Eu me arrepiei, percebendo que Eddie estava certo. Devia ter acabado ali. Eu não tinha dado uma boa olhada no número de seguranças. Quantos teriam morrido? O fato de que inocentes haviam morrido bastava. Mesmo um era demais. E era tudo culpa minha.

Meu silêncio fez Eddie pressionar para sua vantagem. “Como você foi esquecer aquela lição? Eu sei que ele costumava ser seu instrutor – costumava. Mas ele não é mais o mesmo. Eles colocaram isso nas nossas cabeças repetidas vezes. Não hesite. Não pense nele como uma pessoa de verdade.”

“Eu o amo!” Eu gritei sem querer. Eddie não sabia. Poucos eram aqueles que foram informados do meu romance com Dimitri e do

que houve na Sibéria.

“O quê?” Eddie exclamou com um sobressalto. Seu ultraje virou choque.

“Dimitri... é mais do que o meu instrutor...”

Eddie continuou me encarando por vários segundos. “Era,” ele disse por fim.

“Hã?”

“Ele era mais que o seu instrutor. Você amava ele.” A confusão momentânea de Eddie se foi. Ele estava de volta a ser um guardião puro de novo, sem simpatia. “Me desculpe, mas ele é passado, seja o que for que vocês tinham. Você devia saber disso. A pessoa que você amou se foi. O cara que acabamos de ver? Não é o mesmo.”

Eu balancei minha cabeça devagar. “Eu... eu sei. Eu sei que não é mais ele. Eu sei que ele é um monstro, mas podemos salvá-lo... se pudermos fazer o que Robert nos falou...”

Os olhos de Eddie se arregalaram e, por um momento, ele ficou estupefato. “É disso que tudo se trata? Rose, isso é ridículo! Você não pode acreditar nisso. Strigoi estão mortos. Eles se foram para nós. Robert e Victor te enganaram com um monte de porcaria.”

Agora, eu estava surpresa. “Então, por que você estava aqui? Por que veio conosco?”

Ele atirou as mãos para cima, exasperado. “Porque somos amigos. Eu continuei aqui no meio disso tudo... salvar Victor, ouvir seu irmão maluco... porque eu sabia que você precisava de mim. Todos vocês precisavam, para ajudar a mantê-los seguros. Eu achei que havia uma razão real para pegar Victor – e que você ia devolvê-lo. Isso soa insano? É, mas é normal para você. Você sempre tem boas razões para o que faz.” Ele suspirou. “Mas isso... é passar dos limites. Deixar Strigoi escapar para ir atrás de uma ideia – uma que pode não funcionar – é dez vezes pior do que fizemos com Victor. Cem vezes pior. Cada dia que Dimitri fica livre é outro em que pessoas morrem.”

Eu me deixei cair contra a parede e fechei meus olhos, sentindo o estômago embrulhar. Eddie tinha razão. Eu havia feito besteira. Eu prometi a mim mesma que mataria Dimitri se o encontrasse antes que pudéssemos utilizar a solução de Robert. Devia ter terminado hoje... mas eu havia hesitado. De novo.

Abri meus olhos e me ajeitei, precisando encontrar um novo propósito antes que eu começasse a chorar no meio do cassino. "Temos que achar os outros. Eles estão lá fora, desprotegidos."

Devia ser a última coisa que faria Eddie parar de me censurar. Nosso instinto de dever entrou em ação. Proteger Moroi.

"Sabe dizer onde Lissa está?"

Meu elo me manteve conectada a ela durante a fuga, mas eu não me permiti nada mais do que saber que ela estava viva e bem. Eu expandi a ligação mais um pouco. "Do outro lado da rua. Na MGM." Eu vira o hotel enorme quando entramos nesse, mas não notara que Lissa estava lá. Agora, podia senti-la, escondida entre a multidão como nós, assustada mas não ferida. Eu preferia que ela e os outros ficassem sob a luz do sol, mas o instinto a fez procurar abrigo entre paredes.

Eddie e eu não falamos mais em Dimitri e saímos, atravessando a rua movimentada. O céu estava ficando vermelho, mas eu ainda me sentia segura ali. Muito mais do que no corredor do Luxor. Com o elo, eu podia encontrar Lissa sempre e, sem hesitar, levei Eddie pelas voltas do MGM – honestamente, o layout desses lugares ficava cada vez mais confuso – até encontrar Lissa e Adrian perto de uma fileira de máquinas caça-níquel. Ele estava fumando. Ela me viu, saiu correndo e jogou seus braços ao meu redor.

"Ai meu Deus. Eu estava tão assustada. Não sabia o que houve com vocês. Eu odeio esse elo de mão única."

Eu forcei um sorriso. "Estamos bem."

"De um jeito meio machucado," observou Adrian, dando uma volta. Eu não duvidava disso. Na adrenalina de uma luta, era fácil

não notar os machucados e a dor. Mais tarde, quando a sede de batalha se ia, você começava a notar o que fizera ao seu corpo.

Eu estava tão feliz em ver a Lissa bem que deixei de notar o que Eddie já havia percebido. “Caras, onde estão Victor e Robert?”

A expressão feliz de Lissa desabou e mesmo Adrian parecia sombrio. “Maldição,” ele disse, sem precisar de explicações.

Lissa aquiesceu, olhos arregalados e perturbados. “Perdemos eles.”

# ONZE

Ah, bom. Perfeito.

Levou um tempo para que decidíssemos como agir em seguida. Discutimos algumas ideias bestas de como localizar Victor e Robert, todas elas sendo eventualmente rejeitadas. O telefone de Robert era celular e, embora a CIA pudesse rastrear esses, nós certamente não podíamos. Mesmo se o endereço de Robert estivesse na lista telefônica, eu sabia que Victor não voltaria lá com ele. E, embora Adrian e Lissa pudessem identificar a aura de um usuário de espírito, nós dificilmente poderíamos nos dar ao luxo de passear sem rumo por uma cidade e esperar que encontrássemos o que estávamos procurando.

Não, nós estávamos sem sorte com aqueles dois. Não havia nada a ser feito agora a não ser voltar para a Corte e encarar qualquer punição que estivesse nos aguardando. Nós – eu – havíamos feito besteira.

Com o pôr do sol se aproximando – e vendo que não tínhamos mais um criminoso conhecido para nos dar problemas – meu grupo decidiu, de mal humor, ir ao Witching Hour para fazer nossos planos de viagem. Lissa e eu tínhamos a chance de ser reconhecidas lá, mas garotas fugitivas não estavam na mesma categoria que traidores fugitivos. Decidimos jogar os dados (sem piadinhas) e andar perto dos guardiões ao invés de arriscar sofrer mais ataques de Strigoi antes que pudéssemos sair de Vegas.

O Witching Hour não era diferente de qualquer outro cassino para o qual tínhamos ido – exceto se você soubesse o que procurar. Humanos que estavam muito fascinados com jogos e enfeite não notavam que muitos dos outros clientes eram uniformemente altos, magros e pálidos. E quanto à dhampirs? Humanos não conseguiam

diferenciá-los. Era só a percepção misteriosa que Moroi e dhampirs possuíam que nos deixavam saber quem era quem.

Espalhados entre as multidões que torciam, tagarelavam e – às vezes – gemiam, estavam os guardiões. Do jeito que os guardiões eram poucos hoje em dia, poucos eram os que podiam guardar um lugar como esse em tempo integral. Por sorte, seus números eram reforçados pelos ricos e poderosos que vinham jogar. Moroi excitados faziam algazarra sobre máquinas caça-níqueis ou roletas enquanto guardiões vigilantes e silenciosos rondavam por trás deles, observando tudo. Nenhum Strigoi viria aqui.

“E agora?” perguntou Lissa, quase gritando por causa do barulho. Foi a primeira vez que qualquer um de nós falou desde que chegamos aqui. Paramos perto de algumas mesas de vinte e um, bem no centro de tudo.

Eu suspirei. Meu humor estava tão ruim que eu nem precisava dos efeitos colaterais do espírito. Eu perdi Victor, eu perdi Victor. Minhas acusações mentais estavam em uma repetição infinita.

“Achamos o centro de negócios deles e reservamos nossas passagens para fora daqui,” eu disse. “Dependendo de quanto demoremos para pegar um voo, podemos acabar precisando alugar um quarto de novo.”

Os olhos de Adrian estavam analisando as atividades ao nosso redor, demorando-se mais em um dos muitos bares. “Não mataria se passássemos um pouco de tempo aqui.”

Eu estourei. “Mesmo? Depois de tudo pelo que passamos, isso é tudo em que você pode pensar?”

Seu olhar encantado voltou-se para mim e tornou-se uma careta. “Tem câmeras aqui. Pessoas que podem reconhecê-la. Obter provas concretas de que você estava em um cassino e não no Alasca pode ser uma coisa boa.”

“Verdade,” eu admiti. Acho que o típico ar tranquilo de Adrian estava mascarando seu desconforto. Além de descobrir porque eu realmente viera a Vegas, ele fora atacado por Strigoi – dentre eles,

Dimitri. Isso nunca era uma experiência fácil para Moroi. “Apesar de não termos um alibi pela hora em que estávamos de fato no Alasca.”

“A menos que Victor não seja visto por aqui, ninguém vai ligar uma coisa à outra.” A voz de Adrian tornou-se amarga. “O que nos mostra o quão idiotas eles realmente são.”

“Nós ajudamos a prender Victor,” disse Lissa. “Ninguém imaginaria que somos loucos o bastante pra tirá-lo da cadeia.”

Eddie, sem falar nada, me lançou um olhar penetrante.

“Está decidido,” disse Adrian. “Alguém vai reservar nossas passagens. Eu vou comprar uma bebida e testar minha sorte nos jogos. O universo me deve um pouco de boa sorte.”

“Eu vou conseguir as passagens,” disse Lissa, observando um aviso que indicava as direções das mesas de bilhar, banheiros – e do centro de negociações.

“Eu vou com você,” disse Eddie. Enquanto antes sua expressão era acusadora, agora ele parecia estar realmente evitando me olhar.

“Ótimo,” eu disse, cruzando os braços. “Me informe quando vocês terminarem e nós vamos achá-los.” Isso foi para Lissa, significando que ela me diria através do elo.

Convencido de que estava livre, Adrian foi direto para o bar, eu atrás dele.

“Um Tom Collins,” ele disse ao atendente Moroi. Era como se Adrian tivesse um dicionário mental de coquetéis e fosse tirando eles um a um. Eu nunca o vira pedir a mesma coisa duas vezes.

“Você quer ele misturado?” o bartender perguntou. Ele vestia uma camisa branca e gravata borboleta preta, e mal parecia ser mais velho que eu.

Adrian fez uma careta. “Não.”

O bartender deu de ombros e se virou para fazer a bebida. “Misturado” era o código Moroi para colocar sangue em uma bebida. Havia algumas portas atrás do bar, que provavelmente davam nos alimentadores. Olhando em volta, eu via Moroi alegres rindo com

suas bebidas avermelhadas. A maioria – como Adrian, aparentemente – não bebiam sangue a menos que fosse “direto da fonte”. Supostamente, o sabor era diferente.

Enquanto esperávamos, um Moroi mais velho perto de Adrian olhou para mim e assentiu com aprovação. “Você conseguiu uma boa,” ele disse a Adrian. “Jovem, mas essa é a melhor forma.” O cara, que estava bebendo vinho tinto ou sangue puro, acenou com a cabeça para os outros de pé no bar. “A maioria dessas é usada e estragada.”

Eu acompanhei seu olhar, embora não precisasse. Entre os humanos e Moroi havia várias dhampirs, vestidas glamorosamente com vestidos de seda e veludo que deixavam pouco espaço para a imaginação. A maioria era mais velha que eu. As que não eram tinham um olhar cansado, apesar da risada sedutora. Meretrizes de sangue. Eu encarei o Moroi.

“Não se atreva a falar delas assim, ou eu irei esmagar essa taça com seu rosto.”

Ele arregalou os olhos e voltou-se para Adrian. “Irritadinha.”

“Você não tem ideia,” ele respondeu. O bartender voltou com seu Tom Collins. “Ela teve um dia bem ruim.”

O babaca Moroi não olhou novamente para mim. Parecia que ele não havia levado minha ameaça tão a sério quanto devia. “Todos nós estamos tendo um dia ruim. Você ouviu as notícias?”

Adrian mostrou-se relaxado e divertido enquanto tomava um gole de sua bebida. “Que notícias?”

“Victor Dashkov. Você sabe, o cara que sequestrou a garota Dragomir e estava tramando contra a rainha? Ele fugiu.”

Adrian ergueu uma sobrancelha. “Fugiu? Que loucura. Eu ouvi dizer que o lugar em que ele estava era de segurança máxima.”

“E era. Ninguém sabe o que houve. Supõe-se que havia humanos envolvidos... e então, a história fica estranha.”

“Estranha como?” eu perguntei.

Adrian passou um braço ao meu redor, o que eu suspeitava ser uma mensagem silenciosa para deixar que ele falasse. Se isso era porque ele supunha ser esse o modo correto de uma Meretriz de sangue agir ou se ele temia que eu socasse o cara, eu não sabia dizer.

“Um dos guardas estava envolvido – embora ele afirme ter sido controlado. Convenientemente, ele também afirma que estava tudo confuso e que não conseguia se lembrar de muita coisa. Eu ouvi isso de alguns membros da realeza que estão ajudando nas investigações.”

Adrian riu, tomando um grande gole de sua bebida. “Isso é mesmo conveniente. Para mim, isso soa como algo feito por alguém lá de dentro. Victor tinha muita grana. O bastante para subornar um guarda. Deve ter sido isso que aconteceu.”

Havia uma leveza gostosa na voz de Adrian, e o olhar do outro cara ficou vago. Eu percebi que Adrian usara um pouco de compulsão. “Aposto que você está certo.”

“Você devia contar a seus amigos da realeza,” acrescentou Adrian. “Isso foi obra de alguém de dentro.”

O cara concordou com convicção. “Eu vou.”

Adrian manteve seu olhar por mais alguns instantes e então voltou-se para seu Tom Collins. O olhar bobo do cara sumiu, mas eu sei que a ordem de Adrian se manteria ativa. Adrian terminou sua bebida e deixou o copo vazio no bar. Ele ia falar de novo quando alguma coisa do outro lado lhe chamou a atenção. O Moroi também percebeu, e eu segui seus olhares para ver o que lhes deixara assim.

Eu grunhi. Mulheres, é claro. No começo, achei que fossem dhampirs, já que minha raça fazia a maior parte do agrado para os olhos aqui. Uma observação melhor me surpreendeu: elas eram Moroi... Showgirls Moroi, para ser mais exata. Havia várias delas, usando vestidos paetê parecidos, todos curtos e de corte baixo. Só que cada vestido era de uma cor diferente: azul-pavão, cobre... penas e bijuterias enfeitavam seus cabelos, e elas sorriam e davam

risada enquanto passavam pela multidão espantada, bonitas e sensuais de formas diferentes das da minha raça.

O que não era surpresa. Eu costumava notar homens Moroí babando por dhampirs mais comumente simplesmente porque eu era dhampir. Mas naturalmente, Moroí eram atraídos e enfeitados por suas próprias mulheres. Era como sua raça sobrevivia e, embora homens Moroí gostassem de se divertir com dhampirs, eles quase sempre terminavam com uma da própria raça.

As showgirls eram altas e graciosas, e seu visual brilhante e energético me dava à impressão de que elas estavam para se apresentar. Podia imaginar que linda dança elas deviam fazer. Eu podia apreciar isso, mas Adrian podia ainda mais, a julgar por seu olhar. Eu dei uma cotovelada nele.

“Ei!”

A última das garotas desapareceu entre a multidão do cassino, entrando em uma sala onde dizia “teatro”, como eu suspeitara. Adrian voltou-se para mim, com um sorriso cafageste.

“Olhar não tira pedaço.” Ele deu um tapinha no meu ombro.

O Moroí perto dele assentiu em concordância. “Eu acho que vou assistir o show hoje.” Ele brincou com a taça. “Todo esse negócio de Dashkov e a confusão com os Dragomirs... me dá pena do pobre Eric. Ele era um homem bom.”

Eu tinha um olhar de dúvida. “Você conheceu o pai de Liss – Eric Dragomir?”

“Claro.” O Moroí pediu que enchessem novamente o copo. “Eu fui o gerente daqui por anos. Ele vinha o tempo todo. Acredite, ele gostava dessas meninas.”

“Você está mentindo.” Eu respondi com frieza. “Ele adorava sua esposa.” Eu vi os pais de Lissa juntos. Mesmo jovem, eu podia ver quão apaixonados eles estavam.

“Eu não estou dizendo que ele fazia alguma coisa. Como seu namorado disse, olhar não tira pedaço. Mas muitos sabiam que o

príncipe dos Dragomir gostava de fazer festas onde quer que ele fosse – especialmente se havia companhia feminina.” Ele suspirou e ergueu a taça. “Uma pena o que aconteceu com ele. Espero que peguem o cretino do Dashkov e deixem a menininha de Eric em paz.”

Eu não gostei das insinuações que esse cara fazia quanto ao pai da Lissa e fiquei grata que ela não estivesse por perto. Eu estava incomodada porque havíamos descoberto recentemente que Andre, o irmão dela, também era um festeiro que fazia bobagens e quebrava corações. Será que isso era da família? O que Andre fez não foi certo, mas havia uma grande diferença entre os feitos de um adolescente e os de um homem casado. Eu não gostava de admitir, mas mesmo os homens mais apaixonados olhavam outras garotas sem trair. Adrian era a prova viva disso. Ainda assim, achei que Lissa não gostaria da ideia de ter seu pai flertando com outras mulheres. A verdade sobre Andre foi dura o bastante, e eu não queria que nada destruísse as memórias angelicais quanto aos pais dela.

Eu olhei para Adrian de forma a mostrar que mais conversa com esse cara e eu iria partir para a briga. Eu não queria estar ali se Lissa viesse nos procurar. Adrian, sempre mais astuto do que demonstrava, sorriu para mim.

“Então, meu amor, devíamos testar nossa sorte? Algo me diz que você vai contra todas as probabilidades – como sempre.”

Eu lhe encarei com cara fechada. “Ótimo.”

Adrian piscou para mim e se levantou. “Foi bom falar com você,” ele disse ao Moroi.

“Você também,” ele disse. A compulsão estava deixando ele. “Você devia vesti-la melhor, sabe.”

“Não estou interessado em colocar roupas nela,” Adrian respondeu enquanto me levava para longe.

“Cuidado,” eu alertei entre dentes serrados, “ou você pode ser aquele com uma taça no rosto.”

“Estou fazendo minha parte, pequena dhampir, que é deixá-la longe de encrenca.” Paramos perto da sala de pôquer do cassino, e Adrian me olhou da cabeça aos pés. “O cara estava certo sobre suas roupas, para falar a verdade.”

Eu apertei meus dentes. “Eu não acredito que ele falou aquelas coisas sobre o pai da Lissa.”

“Fofoca e rumores nunca se vão – você devia saber isso melhor do que ninguém. Não importa se estiver morto. E, para falar a verdade, aquela conversa foi para o nosso – e com isso, quero dizer o seu – proveito. Mais gente deve estar imaginando que aquilo foi feito por alguém de dentro. Se o cara ajudar isso a se espalhar mais ainda, isso vai assegurar que ninguém sequer imagine que a guardiã mais perigosa do mundo estava envolvida.”

“Eu imagino.” Com esforço, eu me acalmei. Eu sempre fui pronta para a ação, e sabia que os pedaços de escuridão que eu tomei de Lissa nas últimas quarenta e oito horas fizeram aquilo piorar, como eu temia. Mudei de assunto, buscando terreno mais seguro. “Você está sendo bem legal agora, considerando o jeito que estava antes.”

“Eu não estou tão feliz, mas eu pensei um pouco,” ele respondeu.

“Ah, é? Se importaria em me esclarecer isso?”

“Aqui, não. Vamos conversar depois. Temos coisas mais importantes para nos preocupar.”

“Como encobrir um crime e cair fora dessa cidade sem ser atacados por Strigoi?”

“Não. Como eu ganhar dinheiro.”

“Você está louco?” Perguntar isso para Adrian nunca era uma boa ideia. “Acabamos de escapar de um bando de monstros sedentos por sangue, e tudo em que você consegue pensar são apostas?”

“O fato de estarmos vivos significa que devemos viver,” ele retrucou. “Especialmente se estamos com tempo em nossas mãos.”

“Você não precisa de dinheiro algum.”

“Eu vou, se meu pai me deserdar. Além disso, é tudo uma questão de apreciar o jogo.”

Logo que, para Adrian, apreciar o jogo significava trapacear. Isso se você considerar usar espírito como uma trapaça. Como havia muito poder mental no espírito, seus usuários eram bons em ler as pessoas. Victor estava certo. Adrian brincou e continuou pedindo bebidas, mas eu sabia que ele estava prestando muita atenção nos outros. E, por mais que ele fosse cuidadoso para não dizer nada de forma direta, suas expressões falavam por ele – confiante, incerto, irritado. Sem palavras, ele ainda era capaz de usar compulsão e blefar.

“Já volto,” eu disse, sentindo o chamado de Lissa.

Ele acenou para mim, sem se incomodar. Eu também não estava preocupada com sua segurança, já que havia guardiões no recinto. O que me preocupava é que um trabalhador do cassino percebesse sua compulsão e nos expulsasse. Usuários de espírito eram mais poderosos com ela, mas todos os vampiros podiam fazer aquilo até um certo ponto. Usá-la era considerado imoral, então foi banido pelos Moroi. Um cassino certamente tinha motivos para observar esse tipo de poder.

O centro de negócios era perto da sala de pôquer, e eu encontrei Lissa e Eddie bem rápido. “Qual o relatório?” eu perguntei enquanto voltávamos.

“Temos um voo pela manhã,” disse Lissa. Ela hesitou. “Podíamos ir essa noite, mas...”

Ela não precisava completar a frase. Depois de tudo pelo que passamos hoje, ninguém queria correr o menor risco de encontrar Strigoi. Ir para o aeroporto só exigiria um táxi, mas mesmo assim, queria dizer que precisaríamos estar lá fora na escuridão.

Eu sacudi a cabeça e os levei à sala de pôquer. “Você fez a coisa certa. Temos que matar tempo agora... você quer arranjar um quarto e dormir um pouco?”

“Não.” Ela estremeceu, e eu senti o medo dela. “Eu não quero sair de perto da multidão. E eu tenho medo dos meus sonhos.”

Adrian podia fingir não se importar com os Strigoi, mas aqueles rostos ainda atormentavam Lissa – especialmente o de Dimitri. “Bem,” eu disse, tentando

fazê-la se sentir melhor, “ficar de pé vai nos ajudar a voltar à rotina da Corte. Você também pode assistir Adrian ser atirado pra fora pela segurança do cassino.”

Como eu esperava, ver Adrian trapacear usando espírito distraiu Lissa – tanto que ela quis tentar também. Ótimo. Eu pedi a ela para tentar jogos mais seguros e recaptulei sobre como Adrian plantara a ideia de que a fuga da prisão era obra de gente de dentro dela na cabeça daquele Moroí. Eu deixei de lado a parte sobre o pai de Lissa. A noite, por um milagre, passou sem incidentes – por conta dos Strigoi ou da segurança – e algumas pessoas até reconheceram Lissa, o que ajudaria com nosso álibi. Eddie não falou comigo a noite inteira.

Deixamos o Witching Hour de manhã. Nenhum de nós estava feliz por perder Victor ou por causa do ataque, mas o cassino melhorou nosso humor um pouco – ao menos até chegarmos ao aeroporto. No cassino, recebemos muitas notícias dos Moroí, isolados do mundo humano. Mas, enquanto esperávamos por nosso avião, não podemos evitar assistir às TVs que estavam por toda a parte.

A manchete era sobre um assassinato em massa no Luxor, um que não deixara pistas para a polícia. A maioria dos guardas do cassino envolvidos tiveram os pescoços quebrados, e nenhum outro corpo foi encontrado. Minha teoria era que Dimitri atirara seus companheiros para fora, onde eles seriam queimados pelo sol até virar cinzas. Enquanto isso, o próprio tinha escapado sem deixar testemunhas. Mesmo as câmeras não gravaram nada, o que não me surpreendeu. Se eu podia desligar a vigilância da prisão, Dimitri poderia fazer o mesmo com um hotel humano.

Qualquer melhora de humor que conseguíamos sumiu em um instante e não falamos muito. Me mantive longe da cabeça de Lissa porque não precisava dos sentimentos depressivos dela intensificando os meus.

Arranjamos um voo direto para a Filadélfia e então pegaríamos outro com escala no aeroporto perto da Corte. O que teríamos que encarar quando chegássemos... bem, esse devia ser o menor dos nossos problemas.

Eu não estava preocupada com Strigoi invadindo o avião em plena luz do dia, e sem prisioneiros para vigiar, eu me permiti um sono merecido. Não conseguia me lembrar da última vez que consegui isso durante a viagem. Meu sono era pesado, mas meus sonhos foram assombrados pelo fato de que eu deixei um dos criminosos Moroi mais perigosos escapar e permiti que um Strigoi ficasse à solta e matasse um bando de humanos. Eu não responsabilizei nenhum dos meus amigos. O desastre era toda culpa minha.

# DOZE

O que se confirmou quando finalmente voltamos a Corte Real.

É claro, eu não era a única com problemas. Lissa foi chamada para falar com a rainha, embora eu soubesse que ela não sofreria nenhum punimento. Diferente de Eddie e eu. Podíamos ter saído da escola, mas tecnicamente estávamos sobre a jurisdição dos guardiões agora, o que significava que enfrentamos tantos problemas quanto um empregado desobediente. Apenas Adrian escapou sem consequências. Ele era livre para fazer o que quisesse.

E na verdade, meu punimento não foi tão ruim quanto poderia ter sido. Honestamente, o que eu tinha para perder nesse ponto? Minhas chances de guardar Lissa já eram mínimas, e ninguém me queria como guardiã, a não ser Tasha mesmo. Um final de semana louco em Las Vegas – que era nosso disfarce – dificilmente era o bastante para fazer ela desistir de mim. Mas foi o bastante, no entanto, para fazer alguns dos “pretendentes” de Eddie desistirem de requisitar ele como guardião. Muitos ainda o queriam para ele perder uma boa posição, mas eu me senti muito culpada. Ele não disse nada sobre o que tínhamos feito, mas toda vez que eu olhava em seus olhos, eu podia ver a condenação em seus olhos.

Eu o vi muito nos dias seguintes. Os guardiões tinham um sistema para lidar com aqueles que desobedeciam.

“O que você fez foi tão irresponsável que é melhor você voltar para a escola. Diabos, voltar para o jardim de infância.”

Nós estávamos em um dos escritórios da central dos guardiões, ouvindo gritos de Hans Croft, o cara no comando de todos os guardiões da Corte e alguém que era importante nas designações dos guardiões. Ele era um dhampir com 50 e poucos anos, com um enorme bigode grisalho e branco. Ele também era um idiota. O cheiro de cigarro sempre o acompanhava. Eddie e eu estávamos

sentados na frente dele, enquanto ele andava de um lado para o outro com as mãos nas costas.

“Vocês poderiam ter matado a última Dragomir – sem mencionar o garoto Ivashkov. Como vocês acham que a rainha teria reagido ao saber da morte do seu sobrinho-neto? E olha quando vocês fizeram isso! Vocês vão passear justo quando o cara que tentou sequestrar a princesa fugiu. Não que vocês soubessem disso, já que vocês provavelmente estavam muito ocupados jogando nos caça-níqueis, e usando identidades falsas.”

Eu fiz uma careta quando ele falou de Victor, embora eu suponho que deveria estar aliviada por estar longe de qualquer suspeita relacionada a fuga dele. Hans leu minha careta como uma admissão de culpa.

“Vocês podem ter se formado,” ele declarou, “mas isso não significa que vocês são invencíveis.”

Todo esse encontro me lembrou de quando Lissa e eu voltamos para St. Vladimir, quando fomos repreendidas pela mesma coisa: inconsequentes fugindo e colocando em risco a vida dela. Só que dessa vez, não havia um Dimitri para me defender. Aquela memória fez um calombo se formar na minha garganta enquanto eu lembrava do seu rosto, sério e lindo, aqueles olhos castanhos intensos e apaixonantes enquanto ele me defendia e convencia outros do meu valor.

Mas não. Dimitri não estava aqui. Era apenas Eddie e eu sozinhos, enfrentando as consequências do mundo real.

“Você.” Hans apontou o dedo para Eddie. “Você pode ter sorte o bastante de sair disso sem muitas repercussões. Claro, você terá, para sempre, uma mancha negra no seu currículo. E você estragou totalmente suas chances de algum dia ter uma posição de elite na realeza, com os outros guardiões te apoiando. Mas você provavelmente vai ter algum trabalho. Trabalhar sozinho com algum nobre menos importante, provavelmente.”

Pessoas muito importantes da realeza tinham mais de um guardião, o que sempre facilitava a proteção. Onde Hans queria chegar era que a designação de Eddie seria sozinha – criando mais trabalho e perigo para ele. Dando a ele um olhar lateral, eu vi aquele olhar duro e determinado em seu rosto de novo. Ela parecia dizer que ele não se importava de ter que guardar uma família sozinho. Ou até dez famílias. Na verdade, ele passava aquela sensação de que eles podiam largar ele num ninho de Strigoi e ele mataria todos.

“E você.” A voz afiada de Hans fez meu olhar voltar pra ele. “Você terá sorte de sequer ter um trabalho.”

Como sempre, eu falei sem pensar. Eu devia ter ficado quieta, como Eddie. “É claro que terei um. Tasha Ozera me quer. E vocês tem poucos guardiões para me fazer ficar sem fazer nada.”

Os olhos de Hans brilharam com uma diversão amarga. “Sim, temos poucos guardiões, mas existe todo tipo de trabalho a ser feito – não apenas proteção

peçoal. Alguém tem que ser parte da nossa equipe em nossos escritórios. Alguém tem que guardar os portões da frente.”

Eu congelei. Um trabalho administrativo. Hans estava me ameaçando com trabalho administrativo. Sempre imaginei ser horrível guardar um Moroi qualquer, alguém que eu não conhecesse e pudesse odiar. Mas em qualquer desses cenários, eu estaria no mundo. Eu estaria em ação. Eu estaria lutando e defendendo.

Mas isso? Hans tinha razão. Guardiões eram necessários para as funções administrativas da Corte. É verdade, eles só tem alguns – nós somos muito valorosos – mas alguém tinha que fazer isso. Um desses alguém ser eu, era muito horrível para compreender. Ficar sentada o dia todo durante horas e horas... como os guardiões em Tarasov. A vida de um guardião tem todo tipo de tarefa – nada glamorosa – mas necessária.

Aquilo realmente, realmente entendia que eu estava no mundo real. Medo passou por mim. Eu tinha recebido o título de guardiã quando me formei, mas eu realmente entendia o que significava? Eu

estive brincando de faz de conta – aproveitando as vantagens e ignorando as consequências? Eu estava fora da escola. Não haveria detenção para isso. Isso era real. Isso era vida ou morte.

Meu rosto deve ter mostrado meus sentimentos. Hans deu um pequeno e cruel sorriso. “Isso mesmo. Temos todo tipo de jeito para lidar com gente que faz confusão. A sua sorte, é que seu destino está sendo decidido. E enquanto isso, tem muito trabalho que precisa ser feito por aqui e vocês dois vão ajudar com isso.”

Aquele “trabalho” nos próximos dias acabou sendo trabalho manual. Honestamente, não era muito diferente de uma detenção, e eu tinha certeza que ela tinha sido criada para dar algo horrível para os infratores, como nós, para fazer. Trabalhávamos doze horas por dia, na maior parte do lado de fora transportando pedras e sujeira para fazer um novo jardim para algumas casas da corte. Algumas vezes éramos colocados num serviço de limpeza, esfregando o chão. Eu sabia que eles tinham trabalhadores Moroi para esse tipo de coisa, e provavelmente eles estavam ganhando férias agora.

Ainda sim, era melhor do que o outro trabalho que Hans teria nos dado: arrumar e preencher montanhas e mais montanhas de papel. Isso me deu uma nova perspectiva sobre a informação virar digital... e de novo me fez me preocupar com o futuro. De novo e de novo, eu fiquei pensando sobre minha conversa inicial com Hans. A ameaça de que essa poderia ser minha vida. De que eu nunca seria uma guardiã – no verdadeiro sentido – nem de Lissa, nem de outro Moroi. Através do meu treinamento, sempre tivemos um mantra: Eles

vem primeiro. Se eu realmente tinha estragado meu futuro, eu teria um novo mantra: A vem primeiro, depois B, C, D...

Aqueles dias de trabalho me mantiveram longe de Lissa, e a equipe dos nossos respectivos prédios se certificaram de nos manter separadas, também. Era frustrante. Eu podia saber como ela estava através de nossa ligação, mas eu queria conversar com ela. Eu queria falar com qualquer um. Adrian também ficou longe e não se incomodou com sonhos, me fazendo perguntar como ele se sentia.

Nunca tivemos nossa “conversa” depois de Las Vegas. Eddie e eu geralmente trabalhávamos lado a lado, mas ele não estava falando comigo, o que me deixava horas apenas com meus próprios pensamentos e culpa.

E acredite em mim, eu tinha muitas coisas para intensificar minha culpa. Pela Corte, as pessoas não notam trabalhadores. Então sempre que eu estava na rua, ou dentro de um prédio, as pessoas sempre falavam como se eu não estivesse ali. O maior assunto era Victor. O perigoso Victor Dashkov estava solto. Como pode ter acontecido? Ele tinha poderes que ninguém sabia? As pessoas estavam com medo, algumas até convencidas de que ele iria aparecer na Corte e tentar matar todos enquanto dormiam. A teoria do “trabalho interno” também estava em alta, o que continuou a nos manter livre de suspeita. Infelizmente, isso significava que muitas pessoas estavam preocupadas com traidores entre nós. Quem sabia quem devia estar trabalhando para Victor Dashkov? Espiões e rebeldes poderiam estar espreitando na Corte, planejando todo tipo de atrocidades. Eu sabia que todas as histórias eram exageradas, mas não importava. Todas vinham de uma verdade: Victor Dashkov estava andando no mundo como um homem livre. E apenas eu – e meus cúmplices – sabíamos que era tudo por minha causa.

Ser vista em Las Vegas tinha nos dado um álibi para a fuga da prisão e tinha feito parecer o que fizemos ainda mais tolo. As pessoas estavam horrorizadas por nós termos deixado a princesa Dragomir fugir enquanto um homem perigoso estava a solta – o homem que a tinha atacado! Graças a Deus, todos diziam, que a rainha tinha nos tirado de lá antes de Victor nos encontrar. A viagem a Las Vegas também tinha aberto toda uma linha de especulação – uma que me envolvia, pessoalmente.

“Bem, isso não me surpreende em relação à Vasilisa,” eu ouvi uma mulher dizer, enquanto estava trabalhando ao ar livre um dia. Ela e alguns amigos estavam andando em direção ao prédio dos alimentadores, e nem me viu. “Ela fugiu antes, não é? Esses Dragomirs podem ser bem selvagens. Ela provavelmente vai direto para a primeira festa que encontrar, assim que acharem Dashkov.”

“Você está errada,” sua amiga disse. “Não é por isso que ela fugiu. Ela na verdade é bem centrada. É aquela dhampir que sempre anda com ela – a garota Hathaway. Eu ouvi que ela e Adrian Ivashvok foram para Las Vegas para fugir. O pessoal da rainha quase não chegou em tempo de impedi-los. A Tatiana está furiosa, especialmente já que Hathaway declarou que nada vai manter ela e Adrian separados.”

Whoa. Isso era meio que um choque. Eu quero dizer, eu acho que é melhor que as pessoas pensem que Adrian e eu estávamos fugindo do que nos acusarem de ajudar um fugitivo, mas ainda sim... eu fiquei meio surpresa por ver como tinham chego a essa conclusão. Eu esperava que Tatiana não tivesse ouvido sobre nossa “fuga”. Eu tinha certeza que isso iria estragar qualquer progresso que ela e eu tínhamos feito.

Meu primeiro contato social de verdade veio de uma fonte nada provável. Eu estava colocando terra em um canteiro de flores e suando feito louca. Já era quase hora de dormir para os Moroi, o que significava que o sol estava a pino em toda sua glória de verão. Nós pelo menos tínhamos uma bonita visão enquanto trabalhávamos: a gigante igreja da Corte.

Eu passei muito tempo na capela da Academia, mas raramente visitei essa igreja já que ela ficava longe dos prédios principais da Corte. Ela era russa ortodóxica – a religião predominante entre os Moroi – e me lembrava muito algumas das catedrais que eu vi quando estava na Rússia, embora não fosse tão grande quanto. Ela era feita de lindos trabalhos em pedra, suas torres tinham grandes domos de azulejo verde e cruces dourada.

Dois jardins marcavam os limites distantes do enorme terreno da igreja, um dos quais estávamos trabalhando. Perto de nós havia um dos incríveis enfeites da corte: uma estátua gigante de uma antiga rainha Moroi que era quase 10 vezes maior que eu. Uma estátua igual, de um rei, estava do lado oposto. Eu nunca conseguia lembrar seus nomes mas tinha certeza que tinha aprendido sobre eles nas

aulas de história. Eles foram visionários, mudando o mundo Moroí de sua época.

Uma figura apareceu na minha visão periférica, e eu assumi que era Hans vindo nos dar outro horrível sermão. Olhando para cima, eu fiquei surpresa por ver Christian.

“Previsível,” eu disse. “Você sabe que vai ter problemas se alguém te vir falando comigo.”

Christian deu de ombros e sentou na ponte de um muro de pedra. “Duvido. É você e eu se metendo em problemas, e eu não acho que as coisas podem piorar pra você.”

“Verdade,” eu grunhi.

Ele ficou sentado ali por vários segundos, me observando cavar a pilha de terra. Finalmente ele perguntou, “Ok. Então, como você fez aquilo?”

“Fiz o que?”

“Você sabe exatamente o que. Sua pequena aventura.”

“Pegamos um avião e voamos até Las Vegas. Por quê? Hmm. Vamos pensar.” Eu parei para limpar o suor da minha testa. “Porque onde mais você vai encontrar hotéis com tema de piratas e bartenders que não olham muito sua identidade?”

Christian zombou. “Rose, não minta para mim. Você não foi para Las Vegas.”

“Temos as passagens de avião e a nota do hotel para provar, sem mencionar as pessoas que viram a princesa Dragomir ganhar nos caça-níqueis.”

Minha atenção estava no meu trabalho, mas eu suspeitava que Christian estava balançando a cabeça em exaspero. “Assim que ouvi que três pessoas tiraram Victor Dashkov da prisão, eu sabia que era você. Três de vocês sumidos? Não tenho dúvidas.”

Não muito longe, eu vi Eddie ficar duro e olhar ao redor inquieto. Eu fiz o mesmo. Eu podia estar desesperada por um contato social, mas não arriscando alguém nos ouvir. Nosso crime faria limpar os

jardins parecerem férias. Estávamos sozinhos, mas eu ainda baixei minha voz e tentei ficar com um rosto honesto.

“Eu ouvi dizer que foram humanos contratados por Victor.” Essa era outra teoria correndo selvagem, assim como essa: “Na verdade, acho que ele se transformou em Strigoi.”

“Certo,” Christian disse depreciativamente. Ele me conhecia bem demais para acreditar em mim. “E eu também ouvi que um dos guardiões não lembra o que o fez atacar seus amigos. Ele jura estar sobre controle de alguém. Qualquer um que tinha esse tipo de compulsão poderia fazer outros parecerem humanos, mímicos, cangurus...”

Eu me recusei a olhar para ele joguei a pá com força no chão. Eu mordei meu lábio para não soltar nenhuma resposta raivosa.

“Ela fez isso porque acha que os Strigoi podem voltar a sua forma original.”

Minha cabeça se ergueu, e eu encarei Eddie descrente, surpresa por ele ter dito. “O que você está fazendo?”

“Dizendo a verdade,” respondeu Eddie, sem parar de trabalhar. “Ele é nosso amigo. Você acha que ele vai nos dedurar?”

Não, o rebelde Christian Ozero não ia nos dedurar. Mas isso não significava que eu queria que isso vazasse. É um fato da vida: Quanto mais pessoas sabem um segredo, mais provavelmente ela vai vazar.

Previsivelmente, a reação de Christian não foi muito diferente de todo mundo. “O que? Isso é impossível. Todo mundo sabe disso.”

“Não de acordo com o irmão de Victor Dashkov,” disse Eddie.

“Dá pra parar?” eu exclamei.

“Você pode contar a ele, ou eu vou.”

Eu suspirei. Os olhos azuis pálidos de Christian estavam nos encarando, arregalados e chocados. Como a maioria dos meus amigos, ele acompanhava ideias malucas, mas essa estava forçando a linha da loucura.

“Eu pensei que Victor Dashkov era filho único,” Christian disse.

Eu balancei a cabeça. “Nope. O pai dele teve um caso, então Victor tem um meio-irmão ilegítimo, Robert. E ele é um usuário de espírito.”

“Só você,” disse Christian. “Só você poderia descobrir algo assim.”

Eu ignorei o que parecia ser um retorno do cinismo normal dele. “Robert alega ter curado um Strigoi – matado a parte morta viva dela e a trazido de volta a vida.”

“Espírito tem limites, Rose. Você pode ter sido trazida de volta, mas os Strigoi se foram.”

“Não sabemos sobre todo o alcance do espírito,” eu apontei. “A metade ainda é um mistério.”

“Sabemos sobre o santo Vladimir. Se ele pudesse restaurar um Strigoi, você não acha que um cara como ele teria feito isso? Eu quero dizer, se isso não é milagroso, então o que é? Algo assim teria permanecido nas lendas,” discutiu Christian.

“Talvez sim, talvez não.” Eu soltei meu rabo de cavalo, repassando nosso encontro com Robert em minha mente pela centésima vez. “Talvez Vlad não soubesse como. Não é tão fácil.”

“Yeah,” concordou Eddie. “Essa é a melhor parte.”

“Hey,” eu gritei para ele. “Eu sei que você está bravo comigo, mas com Christian aqui, não precisamos de mais ninguém fazendo comentários espertinhos.”

“Eu não sei,” disse Christian. “Para algo assim, você pode precisar de duas pessoas. Agora explique como esse milagre supostamente tem que ser feito.”

Eu suspirei. “Acrescentando espírito à estaca, junto com os outros quatro elementos.”

Os talismãs de espírito ainda eram um novo conceito para Christian também. “Nunca pensei nisso. Eu suponho que espírito mudasse as coisas... mas eu não consigo imaginar você empalando

um Strigoi com uma estaca encantada seria o bastante para trazê-lo de volta.”

“Bem... o negócio é esse. De acordo com Robert, eu não posso fazer isso. Isso tem que ser feito por um usuário de espírito.”

Mais silêncio. Eu deixei Christian sem fala de novo.

Finalmente ele disse, “Não conhecemos tantos usuários de espírito. Muito menos um que possa lutar ou empalar um Strigoi.”

“Conhecemos dois usuários de espírito.” Eu franzi, lembrando de Oksana na Sibéria e Avery trancada... onde? Num hospital? Em um lugar como Tarasov? “Não, quatro. Cinco, contando Robert. Mas yeah, nenhum deles podem fazer isso.”

“Não importa, porque isso não pode ser feito,” Eddie disse.

“Não sabemos disso!” O desespero em minha própria voz me surpreendeu. “Robert acredita nisso. Até Victor acredita.” Eu hesitei. “E Lissa acredita também.”

“E ela quer fazer isso,” Christian disse, entendendo rapidamente.

“Porque ela faria qualquer coisa por você.”

“Ela não pode.”

“Porque ela não tem a habilidade, ou porque você não vai permitir?”

“Os dois,” eu chorei. “Eu não vou deixar ela se aproximar de um Strigoi. Ela já...” eu gemi, odiando ter que revelar o que descobri no nosso tempo separado, através do laço. “Ela já pegou uma estaca e está tentando encantá-la. Até agora, ela não teve muita sorte, graças a Deus.”

“Se isso fosse possível,” começou Christian devagar. “Poderia mudar nosso mundo. Se ela pudesse aprender...”

“O que? Não!” Eu estive tão ansiosa para fazer Christian acreditar em mim, e agora eu desejava que não tivesse feito isso. A única vantagem em tudo isso era que, com nenhum dos meus amigos pensando que isso era possível, nenhum deles tinha pensando muito

sobre Lissa tentar lutar com um Strigoi. "Lissa não é uma guerreira. Nenhum usuário de espírito que conhecemos é, então a não ser que encontremos um, eu prefiro..." eu fiz uma careta. "Eu prefiro que Dimitri morra."

Isso finalmente fez com que Eddie parasse de trabalhar. Ele soltou sua pá. "Mesmo? Eu nunca teria imaginado isso." Seu sarcasmo rivalizava com o meu.

Eu virei e fui em direção dele, meus pulsos fechados. "Olha, eu não aguento mais isso! Desculpe. Eu não sei mais o que dizer. Eu sei que estraguei tudo. Eu deixei Dimitri escapar. Eu deixei Victor escapar."

"Você deixou Victor escapar?" perguntou Christian, surpreso.

Eu o ignorei e continuei a gritar com Eddie. "Foi um erro. Com Dimitri... foi um momento de fraqueza. Eu falhei no meu treinamento. Eu sei que falhei. Nós dois sabemos. Mas você sabe que eu não pretendia causar o dano que causei. Se você realmente é meu amigo, você tem que saber disso. Se eu pudesse fazer diferente..." eu engoli, surpresa por sentir meus olhos queimando. "Eu faria. Eu juro que faria, Eddie."

O rosto dele ficou perfeitamente parado. "Eu acredito em você. Sou seu amigo, e eu sei... eu sei que você não queria que as coisas terminassem como terminaram."

Eu suspirei de alívio, surpresa por ver o quão preocupada eu estive em perder o respeito e a amizade dele. Olhando para baixo, eu fiquei surpresa por ver meus punhos fechados. Eu os relaxei, incapaz de acreditar que estive assim tão chateada. "Obrigada. Muito obrigada."

"O que é toda essa gritaria?"

Nós dois viramos e vimos Hans caminhando em nossa direção. E ele parecia irritado. Eu também notei que Christian tinha praticamente sumido. Ainda bem.

"Isso não é hora para confraternizações!" rosnou Hans. "Vocês dois ainda tem mais uma hora sobrando hoje. Se vocês vão se

distrair, então talvez vocês deveriam ser separados.” Ele chamou Eddie. “Venha comigo. Tem alguns arquivos com seu nome neles.”

Eu dei a Eddie um olhar de simpatia enquanto Hans o levava para longe. Ainda sim, fiquei aliviada por não ser eu a fazer a papelada.

Eu continuei meu trabalho, minha mente girando com as mesmas perguntas que eu tinha a uma semana. Eu falei sério com Eddie. Eu queria muito que esse sonho de Dimitri ser salvo fosse verdade. Eu queria mais do que qualquer outra coisa – a não ser arriscar a vida de Lissa. Eu não deveria ter hesitado. Eu deveria ter apenas matado Dimitri. Victor não teria escapado. Lissa nem teria pensado duas vezes nas palavras de Robert.

Pensar em Lissa me fez entrar na mente dela. Ela estava em seu quarto, juntando algumas coisas de última hora, antes de ir para a cama. Amanhã era sua visita a Lehigh. Previsivelmente, meu convite de ir com ela foi revogado devido aos recentes acontecimentos. O aniversário dela – algo que foi horrivelmente ignorado nessa confusão – era esse final de semana, afinal de contas, e não parecia certo para mim ficar longe dela nesta data. Nós deveríamos estar celebrando juntas. Seus pensamentos eram perturbados, e ela estava tão consumida com eles que uma repentina batida na porta a fez pular.

Se perguntando quem iria visitá-la há essa hora, ela abriu a porta e ofegou quando viu Christian parado ali. Era irreal para mim também. Parte de mim continuou a pensar que estávamos no dormitório da escola, onde regras – teoricamente – mantinham os caras e as garotas longe um do quarto do outro. Mas não estávamos mais lá. Tecnicamente éramos adultos agora. Ele deve ter ido direto para o quarto dela, depois de me ver, eu percebi.

Eu fiquei surpresa por ver o quão rapidamente a tensão entre eles cresceu. Várias emoções passaram no peito de Lissa, a mistura normal de raiva, pesar, e confusão.

“O que você está fazendo aqui?” ela exigiu saber.

As mesmas emoções estavam no rosto dele. “Eu queria falar com você.”

“Está tarde,” ela disse duramente. “Além do mais, eu lembro de que você não gosta de conversar.”

“Eu queria falar sobre o que aconteceu com Victor e Robert.”

Isso foi o bastante para surpreendê-la e suprimir sua raiva. Ela olhou nervosa para o corredor e então o chamou para dentro. “Como sabe sobre isso?” ela assoviou, rapidamente fechando a porta.

“Acabei de ver Rose.”

“Como você conseguiu vê-la? Eu não posso vê-la.” Lissa estava tão frustrada quanto eu sobre o quanto nossos superiores estavam nos mantendo separadas.

Christian deu de ombros, cuidadosamente mantendo uma distância segura entre eles, na pequena sala do quarto. Os dois estavam com os braços cruzados defensivamente, embora eu acho que eles não tenham percebido o quanto estavam espelhando um ao outro. “Eu entrei escondido na prisão dela. Eles fizeram ela carregar terra por horas.”

Lissa fez uma careta. Com a forma como eles nos mantinham separadas, ela não sabia muito sobre minhas atividades. “Pobre, Rose.”

“Ela está dando conta. Como sempre.” Os olhos de Christian se voltaram em direção ao sofá e a mala aberta dela, onde uma estaca de prata estava em cima de uma blusa. Eu duvidava de que aquela blusa sobrevivesse à viagem sem um milhão de amassados.

“Coisa interessante de se levar numa visita a faculdade.”

Lissa fechou a mala apressadamente. “Não é da sua conta.”

“Você realmente acredita nisso?” ele perguntou, ignorando o comentário dela. Ele deu um passo a frente, sua ansiedade aparentemente o fazendo esquecer de querer ficar longe. Mesmo tão distraída quanto ela estava pela

situação, Lissa imediatamente ficou ciente da proximidade dele, do seu cheiro, da forma como a luz brilhava em seu cabelo negro... “Você acha que poderia trazer de volta um Strigoí?”

Ela voltou sua atenção de novo para a conversa e balançou a cabeça. “Eu não sei. Eu realmente não sei. Mas eu sinto como... eu sinto como se tivesse que tentar. Se nada mais, eu quero saber o que o espírito numa estaca fará. Isso é inofensivo o bastante.”

“Não de acordo com Rose.”

Lissa deu a ele um sorriso triste, percebendo o que ela estava fazendo, e prontamente largou de mão. “Não. Rose não quer nem que eu cogite essa ideia – embora ela queira que seja real.”

“Me diga a verdade.” Seu olhar queimou dentro dela. “Você acha que teria uma chance de empalar um Strigoí?”

“Não,” ela admitiu. “Eu mal consigo dar um soco. Mas... como eu disse, eu sinto como se devesse tentar. Eu deveria tentar aprender. A empalar um, quero dizer.”

Christian ponderou isso por alguns segundos e gesticulou em direção à mala dela, de novo. “Você vai para Lehigh de manhã?”

Lissa acenou.

“E Rose foi cortada desse passeio?”

“É claro.”

“A rainha te ofereceu que levasse outro amigo?”

“Ela ofereceu,” admitiu Lissa. “Ela sugeriu Adrian particularmente. Mas ele está aborrecido... e eu não tenho certeza de que vou ter paciência com ele.”

Christian pareceu gostar disso. “Então me leve.”

Meus pobres amigos. Eu não tinha certeza quanto mais de choque eles podiam lidar hoje.

“Porque diabos eu levaria você?” ela exclamou. E sua raiva voltou com a presunção dele. Era um sinal de sua agitação ela ter xingado.

“Porque,” ele disse, o rosto calmo, “eu posso te ensinar a empalar um Strigoi.”

# TREZE

“Pro diabo que você pode,” eu disse em voz alta para ninguém.

“Não, você não pode,” disse Lissa, com uma expressão que combinava com minha incredulidade. “Eu sei que você esteve aprendendo a lutar com fogo, mas você não empalou ninguém.”

O rosto de Christian era duro. “Eu empalei – um pouco. E posso aprender mais. Mia tem uns amigos guardiões que tem ensinado a ela combate físico, e eu aprendi um pouco.”

Mencionar que ele e Mia estavam trabalhando juntos não ajudou muito a melhorar a opinião de Lissa. “Você mal está aqui há uma semana! Você fez soar como se estivesse treinando há anos e fosse um mestre.”

“É melhor do que nada,” ele disse. “E onde mais você vai aprender? Com a Rose?”

O ultraje e descrença de Lissa diminuiu um pouco. “Não,” ela admitiu. “Nunca. Na verdade, Rose iria me arrastar para longe se ela me pegasse fazendo isso.”

Pode ter certeza que eu iria. Na verdade, apesar dos obstáculos e pessoal que me impedia, eu estava tentada a marchar até lá, agora mesmo.

“Então essa é sua chance,” ele disse. A voz dele se tornou seca. “Olha, eu sei que as coisas não estão... boas entre nós, mas isso é irrelevante se você vai aprender isso. Diga a Tatiana que você quer me levar para Lehigh. Ela não vai gostar, mas ela vai deixar. Eu te mostro o que eu sei, em nosso tempo livre. Então, quando voltarmos, eu te levo até Mia e seus amigos.”

Lissa franziu. “Se Rose souber..”

“É por isso que vamos começar quando você estiver longe da Corte. Ela vai estar muito longe para fazer algo.”

Oh, pelo amor de Deus. Eu ia dar a eles umas lições sobre lutar – começando com um soco no rosto de Christian.

“E quando voltarmos?” perguntou Lissa. “Ela vai descobrir. É inevitável com nosso laço.”

Ele deu de ombros. “Se ela ainda estiver fazendo paisagismo, vamos poder escapar. Eu quero dizer, ela vai saber, mas não vai ser capaz de interferir. Muito.”

“Pode não ser o bastante,” Lissa disse através de um suspiro. “Rose tem razão sobre isso – eu não posso aprender em algumas semanas o que ela levou anos para fazer.

Semanas? Esse era seu limite de tempo nisso?

“Você tem que tentar,” ele disse, quase gentil. Quase.

“Por que está tão interessado nisso?” Lissa perguntou, cheia de suspeitas. “Por que se importa tanto em trazer Dimitri de volta? Quer dizer, eu sei que você gostava dele, mas você não tem bem a mesma motivação que a Rose nesse tópico.”

“Ele era um cara bom,” disse Christian. “E se ainda tiver um jeito de transformar um dhampir de volta? É, seria incrível. Mas e se for mais que isso... mais que somente ele. E se tivesse um jeito de salvar todos os Strigoi, isso mudaria o nosso mundo. Quer dizer, não que colocar fogos neles não seja legal depois que eles começam a nos matar, mas e se parássemos as matanças deles? Essa é a chave para nos salvar. Todos nós.”

Lissa ficou sem fala por um momento. Christian falara com paixão, e havia uma esperança irradiando dele que ela simplesmente não esperava. Era... comovente.

Ele tomou vantagem do silêncio dela. “Além disso, não se pode sequer imaginar o que você faria sem a minha ajuda. E eu gostaria de reduzir as chances de você se matar por que, mesmo que Rose queira negar, eu sei que você vai continuar a insistir nisso.”

Lissa ficou quieta novamente, analisando a situação. Eu ouvi os pensamentos dela, não gostando de onde eles iriam dar.

“Nós saímos às seis,” ela disse por fim. “Pode me encontrar lá embaixo às cinco e meia?” Tatiana não ficaria muito animada quando descobrisse o novo convidado escolhido, mas Lissa tinha certeza de que poderia conversar rapidamente sobre isso pela manhã.

Ele aquiesceu. “Estarei lá.”

De volta em meu quarto, eu estava completamente horrorizada. Lissa ia tentar aprender a estacar Strigoi – pelas minhas costas – ela ia fazer Christian ajudar. Esses dois não paravam de rosnar um para o outro desde o fim do namoro. Eu devia me sentir lisonjeada pelo fato de que fazer as coisas pelas minhas costas ia fazê-los ficar juntos de novo, mas não estava. Eu estava era louca da vida.

Considerarei minhas opções. Os prédios onde eu e Lissa estávamos não tinham qualquer tipo de segurança para a hora de recolher como os dormitórios da escola tinham, mas os funcionários daqui deviam avisar os guardiões se eu estivesse sendo muito sociável. Hans me disse para ficar longe de Lissa até segundas ordens. Eu pensei no assunto por um momento, pensando que podia valer a pena ser arrastada do quarto da Lissa por Hans, e finalmente decidi por um plano alternativo. Era tarde, mas não tarde demais. Eu deixei meu quarto e fui para o quarto diante do meu. Bati na porta, esperando que minha vizinha estivesse acordada.

Ela era uma dhampir da minha idade, formada recentemente em uma escola diferente. Eu não tinha o celular dela, mas eu a vi falando em um hoje cedo. Ela abriu a porta alguns momentos depois e, por sorte, não parecia ter estado na cama.

“Ei,” ela disse, compreensivelmente surpresa.

“Ei, posso mandar uma mensagem pelo seu telefone?”

Eu não queria abusar demais da boa vontade dela com conversa e, além disso, Lissa poderia simplesmente desligar na minha cara. Minha vizinha deu de ombros, entrou no quarto e voltou com o celular. Eu tinha o número da Lissa memorizado e mandei para ela o seguinte recado:

Eu sei o que você vai fazer e é uma ideia RUIM. Eu vou arrebentar vocês dois quando encontrá-los.

Eu devolvi o telefone. "Obrigada. Se alguém responder, você me avisa?"

Ela disse que iria, mas eu não esperava mensagens de volta. Eu recebi minha resposta de outro jeito. Quando eu voltei ao meu quarto e para a mente da Lissa, eu estava lá quando o telefone tocou. Christian tinha ido embora, e ela leu com um sorriso pesaroso. A resposta veio pelo elo. Ela sabia que eu estava olhando.

Desculpa, Rose. É um risco que tenho que correr. Vou fazer isso.

Eu fiquei agitada a noite toda, irritada com o que Lissa e Christian tentavam fazer. Eu não achei que dormiria mas, quando Adrian apareceu em meus sonhos, ficou claro que a exaustão tinha me derrotado.

"Las Vegas?" eu perguntei.

Os sonhos de Adrian sempre aconteciam em lugares diferentes, de acordo com suas escolhas. Esta noite, estávamos no Strip, muito perto de onde eu e Eddie nos encontramos com ele e Lissa no MGM Grand. As luzes fortes e os neons de hotéis e restaurantes iluminavam a escuridão, mas tudo parecia silencioso comparado à realidade. Adrian não trouxera os carros e pessoas da Las Vegas real. Parecia uma cidade fantasma.

Ele sorriu, escorando-se num poste coberto de anúncios de concertos e serviços de escolta. "Bem, não tivemos uma chance de aproveitar o lugar quando estivemos lá."

"Verdade." Eu estava alguns metros adiante, braços cruzados diante do peito. Eu estava usando jeans e uma camiseta, assim como meu nazar. Adrian parecia ter decidido não me vestir esta noite, pelo que eu era grata. Eu poderia ter ficado como as showgirls Moroi, em penas e lantejoulas. "Eu achei que estivesse me evitando." Eu não sabia bem como nosso relacionamento ficou, apesar da atitude dele no Witching Hour.

Ele bufou. “Não é escolha minha, pequena dhampir. Esses guardiões estão dando seu melhor para isolar você. Bem, mais ou menos.”

“Christian conseguiu entrar e falar comigo mais cedo,” eu disse, tentando evitar o assunto que devia estar na mente de Adrian: que eu arrisquei vidas para salvar meu ex-namorado. “Ele vai tentar ensinar Lissa a empalar um Strigoi.”

Eu esperei Adrian unir-se ao meu ultraje, mas ele parecia calmo e sardônico como sempre. “Não é surpresa que ela vá tentar. O que é, no entanto, é que ele vá apoiar em uma teoria maluca.”

“Bem, é maluca o bastante para ele se interessar... e parece maior que o ódio que eles tem sentido um pelo outro ultimamente.”

Adrian inclinou a cabeça, fazendo parte de seu cabelo cair sobre os olhos. Um prédio com palmeiras de neon azul lançou um brilho fantasmagórico no rosto dele enquanto ele lançava um olhar de conhecedor. “Qual é, nós dois sabemos por que ele está fazendo isso.”

“Porque ele pensa que seu grupo de pós-aula com Jill e Mia o qualifica para ensinar esse tipo de coisa?”

“Porque dá uma desculpa para estar com ela – sem fazer parecer que ele desistiu primeiro. Assim, ele ainda pode ser másculo.”

Eu me movi levemente para que as luzes de anúncio gigante não brilhassem nos meus olhos. “Isso é ridículo.” Especialmente a parte de Christian ser másculo.

“Caras fazem coisas ridículas por amor.” Adrian botou a mão no bolso e tirou uma caixa de cigarros. “Você sabe o quanto eu quero um desses agora? Ainda assim, eu sofro, Rose. Tudo por você.”

“Não venha dar uma de romântico para cima de mim,” eu alertei, tentando esconder um sorriso. “Não temos tempo para isso, não quando minha melhor amiga quer caçar monstros.”

“É, mas ela vai mesmo encontrá-lo? Isso é um problema e tanto.” Adrian não se demorou no “ele”.

“Verdade,” eu admiti.

“E ela ainda não foi capaz de colocar magia na estaca, de qualquer jeito, então, até que ela consiga, nem todo o kung-fu do mundo vai servir.”

“Guardiões não fazem kung-fu. E como você sabia da estaca?”

“Ela pediu minha ajuda algumas vezes.”

“Hm. Eu não sabia disso.”

“Bem, você andou ocupada. Não que você tenha pensado sequer um momento eu seu pobre namorado.”

Com todas as minhas tarefas, eu não tinha passado muito tempo na cabeça de Lissa – só o bastante para ver como ela estava. “Ei, eu te levaria para o trabalho burocrático quando quisesse.” Eu temi que Adrian estivesse furioso comigo depois de Vegas, mas aqui estava ele, leve e brincalhão. Um pouco leve demais. Eu queria que ele se focasse no problema atual. “O que acha dos talismãs de Lissa? Ela está perto de conseguir?”

Adrian brincava distraidamente com seus cigarros, e eu estava tentada a dizer a ele para ir em frente e fumar um. Esse era o sonho dele, afinal de contas.

“Não está claro. Eu não entendo tanto de encantos quanto ela. É estranho ter outros elementos ali... o que dificulta a manipulação de espírito.”

“Você vai ajudar ela mesmo assim?” eu perguntei suspeita.

Ele balançou a cabeça divertido. “O que você acha?”

Eu hesitei. “Eu... eu não sei. Você ajuda ela com a maioria das coisas de espírito, mas ajudar ela com isso ia significar...”

“...ajudar Dimitri?”

Eu acenei, sem confiar em mim mesma para explicar.

“Não,” Adrian disse finalmente. “Não vou ajudar ela, simplesmente porque não sei como.”

Eu inspirei aliviada. "Realmente sinto muito," eu disse a ele. "Por tudo... por mentir sobre onde eu estava e o que eu estava fazendo. Eu estava errada. E eu não entendo... bem, eu não entendo porque você está sendo tão gentil comigo."

"Eu deveria ser mal?" Ele piscou. "Esse é o tipo de coisa que você gosta?"

"Não! É claro que não. Mas, quero dizer, você estava tão bravo quando foi para Vegas e descobriu o que estava acontecendo. Eu só pensei... eu não sei. Eu pensei que você me odiava."

A diversão sumiu das feições dele. Ele se aproximou de mim e colocou suas mãos em meus ombros, seus olhos verde escuro muito sérios. "Rose, nada nesse mundo poderia me fazer te odiar."

"Nem mesmo tentar trazer meu ex-namorado de volta dos mortos?"

Adrian me segurou, e mesmo em um sonho, eu pude sentir o cheiro de sua pele e de sua colônia. "Yeah, eu serei honesto. Se Belikov estivesse andando por aí agora mesmo, vivo como costumava estar? Haveria alguns problemas. Eu não quero pensar o que aconteceria conosco se... bem, não vale a pena perder meu tempo nisso. Ele não está aqui."

"Eu ainda... eu ainda quero que a gente dê certo," eu disse humildemente. "Eu ainda iria tentar, mesmo que ele estivesse de volta. Eu só tenho dificuldades em deixar alguém que eu gosto ir."

"Eu sei. Você fez o que fez por amor. Não posso ficar com raiva de você por causa disso. Foi idiota, mas é assim que o amor é. Você tem ideia do que eu faria por você? Para te manter segura?"

"Adrian..."

Eu não podia encará-lo nos olhos. Eu de repente me senti indigna. Ele era tão fácil de subestimar. A única coisa que eu podia fazer era inclinar minha cabeça contra seu peito e deixar ele envolver seus braços ao meu redor.

"Sinto muito."

“Sinta por ter mentido,” ele disse, dando um beijo em minha testa. “Não sinta por amá-lo. Isso é parte de você, parte que você tem que deixar partir, yeah, mas ainda sim algo que faz de você quem você é.”

Parte que você tem que deixar ir...

Adrian tinha razão, e essa era uma coisa assustadora de admitir. Eu tive minha chance. Eu apostei para salvar Dimitri, e perdi. Lissa não ia chegar a lugar nenhum com a estaca, o que significava que eu tinha que tratar Dimitri da forma que todo mundo tratava: ele estava morto. Eu tinha que seguir em frente.

“Merda,” eu murmurei.

“O que?” perguntou Adrian.

“Eu odeio quando você é o são. Esse é meu trabalho.”

“Rose,” ele disse, tentando forçar um tom sério, “eu não consigo pensar em muitas palavras para te descrever, sexy e quente estando no topo da lista. Você sabe o que não está na lista? Sã.”

Eu ri. “Ok, bem, então meu trabalho é ser a menos louca.”

Ele considerou. “Isso eu posso aceitar.”

Eu levei meus lábios para ele, e mesmo que ainda houvesse algumas coisas abalando nossa relação, não havia incerteza quando nos beijamos. Beijar em um sonho parecia exatamente igual a vida real. Calor cresceu entre nós, e eu senti uma animação passar por todo meu corpo. Ele soltou minhas mãos e envolveu seus braços ao redor da minha cintura, nos trazendo mais para perto. Eu percebi que era hora de começar a acreditar no que eu continuava a dizer. A

vida continua. Dimitri pode ter partido, mas eu podia ter algo com Adrian – pelo menos até meu trabalho me levar para longe. Isso é, claro, assumindo que eu tivesse um. Diabos, se Hans me mantivesse fazendo trabalhos administrativos aqui, e Adrian continuasse de seu jeito preguiçoso, poderíamos ficar juntos para sempre.

Adrian e eu nos beijamos por um longo tempo, nos pressionando cada vez mais próximos. Finalmente, eu nos separei. Se você transar num sonho, isso significa que você realmente fez sexo? Eu não sabia, e eu certamente não ia descobrir. Eu não estava pronta para isso ainda.

Eu me afastei, e Adrian entendeu a dica. “Me encontre quando você ganhar sua liberdade.”

“Com sorte, logo,” eu disse. “Os guardiões não podem me punir para sempre.”

Adrian parecia cético, mas ele deixou o sonho se dissolver sem mais nenhum comentário. Eu voltei pra minha própria cama e meus próprios sonhos.

\*\*\*

A única coisa que me impediu de interceptar Lissa e Christian quando se encontraram mais cedo no lobby no dia seguinte, era que Hans me chamou para trabalhar ainda mais cedo. Ele me colocou para lidar com uns papéis – nos cofres, ironicamente – me deixando para guardar e organizar Lissa e Christian enquanto eu os observava através do nosso laço. Eu tomei isso como um sinal da minha habilidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo ser capaz de alfabetizar e espiar ao mesmo tempo.

Ainda sim, minha observação foi interrompida quando uma voz disse, “Não esperava encontrar você aqui de novo.”

Eu saí da cabeça de Lissa e olhei para cima dos meus papéis. Mikhail estava parado diante de mim. Devido às complicações que aconteceram com o incidente de Victor, eu quase esqueci do envolvimento de Mikhail em nossa “fuga”. Eu soltei os arquivos e dei a ele um pequeno sorriso.

“Yeah, estranho como o destino funciona, huh? Eles me querem aqui agora.”

“De fato. Você tem muitos problemas, eu ouvi.”

Meu sorriso virou uma careta. “Nem me fale.” Eu olhei ao redor, embora soubesse que estávamos sozinhos. “Você não se meteu em problemas, se meteu?”

Ele balançou a cabeça. “Ninguém sabe o que eu fiz.”

“Bom.” Pelo menos uma pessoa tinha escapado ileso dessa. Minha culpa não ia aguentar saber que ele foi pego também.

Mikhail se ajoelhou para que seus olhos se nivelassem ao meu, colocando seus braços na mesa em que eu estava sentada. “Você foi sucedida. Valeu a pena?”

“Essa é uma pergunta difícil de responder.”

Ele arqueou uma sobrancelha.

“Houve umas coisas... não muito sucedidas que aconteceram. Mas descobrimos o que queríamos saber – ou, bem, achamos que descobrimos.”

A respiração dele parou. “Como restaurar um Strigoi?”

“Eu acho que sim. Se nosso informante estava dizendo a verdade, então sim. Só que, mesmo que esteja... bem, não é algo fácil de fazer. Na verdade, é quase impossível.”

Eu hesitei. Mikhail tinha nos ajudado, mas ele não estava no meu círculo de confiança. Ainda sim, mesmo agora, eu vi aquele olhar assombrado nos olhos dele, o que eu tinha visto antes. A dor de perder sua amada ainda o atormentava. Provavelmente sempre iria. Eu faria mais mal do que bem ao dizer a ele o que eu descobri? Essa fraca esperança iria magoá-lo ainda mais?

Eu finalmente decidi contar a ele. Mesmo que ele contasse aos outros – e eu não achava que ele iria – a maioria iria rir disso mesmo. Não haveria dano. O verdadeiro problema seria se ele contasse a alguém sobre Victor e Robert – mas eu não tinha que mencionar o envolvimento deles para ele. Diferente de Christian, aparentemente não tinha ocorrido a Mikhail que a fuga da prisão que era a maior notícia no mundo Moroi, tinha sido feita pelos adolescente que ele ajudou a contrabandear para fora. Mikhail

provavelmente não pensava em nada que não envolvesse salvar sua Sonya.

“É necessário um usuário de espírito,” eu expliquei. “Um com uma estaca encantada com espírito, e então ele... ou ela... tem que empalar o Strigoi com ela.”

“Espírito...” Esse elemento ainda era estranho para a maioria dos Moroi e dhampirs – mas não ele. “Como Sonya. Eu sei que espírito deixa eles mais atraentes... mas eu juro, ela nunca precisou. Ela era linda em seu próprio jeito.” Como sempre, o rosto de Mikhail ficou com o mesmo olhar triste sempre que a Sr. Karp era mencionada. Eu nunca o vi realmente feliz desde que o conheci, e pensei que ele ficaria bem bonito se desse um sorriso genuíno. Ele de repente parecia embaraçado com seu lapso romântico e voltou aos negócios. “Que usuário de espírito poderia fazer o empalamento?”

“Nenhum,” eu disse. “Lissa Dragomir e Adrian Ivashkov são os únicos dois usuários de espírito que eu conheço – bem, fora Avery Lazar.” Eu estava deixando Oksana e Robert fora disso. “Nenhum deles tem a habilidade para fazer isso – você sabe disso tanto quanto eu. E Adrian nem tem interesse nisso.”

Mikhail estava entendendo rapidamente o que eu não disse. “Mas Lissa tem?”

“Sim,” eu admiti. “Mas ela levaria anos para aprender. Se não mais tempo. E ela é a última de sua linhagem. Ela não pode se arriscar assim.”

A verdade das minhas palavras atingiu ele, e eu não consegui me impedir de partilhar a dor e desapontamento dele. Como eu, ele colocou muita fé nesse último esforço para ser reunida com seu último amor. Eu tinha acabado de afirmar que era possível... ainda sim, impossível. Eu acho que teria sido mais fácil para nós dois, saber que tudo era uma farsa.

Ele suspirou e levantou. “Bem... eu aprecio você ter ido atrás disso. Desculpe por seu punimento ser por nada.”

Eu dei de ombros. “Está tudo bem. Valeu a pena.”

“Eu esperava...” Seu rosto ficou hesitante. “Eu espero que termine logo e não afete nada.”

“Afete o que?” eu perguntei afiada, pegando o tom estranho em sua voz.

“Só... bem, guardiões que desobedecem ordens as vezes enfrentam longos punimentos.”

“Oh. Isso.” Ele estava se referindo a meu medo constante de ficar presa num trabalho administrativo. Eu tentei bancar a forte e não mostrar o quanto essa possibilidade me assustava. “Eu tenho certeza que Hans estava blefando.

Eu quero dizer, ele realmente me faria fazer isso para sempre só porque eu fugi e –”

Eu parei, minha boca aberta quando um brilho de compreensão passou pelos olhos de Mikhail. Eu ouvi, há muito tempo, que ele tentou achar a Sr. Karp, mas a logística nunca me atingiu, até agora. Ninguém teria tolerado sua busca. Ele teria que ter partido sozinho, quebrando protocolo, e vir se arrastando de volta quando finalmente desistiu de localizá-la.

Ele teria tantos problemas quanto eu por dar uma de Mia.

“Isso é...” eu engoli. “É por isso que você... porque você trabalha aqui no cofre agora?”

Mikhail não respondeu minha pergunta. Ao invés disso, ele olhou para baixo com um pequeno sorriso e apontou para a minha pilha de papéis. “F vem antes de L,” ele disse, antes de virar e partir.

“Merda,” eu murmurei, olhando para baixo. Ele tinha razão. Aparentemente eu não conseguia alfabetizar as coisas tão bem enquanto observava Lissa. Ainda sim, assim que fiquei sozinha, isso não me impediu de voltar para a mente dela. Eu queria saber o que ela estava fazendo... e eu não queria pensar sobre como o que eu tinha feito provavelmente seria considerado pior do que as ações de Mikhail, pelos olhos dos guardiões. Ou que um similar – ou pior – punimento, poderia estar esperando por mim.

Lissa e Christian estavam em um hotel perto do campus de Lehigh. O meio do dia vampiro significava noite para a universidade humana. O tour de Lissa não iria começar até a manhã do próximo dia, o que significava que ela tinha que matar o tempo no hotel agora, e tentar se ajustar ao horário humano.

Os “novos” guardiões de Lissa, Serena e Grant, estavam com ela, junto com mais três que a rainha tinha mandado. Tatiana tinha permitido que Christian fosse junto e não se opôs tanto quanto Lissa temia – o que de novo me fez questionar se a rainha era tão horrível quanto sempre pensei. Priscilla Voda, uma conselheira próxima da rainha, que tanto eu quando Lissa gostávamos, também estava a acompanhando enquanto ela olhava a escola. Mais dois guardiões ficaram com Priscilla; o terceiro ficou com Christian. Eles jantaram como um grupo e então voltaram para seus quartos. Serena estava com Lissa no quarto dela enquanto Grant fazia guarda do lado de fora da porta. Ver tudo isso provocou uma pontada em mim. Guardar em par – era para isso que eu tinha treinado. O que eu esperei a minha vida toda pra fazer por Lissa.

Serena era o perfeito exemplo de guardiã, estando ali, mas não realmente ali enquanto Lissa pendurava algumas de suas roupas. Uma batida na porta imediatamente deixou Serena pronta para ação. Sua estaca estava na mão, e ela marchou até a porta, espiando pelo olho mágico. Eu não pude me impedir de admirar o timing de ação dela, embora parte de mim nunca fosse acreditar que alguém poderia guardar Lissa tão bem quanto eu podia. “Vá pra trás,” Serena disse para Lissa.

Um segundo mais tarde, a tensão de Serena diminuiu um pouco, e ela abriu a porta. Grant estava parado ali com Christian ao seu lado.

“Ele está aqui pra ver você,” Grant disse, como se não fosse óbvio.

Lissa acenou. “Um, yeah. Entre.”

Christian entrou quando Grant se afastou. Christian deu a Lissa um olhar significativo enquanto entrava, dando um pequeno aceno

com a cabeça em direção a Serena.

“Hey, um, você se importa em nos dar um pouco de privacidade?” Assim que as palavras saíram da boca de Lissa, ela ficou vermelha. “Eu quero dizer... nós só... só precisamos conversar sobre algumas coisas, só isso.”

Serena manteve seu rosto quase neutro, mas estava claro que ela achava que eles iam fazer mais do que só conversar. Um namoro adolescente normal não era fofoca no mundo Moroí, mas Lissa, com sua notoriedade, atraía um pouco mais de atenção com seus casos românticos. Serena sabia que Christian e Lissa tinham namorado e tinham terminado. Até onde ela sabia, eles estavam juntos de novo, agora. Lissa convidar ele para esse passeio, certamente sugeria isso.

Serena olhou ao redor, cautelosamente. A balança de proteção e privacidade era sempre difícil com os Moroí e guardiões, e quartos de hotel como isso dificultavam as coisas ainda mais. Se eles estavam num horário de vampiro, com todo mundo dormindo durante o dia, eu não duvidaria que Serena tivesse saído para o corredor com Grant. Mas estava escuro lá fora, e mesmo no 50ª andar, as janelas podiam dar brechas para Strigoí. Serena não estava achando bom deixar sua nova protegida sozinha.

A suíte do hotel de Lissa tinha uma cara sala e escritório, com quartos adjacentes acessíveis por portas francesas de vidro. Serena acenou em direção a eles. “Que tal eu ir para lá?” Uma ideia inteligente. Dava privacidade mas a deixava por perto. Então, Serena percebeu as implicações, e ela corou. “Eu quero dizer... a não ser que vocês queiram ir lá e eu –”

“Não,” exclamou Lissa, ficando cada vez mais embaraçada. “Aqui está bom. Vamos ficar aqui. Vamos só conversar.”

Eu não tinha certeza a quem isso se dirigiu, se para Serena ou Christian. Serena acenou e desapareceu no quarto com um livro, o que me lembrou de Dimitri. Ela fechou a porta. Lissa não tinha certeza se daria para ouvir o barulho, então ela ligou a TV.

“Deus, isso foi horrível,” ela gemeu.

Christian parecia totalmente despreocupado enquanto estava recostado contra a parede. Ele não era do tipo formal, mas ele se vestiu bem para o jantar mais cedo. E ainda estava vestindo as mesmas roupas. Elas ficavam bem nele, não importava o quanto ele sempre reclamasse. “Por quê?”

“Porque ela acha que nós – ela acha que nós – bem, você sabe.”

“E daí? Qual o problema?”

Lissa virou os olhos. “Você é um cara. É claro que para você não importa.”

“Hey, não é como se não tivéssemos feito. Além do mais, é melhor ela achar isso do que saber a verdade.”

A referência a sua antiga vida sexual trouxe emoções misturadas – embaraço, raiva, e saudade – mas ela se recusou a demonstrar. “Tudo bem. Vamos acabar com isso. Temos um grande dia, e nosso sono vai ser tão maluco quanto isso. Onde começamos? Você quer que eu pegue a estaca?”

“Ainda não. Deveríamos praticar só alguns movimentos básicos de defesa.”

Ele se ajeitou e foi até o centro do quarto, arrastando uma mesa para fora do caminho.

Eu juro, se não fosse por outro contexto, observar a tentativa de combate dos dois sozinhos teria sido hilário.

“Ok,” ele disse. “Então você está pronta para saber como dar um soco.”

“O que? Não estou!”

Ele franziu. “Você derrubou Reed Lazar. Rose mencionou isso, tipo, centenas de vezes. Eu nunca ouvi ela tão orgulhosa de algo.”

“Eu soquei uma pessoa uma vez na vida,” ela apontou. “E Rose estava me ajudando. Eu não sei se posso fazer isso de novo.”

Christian acenou, parecendo desapontado – não pelas habilidades dela, mas porque ele tinha uma natureza impaciente e

queria ir de uma vez para as coisas pesadas. Mesmo assim, ele se provou um professor surpreendentemente paciente, enquanto ele repassava como socar e chutar. Muitos dos movimentos dele eram coisas que ele aprendeu me observando.

Ele foi um aluno decente. Ele estava no nível dos guardiões? Não. Nem de longe. E Lissa? Ela era inteligente e competente, mas ela não era feita para o combate, não importava o quanto ela queria ajudar. Socar Reed Lazar tinha sido uma coisa linda, mas não pareceu ser algo que algum dia seria natural para ela. Felizmente, Christian começou com simples desvios e observar o oponente. Lissa era apenas uma iniciante nisso, mas mostrava promessa. Christian parecia estar conseguindo algo bom de suas habilidades como instrutor, mas eu sempre pensei que usuários de espírito tinham um certo instinto sobrenatural sobre o que os outros podiam fazer em seguida. Mas eu duvidava que isso fosse funcionar nos Strigoi.

Depois de um pouco disso, Christian finalmente se voltou à ofensa, e foi aí que as coisas ficaram ruins.

A natureza gentil e curadora de Lissa não servia para isso, e ela se recusava a atacar com toda sua força, por medo de machucar ele. Quando ele percebeu o que estava acontecendo, seu temperamento irritadiço começou a crescer.

“Qual é! Não se segure.”

“Não estou,” ela protestou, dando um soco em seu peito que nem chegou perto de tirar ele do lugar.

Ele passou a mão irritado por seu cabelo. “Você está! Eu já vi você bater numa porta com mais força do que isso.”

“Essa é uma ridícula metáfora.”

“E,” ele acrescentou, “você não está mirando no meu rosto.”

“Eu não quero deixar uma marca!”

“Bem, no ritmo que estamos indo, não tem perigo nisso,” ele murmurou. “Além do mais, você pode se curar mesmo.”

Eu estava achando a discussão divertida, mas não gostava do encorajamento casual dele, em usar espírito. Eu ainda não tinha abandonado minha culpa pelo dano a longo prazo de que a fuga da prisão iria causar.

Indo para frente, Christian a agarrou pela cintura e a empurrou em direção a ele. Ele fechou os dedos dela lentamente com a outra mão e então, devagar, demonstrou como dar um soco pra cima empurrando seu punho em direção a face dele. Ele estava mais interessado em mostrar a técnica e o movimento, então o punho mal o encostou.

“Viu? Um arco para cima. Dê o impacto bem aqui. Não se preocupe em me machucar.”

“Não é tão simples...”

O protesto dela morreu, e de repente, os dois pareceram notar a situação em que estavam. Mal havia espaço entre eles, e seus dedos ainda estavam envolvidos ao redor da cintura dela. Eles estavam quentes contra a pele de Lissa, e mandavam eletricidade através do resto do seu corpo. O ar entre eles pareceu ficar mais grosso e pesado, como se ele pudesse envolvê-los e mantê-los juntos. Pelo arregalo dos olhos de Christian e repentina falta de fôlego, eu estava disposta a apostar que ele estava tendo uma reação similar por estar tão perto do corpo dela.

Voltando a si, ele soltou bruscamente a mão dela e deu um passo para trás. “Bem,” ele disse duramente, embora estivesse claro que ele ainda estava nervoso com a proximidade, “eu acho que você não estava falando realmente sério, sobre ajudar Rose.”

Isso bastou. A tensão sexual não existia, e raiva cresceu em Lissa por causa daquele comentário. Ela ergueu o punho e pegou Christian totalmente de surpresa, quando ela balançou e o socou no rosto. Ele não teve a graça do soco em Reed, mas acertou Christian com força. Infelizmente, ela perdeu o equilíbrio na manobra e tropeçou pra frente, em direção a ele. Os dois caíram juntos, atingiu o chão e derrubando uma pequena mesa e um abajur ali perto. O abajur bateu no canto da mesa e quebrou.

Enquanto isso, Lissa pousou em cima de Christian. Os braços dele instintivamente a envolveram, e se o espaço entre eles antes era pequeno, agora era inexistente. Eles se encararam, e o coração de Lissa estava batendo disparado em seu peito. Aquela sensação elétrica passou por entre eles de novo, e todo o mundo para ela pareceu se focar nos lábios dele. Tanto ela

quanto eu nos perguntamos se eles teriam se beijado, mas naquele momento, Serena entrou correndo no quarto.

Ela estava em alerta, o corpo tenso e pronto para enfrentar um exército de Strigoi com sua estaca na mão. Ela parou quando viu a cena diante dela: o que parecia ser um encontro romântico.

Eu admito, era um estranho, com o abajur quebrado e as marcas vermelhas no rosto de Christian. Era bem constrangedor para todos, e o modo de ataque de Serena acabou se transformando num modo de confusão.

“Oh,” ela disse incerta. “Desculpe.”

Vergonha passou por Lissa, assim como ressentimento por ser tão afetada por Christian. Afinal de contas, ela estava furiosa com ele. Rapidamente, ela se afastou e levantou, e corada, ela sentiu a necessidade de deixar claro que não havia nada romântico acontecendo.

“Não... não é o que você pensa,” ela disse, olhando para qualquer lugar menos para Christian, que estava levantando e parecia tão mortificado quanto Lissa. “Estávamos lutando. Eu quero dizer, praticando luta. Eu quero aprender a me defender de Strigoi. E os atacar. E a empalar eles. Então Christian meio que está me ajudando, só isso.” Havia algo fofo nela ficar falando sem parar, que me lembrei da encantada Jill.

Serena relaxou visivelmente, e embora ela fosse mestre em controlar o rosto, estava claro que ela estava achando graça. “Bem,” ela disse, “não parece que você estava fazendo um trabalho muito bom.”

Christian virou indignado enquanto checava seus machucados. “Hey! Nós estávamos. Eu ensinei isso a ela.”

Serena ainda achava tudo engraçado, mas um brilho sério estava começando a se formar em seus olhos. “Pareceu que foi mais um golpe de sorte do que qualquer coisa.” Ela hesitou, como se estivesse prestes a tomar uma grande decisão. Finalmente ela disse, “Olha, se vocês estão falando sério sobre isso, então você precisa aprender imediatamente. Eu vou te mostrar como.”

De jeito. Nenhum.

Eu estava seriamente perto de escapar da Corte e correr para Lehigh e realmente mostrar a eles como dar um soco – com Serena como meu exemplo – quando algo me tirou de Lissa e me trouxe de volta a minha própria realidade. Hans.

Eu tinha um sarcástico cumprimento nos lábios, mas ele nem me deu a chance de dizer nada.

“Largue mão disso, e venha comigo. Você foi convocada.”

“Eu – que?” Isso era inesperado. “Convocada para onde?”

O rosto dele era cruel. “Para ver a rainha.”

# QUATORZE

Da última vez que Tatiana quis gritar comigo, ela simplesmente me levou a uma sala privativa. Foi uma atmosfera estranha, como se estivéssemos na hora do chá – exceto que as pessoas não costumam gritar umas com as outras na hora do chá. Eu não tinha razões para crer que isso seria diferente... até perceber que minha escolta estava me levando até um dos principais prédios de negócios da Corte, os lugares onde o governo real era conduzido. Merda. Isso era ainda mais sério do que eu pensei.

E então, eu finalmente fui levada à sala onde Tatiana esperava... bem, eu quase travei e não pude entrar. Somente um leve toque nas costas por um dos guardiões me manteve em movimento. O lugar estava cheio.

Eu não sabia ao certo em que sala estava. Os Moroí tinham uma sala do trono bona fide para seu rei e rainha, mas eu não achava que fosse esse. O salão ainda era vastamente decorado, passando uma impressão de realeza do velho mundo, com figuras florais encravadas nas pedras e suportes de vela dourados e brilhantes nas paredes. Eles até tinham velas acesas. Sua luz refletia nas decorações metálicas da sala. Tudo brilhava, e eu me sentia como se tivesse dado de cara com um cenário teatral.

E de fato, eu poderia ter estado mesmo. Porque, após um instante de exame, eu percebi onde estávamos. As pessoas no salão estavam divididas. Doze delas sentavam em uma longa mesa em um estrado que claramente era feito para ser o foco central do salão. Tatiana estava no centro, com seis Moroí de um lado e cinco do outro. O outro lado da sala só tinha colunas de cadeiras – ainda assim elaboradas e com almofadas de cetim – que também estavam cheias com Moroí. A audiência.

As pessoas sentando aos dois lados de Tatiana eram a última dica. Eles eram Moroi mais velhos, mas que carregavam um ar suntuoso. Onze Moroi para as onze famílias reais ativas. Lissa não tinha dezoito anos – embora ela estivesse chegando lá, eu percebi com um susto – e portanto, ainda não tinha lugar lá. Alguém estava sentado no lugar de Priscilla Voda. Eu estava olhando para o Conselho, os príncipes e princesas do mundo Moroi. O membro mais velho de cada família adquiria o título e uma função de conselheiro ao lado de Tatiana. Algumas vezes, o mais velho desistia da cadeira e a indicava a alguém que ele considerasse mais capaz, mas o escolhido tinha, quase sempre, ao menos quarenta e cinco anos. O Conselho elegia o rei ou rainha Moroi, uma posição que se mantinha até a morte ou a aposentadoria. Em raras circunstâncias, com apoio suficiente das famílias reais, um monarca seria removido à força do trono.

Cada príncipe ou princesa no Conselho era também aconselhado por um conselho familiar e, olhando para a audiência, eu reconheci grupos de membros de diversas famílias sentando juntos: Ivashkovs, Lazars, Badicas... as últimas colunas pareciam ser observadores. Tasha e Adrian estavam juntos, e eu sabia que eles não eram membros do Conselho Real ou de um conselho familiar. Mesmo assim, vê-los ali me fez sentir mais tranquila.

Eu permaneci perto da entrada só salão, trocando desconfortavelmente de um pé para o outro, me perguntando o que me aguardava. Eu não havia ganhado apenas humilhação pública: parecia que eu tinha conseguido isso diante das pessoas mais importantes do mundo Moroi. Maravilhoso.

Um Moroi alto e encurvado com resquícios de cabelo branco deu um passo à frente, ao redor da lateral da mesa longa, e limpou sua garganta. Imediatamente, a conversa parou. Silêncio preencheu o salão.

“O Conselho Real Moroi está em sessão,” ele declarou. “Vossa Majestade, Tatiana Marina Ivashkov, preside.” Ele fez uma mesura discreta em direção a ela e se afastou para um canto da sala,

ficando perto de alguns guardiões que guarneciam das paredes como se eles mesmos fossem arte da decoração.

Tatiana sempre se arrumava para as festas nas quais eu via ela, mas para um evento formal como este, ela realmente exibiu um visual de rainha. Seu vestido de manga longa era de seda azul-marinho e uma coroa brilhante de pedras azuis e brancas estava sobre seu cabelo elaboradamente trançada. Em um concurso de beleza, eu poderia suspeitar que tais gemas era bijuteria. Nela, não questionei por um momento sequer que eram safiras e diamantes de verdade.

“Obrigada,” ela disse. Ela também estava usando sua voz de realeza, que preenchia o salão, ressonante e impressionante. “Vamos continuar nossa discussão de ontem.”

Espera... como é? Eles estavam me discutindo ontem também? Então, eu percebi que havia fechado os braços ao redor de mim mesma em uma espécie de postura defensiva e os deixei cair imediatamente. Eu não queria parecer fraca, não importava o que me esperasse.

“Hoje, estaremos ouvindo o depoimento de uma guardiã recém-formada.” O olhar afiado de Tatiana recaiu sobre mim. O de toda a sala também. “Rosemarie Hathaway, você faria o favor de vir adiante?”

Eu atendi o pedido dela, mantendo uma postura confiante. Eu não sabia exatamente onde ficar, então fui para o meio do salão, diretamente de frente para Tatiana. Se eu ia ser exibida ao público, gostaria que alguém tivesse me avisado para usar o preto e branco de guardião. Que seja. Eu não mostraria medo, mesmo em jeans e camiseta. Eu fiz uma medida pequena e apropriada e meus olhos se encontraram diretamente com os dela, esperando pelo que viria.

“Poderia nos dizer seu nome?” ela pediu.

Ela já havia feito isso por mim, mas eu ainda atendi o pedido, “Rosemarie Hathaway.”

“Quantos anos você tem?”

“Dezoito anos.”

“Há quanto tempo?”

“Alguns meses.”

Ela esperou alguns momentos para deixar que a informação fosse absorvida, como se fosse algo muito importante. “Senhorita Hathaway, nos foi dito que, por volta do período subsequente ao seu aniversário, você deixou a Academia de St. Vladimir. Isso é verdade?”

Era sobre isso que eles queriam falar? Não da viagem para Vegas com a Lissa?

“Sim.” Eu não dei mais informações. Meu Deus. Eu esperava que ela não perguntasse sobre Dimitri. Ela não devia saber sobre meu relacionamento com ele, mas eu não podia ter certeza de que tipo de informação circulava por aqui.

“Você foi para a Rússia caçar Strigoi.”

“Sim.”

“Como forma de se vingar do ataque a St. Vladimir?”

“Er... Sim.”

Ninguém disse nada, mas eu pude sentir que minha resposta causou uma agitação no salão. Pessoas se remexiam desconfortavelmente e olhavam para seus vizinhos. Strigoi sempre inspiravam medo, e alguém os perseguindo ativamente ainda era um conceito incomum entre nós. Estranhamente, Tatiana

me pareceu muito feliz com a informação. Ela ia usar isso de munição contra mim?

“Podemos assumir então,” ela continuou, “que você é uma daquelas que acredita em ataques diretos aos Strigoi?”

“Sim.”

“Muitos tiveram reações diferentes ao ataque terrível a St. Vladimir,” ela disse. “Você não foi a única dhampir que quis contra-atacar os Strigoi – embora fosse certamente a mais jovem.”

Eu não sabia de outros agindo como justiceiros – exceto por alguns dhampirs sem juízo na Rússia. Se essa era a história de minha viagem que ela preferia acreditar, tudo bem para mim.

“Temos relatórios tanto de guardiões quanto de Alquimistas na Rússia dizendo que você foi bem sucedida.” Foi a primeira vez que vi Alquimistas sendo mencionados em público, mas é claro que eles seriam um tópico comum no Conselho. “Saberia me dizer quantos matou?”

“Eu...” eu olhei para ela surpresa. “Não tenho certeza, Sua Majestade. Ao menos...” eu procurei fundo em minha mente. “Sete.” Poderia ser mais. Ela também pensou nisso.

“Pode ser uma estimativa modesta, comparado ao que dizem nossas fontes,” ela observou gratamente. “De todo modo, ainda é um número impressionante. Você executou eles por si mesma?”

“Algumas vezes, sim. Outras, tive ajuda. Havia... outro grupo de dhampirs e trabalhamos juntos uma vez ou outra.” Tecnicamente falando, eu tive auxílio de Strigoi também, mas eu não ia mencionar isso.

“A idade deles era próxima da sua?”

“Sim.”

Tatiana não disse mais nada e, como se recebesse uma deixa, uma mulher ao lado dela falou. Eu supunha que fosse a princesa Conta.

“Quando matou seu primeiro Strigoi?”

Eu fiz uma careta. “Dezembro passado.”

“E você tinha dezessete anos?”

“Sim.”

“Você matou ele sozinha?”

“Bem... praticamente. Alguns amigos o distraíram.” Eu esperava que não pedissem por mais detalhes. Eu destruí um Strigoi pela primeira vez quando Mason morreu, e aquela era a memória que

mais me atormentava depois dos eventos que diziam respeito à Dimitri.

Mas a princesa Conta não queria muitos detalhes a mais. Ela e os outros – que logo se uniram ao questionamento – queriam saber mais sobre minhas vitórias. Eles estavam levemente interessados em saber quando outros dhampirs me ajudaram – mas não quiseram falar em ajuda de Moroi. Eles também encobriram meu registro disciplinar, o que eu achei desconcertante. O resto dos meus detalhes acadêmicos foi mencionado – minhas notas excepcionais em combate, como eu era uma das melhores quando eu e Lissa fugimos quando estávamos no segundo ano e quão rápido eu recuperei o tempo perdido e voltei ao topo da turma (ao menos em lutas). Eles também falaram em como eu havia protegido Lissa toda a vez que estávamos sozinhas no mundo e finalmente concluíram com minha pontuação estupenda nos testes.

“Obrigada, Guardiã Hathaway. Você pode se retirar.”

A voz desconsiderada de Tatiana não dava margem para dúvidas. Ela me queria fora dali. Eu estava muito animada em aceitar, fazendo outra medida e saindo rapidamente. Eu olhei rapidamente para Tasha e Adrian, e a voz da rainha soou quando eu saí pela porta. “Isso conclui a sessão. Nos encontraremos novamente amanhã.”

Eu não fiquei surpresa quando Adrian me encontrou alguns minutos depois. Hans não me mandou voltar a trabalhar depois da sessão, então eu decidi interpretar aquilo como liberdade.

“Certo,” eu disse, segurando a mão de Adrian na minha. “Use sua sabedoria em política da realeza para esclarecer as coisas para mim. O que foi tudo aquilo?”

“Nem ideia. Eu sou o último para quem você devia perguntar coisas de política,” ele disse. “Eu nem vou nessas porcarias, mas Tasha me encontrou no último minuto e disse para ir com ela. Acho que ela sabia que você estaria ali – mas ela estava tão confusa quanto eu.”

Nenhum de nós dissera qualquer coisa, mas eu percebi que estava levando-o em direção a um dos prédios que possuía comércio – lojas, restaurantes, etc. Percebi que, de repente, eu estava morta de fome.

“Eu tive a impressão de que isso era parte de algo que eles estiveram discutindo antes – ela mencionou a última sessão deles.”

“Era fechada. Como a de amanhã. Ninguém sabe o que eles estavam discutindo.”

“Então por que fazer desta uma sessão pública?” Não parecia justo que a rainha e o Conselho pudessem escolher o que seria dividido com os outros. Tudo aquilo devia ter sido público.

Ele gemeu. “Provavelmente porque farão uma votação em breve, e essa virá a público. Se o seu depoimento tem algum papel nisso, o Conselho deve querer se assegurar de que outros Moroí o testemunharam também – para que, assim, todos entendam a decisão quando ela vier.” Ele fez uma pausa. “Mas o que eu sei? Não sou político.”

“Assim, faz parecer que já está tudo decidido,” eu grunhi. “Por que sequer votar? E o que eu tenho a ver com o governo?”

Ele abriu a porta para um pequeno café que vendia lanches light – hamburguers e sanduíches. Adrian foi criado com restaurantes chiques e comida gourmet. Acho que ele preferia aquilo, mas ele também sabia que eu não gostava de estar sempre à vista ou sendo lembrada de que eu estava com um membro de uma família de elite da realeza. Fiquei feliz em saber que ele percebeu que eu queria algo simples hoje.

Mesmo assim, estarmos juntos ocasionou olhares e cochichos dos outros clientes. Na escola, éramos fonte de especulação, mas aqui na Corte? Éramos uma das atrações principais. A imagem era importante lá e a maioria das relações entre dhampirs e Moroí era secreta. Nossa abertura – especialmente considerando-se com quem Adrian era ligado – era escandalosa e chocante, e as pessoas nem sempre eram discretas com suas reações. Eu ouvi de tudo desde

que voltei à Corte. Uma mulher me chamou de sem vergonha. Outra se perguntou em voz alta por que Tatiana não havia “me dado um jeito”.

Por sorte, a maior parte da audiência hoje se contentou em observar, fazendo mais fácil ignorá-los. Havia uma marca na testa de Adrian, indicando que ele estava pensando em algo quando nos sentamos. “Talvez estejam votando para fazer de você a guardiã da Lissa, no final das contas.”

“Sério?” A sessão foi uma análise de minhas habilidades, afinal. Exceto que... “Não. O Conselho não se daria ao trabalho de ter sessões para designar uma única guardião.” Minhas esperanças se foram.

Adrian encolheu os ombros, como que aceitando o que eu dizia. “Verdade. Mas essa não é uma designação qualquer. Lissa é a última de sua família. Todo mundo – inclusive minha tia – tem um interesse em especial nela. Dar a ela alguém como você que é...” Eu lancei a ele um olhar perigoso enquanto ele procurava a palavra certa. “...controversa pode incomodar algumas pessoas.”

“E era por isso que eles queriam a mim lá para descrever o que eu fiz. Para convencer as pessoas de que sou competente.” Mesmo enquanto dizia essas palavras, eu ainda não me atrevia a acreditar nelas. Era bom demais para ser verdade. “Simplesmente não posso imaginar, do jeito que eu pareço estar tão encrocada com os guardiões.”

“Eu não sei,” ele disse. “É só uma hipótese. Quem sabe? Talvez eles realmente acreditem que Las Vegas foi uma brincadeira inofensiva.” Havia um tom amargo em sua voz quando ele disse aquilo. “E eu disse para você que a tia Tatiana estava se acostumando com você. Talvez ela queira você como a guardiã de Lissa mas precisa fazer uma demonstração pública para justificar essa decisão.”

Era um pensamento surpreendente. “Mas se eu ficar com Lissa, o que você vai fazer? Vai para uma faculdade respeitável também?”

“Não sei,” ele disse, os olhos verdes com um ar pensativo enquanto bebia. “Talvez eu vá.”

Isso também era inesperado, e a conversa com a mãe dele voltou à minha memória. E se eu fosse a guardiã da Lissa na faculdade Adrian estaria conosco nos próximos quatro anos. Eu tinha quase certeza de que Daniella esperasse que nos separássemos nesse verão. Eu também pensava assim... e fiquei surpresa em saber como eu estava aliviada que pudesse continuar com ele. Dimitri sempre me deixava com o coração cheio de dor e saudades, mas eu ainda queria Adrian na minha vida.

Eu sorri para ele e descansei minhas mãos sobre as dele. “Eu não tenho certeza do que fazer com você se você se tornasse respeitável.”

Ele levou minhas mãos aos lábios e beijou. “Eu tenho sugestões,” ele me disse. Eu não sabia se eram suas palavras ou o toque de sua boca na minha pele

que me deixou arrepiada. Eu estava prestes a perguntar que sugestões eram essas quando nosso intervalo foi interrompido... por Hans.

“Hathaway,” ele disse, uma sobrancelha erguida enquanto ele ficava de pé ao nosso lado. “Nós dois temos ideias bem diferentes quanto à definição de ‘punição’.”

Ele tinha razão. Para mim, punição tinha a ver com coisas fáceis como chibatadas e passar fome. Não arquivamento.

Ao invés de dizer isso, eu respondi, “Você não me disse para voltar depois que eu visse a rainha.”

Ele me deu um olhar exasperado. “Eu também não disse a você para ter um encontro. Venha. De volta aos cofres.”

“Mas eu tenho um pedido chegando!”

“Você vai ter uma pausa para o lanche em algumas horas como o resto de nós.”

Eu tentei reprimir meu ultraje. Eles não estavam me alimentando de casca de pão e água pelas últimas horas, mas a comida não era muito melhor que isso. Naquele instante, a garçonete chegou com nossa comida. Eu agarrei meu sanduíche antes mesmo que ela deixasse os pratos na mesa e o enrolei num guardanapo. “Posso levar ele?”

“Se você puder comer antes de chegarmos lá.” Seu tom era cético, levando em conta que os cofres eram bem próximos. Era óbvio que ele subestimava minha habilidade para consumir comida.

Apesar da expressão desaprovadora de Hans, eu dei um beijo de despedida em Adrian e disse a ele que talvez nós continuaríamos nossa conversa. Ele me deu um sorriso alegre e esperto que eu só vi por um instante antes que Hans me tirasse de lá. Como esperava, eu consegui devorar o sanduíche antes de chegarmos ao prédio dos guardiões, embora isso me tenha deixado um pouco nauseada pela próxima meia hora.

Meu horário de almoço era quase a hora do jantar para Lissa, lá no mundo humano. Voltando à minha punição triste, eu me animei com um pouco da alegria vindo dela através de nosso elo. Ela passou o dia inteiro no tour pelo campus em Lehigh e era tudo o que ela esperava. Ela amou tudo aquilo. Ela amava os prédios bonitos, o terreno, os dormitórios... e, especialmente, as aulas. Uma espiada no catálogo do curso abria um mundo de assuntos que nem

a educação superior de St. Vladimir havia nos oferecido. Ela queria ver e fazer tudo o que aquele lugar tinha a oferecer.

E, por mais que ela desejasse que eu estivesse lá, ela ainda estava excitada pelo fato de ser seu aniversário. Priscilla lhe dera uma joia elaborada e prometeu um jantar chique à noite. Não era exatamente a comemoração que Lissa esperara, mas a animação de fazer dezoito anos era intoxicante – especialmente enquanto ela olhava a faculdade dos sonhos onde iria estudar.

Confesso, eu senti um pouco de ciúme. Apesar da teoria de Adrian acerca do motivo que levou a rainha a me chamar hoje, eu sabia – assim como Lissa – que as chances de que eu fosse para a

faculdade com ela deviam ser inexistentes. Uma pequena parte de mim não entendia como Lissa podia estar animada se eu não estaria junto. Infantilidade minha, eu sei.

Não tive muito tempo para ficar de mal humor pois, assim que o tour acabou, o grupo de Lissa retornou ao hotel. Priscilla lhes disse que eles tinham aproximadamente uma hora para fazer o que quisessem antes do jantar. Para Lissa, isso significava mais prática de combate. Meu mal humor imediatamente se converteu em ira.

As coisas ficaram piores quando eu percebi, mais cedo naquele dia, que Serena contara a Grant sobre o desejo de Lissa e Christian de aprenderem a se defender. Ele também parecia achar a ideia boa. Era de se imaginar, Lissa tinha dois guardiões progressistas. Por que ela não podia ter ficado com alguém enjoado e antiquado que ficaria horrorizado com a ideia de haver um Moroi sequer pensando em enfrentar Strigoi?

Então, enquanto eu assistia sem poder fazer nada, Lissa e Christian conseguiram dois instrutores. Isso não só significava mais oportunidades de aprender, também queria dizer que Serena tinha um companheiro competente com o qual demonstrar alguns dos seus movimentos. Ela e Grant lutaram, explicando os golpes enquanto Lissa e Christian assistiam embasbacados.

Felizmente (bem, não para Lissa), eu e ela logo percebemos uma coisa. Os guardiões não sabiam a verdadeira razão para Lissa querer lutar. Eles nem tinham ideia – como poderiam? – que ela queria caçar e estacar um Strigoi na débil esperança de trazê-lo de volta a vida. Eles pensavam que ela só queria aprender defesa básica, algo que parecia muito razoável para eles. Então, foi o que eles ensinaram.

Grant e Serena também fizeram Lissa e Christian praticar um no outro. Eu imaginava que havia algumas razões para isso. Uma era que Lissa e Christian

não tinham habilidade o bastante para machucar seriamente um ao outro. A outra era que isso divertia os guardiões.

Mas não divertia Lissa e Christian. Ainda havia tensão entre eles, tanto sexual quanto violenta, e eles se ressentiam por estarem tão próximos um do outro. Grant e Serena impediram os dois Moroí de dar mais socos no rosto, mas esquivas simples podiam resultar em esfregarem-se um no outro, dedos tocando a pele no calor da ação. De vez em quando, os guardiões faziam alguém fingir ser um Strigoi – colocando Lissa ou Christian na ofensiva. Os dois Moroí gostaram daquilo até certo ponto, afinal de contas, eles queriam aprender ataques diretos.

Mas, quando Christian (como Strigoi) saltou sobre Lissa e a empurrou contra uma parede, aprender a estar na ofensiva não pareceu mais uma ideia tão boa para ela. A manobra os deixara grudados um no outro, os braços dele segurando os dela. Ela podia cheirar ele e senti-lo, e estava dominada pela fantasia de tê-lo abraçando e beijando ela.

“Acho que vocês dois deviam voltar à defesa básica,” disse Grant, interrompendo os sentimentos traiçoeiros dela. Ele parecia mais preocupado que eles machucassem um ao outro do que com a possibilidade de que começassem a se agarrar.

Levou um momento para que Lissa e Christian registrassem essas palavras, sem mencionar separarem-se um do outro. Quando eles conseguiram, ambos evitaram contato olho-no-olho e voltaram ao sofá. Os guardiões deram mais exemplos de como evitar um atacante. Lissa e Christian viram aquilo tantas vezes que sabiam a lição de cabeça, e a atração inicial deu espaço para frustração.

Lissa era muito educada para dizer qualquer coisa mas, após quinze minutos com Serena e Grant demonstrando como bloquear com seus braços e esquivar de alguém tentando agarrá-lo, Christian finalmente falou. “Como você enfia uma estaca em um Strigoi?”

Serena congelou com aquelas palavras. “Você disse enfiar uma estaca?”

Ao invés de ficar chocado, Grant soltou um riso abafado. “Não acho que seja algo com que vocês precisem se preocupar. Vocês querem aprender a ficar longe dos Strigoi, não perto.”

Lissa e Christian trocaram um olhar desconfortável.

“Eu ajudei a matar Strigoi antes,” Christian notou. “Eu usei fogo no ataque à escola. Está me dizendo que isso não é certo? Que eu não devia ter feito?”

Agora, foi a vez de Serena e Grant trocarem olhares. Há, eu pensei. Esses dois não eram tão progressistas quanto eu pensei. Eles aceitavam o ponto de vista defensivo, mas não o ofensivo.

“Claro que devia,” Grant afirmou por fim. “O que você fez foi incrível. E em uma situação similar? É claro. Você não quer ser indefeso. Mas essa é a questão – você tem seu fogo. Se precisasse enfrentar um Strigoi, sua magia é o melhor método. Você já sabe como utilizá-la – e ela vai mantê-lo fora do alcance deles.”

“E quanto a mim?” perguntou Lissa. “Não tenho nenhuma magia como essa.”

“Você nunca vai chegar perto o bastante de um Strigoi para se preocupar com isso,” disse Serena com firmeza. “Nós não vamos deixar.”

“Além disso,” acrescentou Grant em um tom divertido, “não é como se nós ficássemos distribuindo estacas por aí.” Eu teria dado qualquer coisa para que eles dessem uma olhada na mala dela naquele momento.

Lissa mordeu o lábio e se recusou a fazer contato visual com Christian de novo por medo de revelar suas intenções. Isso não estava seguindo de acordo com o plano maluco deles. Christian tomou a liderança novamente.

“Vocês podem ao menos demonstrar?” ele perguntou, tentando – e conseguindo – parecer alguém em busca de algo sensacional e excitante. “É difícil fazer? Me parece que tudo que precisa é mirar e acertar.”

Grant bufou. “Tem um pouco mais aí do que apenas isso.”

Lissa se inclinou para frente, apertando as mãos juntas enquanto seguia as ações de Christian. “Bem, então não se preocupem em

ensinar. Apenas mostrem para nós.”

“É. Nos deixem ver.” Christian se mexeu sem descanso ao lado dela e, quando o fez, os braços deles roçaram, então eles se distanciaram de imediato.

“Não é um jogo,” Grant disse. Mesmo assim, ele foi até seu casaco e pegou sua estaca. Serena encarou-o incrédula.

“O que vai fazer?” ela perguntou. “Me estacar?”

Ele deu aquele riso abafado dele e examinou o quarto com seu olhar afiado. “Claro que não. Ah, ali estão.” Ele caminhou até uma pequena cadeira com uma almofada decorativa. Ele a levantou e testou sua largura. Era gorda e preenchida com algum enchimento denso. Ele voltou-se para Lissa e fez um gesto para que ela levantasse. Para a surpresa de todos, ele lhe entregou sua estaca.

Ficando em uma posição rígida, ele agarrou com força a almofada entre as mãos e a estendeu um pouco a frente dele. “Vá em frente,” ele disse. “Mire e acerte.”

“Você enlouqueceu?” perguntou Serena.

“Não se preocupe,” ele disse. “A Princesa Voda pode pagar pelos acidentes. Eu estou provando um argumento. Acerte a almofada.”

Lissa hesitou apenas por alguns momentos. Uma excitação usualmente intensa tomou conta do seu ser. Eu sabia o quão ansiosa ela estivera para aprender aquilo, mas seu desejo parecia ter crescido ainda mais. Apertando os dentes, ela deu um passo à frente e tentou empalar a almofada com sua estaca de um jeito esquisito. Ela estava sendo cautelosa – com medo de machucar Grant – mas não havia com o que se preocupar. Ela nem o fez se mexer, e tudo que conseguiu foi um arranhão leve no tecido. Ela tentou mais vezes, mas não conseguiu muito mais.

Christian, sendo quem ele era, falou, “É tudo que você consegue fazer?”

Com um olhar fulminante, ela lhe entregou a estaca. “Faça melhor.”

Christian levantou, o sorriso arrogante desaparecendo enquanto ele estudava a almofada criticamente e preparava seu ataque. Enquanto ele fazia isso, Lissa olhou em volta e viu a diversão nos olhos dos guardiões. Mesmo Serena estava relaxada. Eles estavam provando o que queriam, que estacar não era fácil de se aprender. Eu estava grata, e minha opinião sobre eles melhorou.

Christian finalmente atacou. Ele conseguiu rasgar o tecido, mas a almofada e seu enchimento se mostraram demais para ele. E de novo, Grant nem tremeu. Depois de mais tentativas frustradas, Christian sentou-se novamente e devolveu a estaca. Era meio divertido ver o jeito pretensioso de Christian ser derrubado um pouco. Mesmo Lissa gostou, apesar de ela mesma estar frustrada por ver quão difícil aquilo era.

“O enchimento é resistente demais,” Christian reclamou.

Grant entregou sua estaca para Serena. “O quê, você acha que o corpo de um Strigoi é mais fácil de perfurar? Com músculos e costelas no caminho?”

Grant voltou à posição e, sem hesitar, Serena atacou com a estaca. A ponta atravessou o outro lado da almofada, parando logo na frente do peito de Grant enquanto pedacinhos de enchimento desciam ao chão. Ela tirou a arma e a devolveu como se aquilo fosse a coisa mais fácil do mundo.

Tanto Christian quanto Lissa olharam maravilhados. “Deixe-me tentar de novo,” disse ele.

Quando Priscilla os chamou para jantar, não havia sequer uma almofada no quarto que estivesse intacta. Cara, ela ficaria surpresa quando recebesse a conta. Lissa e Christian treinaram com a estaca enquanto os guardiões olhavam com um ar superior, confiantes de terem passado a mensagem. Destruir Strigoi não era fácil.

Lissa finalmente estava entendendo. Ela percebeu que, em algumas formas, atravessar uma almofada – ou um Strigoi – não era nem sequer só entender o princípio. Claro, ela me ouvira falar em alinhar o golpe com o coração e evitar as costelas, mas aquilo era

mais que conhecimento. Havia muito de força – uma que ela ainda não possuía fisicamente. Serena, embora parecesse pequena, passara anos treinando seus músculos e podia estacar praticamente qualquer coisa. Uma aula de uma hora não dera a Lissa aquela força, e ela sussurrou aquilo para Christian enquanto eles iam jantar.

“Você já desistiu?” ele perguntou, sua voz igualmente baixa enquanto eles iam no banco traseiro da SUV. Grant, Serena e um terceiro guardião também estavam lá, mas profundamente distraídos com uma discussão.

“Não!” ela sibilou de volta. “Mas eu preciso, tipo, treinar antes de conseguir.”

“Vai levantar peso?”

“Eu... eu não sei.” Os outros ainda estavam falando uns com os outros, mas o assunto de Lissa era muito perigoso para que ela arriscasse eles ouvindo. Ela se inclinou para perto de Christian, enervada novamente com a forma que a proximidade e familiaridade com ele a afetavam. Engolindo em seco, ela tentou manter o rosto impassivo e manter-se no tópico. “Mas eu não sou forte o bastante. É fisicamente impossível.”

“Parece que está desistindo.”

“Ei! Você não atravessou nenhuma almofada também.”

Ele corou de leve. “Eu quase consegui a verde.”

“Mal tinha qualquer marca nela!”

“Eu só preciso praticar mais.”

“Você não precisa fazer nada,” ela disparou de volta, lutando para manter a voz baixa apesar da raiva. “Essa luta não é sua. É minha.”

“Ei,” ele estourou, seus olhos brilhando como dois diamantes azuis pálidos, “você é louca se pensa que eu vou deixar você ir e arriscar –”

Ele se cortou e mordeu o lábio, como se somente vontade não bastasse para impedi-lo de falar. Lissa olhou para ele, e ambos

começamos a nos perguntar como a frase concluía. O que ele não arriscaria? Ela se colocar em perigo. Era a minha teoria.

Mesmo sem falar, ele dizia muito com sua expressão. Através dos olhos de Lissa, eu o vi admirando-a e tentando esconder o que sentia. No final, ele se afastou e quebrou o espaço íntimo entre eles, ficando o mais longe que podia.

“Ótimo. Faça o que você quiser. Eu não me importo.”

Nenhum dos dois falou depois disso, e como era minha hora do almoço, eu voltei para a realidade e agradei pelo fim do trabalho burocrático – só para ser informada por Hans que devia continuar trabalhando.

“Qual é! Não é hora do almoço? Você precisa me alimentar,” eu exclamei. “Isso é além do cruel. Ao menos me jogue algumas migalhas.”

“Eu alimentei você. Ou melhor, você se alimentou quando inalou aquele sanduíche. Você queria a pausa do almoço naquela hora. Você teve. Agora, continue trabalhando.”

Eu bati com os punhos na pilha infinita de papel diante de mim. “Eu não posso fazer alguma outra coisa? Pintar prédios? Arrastar rochas?”

“Receio que não.” Um sorriso maligno surgiu no canto de seu lábio. “Tem muito trabalho burocrático que precisamos que você faça.”

“Quanto tempo? Até quando você vai me punir?”

Hans deu de ombros. “Até me mandarem parar.”

Ele me deixou sozinha de novo. Eu me reclinei na cadeira, tentando não virar a mesa. Isso iria me fazer momentaneamente mais feliz, mas também significava que precisaria refazer o trabalho. Com um suspiro, eu retornei à minha tarefa.

Lissa estava jantando quando eu voltei até ela mais tarde. Podia ser por causa do seu aniversário, mas a verdade é que era tudo conversa de realza com Priscilla. Aquilo não era jeito de se celebrar

um aniversário, eu decidi. Eu precisava compensar por isso assim que conseguisse minha liberdade. Teríamos uma festa de verdade, e eu poderia lhe dar seu presente: lindas botas de couro que Adrian me ajudou a conseguir quando ainda estávamos na escola.

Estar na cabeça de Christian poderia ter sido mais interessante, mas já que não era uma opção, eu voltei à minha e comecei a pensar na minha conversa anterior com Adrian. Essa punição iria finalmente terminar? Um decreto oficial colocaria eu e Lissa juntos, apesar da política normal dos guardiões?

Tentar entender aquilo era como estar numa roda de hamster. Muito trabalho. Nenhum progresso. Mas me fez passar por uma conversa na janta e, antes que eu percebesse, o grupo de Lissa estava levantando e voltando para a porta do restaurante. Era noite afóra, e Lissa não pode deixar de sentir a estranheza de estar no horário humano. Na escola ou na Corte, esse seria o meio do dia. Ao invés disso, eles iam voltar ao hotel e ir para as suas camas. Bom, talvez não de imediato. Eu não tinha dúvidas de que se Lissa e Christian superassem essa última discussão, eles voltaria a atacar almofadas. Por mais que eu quisesse os dois namorando de novo, não podia deixar de pensar que eles estavam mais seguros separados.

Ou talvez não.

O grupo ficou no restaurante bem além do horário normal da janta, então estava bem mais vazio quando eles saíram. Os guardiões não tinham estacionado exatamente atrás, mas também não estavam perto da entrada principal. Eles, no entanto, fizeram questão de estacionar perto de um poste que iluminava o estacionamento.

Exceto que não estava acesa agora. A lâmpada fora quebrada.

Grant e o guardião de Priscilla perceberam aquilo de imediato. Era o tipo de detalhe que nós éramos treinados para perceber: qualquer coisa atípica, tudo que pudesse ter sido alterado. Em um instante, os dois tinham estacas nas mãos e estavam flanqueando os Moroi. Só levou alguns segundos para que Serena e o

guardião designado para Christian fazerem o mesmo. Era algo que eles foram treinados para fazer. Estar em guarda. Reagir. Seguir seus colegas.

Eles eram rápidos. Todos eles. Mas não importava.

Porque, de repente, havia Strigoi em todos os cantos.

Eu não tenho certeza de onde eles vieram. Talvez eles tivessem estado atrás dos carros ou nos cantos do estacionamento. Se eu tivesse uma visão aérea ou estivesse lá com meu “alarme de náusea”, eu teria uma ideia melhor de tudo. Mas eu estava assistindo através dos olhos de Lissa, e os guardiões estavam se esforçando para bloqueá-la dos Strigoi que pareciam ter surgido do nada até onde ela sabia. A maioria das ações era um borrão para ela. Seus seguranças a empurraram para os lados, tentando mantê-la segura enquanto rostos brancos de olhos vermelhos surgiam por toda a parte. Ela viu tudo através de uma névoa de medo.

Mas, em pouco tempo, nós dois pudemos ver gente morrendo. Serena, tão rápida e forte quanto ela fora no hotel, estaqueou um Strigoi no coração. Então, em retorno, uma fêmea Strigoi pulou sobre o guardião de Priscilla e quebrou seu pescoço. Lissa estava parcialmente consciente do braço de Christian ao seu redor, pressionando-a contra o esportivo e protegendo-a com o próprio corpo. Os outros guardiões também formavam um círculo protetor, mas eles estavam distraídos. Seu círculo estava enfraquecendo – eles estavam caindo.

Um a um, os Strigoi mataram os guardiões. Não era por falta de habilidade deles. Eles simplesmente estavam em menor número. Um Strigoi arrancou a garganta de Grant com os dentes. Serena foi estapeada com as costas da mão fortemente contra o asfalto e parou de se mover. E, o maior dos horrores, os Strigoi também não poupavam Moroi. Lissa – pressionada tão forte contra o carro que ela poderia se fundir a ele – olhou estupefata enquanto um Strigoi penetrou rápida e eficientemente o pescoço de Priscilla, parando para beber seu sangue. A Moroi nem teve tempo de registrar sua

surpresa, mas pelo menos não houvera sofrimento. As endorfinas diminuíram sua dor enquanto o sangue e a vida deixavam seu corpo.

As emoções de Lissa foram além do medo, até o ponto em que ela mal sentia qualquer coisa. Ela estava em choque. Entorpecida. E com uma certeza dura e fria, ela sabia que a morte estava vindo e aceitou ela. Sua mão encontrou a de Christian e apertou e, voltando-se para ele, ela teve um pouco de conforto em saber que a última visão que teria seriam seus olhos azuis, belos e cristalinos. Pelo seu rosto, ele pensava o mesmo. Havia calor, amor e –

O mais completo espanto.

Com os olhos arregalados, ele focava em algo logo atrás de Lissa. Naquele instante, uma mão a agarrou e girou-a. É isso, uma voz pequena em sua cabeça disse. É aqui que eu morro.

Então, ela entendeu o espanto de Christian.

Ela estava cara a cara com Dimitri.

Como eu, ela tinha a impressão surreal de estar com Dimitri sem estar realmente com ele. Algumas de suas feições eram as mesmas... e ainda assim, tantas haviam mudado. Ela tentou dizer alguma coisa, qualquer coisa, mas embora as palavras de formassem em seus lábios, ela não conseguia fazê-las sair.

Calor intenso surgiu atrás dela, e uma luz intensa iluminou o rosto pálido de Dimitri. Nem Lissa nem eu precisávamos ver para saber que Christian criara uma bola de fogo com sua magia. O choque de ver Dimitri ou o medo por Lissa colocaram ele em ação. Dimitri fechou um pouco os olhos por causa da luz, mas então um sorriso cruel surgiu em seus ombros, e a mão no pescoço dela subiu para seu pescoço.

“Apague,” disse Dimitri. “Apague ou ela morre.”

Lissa finalmente achou sua voz, mesmo com o ar cortado. “Não ouça,” ela gemeu. “Ele vai nos matar de qualquer jeito.”

Mas, atrás dela, o calor morreu. Sombras caíram sobre o rosto de Dimitri novamente. Christian não arriscaria ela, mesmo que ela

estivesse certa. Esse dificilmente seria o problema.

“Na verdade,” disse Dimitri, uma voz agradável na cena sinistra, “eu prefiro que os dois continuem vivos. Ao menos, por um pouco mais de tempo.”

Eu senti o rosto de Lissa virar uma careta. Não estaria surpresa se Christian tivesse feito o mesmo, a julgar pela confusão em sua voz. Ele nem conseguia fazer um comentário esperto. Ele só podia dizer o óbvio: “Por quê?”

Os olhos de Dimitri brilharam. “Porque preciso de vocês como isca para atrair Rose.”

# QUINZE

Na minha mente apavorada naquele instante, levantar e correr a pé até Lehigh – apesar de ser a quilômetros de distância – parecia um plano sólido. Um segundo depois, eu sabia que isso além das minhas capacidades. Muito, muito além das minhas capacidades.

Enquanto levantava da minha mesa e saía do quarto, eu senti um desejo de encontrar Alberta. Eu a vi entrar em ação em St. Vladimir e sabia que ela podia lidar com qualquer situação. Nesse ponto em nossa relação, ela responderia a qualquer informação que eu trouxesse a ela. Os guardiões na Corte ainda eram estranhos para mim. A quem eu poderia ir? Hans? O cara que me odiava? Ele não acreditaria em mim, não como Alberta e minha mãe. Correndo pelos silenciosos corredores, eu ignorei tais preocupações. Não importava. Eu faria ele acreditar. Eu encontraria alguém que acreditasse. Qualquer um que pudesse tirar Lissa e Christian dessa.

Só você pode, uma voz passou por minha mente. Você é aquela que Dimitri quer.

Eu ignorei esse pensamento também, em grande parte porque em minha distração, eu colidi em alguém no fim do corredor.

Eu soltei um grito abafado que soou como “Ommph” quando meu rosto bateu no peito de alguém. Eu olhei para cima. Mikhail. Eu teria ficado aliviada, só que eu estava muito cheia de adrenalina para me preocupar. Eu agarrei a manga dele e comecei a empurrar ele em direção as escadas.

“Vem logo! Temos que conseguir ajuda!”

Mikhail permaneceu onde ele estava, sem ceder ao meu puxão. Ele franziu, o rosto calmo. “Do que está falando?”

“Lissa! Lissa e Christian. Eles foram levados por Strigoi – por Dimitri. Podemos achar eles. Eu posso achar eles. Mas temos que

correr.”

A confusão de Mikhail cresceu. “Rose... há quanto tempo você está aqui embaixo?”

Eu não tinha tempo para isso. Deixando ele, eu voei escada acima até o andar principal do complexo. Um momento depois eu ouvi passos atrás de mim.

Quando cheguei no escritório principal, eu esperava que alguém me xingasse por deixar meu punimento, só que... ninguém pareceu sequer me notar.

O escritório estava um caos. Guardiões estavam correndo de um lado para o outro, ligações estavam sendo feitas, e vozes se erguiam em níveis frenéticos. Eles sabiam, eu percebi. Eles já sabiam.

“Hans!” Eu gritei, passando pela multidão. Ele estava do outro lado e tinha acabado de desligar de uma ligação. “Hans, eu sei onde eles estão. Onde os Strigoi levaram Lissa e Christian.”

“Hathaway, eu não tenho tempo para o seu –” A careta dele sumiu. “Vocês tem aquele laço.”

Eu o encarei surpresa. Eu estava pronta para ele me dispensar. Eu estava pronta para lutar para convencê-lo. Eu dei a ele um apressado aceno.

“Eu vi. Eu vi tudo o que aconteceu.” Agora eu franzi. “Como você sabia disso?”

“Serena,” ele disse com raiva.

“Serena está morta...”

Ele balançou a cabeça. “Não, ainda não. Embora ela certamente soasse assim pelo telefone. O que quer que seja que aconteceu, foi necessário tudo que ela tinha para fazer essa ligação. Mandamos Alquimistas buscá-la, e... limpar tudo.”

Eu repassei os eventos, me lembrando de como Serena tinha batido contra o asfalto. Foi um golpe duro, e quando ela não se mexeu, eu assumi o pior. Ainda sim, se ela sobreviveu – e aparentemente ela deveria ter sobrevivido – eu mal podia formar

uma imagem mental dela tirando seu telefone do bolso com sangue nas mãos...

Por favor, por favor permita que ela viva, eu pensei, sem ter certeza pra quem eu rezava.

“Vem,” disse Hans. “Precisamos de você. Já tem equipes se formando.”

Essa era outra surpresa. Eu não esperava que ele me trouxesse tão rapidamente. Um novo respeito por Hans passou por mim. Ele podia agir como um idiota, mas ele era um líder. Quando ele viu uma vantagem, ele usou. Em

um duro movimento, ele estava correndo em direção à porta, vários guardiões o seguindo. Eu lutei para acompanhar seus passos e vi Mikhail vindo também.

“Você vai fazer um resgate,” eu disse a Hans. “Isso é... raro.” Eu hesitei até em falar as palavras. Eu certamente não queria desencorajar isso. Mas resgates de Moroi não eram normais. Mesmo quando Strigoi os levavam, eles geralmente eram considerados mortos. O resgate que fizemos no ataque a Academia tinha sido uma exceção, um que exigiu muita persuasão.

Hans me olhou secamente. “Assim como a Princesa Dragomir.”

Lissa era preciosa para mim, e valia mais do que qualquer outra pessoa no mundo. E para os Moroi, eu percebi, ela também era preciosa. A maioria dos Moroi capturada por Strigoi podia ser deixado para morrer, mas ela não era a maioria dos Moroi. Ela era a última de sua linhagem, a última de uma das doze antigas famílias. Perder ela, não significava apenas um golpe na cultura dos Moroi. Seria um sinal, um presságio, que os Strigoi estavam realmente nos vencendo. Por ela, os guardiões iriam arriscar uma missão de resgate.

Na verdade, parecia que eles arriscariam muitas coisas. Quando chegamos na garagem onde os veículos da corte eram guardados, eu vi uma massa de guardiões chegando – junto com Moroi. Eu reconheci alguns. Tasha Ozero estava entre eles, e como ela, os

outros eram usuários de fogo. Se aprendemos algo, era o quão valiosos eles eram numa luta. Parecia que a controvérsia dos Moroi indo para luta estava sendo ignorada agora, e eu fiquei surpresa por ver o quão rapidamente esse grupo foi convocado. Os olhos de Tasha encontraram os meus, seu rosto grave e prolongado. Ela não me disse nada. Ela não precisou.

Hans estava dando ordens, dividindo as pessoas em grupos e veículos. Com cada parte de autocontrole que eu consegui, eu esperei paciente perto dele. Minha natureza inquieta me fez querer pular e começar a exigir onde eu iria. Ele ia chegar na minha vez, eu me assegurei. Ele tinha um papel para mim: eu só tinha que esperar.

Meu alto controle também estava sendo testado com Lissa. Depois que Dimitri tinha levado ela e Christian, eu deixei a mente dela. Eu não podia voltar, ainda não. Eu não podia suportar vê-los – ver Dimitri. Eu sabia que teria assim que começasse a dirigir os guardiões, mas agora, eu me segurei. Eu sabia que Lissa estava viva. Só isso importava por enquanto.

Ainda sim, eu estava tão exaurida e cheia de tensão que quando alguém tocou meu braço, eu quase ataquei com minha estaca.

“Adrian...” eu ofeguei. “O que está fazendo aqui?”

Ele estava parado ali, me olhando, e sua mão gentilmente acariciou minha bochecha. Eu só tinha visto aquele olhar sério e sombrio em seu rosto algumas vezes. Como sempre, eu não gostei. Adrian era uma daquelas pessoas que sempre deveriam sorrir.

“Assim que soube da notícia, eu sabia que você estaria aqui.”

Eu balancei a cabeça. “Aconteceu tipo... eu não sei, à 10 minutos atrás?” O tempo tinha se misturado para mim. “Como todo mundo pode saber tão rápido?”

“Foi transmitido pela Corte assim que descobriram. Eles tem um sistema de alerta instantâneo. Na verdade, a rainha meio que está reclusa.”

“O que? Por quê?” De alguma forma isso me irritou. Tatiana não era quem estava em perigo. “Porque desperdiçar recursos com ela?”

Um guardião que passava me olhou de forma crítica.

Adrian deu de ombros. "Strigoi atacaram perto? Eles fazem parecer que é uma séria ameaça de segurança para nós."

Perto era a palavra chave. Lehigh era cerca de uma hora e meia da Corte. Guardiões sempre estavam em alerta, embora a cada segundo que passava, eu desejava que eles se movessem mais rápido para ficar em alerta. Se Adrian não tivesse aparecido, eu tinha certeza de que teria perdido a paciência e dito a Hans para se apressar.

"É Dimitri," eu disse baixo. Eu não tinha certeza se deveria dizer isso a mais alguém. "Foi ele quem os pegou. Ele os está usando para me atrair para lá."

O rosto de Adrian ficou negro. "Rose, você não pode..." Ele se calou, mas eu sabia o que ele queria dizer.

"Que escolha eu tenho?" eu exclamei. "Eu preciso ir. Ela é minha melhor amiga, e só eu sei onde eles a levaram."

"É uma armadilha."

"Eu sei. E ele sabe que eu sei."

"O que você vai fazer?" De novo, eu sabia exatamente o que Adrian queria dizer. Eu olhei para a estaca que eu inconscientemente tinha pego antes.

"O que eu preciso. Eu preciso... eu preciso matar ele."

"Bom," disse Adrian, alívio passando por suas feições. "Fico feliz."

Por algum motivo, isso me irritou. "Deus," eu surtei. "Você está tão ansioso para se livrar de qualquer competição?"

O rosto de Adrian permaneceu sério. "Não. Eu só sei que enquanto ele estiver vivo – ou, bem, meio vivo – então você estará em perigo. E eu não suporto isso. Eu não suporto saber que sua vida está na balança. E ela está, Rose. Você nunca estará segura até que ele morra. Eu quero você segura. Eu preciso de você segura. Eu não posso... não posso permitir que algo aconteça com você."

Minha raiva desapareceu tão rapidamente quanto tinha vindo. “Oh, Adrian, sinto muito...”

Eu o deixei me pegar nos braços. Descansando minha cabeça contra seu peito, eu senti seu coração bater e a suavidade da sua camisa, e me permiti, por um breve momento, sentir conforto. Eu só queria afundar nele. Eu não queria estar consumida por aqueles sentimentos de medo: medo por Lissa e medo de Dimitri. Eu fiquei fria com a repentina descoberta. Não importava o que acontecesse, eu iria perder um deles hoje à noite. Se resgatássemos Lissa, Dimitri morreria. Se ele sobrevivesse, ela morreria. Não havia final feliz no final dessa história, nada que podia poupar meu coração de ser esmagado em pedaços.

Adrian beijou minha testa e então se abaixou em direção a minha boca. “Tenha cuidado, Rose. Não importa o que aconteça, por favor, por favor tenha cuidado. Eu não posso te perder.”

Eu não sabia o que dizer sobre isso, como responder a toda emoção vinda dele. Minha própria mente e coração estavam cheios de tantos sentimentos misturados que eu mal podia formar um pensamento coerente. Ao invés disso, eu levei meus lábios aos dele e o beijei. No meio de toda morte hoje à noite – a morte que já tinha acontecido e que ainda estava por vir – aquele beijo parecia mais poderoso do que qualquer um que eu e ele tínhamos dado. Era vivo. Eu estava viva, e eu queria ficar daquele jeito. Eu queria trazer Lissa de volta, e eu queria voltar de novo para os braços de Adrian, voltar para seus lábios e toda essa vida...

“Hathaway! Pelo amor de Deus, eu preciso te levar amarrada?”

Eu me separei abruptamente de Adrian e vi Hans me olhando. A maioria das SUV estava pronta. Agora era minha vez de agir. Eu dei a Adrian um olhar de despedida, e ele forçou um pequeno sorriso que eu acho que era para ser corajoso.

“Tome cuidado,” ele repetiu. “Traga eles de volta – e volte também.”

Eu acenei rapidamente, e então segui um impaciente Hans até uma das SUV. A mais bizarra sensação de déjà vu me atingiu enquanto eu entrava no banco de trás. Isso era tão parecido com a vez que Victor tinha sequestrado Lissa que eu quase congelei. Naquela vez, eu também tinha andado numa SUV preta similar, dirigindo os guardiões em direção ao local de Lissa. Só que Dimitri tinha estado sentado ao meu lado – o maravilhoso, corajoso Dimitri que eu conheci por tanto tempo. Ainda sim, aquelas memórias eram tão claras em minha mente e coração que eu podia ver cada detalhe: a forma como ele colocava seu cabelo atrás da orelha, o olhar feroz em seus olhos castanhos enquanto ele pisava no acelerador para chegar até Lissa mais rápido. Ele esteve tão determinado, tão pronto para fazer o que era certo.

Esse Dimitri – o Dimitri Strigoi – também era determinado. Mas de uma forma bem diferente.

“Você vai ser capaz de fazer isso?” perguntou Hans do banco da frente. Uma mão gentil apertou meu braço, e fiquei surpresa por ver Tasha ao meu lado. Eu não tinha notado que ela estava conosco. “Estamos contando com você.”

Eu acenei, querendo ser digna do respeito dele. No melhor jeito guardião, eu mantive minhas emoções longe do meu rosto, tentando não me sentir muito conflitando entre os dois Dimitri. Tentando não lembrar que na noite que fomos atrás de Lissa e Victor, tinha sido a mesma que eu e Dimitri tínhamos caído em seu encanto de luxúria...

“Vá em direção a Lehigh,” eu disse numa voz fria. “Eu te digo quando estivermos mais próximos.”

Só estávamos na estrada a cerca de 20 minutos quando eu senti o grupo de Lissa parando. Dimitri tinha, aparentemente, escolhido um esconderijo não muito longe da universidade, o que facilitaria para nós encontrarmos eles, ao invés deles continuarem em movimento. É claro, eu tive que me lembrar que Dimitri queria ser encontrado. Sabendo que os guardiões comigo iriam precisar das minhas direções, até nos aproximarmos de Lehigh, eu me preparei e fui para a cabeça de Lissa para ver o que estava acontecendo.

Lissa e Christian não foram feridos ou atacados, fora serem empurrados e arrastados. Eles estavam sentados no que parecia ser um depósito – um depósito que não era usado há muito tempo. Pó se acumulou em tudo, em camadas espessas, tanto que era difícil distinguir alguns dos objetos nas prateleiras. Algumas ferramentas, talvez. Papel, aqui e ali, assim como a ocasional caixa. Uma lâmpada era a única iluminação do lugar, deixando tudo duro e sombrio.

Lissa e Christian estavam sentados em cadeiras de madeira, suas mãos atadas atrás de suas costas com uma corda. Por um momento, de já vu me atingiu de novo. Eu lembrei do último inverno também, junto com meus amigos, eu tinha sido atada a uma cadeira e mantida em cativeiro por Strigoi. Eles beberam de Eddie, e Mason tinha morrido...

Não. Não pense assim, Rose. Lissa e Christian estão vivos. Nada aconteceu com eles ainda. Nada vai acontecer com eles.

A mente de Lissa estava no aqui e no agora, mas uma espiada me deixou ver como o prédio parecia quando ela foi trazida para cá. Ele parecia ser um armazém – um velho e abandonado – que era um bom lugar para um Strigoi levar seus prisioneiros.

Havia quatro Strigoi ali, mas até onde Lissa se preocupava, só um importava. Dimitri. Eu entendi a reação dela. Ver ele como Strigoi tinha sido difícil para mim. Até surreal. Eu me adaptei, simplesmente por causa do tempo que passamos juntos. Ainda sim, até eu era pega de surpresa às vezes, ao ver ele assim. Lissa não estava preparada e isso foi um choque total.

O cabelo castanho escuro de Dimitri estava solto ao redor do seu queixo hoje, um visual que eu sempre amei dele, e ele estava andando de um lado para o outro rapidamente, fazendo seu casaco esvoaçar ao redor dele. Muitas vezes suas costas estavam para Lissa e Christian, o que perturbava ela ainda mais. Sem ver seu rosto, ela quase conseguia acreditar que aquele era o Dimitri que ela sempre conheceu. Ele estava discutindo com os outros três enquanto andava de um lado para o outro no pequeno espaço, agitação irradiando dele em uma onda quase palpável.

“Se os guardiões realmente estão vindo,” disse um Strigoi, “então deveríamos estar lá fora.” Ela era alta, ruiva que parecia ter sido uma Moroi quando se transformou. Mas seu tom insinuava que ela não achava que os guardiões estavam vindo.

“Eles estão vindo,” disse Dimitri baixo, com aquele adorável sotaque que fazia meu coração doer. “Eu sei que estão.”

“Então me deixei ir lá e ser útil!” ela surtou. “Você não precisa que a gente cuide desses dois.” Seu tom era desconsiderante. Até mesmo desdenhoso. Era compreensível. Todos no mundo vampiro sabiam que Moroi não lutava, e Lissa e Christian estavam firmemente atados.

“Você não os conhece,” disse Dimitri. “Eles são perigosos. Não tenho certeza nem que isso é proteção o bastante.”

“Isso é ridículo!”

Em um movimento, Dimitri virou e a golpeou. O ataque a derrubou longe, seus olhos arregalados de fúria e choque. Ele voltou a andar como se nada tivesse acontecido.

“Você vai ficar aqui, e você vai cuidar deles por quanto tempo eu mandar, você entendeu?” Ela olhou para trás e tocou o rosto dela mas não disse nada. Dimitri olhou para os outros. “Vocês vão ficar também. Se os guardiões chegarem aqui, vocês serão necessários para mais do que apenas guarda.”

“Como sabe?” exigiu saber outro Strigoi, um de cabelo preto que poderia ter sido humano antes. Uma raridade entre Strigoi. “Como você sequer sabe que eles virão?”

Strigoi tinham uma incrível audição, mas com a briga deles, Lissa teve a breve oportunidade para falar, sem ser ouvida, com Christian. “Você pode queimar essas cordas?” ela murmurou de forma quase inaudível. “Como fez com Rose?”

Christian franziu. Quando ele e eu fomos capturados, foi o que ele fez para me soltar. Tinha doído muito e deixou bolhas nas minhas mãos e pulsos. “Eles vão notar,” ele disse. A conversa não continuou porque Dimitri parou abruptamente e virou em direção a Lissa.

Ela ofegou devido ao repentino e inesperado movimento. Se aproximando dela, ele se ajoelhou diante dela e a olhou nos olhos. Ela tremeu apesar de seu esforço. Ela nunca esteve tão próxima de um Strigoi, e o fato de que era Dimitri era muito pior. Os anéis vermelhos ao redor das pupilas dele pareciam queimar dentro dela. Suas presas pareciam prontas para atacar.

Sua mão se esticou e agarrou o pescoço dela, erguendo seu rosto para que ele pudesse olhar os olhos dela ainda melhor. Os dedos dele afundaram em sua pele, não o bastante para cortar o ar, mas o bastante para que ela tivesse ferimentos depois. Se houvesse um depois.

“Eu sei que os guardiões virão, porque Rose está observando,” disse Dimitri. “Não está, Rose?” Soltando um pouco seu aperto, ele passou a ponta do seu dedo na garganta de Lissa, tão gentilmente... ainda sim, não havia dúvidas de que ele poderia quebrar o pescoço dela.

Era como se ele estivesse olhando nos meus olhos naquele momento. Minha alma. Eu até senti como se ele estivesse acariciando meu pescoço. Eu sabia que era impossível. Era o laço que existia entre Lissa e eu. Mais ninguém podia vê-lo. Ainda sim, naquele momento, foi como se mais ninguém existisse a não ser ele e eu. Era como se Lissa não estivesse entre nós.

“Você está aí, Rose.” Um meio sorriso impiedoso apareceu em seu rosto. “E você não vai abandonar nenhum deles. Você também não é tola o bastante para vir sozinha, é? Talvez um dia você tenha sido – mas não mais.”

Eu saí da mente dela, incapaz de encarar aqueles olhos – e ver eles me encarando em resposta. Se fosse meu próprio medo ou um espelho do de Lissa, eu descobri que meu corpo também estava tremendo. Engolindo, eu olhei ao redor para ver que ninguém tinha notado, mas todos estavam preocupados em discutir uma estratégia – menos Tasha.

Seu olhar azul me estudava, seu rosto cheio de preocupação. “O que você viu?”

Eu balancei minha cabeça, incapaz de olhar para ela também. “Um pesadelo,” eu murmurei. “Meu pior pesadelo se tornando realidade.”

# DEZESSEIS

Eu não tinha certeza de quantos Strigoi estavam no grupo do Dimitri. Muito do que eu tinha visto através da Lissa tinha sido borrado com confusão e terror. Os guardiões, sabendo que nós éramos esperados, tinham simplesmente feito uma boa aposta em quantos mandar. Hans achava que força exagerada poderia nos fazer perder o elemento surpresa. Ele havia despachado tantos guardiões quanto pode para limpar sensatamente a Corte. Todos sabem que a Corte é protegida por wards, mas ainda assim não poderia ser deixada totalmente sem defesa.

Ter os novos formados tinha ajudado. A maioria deles tinha sido deixada para trás, permitindo que os guardiões experientes fossem no nosso grupo de caça. Isso nos deixou com cerca de quarenta. Era incomum grupos grandes de Strigoi unidos. Os guardiões eram geralmente enviados em par, no máximo um grupo de três com as famílias Moroi. Essa grande força tinha o potencial de provocar uma batalha para rivalizar com o ataque da Academia.

Sabendo que espreitar pelo escuro não funcionaria, Hans parou nosso comboio um pouco antes de chegar ao armazém que os Strigoi estavam entocados. O prédio estava situado em uma estrada de serviço que saía da estrada principal. Era uma área industrial, dificilmente um caminho deserto na floresta, mas todas as fábricas e empresas estavam fechadas a esta hora da noite. Eu saí da SUV, deixando a noite quente me envolver. Estava úmido e a mistura no ar parecia especialmente opressiva quando eu já estava sufocada com o medo.

Ficando ao lado da estrada, eu não senti náusea. Dimitri não tinha postado os Strigoi tão longe, o que significa que nossa chegada ainda era – um tipo de – surpresa. Hans andou até mim e eu dei a ele a melhor estimativa que pude da situação, baseada nas minhas informações limitadas.

“Mas você pode encontrar Vasilisa?” ele perguntou.

Eu fiz um aceno afirmativo com a cabeça. “Assim que eu entrar no prédio, nosso laço vai me levar direto a ela.”

Ele se virou, olhando para a noite enquanto os carros passavam na estrada próxima. “Se eles já estiverem esperando do lado de fora, eles vão nos cheirar e ouvir muito antes de os vermos.” Faróis passavam iluminando brevemente seu rosto, que estava com vincos por causa dos pensamentos. “Você disse que há três grupos de Strigoi?”

“Até onde posso dizer. Tem alguns com a Lissa e Christian, alguns do lado de fora.” Eu parei, tentando pensar no que Dimitri faria nessa situação. Com certeza eu o conhecia bem o suficiente, mesmo como Strigoi, para calcular sua estratégia. “Outro grupo dentro do prédio – antes de chegar à sala de armazenamento.” Eu não sabia se isso estava certo, mas não disse ao Hans. As hipóteses foram baseadas nos meus instintos, calculadas no que eu faria e no que eu acho que Dimitri faria. Eu percebi que seria melhor se o Hans planejasse para três grupos de Strigoi.

E foi exatamente isso que ele fez. “Então vamos com três grupos. Você vai liderar o grupo de resgate. Outro time irá acompanhar o seu e eventualmente se separar. Eles irão lutar com quem esteja logo na entrada, deixando seu grupo ir atrás dos cativos.”

Isso parecia tão... Militar. Resgate. Cativos. E eu... uma líder do grupo. Isso fazia sentido com o vínculo, mas sempre no passado, eles tinham simplesmente usado meus conhecimentos e me deixado à margem. Bem vinda a ser uma guardiã, Rose. Na escola, nós tínhamos conduzido todos os tipos de exercícios, passando por tantos cenários diferentes de Strigoi que nossos instrutores puderam sonhar. Ainda assim, enquanto eu olhei para o armazém, todos os exercícios pareceram atuação, um jogo que não podia mensurar o que eu estava para encarar. Por meio segundo, a responsabilidade disso tudo pareceu assustador, mas eu joguei essas preocupações rapidamente para o lado. Eu tinha sido treinada para isso, eu tinha

nascido para isso. Meus próprios medos não importavam. Eles vem primeiro. Hora de provar isso.

“O que iremos fazer já que não podemos surpreendê-los?” Eu perguntei. Hans tinha razão sobre os Stigoi nos detectarem antes.

Um sorriso quase malicioso cintilou em seu rosto e ele explicou seu plano para o grupo enquanto nos dividia em times. Sua tática de aproximação era ousada e imprudente. Meu tipo de plano.

E assim, nós partimos. Uma pessoa de fora nos analisando poderia dizer que estávamos em uma missão suicida. Talvez estivéssemos. Honestamente isso não importava. Os guardiões não abandonariam a última Dragomir. E eu não poderia abandonar Lissa mesmo que houvesse milhões de Dragomirs.

Então, com o elemento surpresa de fora, Hans optou por um ataque completo. Nosso grupo voltou para oito SUVs que arrancaram pela rua em velocidades ilegais. Nós tomamos toda a largura da rua, apostando que não haveria tráfego no sentido contrário. Duas SUVs estavam na frente, seguido de duas fileiras de três. Nós chegamos ao fim da estrada e saímos dos nossos

carros. Se a discrição não era uma opção, nós ganhamos no elemento surpresa chegando rápido e furiosamente.

Alguns dos Strigoi ficaram realmente surpresos. Claro que eles viram nossa aproximação, mas aconteceu tão rápido que eles tiveram pouco tempo para reagir. Claro, quando você é tão rápido e mortal quando um Strigoi, pouco tempo é tudo o que você precisa. Um grupo deles veio para nós e o ‘time do lado de fora’ do Hans assumiram, aqueles guardiões se colocaram entre meu grupo e os que iam pata dentro. Os usuários de fogo Moroi tinham ficado com o grupo do lado de fora, por medo de colocar fogo no prédio se eles entrassem.

Meu time se moveu em volta da batalha, inevitavelmente encontrando com poucos Strigoi que não tinham caído na distração do primeiro time. Com uma determinação muito-bem-praticada, eu ignorei a náusea que me varria por estar tão próxima aos Strigoi.

Hans tinha me ordenado estritamente para não parar ao menos que um Strigoi estivesse diretamente no meu caminho, ele e outro guardião estavam ao meu lado para cobrir qualquer ameaça que pudesse chegar até mim. Ele não queria que nada me atrasasse de os levarem a Lissa e Christian.

Nós lutamos a caminho do armazém, entrando em um salão sujo e bloqueado por Strigoi. Eu estava certa ao achar que o Dimitri colocaria grupos de segurança. Um gargalo se formou no lugar pequeno e por alguns momentos as coisas ficaram caóticas. Lissa estava tão perto. Era como se ela estivesse me chamando e eu queimava com impaciência enquanto esperava a entrada ficar limpa. Meu time estava nos fundos, deixando o outro grupo na batalha. Eu vi tanto Strigoi quanto guardiões caíres e tentei não deixar isso me distrair. Lutar agora, lamentar mais tarde. Lissa e Christian. Eu tinha que focar neles.

“Ali,” Hans disse, puxando meu braço. Uma brecha havia se formado a nossa frente. Ainda havia muitos Strigoi, mas eles estavam distraídos o suficiente para que eu e meus companheiros escapássemos. Nós passamos pela entrada que se abria para um espaço grande e vazio que formava o coração do armazém. Algumas peças de lixo e entulho eram tudo o que sobrou das mercadorias que uma vez foram armazenadas aqui.

Portas levavam para o depósito, mas agora eu não precisava do laço para me dizer onde Lissa estava. Três Strigoi estavam de guarda perto da porta. Então. Quatro grupos de segurança. Dimitri tinha me surpreendido por um. Não importava. Meu grupo tinha dez pessoas. Os Strigoi rosnaram, preparando-se enquanto os atacávamos. Através de um sinal silencioso, metade do meu grupo os atacou. O resto de nós passou pelas portas.

Apesar do meu foco intenso de encontrar Lissa e Christian, um pequeno pensamento sempre ficou no meu inconsciente. Dimitri. Eu não vi Dimitri junto com nenhum Strigoi que encontramos. Com toda minha atenção focada nos atacantes, eu não tinha entrado na mente de Lissa para verificar a situação, mas me senti totalmente confiante

de que ele ainda estaria ali dentro. Ele teria ficado com ela, sabendo que eu viria. Ele estaria esperando para me encarar.

Um deles vai morrer hoje à noite. Lissa ou Dimitri.

Tendo alcançado nosso objetivo, eu não precisava mais de proteção extra. Hans tinha pego sua estaca e ido atrás do primeiro Strigoi que encontrou, passando por mim e pulando no grupo. O resto do meu pessoal fez o mesmo. Entramos no depósito, e se eu achei que tinha sido um caos antes, não era nada comparado ao que estávamos enfrentando. Todos nós – guardiões e Strigoi – mal cabíamos no lugar, o que significava que estávamos lutando muito, muito próximos uns dos outros. Uma Strigoi – a que Dimitri tinha batido antes – veio até mim. Eu lutei no piloto automático, pouco consciente da minha estaca perfurando o coração dela. Nesse lugar, cheio de gritaria e morte e luta, só havia três pessoas no mundo que importavam para mim agora: Lissa, Christian e Dimitri.

Eu o encontrei finalmente. Dimitri estava com meus dois amigos contra a parede mais distante. Ninguém estava lutando com ele. Ele estava parado com seus braços cruzados, um rei observando seu reino enquanto seus soldados batalhavam contra o inimigo. Os olhos dele caíram em mim, sua expressão divertida e cheia de expectativa. Era aqui que tudo ia terminar. Nós dois sabíamos. Eu passei pela multidão, me esquivando de Strigoi. Meu colegas passaram para multidão ao meu lado, acabando com quem estivesse no meu caminho. Eu deixei eles lutarem sua luta, me movendo em direção ao meu objetivo. Tudo isso, tudo que aconteceu, tinha levado a este momento: o último show entre Dimitri e eu.

“Você é linda numa batalha,” disse Dimitri. Sua voz fria foi carregada claramente até mim, mesmo com o rugir da batalha. “Como um anjo vingador vindo trazer sua justiça divina.”

“Engraçado,” eu disse, pegando minha estaca de forma indiferente. “É por isso que estou aqui.”

“Anjos caem, Rose.”

Eu quase o alcancei. Através do nosso laço, eu senti uma breve onda de dor vindo de Lissa. Uma queimação. Ninguém estava ferindo ela ainda, mas quando eu vi ela mexer seus braços com o canto do olhar, eu percebi o que tinha

acontecido. Christian tinha feito o que ela pediu: ele queimou as cordas. Eu vi ela desatar as cordas dele, e então minha atenção de volta a Dimitri. Se Lissa e Christian estavam livres, então era melhor. Facilitaria a fuga deles, assim que estivéssemos livres dos Strigoi. Se ficássemos livres deles.

“Você passou por muitos problemas para chegar até aqui,” eu disse a Dimitri. “Muitas pessoas vão morrer – suas e minhas.”

Ele deu de ombros, despreocupado. Eu estava quase lá. Na minha frente, um guardião lutava com um Strigoi careca. A falta de cabelo não era atraente com sua cor de giz. Eu passei ao redor deles.

“Não importa,” disse Dimitri. Ele ficou tenso quando me aproximei. “Nenhum deles importa. Se eles morrerem, então é obvio que eles não eram dignos.”

“Preso e predador,” eu murmurei, lembrando o que ele tinha me dito quando me manteve prisioneira.

Eu o alcancei. Ninguém estava entre eles. Isso era diferente das nossas outras lutas, tínhamos muito espaço para avaliar um ao outro e planejar nossos ataques. O lugar ainda estava cheio, e ao manter distância um do outro, fechamos o espaço entre nós. Essa era uma desvantagem para mim. Os Strigoi são mais fortes fisicamente do que os guardiões; espaço extra nos ajudava a compensar com mais agilidade.

Mas eu ainda não precisava de agilidade. Dimitri ainda estava tentando me avaliar, esperando eu fazer o primeiro movimento. Mas ele tinha uma boa posição, uma que me impedia de ter uma boa visão de seu coração. Eu podia fazer algum dano se o cortasse com minha estaca, mas ele provavelmente ia me acertar com bastante

força devido a nossa proximidade. Então eu tentei esperar ele atacar primeiro também.

“E essas mortes são por sua causa, sabe,” ele disse. “Se você tivesse me deixado te despertar... permitisse que a gente ficasse juntos... bem, nada disso teria acontecido. Ainda estaríamos na Rússia, nos braços um do outro, e todos os seus amigos estariam seguros. Nenhum deles teria morrido. É sua culpa.”

“E quanto às pessoas que eu mataria na Rússia?” Eu exigi. Ele mudou um pouco seu peso. Essa era uma abertura? “Eles não estariam seguros se eu –”

O som de algo esmagando na minha esquerda me assustou. Christian, agora livre, tinha acabado de bater com sua cadeira em um Strigoi lutando contra um guardião. O Strigoi empurrou Christian como se ele fosse uma mosca. Christian

foi jogado para trás, batendo contra a parede e caindo no chão com um olhar levemente atordoado. Apesar de não dever, eu o olhei e vi Lissa correndo para seu lado. E Deus me ajude, ela tinha uma estaca na mão. Como ela conseguiu fazer isso, eu não tinha ideia. Talvez ela tenha pego de um guardião caído. Talvez nenhum dos Strigoi tenha pensado em revistá-la. Afinal de contas, porque diabos um Moroi estaria carregando uma estaca?

“Pare! Saiam do caminho!” Eu gritei para eles, me voltando de volta a Dimitri. Deixar aqueles dois me distrair tinha me custado. Percebendo que Dimitri estava prestes a atacar, eu consegui desviar sem ver o que ele estava fazendo. Acabou que ele tinha ido em direção ao meu pescoço, e minha evasão precisa tinha me poupado de todo dano. Ainda sim, sua mão me agarrou pelo ombro, me jogando quase tão longe quanto Christian tinha ido. Diferente do meu amigo, no entanto, eu tinha anos de treinamento que haviam me ensinado a me recuperar de algo assim. Eu tinha muito equilíbrio e habilidades de recuperação. Eu tropecei só um pouco, e então rapidamente recuperei o equilíbrio.

Eu só podia rezar que Christian e Lissa me escutassem e não fizessem nada idiota. Minha atenção tinha que ficar em Dimitri, ou

eu seria morta. E se eu morresse, Lissa e Christian certamente morreriam. Minha impressão enquanto lutávamos para entrar aqui era que os guardiões estavam em maior número, embora isso não significasse quase nada. Ainda sim, eu tinha esperança que meus colegas acabassem com nossos inimigos, me permitindo fazer o que eu precisava.

Dimitri riu da minha esquiva: “Eu ficaria impressionado se isso não fosse algo que uma criança pudesse fazer. Agora, seus amigos... bem, eles também estão lutando no nível de criancinhas. E quanto aos Moroi? Eles na verdade são muito bons.”

“Yeah, bem, vamos ver o que você acha quando eu te matar,” eu disse a ele. Eu fiz um pequeno movimento para testar o quanto ele estava prestando atenção. Ele se mexeu quase sem notar, como um gracioso dançarino.

“Você não pode, Rose. Você ainda não descobriu isso? Você não viu? Você não pode me derrotar. Você não pode me matar. Mesmo que pudesse, você não consegue se forçar a fazer isso. Você vai hesitar. De novo.”

Não, eu não iria. Era isso que ele não tinha entendido. Ele cometeu um erro ao trazer Lissa aqui. Ela aumentava os riscos ([Nota 3](#)) – sem trocadilhos – de tudo. Ela estava aqui. Ela era real. Sua vida estava em jogo, e por isso... por isso, eu não hesitaria.

Dimitri deve ter cansado de me esperar. Ele pulou, a mão se dirigindo ao meu pescoço. E de novo eu me esquivei, deixando meu ombro aguentar todo impacto. Dessa vez ele segurou meu ombro. Ele me puxou em direção a ele, triunfo brilhando em seus olhos vermelhos. No tipo de espaço que estávamos, isso provavelmente era tudo que ele precisava para me matar. Ele teria o que queria. Outro Strigoi, talvez pensando que ajudaria Dimitri, foi para nossa direção e me pegou. Dimitri mostrou as presas, dando ao outro Strigoi um olhar de puro ódio e fúria.

“Minha!” Dimitri assoviou, acertando o outro Strigoi de uma forma que ele claramente não esperava.

E essa foi minha chance. A breve distração de Dimitri tinha feito ele me soltar. A mesma proximidade que o deixava tão letal agora tinha me deixado tão perigosa quanto. Eu estava perto do peito dele, perto do seu coração, e eu tinha minha estaca na mão.

Eu nunca serei capaz de dizer com certeza quanto tempo a próxima série de eventos levou. De certa forma, pareceu que apenas um segundo passou. E ao mesmo tempo, foi como se estivéssemos congelados no tempo. Como se todo o mundo tivesse parado.

Minha estaca estava se movendo em direção dele, e quando os olhos de Dimitri mais uma vez caíram em mim, eu acho que ele finalmente acreditou que eu ia matá-lo. Eu não estava hesitante. Isso estava acontecendo. Minha estaca estava lá –

E então não estava.

Algo me atingiu com força do meu lado direito, me empurrando para longe de Dimitri e arruinando minha chance. Eu tropecei, evitando bater em alguém por pouco. Embora eu sempre tenha tentado ser vigilante com as coisas ao meu redor numa luta, eu baixei minha guarda naquela direção. Os Strigoi e guardiões estavam a minha esquerda. A parede – e Lissa e Christian – estavam a minha direita.

E foram Lissa e Christian que me empurraram para fora do caminho.

Eu acho que Dimitri ficou tão surpreso quanto eu. Ele também ficou igualmente surpreso quando Lissa foi em direção dele com aquela estaca em sua mão. E como um raio através do laço, eu li o que ela tinha com muito, muito

cuidado escondido de mim: Ela conseguiu encantar a estaca com espírito. Esse era o motivo para ela estar se esforçando tanto na sua última sessão de treinamento com Grant e Serena. Ela esconder toda essa informação de mim era tão surpreendente quanto ela ter conseguido encantar a estaca.

Não que importasse agora. Estaca encantada ou não, ela não podia chegar perto de Dimitri. Ele também sabia disso, e sua

surpresa imediatamente mudou para diversão – quase indulgente, da mesma forma que alguém faz quando está vendo uma criança fazer algo adorável. O ataque de Lissa foi estranho. Ela não foi rápida o bastante. Ela não era forte o bastante.

“Não!” eu gritei, saltando em direção deles, embora eu tivesse certeza que também não seria rápida o bastante.

De repente, uma parede de calor e chamas apareceu diante de mim, e eu mal tive a presença de espírito para me afastar. Aquele fogo tinha se erguido do chão, formando um anel ao redor de Dimitri que me deixou longe dele. Foi desorientador, mas apenas por um momento. Eu sabia que aquele era trabalho de Christian.

“Pare!” Eu não sabia o que fazer, se eu devia atacar Christian ou pular no fogo. “Você vai nos queimar vivos!” O fogo estava controlado – Christian era habilidoso – mas num lugar desse tamanho, até um fogo controlado seria mortal. Até os outros Strigoi se afastaram.

As chamas estavam se aproximando de Dimitri, ficando cada vez mais apertadas. Eu o ouvi gritar, podia ver seu olhar de agonia, mesmo através do fogo. Ele começou a consumir seu casaco, e fumaça começou a se erguer. Um instinto me disse para parar isso... e ainda sim, o que importava? Eu vim matar ele. Importava se outra pessoa fizesse isso?

E então eu notei que Lissa ainda estava atacando. Dimitri estava distraído, gritando enquanto as chamas se envolviam ao seu redor. Eu estava gritando também... por ele, por ela... era difícil dizer. O braço de Lissa passou pelas chamas, e de novo, dor passou pelo nosso laço – dor que superava aquela que ela sentiu quando Christian queimou as cordas. Ainda sim, ela continuou em frente, ignorando a feroz agonia. Seu alinhamento estava certo. Ela tinha a estaca apontada para seu coração.

A estaca entrou, perfurando sua pele.

Bem, mais ou menos.

Como ela tinha praticado com o travesseiro, ela não tinha a força para levar a estaca onde ela precisava ir. Eu senti ela se preparar, senti ela juntar toda força que ela tinha. Jogando todo seu peso, ela empurrou de novo, usando as duas mãos. A estaca entrou mais fundo. Ainda sim, não foi o bastante. O atraso teria custado a vida dela numa situação normal. Mas essa não era uma situação normal. Dimitri não tinha como bloquear ela, não com o fogo consumindo ele devagar. Mas ele conseguiu soltar um pouco a estaca, e desfazer o pouco progresso que ela havia conseguido. Fazendo uma careta, ela tentou de novo, empurrando a estaca de volta ao lugar.

Ainda sim, não foi o bastante.

Eu voltei a meus sentidos, de novo, sabendo que eu precisava parar isso. Lissa estava se queimando enquanto ficava tentando empalar ele. Ela não tinha a habilidade. Ou eu o empalava ou só precisávamos esperar o fogo terminar com ele. Eu me movi para frente. Lissa me viu com sua visão periférica e mandou uma onda de compulsão para cima de mim.

Não! Me deixe fazer isso!

O comando me atingiu com força, uma parede invisível que me fez parar. Eu fiquei ali parada, deslumbrada, tanto pela própria compulsão quanto por notar que ela tinha usado em mim. Eu só levei um momento para superar. Ela estava muito distraída para usar todo seu poder naquele comando, e eu já era bem resistente à compulsão.

Ainda sim, o pequeno atraso tinha me impedido de alcançar ela. Lissa aproveitou sua última chance, sabendo que não teria outro.

Mais uma vez, lutando contra a dor do fogo, ela jogou tudo que tinha ao empurrar a estaca até o coração de Dimitri. Seu ataque ainda foi estranho, ainda exigindo um pouco mais de empurrões. Desajeitada ou não, a estaca finalmente penetrou. Ela perfurou o coração dele. E enquanto fazia isso, eu senti a magia inundar nosso laço, a magia familiar que eu senti tantas vezes quando ela fazia uma cura.

Só que... isso era cem vezes mais poderoso do que qualquer outra coisa que eu senti antes. Ele me congelou tanto quanto a compulsão tinha feito. Eu senti como se meus nervos estivessem explodindo, como se eu tivesse acabado de ser atingida por um raio.

Uma luz branca de repente explodiu ao redor dela, uma luz que apagou o brilho do fogo. Foi como se alguém tivesse soltado o sol no meio daquele lugar. Eu gritei, minhas mãos se erguendo instintivamente para proteger meus olhos

enquanto eu ia para trás. Pelo barulho do lugar, todo mundo estava tendo uma reação similar.

Por um momento, foi como se o laço não existisse mais. Eu não senti nada vindo de Lissa – nenhuma dor ou magia. O laço estava sem vida e vazio enquanto o branco enchia o depósito. O poder que ela usou tinha transbordado e sobrecarregou nosso laço, o atordoando.

Então a luz simplesmente desapareceu. Ela não foi diminuindo. Só... se apagou num piscar de olhos. Como se um interruptor tivesse sido desligado. Havia silêncio no lugar, fora alguns murmúrios de desconforto e confusão. A luz deve ter sido tóxica para os olhos sensíveis dos Strigoi. Foi ruim o bastante para mim. Estrelas dançavam na minha visão. Eu não conseguia me concentrar em nada enquanto as luzes brilhavam pela minha visão.

Finalmente – cerrando um pouco os olhos – eu consegui, vagamente, ver alguém. O fogo se fora, embora manchas negras na parede e teto marcassem sua presença, assim como um pouco de fumaça. Por minha estimativa, deveria ter havido muito mais dano. Mas eu não podia perder tempo com esse milagre, porque havia outro se formando bem na minha frente.

Não apenas um milagre. Um conto de fadas.

Lissa e Dimitri estavam no chão. Suas roupas estavam queimadas e rasgadas. Ferimentos rosa e vermelho marcavam sua linda pele onde o fogo a tinha atingido mais. Suas mãos e pulsos estavam particularmente mal. Eu consegui ver manchas de sangue onde as

chamas tinham até mesmo arrancado a pele. Queimaduras de terceiro grau, se eu estava lembrando bem das minhas aulas de fisiologia. Ainda sim, ela parecia não sentir dor, nem as queimaduras afetaram os movimentos de suas mãos.

Ela estava acariciando o cabelo de Dimitri.

Embora ela estivesse sentada de uma forma que parecia ereta, ele estava todo estirado. Sua mão estava no seu colo, e ela estava passando seus dedos gentilmente pelos cabelos dele, num movimento repetitivo – como alguém faz para confortar uma criança ou até um animal. Seu rosto, mesmo marcado com um terrível dano do fogo, estava radiante e cheio de compaixão. Dimitri tinha me chamado de anjo vingador, mas ela era um anjo de misericórdia, enquanto olhava para ele e cantarolava baixinho, palavras sem sentido.

No estado das roupas dele, e com o que eu vi no incêndio, eu esperava que ele tivesse torrado – um esqueleto negro como de um pesadelo. Ainda sim, quando ele mexeu sua cabeça, me permitindo ver pela primeira vez seu rosto,

eu vi que ele estava completamente ileso. Nenhuma queimadura marcava sua pele – a pele que era quente e bronzeada da mesma forma como era quando eu o conheci. Eu vi apenas um deslumbre de seus olhos antes dele enterrar seu rosto contra o joelho de Lissa. Eu vi olhos castanhos profundos, a mesma profundidade em que mergulhei tantas vezes. Nenhum anel vermelho.

Dimitri... não era um Strigoi.

E ele estava chorando.

# DEZESSETE

Todos na sala pareciam ter trancado a respiração.

Porém, mesmo diante de milagres, guardiões – ou Strigoi, neste caso – eram difíceis de se distrair. Os guardiões tinham a vantagem, e aqueles que não estavam enfrentando os últimos Strigoi sobreviventes avançaram subitamente na direção de Lissa, tentando tirá-la de perto de Dimitri. Para a surpresa de todos, ela o segurava firmemente e fez alguns esforços patéticos para se desvencilhar daqueles se juntando ao seu redor. Ela era decidida e protetora, fazendo-me pensar mais uma vez em uma mãe defendendo seu filho.

Dimitri a segurava com a mesma intensidade, mas tanto ele quanto Lissa estavam em menor número. Os guardiões finalmente os afastaram. Houve gritos confusos enquanto eles tentavam decidir se deviam matar Dimitri. Não teria sido difícil agora. Ele mal conseguia se manter de pé quando eles o soltaram.

Aquilo me despertou. Eu tinha ficado só olhando, congelada e espantada. Me livrando do torpor, eu saltei para frente, mas sem saber ao certo na direção de quem eu iria: Lissa ou Dimitri.

“Não! Parem!” eu gritei, vendo alguns guardiões se aproximarem com estacas. “Ei! Ele não é o que vocês pensam! Ele não é um Strigoi! Olhem para ele!”

Lissa e Christian gritavam coisas parecidas. Alguém me segurou e me puxou para longe, dizendo para deixar os outros cuidarem disso. Sem pensar, eu me virei e dei um soco no rosto de meu captor, percebendo tarde demais que se tratava de Hans. Ele foi um pouco para trás, parecendo mais surpreso que ofendido. Atacá-lo, no entanto, serviu para atrair a atenção dos outros, e eu logo tinha meu próprio grupo de guardiões para enfrentar. Meus esforços não fizeram bem algum, em parte porque eles estavam em maior

número e parte porque eu não poderia enfrentá-los da mesma forma que fazia com os Strigoi.

Enquanto os guardiões me arrastavam para longe, eu percebi que Lissa e Dimitri tinham sido retirados dali. Eu exigi saber onde eles estavam, berrando e dizendo que precisava vê-los. Ninguém me ouviu. Eles me tiraram do depósito, passando por uma quantia espantosa de cadáveres. A maioria era Strigoi, mas eu reconheci alguns rostos do regimento de guardiões da Corte. Minha expressão piorou, mesmo que eu não tivesse conhecido eles bem. A luta havia acabado, nosso lado vencera – mas por um grande custo. Os guardiões

sobreviventes teriam limpeza para fazer agora. Eu não ficaria surpresa se Alquimistas surgissem, mas, naquela hora, nada disso me interessava.

“Onde está Lissa?” eu continuei exigindo enquanto era enfiada dentro de uma das caminhonetes. Dois guardiões entraram comigo, sentando um de cada lado. Eu não conhecia nenhum deles. “Onde está Dimitri?”

“A princesa foi levada para um local seguro,” um dos guardiões disse rapidamente. Ele e o outro cara olhavam diretamente para frente, e eu percebi que nenhum deles responderia a pergunta sobre Dimitri. Ele poderia nem existir para eles.

“Onde está Dimitri?” eu repeti, falando mais alto com a esperança de que isso me trouxesse uma resposta. “Ele está com Lissa?”

Isso trouxe uma reação. “Claro que não,” disse o guardião que falara antes.

“Ele... ele está vivo?” Aquela foi uma das perguntas mais difíceis que eu já fizera, mas eu precisava saber. Eu detestava admitir isso mas, se estivesse no lugar de Hans, eu não estaria procurando por milagres. Eu exterminaria qualquer coisa que eu considerasse uma ameaça.

“Sim,” disse o motorista em fim. “Ele... aquilo... está vivo.”

E isso foi tudo o que consegui deles, não importava o quanto eu discutisse e exigisse que eles me soltassem do carro – e acredite, eu fiz muito disso. A habilidade deles em me ignorar era bem impressionante, na verdade. Para ser justa, eu nem tenho certeza de que eles sabiam o que aconteceu. Tudo foi tão rápido. A única coisa que esses dois sabiam é que eles receberam a ordem de me escoltarem para fora do prédio.

Eu continuei esperando que alguém que eu conhecesse entrasse no carro. Não. Só mais guardiões desconhecidos. Nada de Christian ou Tasha. Nem mesmo Hans – claro, isso era compreensível. Ele devia estar com medo de que eu o socaria por acidente de novo.

Quando estávamos carregados e na estrada, eu finalmente desisti de atormentar eles e afundei no meu banco. Outras caminhonetes saíram com a nossa, mas eu não tinha ideia se meus amigos estavam nelas ou não.

O elo entre eu e Lissa ainda estava entorpecido. Após o choque inicial, no qual eu não senti nada, eu comecei a readquirir um pouco o contato com ela, me dizendo que ainda estávamos conectados e que ela estava viva. Era isso. Com todo o poder que saiu dela, era quase como se nossa ligação tivesse sido

fritada temporariamente. A magia entre nós era frágil. Toda vez que eu tentava usar o elo para verificar como ela estava, era como se eu tivesse olhando para algo muito brilhante e ainda estivesse cega. Eu só podia esperar que ela voltasse ao normal logo pois precisava da visão dela sobre o que aconteceu.

Não, risque “visão”. Eu precisava saber o que aconteceu, ponto. Eu ainda estava um pouco chocada, e a longa viagem de volta à Corte me permitiu processar alguns dos fatos aos quais tiveram acesso. Eu queria pular logo para Dimitri, mas precisava começar do começo se eu realmente quisesse analisar o que aconteceu.

Primeiro: Lissa havia encantado a estaca e escondeu essa informação de mim. Quando? Antes da viagem para a faculdade? Em Lehigh? Quando estava presa? Não importava.

Segundo, apesar de todas as tentativas falhas com a almofada, ela enfiara a estaca no coração de Dimitri. Foi uma luta, mas o fogo de Christian permitiu que funcionasse. Eu estremei, lembrando das queimaduras que Lissa sofreu naquela hora. Eu senti a dor delas antes que a ligação ficasse branca, e eu também vi marcas nela. Adrian não era o melhor curador do mundo, mas eu tinha esperanças de que sua magia fosse o bastante para cuidar disso.

O terceiro e último fato era... bem... era um fato? Lissa empalara Dimitri e usou a mesma magia que utilizaria numa cura... e então? Essa era a grande pergunta. O que aconteceu, além do que pareceu uma explosão nuclear de magia através da nossa ligação? Eu havia visto o que pensava que havia?

Dimitri tinha... mudado.

Ele não era mais um Strigoi. Eu sentia isso no meu coração, mesmo que só tivesse uma breve visão dele. Foi o bastante para me permitir ver a verdade. Os traços de Strigoi se foram. Lissa fez tudo que Robert jurou que precisava ser feito para salvar um Strigoi e, com certeza, depois de toda aquela magia... bem, era fácil acreditar que tudo era possível. A imagem de Dimitri voltou a mim, abraçando Lissa com lágrimas escorrendo por seu rosto. Eu nunca o vi tão vulnerável. De alguma forma, eu não acreditava que Strigoi choravam.

Algo em meu coração revirou dolorosamente, e eu pisquei rapidamente para segurar meu próprio choro. Olhando ao redor, eu percebi onde estava. Fora do carro, o céu se iluminava. Era quase nascer do sol. Os guardiões que estavam comigo tinham sinais de cansaço no rosto, mesmo assim, suas expressões alertas nunca fraquejavam. Eu perdi ideia do tempo, mas meu relógio interno me dizia que estivemos na estrada por um bom tempo. Estávamos quase de volta à Corte.

Em mais uma tentativa, eu toquei o elo novamente e percebi que ele estava de volta, embora frágil. Era como se ele alternasse entre conectado e não, tentando se restabelecer. Isso bastou para me fazer relaxar, e eu soltei um suspiro de alívio. Quando a ligação

surgiu pela primeira vez, anos atrás, tinha sido estranho... surreal. Agora, eu o aceitava como parte da minha vida. Sua falta hoje parecia não natural.

Vendo através dos olhos de Lissa, no carro em que ela estava, eu tive a imediata esperança de ver Dimitri com ela. Aquele vislumbre no depósito não fora o bastante. Eu precisava vê-lo de novo, precisava saber se o milagre havia mesmo acontecido. Queria me deleitar naquelas feições, olhar para o Dimitri de tanto tempo atrás. O Dimitri que eu amava.

Mas ele não estava com Lissa. Christian, no entanto, estava lá, e observou Lissa enquanto ela se remexia. Ela tinha dormido e ainda se sentia tonta. Isso, combinado ao efeito colateral gasto de poder anterior, deixava nossa conexão meio enevoada. As coisas saiam de foco, mas, no geral, eu podia acompanhar os acontecimentos.

“Como se sente?” perguntou Christian. Sua voz e olhos enquanto ele falava com ela estavam tão cheios de afeição que me pareceu impossível que ela não percebesse. Mas também, ela estava um pouco preocupada agora.

“Cansada. Desgastada. Como se... eu não sei. Como se tivesse sido atirada por todos os cantos em um furacão. Ou atropelada por um carro. Escolha algo horrível, é assim que me sinto.”

Ele deu um pequeno sorriso e tocou gentilmente a bochecha dela. Me abrindo mais para os sentidos dela, eu podia sentir a dor das queimaduras e que ele tocava perto de uma, mas tendo o cuidado de manter-se fora do contato.

“Está horrível?” ela perguntou. “Minha pele derreteu inteira? Eu pareço um alienígena?”

“Não,” ele disse, rindo baixinho. “Nem tanto. Você continua linda como sempre. Precisaria de muita coisa para mudar isso.”

A dor horrível que ela sentia me fez pensar que havia muito mais dano do que ele admitia, mas o cumprimento e a maneira como ele fora dito já fizeram muito para tranquilizá-la. Por um instante, toda a

sua existência se focou no rosto dele e na forma que o sol nascente começava a iluminá-la.

Então, o resto do mundo caiu sobre ela.

“Dimitri! Eu preciso ver Dimitri!”

Havia guardiões no carro, e ela olhou para eles enquanto falava. Para mim, ninguém parecia reconhecer ele ou o que aconteceu.

“Por que não posso vê-lo? Por que o levaram?” Isso foi dirigido a quem quer que fosse responder e, por fim, Christian o fez.

“Porque eles acham que ele é perigoso.”

“Ele não é. Ele só... ele precisa de mim. Ele tem muita dor dentro dele.”

Os olhos de Christian se arregalaram, e seu rosto se encheu de pânico. “Ele não está... vocês não estão ligados, estão?”

Eu imagino pela sua expressão que Christian estava se lembrando de Avery e de como conectar-se a múltiplas pessoas a levou além do limite. Ele não estivera lá para ouvir a explicação de Robert sobre a alma indo ao mundo dos mortos e como Strigoi restaurados não formavam elos.

Lissa balançou a cabeça devagar. “Não... eu apenas sei. Quando eu... quando eu o curei, nós tivemos essa conexão, e eu senti. O que eu tive que fazer... eu não posso explicar.” Ela passou uma mão pelos cabelos, frustrada por não poder colocar sua magia em palavras. O cansaço estava começando a tomar conta dela. “Era como se eu tivesse que fazer uma cirurgia na alma dele.”

“Eles o acham perigoso,” repetiu Christian gentilmente.

“Ele não é!” Lissa olhou em volta, para os outros ocupantes do carro, todos olhando para outros lugares. “Ele não é mais um Strigoi.”

“Princesa,” um dos guardiões começou a dizer, desconfortável, “ninguém sabe de verdade o que aconteceu. Você não pode ter certeza de quê –”

“Eu tenho certeza!” ela disse, a voz muito alta para o espaço pequeno. Havia um tom suntuoso, comandante nela. “Eu sei. Eu o salvei. Eu o trouxe de volta. Eu sei com cada parte de mim que ele não é mais um Strigoi!”

Os guardiões pareciam desconfortáveis, novamente não dizendo nada. Eu acho que só estavam confusos, e, de verdade, como não estariam? Não havia precedentes para isso.

“Shh,” disse Christian, colocando sua mão na dela. “Não há nada que possamos fazer até voltarmos para a Corte. Você ainda está machucada e exausta – está escrito na sua testa.”

Lissa sabia que ele estava certo. Ela estava machucada e ela estava exausta. Aquela magia lhe rasgou. Ao mesmo tempo, o que ela fizera com Dimitri criara um vínculo com ele – não mágico, mas psicológico. Ela realmente era como a sua mãe. Ela se sentia desesperadamente protetora e preocupada.

“Eu preciso vê-lo,” ela disse.

Ela precisava? E eu?

“Você vai,” disse Christian, parecendo mais seguro do que eu suspeitava que ele realmente estivesse. “Tente descansar agora.”

“Não posso,” ela disse, mesmo soltando um bocejo.

O sorriso voltou a seu rosto e ele passou o braço em volta dela, colocando-a tão perto quanto os cintos de segurança permitiam. “Tente,” ele disse.

Ela descansou a cabeça em seu peito, sua proximidade como uma cura própria. Preocupação com Dimitri ainda estavam dentro dela, mas as necessidades de seu corpo eram maiores no momento. Por fim, ela começou a dormir nos braços de Christian, ouvindo distante ele murmurar, “Feliz aniversário.”

Vinte minutos depois, nosso comboio chegou à Corte. Eu achei que isso significaria liberdade instantânea, mas meus guardiões demoraram tudo o que podiam para sair, esperando algum sinal ou

direções dos quais não se preocuparam em me falar. No final das contas, estavam esperando por Hans.

“Não,” ele disse, colocando firmemente uma mão em meu ombro quando eu saí do carro e tentei sair correndo para... bem, eu não sabia para onde. Qualquer lugar onde Dimitri estivesse. “Espere.”

“Eu preciso vê-lo!” Eu exclamei, tentando passar. Hans parecia uma parede de tijolos. Considerando que ele havia lutado com muito mais Strigoi que eu esta noite, você pensaria que ele estava cansado. “Você precisa me contar onde ele está.”

Para minha surpresa, Hans contou. “Trancado. Muito, muito fora do seu alcance. Ou de qualquer outra pessoa. Eu sei que ele costumava ser seu professor, mas é melhor que você mantenha distância por enquanto.”

Meu cérebro, cansado pelas atividades noturnas e sobrecarga emocional, levou um momento para processar isso. As palavras de Christian voltaram. “Ele não é perigoso,” eu disse. “Ele não é mais um Strigoi.”

A mesma pergunta que fizeram para Lissa. Como poderíamos responder aquilo? Nós sabíamos por que passamos por situações horríveis para descobrir como transformar um Strigoi e, quando concluímos as instruções, houve uma bomba atômica de magia. Isso não era prova o bastante para ninguém? A aparência de Dimitri não era o bastante?

Ao invés disso, minha resposta foi como a de Lissa. “Eu apenas sei.”

Hans balançou a cabeça, e agora, eu podia ver que ele estava realmente exausto. “Ninguém sabe o que está havendo com Belikov. Os de nós que estavam lá... bem, eu não tenho certeza do que vi. Tudo o que sei é que ele liderava Strigoi há pouco e, agora, está no sol. Não faz sentido algum. Ninguém sabe o que ele é.”

“Ele é um dhampir.”

“E até que saibamos,” ele continuou, ignorando minha observação, “Belikov vai ficar trancado até que o examinemos.”

Examinar? Eu não gostei de como aquilo soava. Fazia Dimitri parecer um animal de laboratório. Fez meu temperamento queimar, e eu quase gritei com Hans. Um instante depois, recuperei meu controle.

“Então, eu preciso ver Lissa.”

“Ela foi levada ao centro médico para tratamento – do qual ela precisa muito. Você não pode ir até lá,” ele acrescentou, antecipando minha próxima resposta. “Metade dos guardiões está lá. É uma bagunça, e você ficaria no caminho.”

“Então o que diabos eu devia fazer?”

“Vá dormir.” Ele me lançou um olhar de esguelha. “Eu ainda acho que você tem uma personalidade ruim, mas depois do que vimos lá... bem, eu vou dizer isso. Você sabe lutar. Precisamos de você – provavelmente, para coisas além de burocracia. Agora, vá cuidar de si mesma.”

E foi isso. O tom de expulsão em sua voz era claro, e enquanto os guardiões se apressavam, parecia que eu não existia mais. Toda a encrenca em que eu estivera antes parecia esquecida há tempos. Sem mais preenchimentos depois

disso. Mas o que eu deveria fazer? Hans era doido? Como eu iria dormir? Eu precisava fazer alguma coisa. Eu precisava ver Dimitri – mas não sabia onde eles o levaram. Provavelmente para a mesma prisão onde Victor ficou, a qual era inacessível para mim. Eu também precisava ver Lissa – mas ela estava sob cuidados médicos profundos. Eu não tinha poder lá. Eu precisava apelar para alguém influente.

Adrian!

Se eu fosse até Adrian, talvez ele pudesse mexer uns pauzinhos. Ele tinha suas conexões com a realeza. Poxa, a rainha o amava, apesar de seu jeito de vagabundo. Por mais que me matasse aceitar, eu percebi que ver Dimitri de imediato seria praticamente impossível. Mas no centro médico? Adrian poderia me ajudar a ver Lissa, mesmo que estivesse cheio e caótico lá. O vínculo estava bagunçado, e falar com ela diretamente me garantiria respostas mais rápidas quanto a

Dimitri. Além do mais, eu queria ver por mim mesma se ela estava bem.

Entretanto, quando cheguei a casa em que Adrian ficava quando estava na Corte, eu fui informada pelo porteiro que ele saíra um pouco antes para ir – ironicamente – ao centro médico. Eu grunhi. Claro que ele já estaria lá. Com suas habilidades de cura, eles teriam tirado ele da cama. Fraco ou não, ele certamente poderia ajudar.

“Você estava lá?” o porteiro me perguntou quando comecei a me virar.

“O quê?” Por um minuto, achei que ele estivesse falando do centro médico.

“A batalha com os Strigoi! O resgate. Estou ouvindo todo o tipo de coisa.”

“Já? O que você ouviu?”

Os olhos dele estavam arregalados de excitação. “Eles disseram que quase todos os guardiães morreram. Mas que vocês capturaram um Strigoi e o trouxeram de volta.”

“Não, não... há mais feridos do que mortos. E o outro...” Por um instante, não pude respirar. O que havia acontecido? O que realmente havia acontecido com Dimitri? “Um Strigoi voltou a ser dhampir.”

O porteiro me encarou. “Você foi acertada na cabeça?”

“Estou dizendo a verdade! Vasilisa Dragomir fez isso. Com seu poder de espírito. Espalhe isso por aí.”

Eu o deixei com seu queixo caído. E assim, eu não tinha mais opções, ninguém de quem tirar informações. Voltei para o meu quarto me sentindo derrotada mas muito agitada para dormir. Ao menos, foi o que pensei no início. Após dar algumas voltas pelo quarto, eu me sentei em minha cama para pensar em um plano. No entanto, não demorou para que eu estivesse dormindo pesado.

Eu acordei com um susto, confusa e com meu corpo doendo em partes que eu nem percebera que tinham sido atingidas na luta. Eu

olhei para o relógio, espantada com o quanto eu dormira. Em horário vampírico, era o fim da manhã. Em cinco minutos, eu tinha tomado banho e colocado minhas roupas que não estavam rasgadas ou ensanguentadas. E desse jeito, eu saí.

Pessoas estavam indo e vindo com suas atividades diárias, ainda assim todos que passavam pareciam falar da luta no depósito – e em Dimitri.

“Você sabe que ela pode curar,” eu ouvi um Moroi dizer para sua esposa. “Por que não os Strigoi? Por que não os mortos?”

“Isso é loucura,” respondeu a mulher. “Eu nunca acreditei nesse espírito, de qualquer jeito. É uma mentira para disfarçar o fato de que essa Dragomir nunca se especializou.”

Eu não ouvi o resto da conversa deles, mas outros passaram com assuntos similares. As pessoas ou estavam convencidas de que era tudo mentira, ou tratavam Lissa como uma santa. De vez em quando, eu ouvia esquisitices, como que os guardiões teriam capturado vários Strigoi para fazer experimentos. Em nenhum momento eu ouvi o nome de Dimitri ou fiquei sabendo o que houve com ele.

Eu segui meu único plano: ir até o prédio dos guardiões onde ficava a prisão da Corte, mesmo sem saber o que eu realmente faria quando chegasse lá. Eu nem tinha certeza absoluta de que era lá que Dimitri estava, mas me parecia o lugar mais provável. Quando passei por um guardião no caminho, levei vários minutos para perceber quem era. Eu parei e dei meia volta.

“Mikhail!” Ele virou e, me vendo, foi até mim. “O que está havendo?” eu perguntei, aliviada em ver um rosto amigo. “Eles deixaram Dimitri sair?”

Ele balançou a cabeça. “Não, ainda estão tentando entender o que aconteceu. Todos estão confusos, embora a princesa tenha jurado de todos os jeitos depois de vê-lo que ele não é mais um Strigoi.”

Havia um tom maravilhado na voz de Mikhail – e desejoso também. Ele esperava que fosse verdade, que podia haver uma chance de sua amada ser salva. Meu coração doeu por ele. Eu esperava que ele e Sonya pudessem ter um final feliz como –

“Espere. O que você disse?” Suas palavras fizeram meus pensamentos românticos pararem. “Você disse que Lissa viu ele? Você quis dizer, após a luta?” Imediatamente, eu fui até o elo. Estava ficando gradativamente mais claro – mas Lissa estava dormindo, então eu não descobri nada.

“Eu pedi para ela,” Mikhail explicou. “Então, eles deixaram ela entrar – com guardas, é lógico.”

Eu fiquei olhando, minha mandíbula quase caindo no chão. Dimitri estava vendo visitantes. Eles estavam deixando pessoas entrarem. Essa informação iluminou o humor negro que estava se formando em mim. Eu dei as costas. “Obrigada, Mikhail.”

“Espere, Rose –”

Mas eu não parei. Eu corri para o prédio dos guardiões totalmente inconsciente da forma como as pessoas me olhavam. Eu estava tão excitada, tão revigorada por essa nova informação. Eu poderia ver Dimitri. Eu poderia finalmente ficar com ele, voltar onde deveríamos ter estado.

“Você não pode ver ele.”

Eu literalmente parei quando o guardião em serviço na recepção me impediu.

“O – o que? Eu preciso ver Dimitri.”

“Sem visitas.”

“Mas Lissa – er, Vasilisa Dragomir pode ver ele.”

“Ele pediu para vê-la.”

Eu encarei incrédula. “Ele deve ter pedido para me ver também.”

O guardião deu de ombros. “Se ele pediu, ninguém me disse.”

A raiva que eu segurei ontem finalmente acordou. “Então vá saber de alguém que saiba! Dimitri quer me ver. Você tem que me deixar entrar. Quem é o chefe?”

O guardião fez uma careta. “Não vou a lugar nenhum até meu turno acabar. Se você tem autorização, alguém me dirá. Até lá, ninguém sem permissão especial poder ir lá embaixo.”

Depois de enfrentar a segurança dos Tarasov, eu me senti bem confiante que eu poderia me livrar facilmente desse cara. No entanto, eu me senti igualmente confiante de que assim que eu entrasse na cadeia, eu encontraria muito mais guardiões. Por um segundo, derrubar eles pareceu razoável. Era Dimitri. Eu faria qualquer coisa por ele. Uma ligeira agitação no nosso laço me fez ver a razão. Lissa tinha acabado de acordar.

“Tudo bem,” eu disse. Eu ergui meu queixo e dei a ele um olhar altivo. “Obrigada pela “ajuda”.” Eu não precisava desse perdedor. Eu iria até Lissa.

Ela estava ficando quase do lado contrário da Corte, e eu cobri toda a distância como um raio. Quando eu finalmente alcancei ela e ela abriu a porta do seu quarto, eu vi que ela se arrumou quase tão rápido quanto eu. Na verdade, eu senti que ela estava bem perto de sair. Estudando seu rosto e mãos, eu estava feliz por ver que quase todas as queimaduras se foram. Alguns pontos vermelhos permaneciam em seus dedos, mas foi isso. Isso era responsabilidade de Adrian. Nenhum médico poderia ter feito isso acontecer. Com uma blusa azul, e seu cabelo loiro puxado para trás, ela não parecia com alguém que tinha passado por tantos problemas a menos de 24 horas.

“Você está bem?” ela perguntou. Apesar de tudo, ela nunca parava de se preocupar comigo.

“Yeah, bem.” Fisicamente, pelo menos. “Você?”

Ela acenou. “Tudo bem.”

“Você parece bem,” eu disse. “Ontem à noite... eu quero dizer, eu estava bem assustada. Com o fogo...” eu não consegui terminar.

“Yeah,” ela disse, desviando meu olhar. Ela parecia nervosa e desconfortável. “Adrian foi ótimo curando as pessoas.”

“É isso que você está fazendo?” Havia agitação e desconforto no laço. Fazia sentido ela querer ir correndo até o centro médico e ajudar também. Só que... mas uma sondagem me disse a verdade. “Você vai ver Dimitri!”

“Rose –”

“Não,” eu disse ansiosa. “É perfeito. Eu vou com você. Eu estive lá, e eles não me deixaram entrar. Mas se você for, eles vão ter que me deixar ir.”

“Rose,” ela disse firmemente, finalmente conseguindo falar. “Você não pode ir.”

“Eu – o que?” Eu repassei as palavras, só para o caso de ter ouvido errado. “É claro que posso. Eu preciso ver ele. Você sabe que eu preciso. E ele precisa me ver.”

Ela balançou sua cabeça devagar, ainda parecendo nervosa – mas também compreensiva. “Aquele guardião tinha razão,” ela disse. “Dimitri não pediu pra ver você. Só eu.”

Com toda minha ansiedade, todo aquele fogo, eu congelei. Eu estava muda, confusa mais do que qualquer outra coisa. “Bem...” eu lembrei como ele tinha a se apoiado nela à noite passada, aquele olhar desesperado em seu rosto. Eu odiava admitir, mas fazia sentido ele ter pedido para ver ela primeiro. “É claro que ele quer ver você. Tudo é tão novo e estranho, e foi você que o salvou. Assim que ele superar isso, ele vai querer me ver também.”

“Rose, você não pode ir.” Dessa vez a tristeza na voz de Lissa foi espelhada pelo nosso laço, passando por mim. “Não é só que Dimitri não quer te ver. Ele pediu especificamente para não te ver.”

# DEZOITO

O que realmente é uma merda sobre estar psicologicamente ligada a alguém é que você tem uma boa ideia quando eles estão mentindo – ou, nesse caso, não mentindo. Ainda, minha resposta foi imediata e instintiva.

“Isso não é verdade.”

“Não é?” Ela me olhou aguçadamente. Ela também sabia que eu podia sentir a verdade em suas palavras.

“Mas isso... não pode...” Eu não ficava sem palavras muito frequentemente – e certamente não com Lissa. Mas frequentemente na nossa relação, eu era a que tinha razão e explicava para ela o porque das coisas terem que ser do jeito que eram. Em algum lugar ao longo do caminho, sem que eu notasse, Lissa tinha perdido aquela fragilidade.

“Me desculpe,” ela disse, com a voz ainda calma mas também firme. O laço mostrava o quanto ela odiava me dizer coisas desagradáveis. “Ele me pediu... me disse especificamente para não deixar você vir. Que ele não quer ver você.”

Eu a encarei implorando, minha voz quase infantil. “Mas por quê? Por que ele diria isso? Com certeza ele quer me ver. Ele deve estar confuso...”

“Eu não sei, Rose. Tudo o que eu sei é o que ele me disse. Realmente me desculpe.” Ela tentou me alcançar como se fosse me abraçar, mas eu me afastei. Minha mente ainda estava dando voltas.

“Eu irei com você de qualquer forma. Eu irei esperar no andar de cima com os outros guardiões. Assim, quando você disser a Dimitri que eu estou lá, ele irá mudar de ideia.”

“Eu acho que você não deveria,” ela disse. “Ele parece realmente sério sobre você não aparecer – quase nervoso. Eu acho que saber

que você estaria lá iria chatea-lo.”

“Chatea-lo? CHATEA-LO? Liss, sou eu! Ele me AMA. Ele precisa de mim.” Ela vacilou, e eu percebi que estava gritando com ela.

“Eu só estou passando o que ele disse. Isso é tudo tão confuso... por favor. Não me coloque nessa posição. Apenas... espere e veja o que acontece. E se você quiser saber o que está acontecendo, você pode sempre...”

Lissa não acabou, mas eu sabia o que ela estava sugerindo. Ela estava oferecendo me deixar vê-la encontrando com Dimitri através do laço. Era um grande gesto da parte dela – não que ela pudesse ter me parado se eu quisesse fazer isso. Porém, ela normalmente não gostava da ideia de ser “espionada”. Essa era a melhor coisa que ela conseguiu pensar para me fazer sentir melhor.

Não que isso realmente tenha conseguido. Tudo isso ainda era muita loucura. Eu tendo acesso negado a Dimitri. Dimitri alegando não querer me ver! Que diabos?

Minha reação instintiva era ignorar tudo o que ela tinha dito e ir com ela, e exigir acesso quando ela chegasse. Os sentimentos através do laço estavam me implorando para não fazer isso, entretanto. Ela não queria criar problemas. Ela poderia também não entender as vontades de Dimitri, mas ela sentia que elas deveria ser honradas até a situação poder ser melhor avaliada.

“Por favor,” ela disse. A tristeza na palavra finalmente me quebrou.

“Certo.” Me matou dizer isso. Era como admitir derrota. Pensei nisso como uma tática de retirada.

“Obrigada.” Dessa vez ela me abraçou. “Eu juro que vou conseguir mais informações e descobrir o que está acontecendo, certo?”

Eu acenei que sim, e nós saímos do edifício juntas. Com uma amarga relutância, eu parti com ela quando a hora chegou, deixando-a ir para o prédio dos guardiões enquanto eu ia em direção ao meu dormitório. Assim que ela estava fora do meu campo de

visão, eu imediatamente escorreguei para dentro de sua mente, vendo através de seus olhos enquanto ela andava através da grama perfeitamente aparada. O laço ainda estava meio nebuloso mas ficava cada vez mais claro com o passar dos minutos.

Os sentimentos dela estavam uma confusão. Ela sentia-se mal por mim, culpada por ela ter que me recusar. Ao mesmo tempo, ela estava ansiosa para visitar Dimitri. Ela também precisava vê-lo – mas não do mesmo jeito que eu precisava. Ela ainda tinha um sentimento de responsabilidade por ele, que queimava com a urgência de protegê-lo.

Quando ela chegou ao escritório principal do prédio, o guardião que tinha me parado deu a ela um aceno e boas vindas e então fez uma rápida ligação telefônica. Poucos momentos depois, três guardiões entraram e gesticularam para Lissa segui-los pelo interior do edifício. Todos eles pareciam estranhamente sérios, mesmo para guardiões.

“Você não tem que fazer isso,” um deles disse a ela. “Apenas porque ele continua pedindo...”

“Está tudo bem,” ela disse com o ar frio e nobre da realeza. “Eu não ligo.”

“Haverão muitos guardas ao redor assim como da última vez. Você não precisa se preocupar com a sua segurança.”

Ela deu um olhar afiado a todos eles. “Eu nunca estive preocupada com isso para começar.”

A descida deles ate os últimos níveis do prédio trouxeram dolorosas memórias de quando Dimitri e eu visitamos Victor. Aquele tinha sido o Dimitri que eu tinha uma perfeita união, o Dimitri que me entendi inteiramente. E depois da visita, ele tinha se enfurecido com as ameaças de Victor contra mim. Dimitri tinha me amado tanto que estaria disposto a fazer qualquer coisa para me proteger.

Uma porta protegida com cartão de acesso finalmente permitiu acesso ao andar de segurança, o qual consistia na maior parte em um longo corredor alinhado com celas. Ele não tinha a sensação

depressiva que Tarasov tinha tido, mas esse lugar severo e rígido – ar industrial não inspirava exatamente sensações de conforto e aconchego.

Lissa mal conseguia andar pelo corredor pois ele estava abarrotado com guardiões. Toda aquela segurança para uma pessoa. Era impossível para um Strigoi passar por uma cela de barras de ferro, mas Dimitri não era um Strigoi. Porque eles não conseguiam ver isso? Eles eram cegos?

Lissa e sua escolta fizeram seu caminho pela multidão e foram parar em frente à cela dele. Ela era tão fria quanto todo o resto nessa área da prisão, com nenhum móvel a mais do que era absolutamente requerido. Dimitri sentava em uma cama estreita, abraçando suas pernas encolhidas enquanto se apoiava no canto da parede e mantinha suas costas para a entrada da cela. Isso não era o que eu tinha esperado. Porque ele não estava batendo nas barras? Porque ele não estava exigindo ser libertado e dizendo a eles que ele não era um Strigoi? Porque ele estava aguentando isso tão calmamente?

“Dimitri.”

A voz de Lissa era suave e gentil, cheia de cordialidade que se sobressaia contra a aspereza da cela. Era a voz de um anjo. E enquanto Dimitri vagarosamente se virava, era óbvio que ele também pensava assim. Sua

expressão se transformou diante dos nossos olhos, indo de um total vazio para admiração. Ele não era o único preenchido com admiração. Minha mente podia estar ligada a de Lissa, mas mesmo do outro lado da Corte, meu próprio corpo quase parou de respirar. O vislumbre que eu tive dele noite passada tinha sido incrível. Mas isso... isso era a visão inteira dele olhando para Lissa – para mim – era imponente. Era uma maravilha. Um presente. Um milagre.

Seramente. Como poderia qualquer um pensar que ele era um Strigoi? E como eu podia ter possivelmente me deixado acreditar que o Dimitri com quem eu estive na Sibéria era esse aqui? Ele estava limpo da batalha e vestia jeans e uma simples camisa preta.

Seu cabelo castanho estava amarrado para trás em um curto rabo de cavalo, e uma fraca sombra através de seu rosto mostrava que ele precisava barbear-se. Provavelmente ninguém deixaria ele chegar perto de uma lâmina. Embora, isso quase fazia ele parecer mais sexy – mais real, mais dhampir. Mais vivo. Seus olhos eram o que realmente completava tudo. Sua morta pele branca – agora não mais – tinha sempre sido assustadora, mas aqueles olhos vermelhos tinham sido o pior. Agora eles estavam perfeitos. Exatamente como eles costumavam ser. Quentes e castanhos e com longos cílios. Eu poderia ficar olhando-os para sempre.

“Vasilisa,” eles respirou. O som da voz dele fez meu peito apertar. Deus, eu tinha sentido falta de ouvi-lo falar. “Você voltou.”

Logo que ele começou a se aproximar das barras, os guardiões ao redor de Lissa começaram a se aproximar, prontos para pará-lo se ele realmente passasse por elas. “Se afastem!” ela repreendeu com um tom de rainha, encarando todos ao redor dela. “Nos deem algum espaço.” Ninguém reagiu imediatamente, ela colocou mais poder em sua voz. “Eu falo sério! Se afastem!”

Eu senti uma levíssima faísca de magia através do nosso laço. Não era uma grande quantidade, mas ela estava apoiando suas palavras com uma pouca da compulsão induzida por espírito. Ela dificilmente conseguiria controlar um grupo tão grande, mas o comando teve força suficiente para fazê-los se afastarem um pouco e criarem um espaço entre ela e Dimitri. Ela virou sua atenção de volta para ele, seu comportamento mudando instantaneamente de feroz para afável.

“Claro que eu voltei. Como você está? Eles estão...” Ela lançou um perigoso olhar para os guardiões no corredor. “Eles estão te tratando bem?”

Ele encolheu os ombros. “Bem. Ninguém está me machucando.” Se ele tinha alguma semelhança com o que ele era antigamente, ele nunca iria admitir que alguém estava machucando ele. “Apenas um monte de perguntas. Só tantas perguntas.” Ele soava cansado, de novo... muito diferente de um Strigoi que

nunca precisava descansar. “E meus olhos. Eles continuam querendo examinar meus olhos.”

“Mas como você se sente?” ela perguntou. “Em sua mente? Em seu coração?” Se a situação toda não fosse tão sóbria, eu teria achado graça. Isso parecia muito com a linha de perguntas de um terapeuta – algo que eu e Lissa tínhamos experimentado muito. Eu odiava ser perguntada com essas questões, mas agora eu realmente queria saber como Dimitri se sentia.

Seu olhar, o qual tinha se focado tão intensamente nela, agora vagou e ficou desfocado. “Isso é... é difícil de descrever. É como se eu tivesse acordado de um sonho. Um pesadelo. Como se eu estivesse assistindo outra pessoa agir usando o meu corpo – como se eu estivesse em um filme ou peça. Mas não era outra pessoa. Era eu. Tudo isso era eu, e agora aqui estou eu, e o mundo todo mudou. Eu sinto como se estivesse reaprendendo tudo.”

“Isso vai passar. Você irá se acostumar, uma vez que você voltar ao que você era antes.” Essa era uma suposição da parte dela, mas uma da qual ela se sentia confiante.

Ele inclinou sua cabeça em direção ao amontoado de guardiões. “Eles não pensam assim.”

“Eles irão,” ela disse determinadamente. “Nós só precisamos de mais tempo.” Um momento de silêncio surgiu, e Lissa hesitou antes de falar suas próximas palavras. “Rose... quer ver você.”

A atitude sonhadora e melancólica de Dimitri passou em uma batida de coração. Seus olhos focaram-se de volta em Lissa, e eu captei meu primeiro vislumbre de emoção verdadeira e intensa dele. “Não. Qualquer um menos ela. Eu não posso vê-la. Não a deixa vir aqui. POR FAVOR.”

Lissa engoliu, insegura de como responder. O fato dela ter uma audiência fez ser mais difícil. O melhor que ela podia fazer era abaixar sua voz assim os outros não iriam ouvir. “Mas... ela ama você. Ela está preocupada com você. O que aconteceu... para que

nós fossemos capazes de salvar você? Bem, uma grande parte disso foi por causa dela.”

“Você me salvou.”

“Eu apenas encaixei a peça final. O resto... bem, Rose fez, um, muito.” Igual a, tipo, organizando uma fuga da prisão e libertando fugitivos.

Dimitri virou o rosto para o lado, e o fogo que tinha brevemente iluminado suas feições desapareceu. Ele andou até a lateral da cela e encostou contra a parede. Ele fechou os olhos por alguns segundos, respirou profundamente, e então os abriu.

“Qualquer um menos ela,” ele repetiu. “Não depois do que eu fiz para ela. Eu fiz muitas coisas... coisas horríveis.” Ele virou a palma das suas mãos para cima e as encarou por um momento com se ele pudesse ver sangue. “O que eu fiz com ela foi o pior de tudo – especialmente porque era ela. Ela veio para me salvar daquele estado, e eu...” Ele balançou a cabeça. “Eu fiz coisa horríveis com ela. Coisas horríveis com outros. Eu não posso encarar ela depois daquilo. O que eu fiz foi imperdoável.”

“Não é,” Lissa disse urgentemente. “Não era você. Não realmente. Ela irá te perdoar.”

“Não. Não há perdão para mim – não depois do que eu fiz. Eu não mereço ela, não mereço nem mesmo estar perto dela. A única coisa que eu posso fazer...” ele voltou para perto de Lissa, e para o assombro de nós duas, ele caiu de joelhos diante dela. “A única coisa que eu posso fazer – a única redenção que posso tentar ter – é pagar a você por ter me salvo.”

“Dimitri,” ela começou desconfortavelmente, “eu te disse –”

“Eu senti aquele poder. Naquele momento, eu senti você trazendo minha alma de volta. Eu senti você me curando. Este é um débito que eu nunca poderei retribuir, mas eu prometo que irei passar o resto da minha vida tentando.” Ele estava olhando para ela, aquele olhar extasiado de volta ao seu rosto.

“Eu não quero isso. Não há nada a retribuir.”

“Há tudo a se retribuir,” ele argumentou. “Eu te devo minha vida – minha alma. Esse é o único jeito que eu posso me aproximar de algum dia me redimir por todas as coisas que eu fiz. Isso ainda não é o suficiente... mas é tudo o que eu posso fazer.” Ele juntou suas mãos. “Eu juro, o que você precisar, qualquer coisa – se isso estiver em meu poder – eu farei. Eu irei servir e proteger você o resto da minha vida. Eu farei o que você pedir. Você tem minha lealdade para sempre.”

Novamente, Lissa começou a dizer que ela não queria isso, mas então um pensamento sagaz veio a sua mente. “Você irá ver Rose?”

Ele fez uma careta. “Qualquer coisa menos isso.”

“Dimitri –”

“Por favor. Eu faria qualquer outra coisa por você, mas se eu a ver... isso irá machucar muito.”

Aquela era provavelmente a única razão que teria feito Lissa deixar o assunto de lado. Isso e o olhar desesperado e deprimido no rosto de Dimitri. Era algo que ela nunca tinha visto antes, algo que eu também nunca tinha visto antes. Ele tinha sido sempre tão invencível aos meus olhos, e esta visão de vulnerabilidade não o fazia parecer mais fraco para mim. Simplesmente fazia ele mais complexo. Me fazia amá-lo mais – e querer ajudá-lo.

Lissa pode apenas dar a ele um pequeno aceno que sim com a cabeça como resposta antes que um dos guardiões responsáveis dissessem que ela tinha que ir. Dimitri ainda estava de joelhos quando eles a escoltaram para fora, olhando para ela com uma expressão que dizia que ela era o mais próximo que qualquer esperança que ele teria sobrando neste mundo.

Meu coração se contorceu com tristeza e ciúmes – e um pouco de raiva também. Eu era a pessoa que ele deveria ter olhado daquele jeito. Como ele ousava? Como ele ousava agir como se Lissa fosse a melhor coisa no mundo? Ela tinha feito muito para salvá-lo, verdade, mas EU fui quem tinha viajado pelo mundo por ele. EU fui quem tinha continuamente arriscado minha vida por ele. Mais

importante, EU era a pessoa que amava ele. Como ele podia virar as costas para isso?

Tanto eu quanto Lissa estávamos confusas e chateadas enquanto ela deixava o prédio. Nós duas estávamos perturbadas com o estado de Dimitri. Apesar de quanto eu estava com raiva dele por sua recusa de me ver, eu ainda me sentia horrível por vê-lo tão para baixo. Isso me matava. Ele nunca tinha agido dessa maneira antes. Depois do ataque a academia, ele certamente estava triste e pesaroso pelas perdas. Este era um diferente tipo de desespero. Era um profundo senso de depressão e culpa que ele sentia que não poderia escapar. Ambas Lissa e eu estávamos chocadas com isto. Dimitri tinha sempre sido um homem de ação, alguém pronto para se levantar depois de uma tragédia e lutar a próxima batalha.

Mas isso? Isso era diferente de qualquer coisa que nós tínhamos visto nele, e Lissa e eu tínhamos pensado nas mais diferentes ideias de como resolver isso. A aproximação mais gentil e simpática dela era para continuar falando com ele enquanto também calmamente persuadia os oficiais da Corte que Dimitri não era mais uma ameaça. Minha solução para esse problema era ir até Dimitri, não importa o que ele dizia que queria. Eu tinha entrado e saído à força de uma

penitenciária. Entrar em uma cela de cadeia deveria ser super fácil. Eu ainda estava certa que uma vez que ele me visse, ele teria uma mudança de coração sobre toda essa coisa de redenção. Como ele poderia pensar que eu realmente não perdoaria ele? Eu o amava. Eu entendia. E enquanto a convencer os oficiais que ele não era perigoso... bem, meu método aqui era um pouco confuso ainda, mas eu sentia que isso envolveria muitos gritos e bater em portas.

Lissa sabia perfeitamente bem que eu tinha observado seu encontro com Dimitri, assim ela não se sentiu obrigada a vir me ver, não quando ela sabia que eles ainda poderiam usá-la no centro médico. Ela tinha ouvido que Adrian tinha quase desmaiado com toda a mágica que ele tinha ministrado para ajudar aos outros. Isso parecia tão não característico dele, tão altruísta... ele tinha feito coisas incríveis, a grande custo para ele.

Adrian.

Aí estava um problema. Eu não tinha tido a chance de vê-lo desde a volta da luta do armazém. E fora ter ouvido sobre ele curando outros, eu realmente não tinha pensado muito sobre ele. Eu tinha dito que se Dimitri realmente pudesse ser salvo, isso não significaria o fim para Adrian e eu. Ainda, Dimitri mal tinha voltado há 24 horas, e aqui eu estava, já obcecada sob –

“Lissa?”

Apesar do fato de eu ter voltado para a minha própria mente, parte de mim ainda estava abstratamente com Lissa. Christian estava parado do lado de fora do centro médico, encostado contra a parede. Da sua postura, parecia que ele tinha estado ali há algum tempo esperando por algo – ou melhor, alguém.

Ela parou bruscamente, e inexplicavelmente, todos os pensamentos sobre Dimitri sumiram da sua mente. Oh, vamos lá. Eu queria que aqueles dois acertassem as coisas, mas nos não tínhamos tempo para isso. O destino de Dimitri era muito mais importante que discutir com Christian.

Christian não parecia como se ele estivesse de mal humor, entretanto. Sua expressão era curiosa e preocupada enquanto ele a observava. “Como você está se sentindo?” ele perguntou. Eles não tinham falado um com o outro desde a volta, e ela tinha sido largamente incoerente durante boa parte dela.

“Bem.” Ela tocou seu próprio rosto distraidamente. “Adrian me curou.”

“Eu acho que ele é bom para alguma coisa.” Certo, talvez Christian estivesse se sentindo um pouco irritado hoje. Mas apenas um pouco.

“Adrian é bom com um monte de coisas,” ela disse, entretanto ela não conseguiu conter um pequeno sorriso. “Ele ralou aqui a noite inteira.”

“E você? Eu sei como você é. Assim que você estava bem, você estava provavelmente lá, ao lado dele.”

Ela negou com a cabeça. “Não. Depois que ele me curou, eu fui ver Dimitri.”

Toda ironia desapareceu do rosto de Christian. “Você falou com ele?”

“Duas vezes agora. Mas sim. Eu falei.”

“E?”

“E o que?”

“Como ele é?”

“Ele é como Dimitri.” Ela de repente franziu a sobrancelha, reconsiderando suas palavras. “Bem... não tão como Dimitri.”

“O que, ele ainda tem algo de Strigoi nele?” Christian se endireitou, olhos azuis faiscando. “Se ela ainda é perigoso, você não tem nada para tratar perto –”

“Não!” ela exclamou. “Ele não é perigoso. E...” Ela deu alguns passos para frente, retornando o olhar dele. “Mesmo que ele fosse, você não tem nenhum direito de me dizer o que eu posso ou não fazer!”

Christian suspirou dramaticamente. “E aqui eu pensando que Rose era a única que se jogava em situações estúpidas, sem se importar de que elas possam matá-la.”

A raiva de Lissa surgiu rapidamente, provavelmente por causa de todo o espírito que ela vinha usando. “Ei, você não teve nenhum problema me ajudando a estacar Dimitri! Você me treinou para isso.”

“Aquilo foi diferente. Nos já estávamos em uma situação ruim, e se as coisas dessem erradas... bem, eu poderia ter incinerado ele.” Christian observou ela da cabeça aos pés, e havia algo em seu olhar... algo que parecia mais do que apenas uma avaliação objetiva. “Mas eu não tive que fazer. Você foi incrível. Você deu o golpe. Eu não sabia se você conseguiria, mas você conseguiu... e o fogo... voce nem hesitou, mas isso deve ter sido horrível...”

Havia algo na voz dele enquanto ele falava, como se ele estivesse apenas agora entendendo as consequências do que

poderia ter acontecido com Lissa. A preocupação e admiração dele fiz ela corar, e ela inclinou a cabeça – um antigo truque – assim pedaços do cabelo que tinha escapado do seu rabo de cavalo caíram para a frente e esconderiam seu rosto. Não havia o porque disso. Christian estava agora encarando propositalmente o chão.

“Eu tive que fazer isso,” ela disse afinal. “Eu tinha que saber se era possível.”

Ele olhou para cima. “E era... certo? realmente não existe nenhum traço de Strigoi?”

“Nenhum. Eu tenho certeza. Mas ninguém acredita nisso.”

“Você pode culpá-los? Quero dizer, eu ajudei com isso e eu queria que fosse verdade... mas eu não tenho certeza que eu realmente, verdadeiramente pensei que alguém poderia voltar depois disso.” Ele desviou o olhar novamente, seu olhar repousando em um arbusto lilás. Lissa podia sentir o cheiro dele, mas a distância e o olhar confuso no rosto dele mostrou a ela que seus pensamentos não estavam na natureza. Nem em Dimitri, eu percebi. Ele estava pensando sobre seus pais. E se houvessem usuários de espíritos por perto quando os Ozeras se transformaram em Strigoi? E se tivesse havido um meio de salvá-los?

Lissa, não sacando o que eu tinha, observou, “Nem eu mesma sei se acredito nisso. Mas assim que isso aconteceu, bem... eu sabia. Eu sei. Não há nada de Strigoi nele. Eu tenho que ajudá-lo. Eu tenho que fazer outros perceberem isso. Eu não posso deixá-los trancarem ele para sempre – ou pior.” Tirar Dimitri do armazém sem que os outros guardiões estacasse ele não tinha sido nada fácil para ela, e ela sentiu um calafrio lembrando aqueles primeiros poucos segundos depois da transformação dele quando todos gritavam para matá-lo.

Christian se virou e encontrou com os curiosos olhos dela. “O que você quer dizer quando disse que ele era como Dimitri mas não Dimitri?”

A voz dela tremeu um pouco quando ela falou. “Ele está... triste.”

“Triste? Me parece que ele deveria estar feliz porque ele foi salvo.”

“Não... você não entende. Ele se sente horrível por tudo que ele fez como um Strigoi. Culpado, depressivo. Ele está punindo a si mesmo por isso porque acha que não pode ser perdoado.”

“Que merda,” disse Christian, claramente pego de surpresa. Algumas meninas Moroi tinham se aproximado nesse momento e olhado escandalizadas os xingamentos dele. Elas passaram apressadas, murmurando entre elas. Christian as ignorou. “Mas ele não tinha como evitar –”

“Eu sei, eu sei. Eu já disse isso a ele.”

“Rose pode ajudar?”

“Não,” Lissa disse abruptamente.

Christian aguardou, aparentemente esperando ela elaborar. Ele ficou irritado quando ela não continuou. “O que você quer dizer com ela não pode? Ela deveria ser capaz de nos ajudar mais do que qualquer um!”

“Eu não quero entrar nesse assunto.” Minha situação com Dimitri chateava muito ela. Isto fazia duas de nós. Lissa se virou em direção ao prédio médico. Ele parecia em seu exterior com um castelo ou algo real, mas ele abrigava uma instalação tão estéril e moderna quanto qualquer hospital. “Olha, eu tenho que entrar. E não me olhe assim.”

“Assim como?” ele exigiu, dando alguns passos até ela.

“Este olhar desaprovador e irritado que você fica quando você não consegue o que quer.”

“Eu não tenho esse olhar!”

“Você o tem agora mesmo.” Ela se afastou dele, se movendo em direção da porta do centro. “Se você quer a história toda, nós podemos conversar depois, mas eu não tenho tempo... e honestamente... eu não me sinto bem falando sobre isso.”

Aquele olhar irritado – e ela tinha razão, ele realmente o tinha – murchou um pouco. Quase nervosamente, ele disse, “Certo. Depois então. E Lissa...”

“Hmm?”

“Eu estou feliz por você estar bem. O que você fez noite passada... bem, foi realmente incrível.”

Lissa o encarou por alguns pesados segundos, os batimentos do coração dela acelerou um pouco enquanto ela assistia uma leve brisa bagunçar o cabelo dele. “Eu não poderia ter feito isso sem a sua ajuda,” ela disse no final. Com

isso, ela se virou e entrou, e eu retornei completamente para minha própria mente.

E como mais cedo, eu estava perdida. Lissa estaria ocupada o resto do dia, e ficar em pé e gritando no escritório dos guardiões não iria me ajudar a chegar até Dimitri. Bem, eu suponho que existia a chance de eu aborrecê-los tanto que eles me jogariam na cadeia também. Então Dimitri e eu poderíamos estar próximos um do outro. Eu prontamente desisti do plano, temendo que a única coisa que isso poderia me levar era para mais arquivamentos.

O que eu poderia fazer? Nada. Eu precisava vê-lo de novo mas não sabia como. Eu odiava não ter um plano. O encontro de Lissa com Dimitri não tinha sido longo o suficiente para mim, e que qualquer forma, eu sentia que era mais importante vê-lo através dos meus olhos, não os dela. E oh, aquela tristeza... aquele olhar de total desesperança. Eu não podia suportar isso. Eu queria segurar ele, dizer que tudo iria ficar bem. Eu queria dizer a ele que eu o perdoava e que nós faríamos tudo ser como costumava ser. Nós poderíamos ficar juntos, assim como nos tínhamos planejado...

O pensamento trouxe lágrimas aos meus olhos, e deixada sozinha com a minha frustração e inatividade, eu retornei ao meu quarto e rolei na cama. Sozinha, eu podia finalmente libertar os soluços que eu vinha segurando desde a noite passada. Eu nem mesmo sabia inteiramente o porque eu estava chorando. O trauma e

sangue da noite passada. Meu próprio coração partido. A dor de Dimitri. As cruéis circunstâncias que tinham arruinado nossas vidas. Realmente, existia um monte de escolhas.

Eu fiquei em meu quarto boa parte do dia, perdida em meu próprio pesar e inquietação. Repetidamente, eu repassei o encontro de Lissa com Dimitri, o que ele tinha dito e como ele parecia. Eu perdi a noção do tempo, e foi apenas uma batida na porta que me trouxe para fora das minhas próprias emoções sufocantes.

Apressadamente esfregando um braço, eu abri a porta para encontrar Adrian do lado de fora. "Hey," eu disse, um pouco surpresa pela presença dele – sem mencionar culpada, considerando que eu estive sofrendo por outro cara. Eu não estava pronta para encarar Adrian ainda, mas parecia que eu não tinha outra escolha agora. "Você quer... você quer entrar?"

"Queria poder, pequena dhampir." Ele parecia estar com pressa, não como se ele tivesse vindo ter uma conversa sobre a relação. "Isso é apenas uma passada – visita para fazer um convite."

"Convite?" eu perguntei. Minha mente ainda estava em Dimitri, Dimitri, Dimitri, Dimitri.

"Um convite para uma festa."

# DEZENOVE

“Você está louco?” Eu perguntei.

Ele me deu o mesmo olhar silencioso que ele sempre dava quando eu perguntava esta questão.

Eu suspirei e tentei de novo. “Uma festa?” Isso era demais, mesmo para mim. Pessoas acabaram de morrer! Guardiões. Priscilla Voda.” Sem mencionar, pessoas que tinham acabado de voltar dos mortos. Provavelmente melhor deixar essa parte de lado. “Essa não é a hora de se acabar e jogar cerveja pong [\(Nota 4\)](#).”

Eu esperei que Adrian dissesse que era sempre uma boa hora para cerveja pong, mas ele continuou sério. “Na verdade, é porque pessoas morreram que irá acontecer uma festa. Não é a do tipo barris de cerveja. Talvez festa nem seja a palavra certa. É uma...” Ele franziu as sobrancelhas, procurando as palavras. “Um evento especial. Um de elite.”

“Todas as festas Reais são de elite,” eu apontei.

“É, mas nem toda realeza foi convidada para esta. Essa é a... bem, elite da elite.”

Isto realmente não estava ajudando. “Adrian –”

“Não, escute.” Ele fez o seu gesto familiar que indicava frustração, correndo sua mão pelo seu cabelo. “Isso não é tanto uma festa mais uma cerimônia. Uma antiga, antiga tradição de... eu não sei. Romênia, eu acho. Eles a chama de Vigília dos Mortos [\(Nota 5\)](#). Mas é um meio de honrar os mortos, um segredo que foi passado pelas mais antigas linhagens.”

Flashbacks de uma sociedade secreta destrutiva em St. Vladimir voltaram. “Isso não é algo do tipo poderes sobrenaturais, é?”

“Não, eu juro. Por favor, Rose. Eu também não estou tão afim, mas minha mãe está me fazendo ir, e eu realmente gostaria se você estivesse lá comigo.”

Elite e linhagem sanguínea eram palavras de advertência para mim. “Haverá outros dhampirs lá?”

“Não.” Ele então adicionou rapidamente, “Mas eu fiz arranjos para algumas pessoas que você irá aprovar estarem lá. Isso é fazer as coisas ficarem melhores para nós dois.”

“Lissa?” Eu adivinhei. Se houvesse alguma vez uma linhagem estima, a dela era essa.

“É. Eu acabei de esbarrar com ela no centro medico. A reação dela foi parecida com a sua.”

Isso me fez sorrir. Isso também provocou meu interesse. Eu queria falar mais com ela sobre o que tinha acontecido com ela durante a visita a Dimitri e sabia que ela estava me evitando por causa disso. Se indo para algum ritual idiota da realeza ou o que quer que fosse pudesse me fazer chegar a ela, então melhor ainda.

“O que mais?”

“Pessoas que você irá gostar.”

“Certo. Seja misterioso. Eu irei a esse culto.”

Isto me rendeu um sorriso de volta. “Difícilmente um culto, pequena dhampir. É realmente uma maneira de prestar as últimas homenagens as pessoas que morreram naquela luta.” Ele estirou a mão e acariciou minha bochecha. “E eu estou feliz... Deus, eu estou tão feliz que você não foi um deles. Você não sabe...” a voz dele travou, o sorriso petulante tremeu por um momento antes de estabilizar novamente. “Você não sabe como eu estava preocupado. Cada minuto que você estava longe, cada minuto que eu não sabia o que tinha acontecido com você... era agonizante. E mesmo depois que eu ouvi que você estava bem, eu continuei perguntando a todos no centro médico o que eles sabiam. Eles tinham visto você lutar, você se feriu...”

Eu senti um calombo na minha garganta. Eu não tinha conseguido ver Adrian quando eu tinha retornado, mas eu deveria ter mandado uma mensagem, pelo menos. Eu apertei a mão dele e tentei fazer uma piada de algo que realmente não era engraçado. “O que eles falaram? Que eu era fodona?”

“É, na verdade. Eles não conseguiam parar de falar sobre o quão incrível você foi na batalha. A história chegou também até Tia Tatiana sobre o que você fez, e até ela ficou impressionada.”

Whoa. Isso era uma surpresa. Eu comecei a perguntar mais, mas suas próximas palavras de fizeram parar.

“Eu também ouvi que você estava gritando com qualquer um que você pudesse para saber sobre Belikov. E que você estava socando a porta dos guardiões esta manhã.”

Eu olhei para ele. “Você ouviu?”

“Olha, não é como se eu não esperasse que isso acontecesse se ele voltasse.”

Eu olhei de volta para ele hesitantemente, estudando sua séria expressão. “Eu sei. Eu lembro o que você disse antes...”

Ele fez que sim com a cabeça, então deu outro triste sorriso. “Claro, eu na verdade não esperava que nada disso funcionasse. Lissa tentou explicar a magia que ela usou... mas bom Deus. Eu não acho que possa algum dia fazer algo como ela fez.”

“Você acredita?” eu perguntei. “Você acredita que ele não é mais um Strigoi?”

“É. Lissa disse que ele não é. Mas eu não tenho certeza que é uma boa idéia para você tentar vê-lo.”

“Esse é o seu ciúmes falando.” Eu não tinha absolutamente nenhum direito de soar acusatória, considerando a maneira que meu coração estava se revirando todo por Dimitri.

“Claro que isso é ciúmes,” Adrian disse indiferente. “O que você esperava? O primeiro amor da sua vida volta – dos mortos, nada

menos. Isto não é algo pelo qual eu esteja realmente excitado. Mas eu não te culpo por se sentir confusa.”

“Eu te disse antes –”

“Eu sei, eu sei.” Adrian não soava particularmente chateado. De fato, havia um surpreendente tom de paciência em sua voz. “Eu sei que você disse que a volta dele não afetaria as coisas entre nós. Mas dizer algo antes que isso aconteça e então ter isso realmente acontecendo são duas coisas diferentes.”

“O que você está insinuando?” eu perguntei, meio confusa.

“Eu quero você, Rose.” Ele apertou minha mão com mais força. “Eu sempre quis você. Eu quero estar com você. Eu gostaria de ser como outros caras e dizer que eu queria cuidar de você também, mas... bem. Quando chegássemos nesse ponto, você provavelmente seria a que cuidaria de mim.”

Eu ri mesmo sem querer. “Alguns dias eu acho que você é mais perigoso para você mesmo do que qualquer um seria. Você cheira a cigarro, você sabe.”

“Hey, eu nunca, nunca disse que eu era perfeito. E você está errada. Você provavelmente é a coisa mais perigosa na minha vida.”

“Adrian –”

“Espere.” Com a sua mão, ele pressionou seus dedos sobre os meus lábios. “Apenas escute. Seria estúpido da minha parte pensar que a volta do seu antigo namorado não iria ter nenhum efeito em você. Se eu gosto de você querendo vê-lo? Não, claro que não. É instinto. Mas há mais coisas, você sabe. Eu acredito que ele é um dhampir novamente. Absolutamente. Mas...”

“Mas o que?” as palavras de Adrian tinham me deixado mais curiosas do que nunca agora.

“Mas só porque ele não é um Strigoi não significa que ele não tenha mais nenhuma característica disso. Espere.” Adrian podia ver minha boca abrindo em ultraje. “Eu não estou dizendo que ele é mal ou pretende ser mal ou qualquer coisa assim. Mas o que ele

passou... foi imenso. Épico. Nós realmente não sabemos muito sobre o processo de transformação. Que efeitos aquele tipo de vida teve nele? Existem partes violentas dele que podem de repente aparecer de novo? É com isto que eu estou preocupado Rose. Eu conheço você. Eu sei que você não conseguirá se conter. Você terá que ver e falar com ele. Mas isso é seguro? É isso que ninguém sabe. Nós não sabemos nada sobre isso. Nós não sabemos se ele é perigoso.”

Christian tinha dito a mesma coisa para Lissa. Eu examinei Adrian intensamente. Isso soava como uma convincente desculpa para manter Dimitri e eu separados. Ainda, eu vi certeza naqueles profundos olhos verdes. Ele acreditava nisso. Ele estava nervoso sobre o que Dimitri poderia fazer. Adrian também tinha sido honesto sobre estar com ciúmes, o que eu tinha que admirar. Ele não tinha me ordenado a não ver Dimitri ou tentado ditar meu comportamento. Eu gostava disso também. Eu estendi minha mão e entrelacei meus dedos com os de Adrian.

“Ele não é perigoso. Ele está... triste. Triste pelo que ele fez. A culpa está matando ele.”

“Eu posso imaginar. Eu provavelmente também não me perdoaria se eu de repente percebesse que eu tinha estado matando pessoas brutalmente nos últimos quatro meses.” Adrian me puxou em sua direção e beijou o topo da minha cabeça. “E para o bem de todos – sim, até mesmo dele – eu realmente espero que ele esteja da mesma maneira que ele era... apenas tenha cuidado, ok?”

“Eu terei,” eu disse, beijando a bochecha dele. “Do mesmo jeito que eu sempre tive.”

Ele sorriu e me soltou. “Esse é o melhor que eu posso esperar. Por ora, eu tenho que voltar para a casa dos meus pais por um tempo. Eu irei voltar pra você às quatro, ok?”

“Certo. Há alguma coisa que eu deveria usar especificamente para essa festa secreta?”

“Uma roupa legal de gala está bom.”

Algo me ocorreu. “Se isso é tão elite e prestígio, como você irá colocar uma humilde dhampir como eu para dentro?”

“Com isso.” Adrian pegou uma bolsa que ele tinha colocado no chão da entrada. Ele a deu para mim.

Curiosamente, eu abri a bolsa e fiquei boquiaberta como o que eu vi. Era uma máscara, uma que cobria apenas a parte de cima do meu rosto ao redor dos olhos. Ela era intrincadamente trabalhada com ouro, folhas verdes e flores adornadas com jóias.

“Uma máscara?” eu exclamei. “Nós usaremos máscaras para essa coisa? O que é isso, Halloween?”

Ele piscou. “Vejo você às quatro.”

\*\*\*

Nós de fato não colocamos as máscaras até chegarmos a Vigília dos Mortos. Como parte na natureza secreta disso tudo, Adrian disse que não queríamos chamar atenção para nós enquanto estivéssemos nela. Então nós andamos através do terreno da Corte bem vestidos – eu vestia o mesmo vestido que

tinha usado no jantar na casa dos pais dele – mas não fomos mais notados do que normalmente nós dois éramos quando saímos juntos. Além disso, estava tarde, e a maior parte da Corte estava se arrumando para ir para cama.

Nosso destino me surpreendeu. Era um dos edifícios que os trabalhadores da Corte que não eram da realeza moravam, um bem perto do de Mia. Bem, eu suponho que o último lugar que você procuraria uma festa da realeza seria na casa de um pebleu. Exceto que nós não fomos para nenhum dos apartamentos. Um vez que entramos no hall do edifício, Adrian apontou que deveríamos colocar nossas máscaras. Ele então me levou para o que parecia o armário do zelador.

Não era. Ao invés, a porta dava para uma escada que levava para baixo e para dentro da escuridão. Eu não conseguia ver o final, o que me deixou em alto alerta. Eu instintivamente queria saber os detalhes de cada situação que eu me colocaria. Adrian parecia calmo

e confiante enquanto descia, assim eu ignorei meu instinto na fé de que ele não estaria me levando para algum altar de sacrifício. Eu odiava admitir, mas a curiosidade sobre essa Vigília dos Mortos tinha temporariamente tirado Dimitri da minha cabeça.

Adrian e eu eventualmente alcançamos outra porta, e esta tinha dois guardas. Ambos Moroi, e ambos máscarados como Adrian e eu. A postura deles era firme e defensiva. Eles não disseram nada apenas nos olharam com expectativa. Adrian falou algumas palavras que soavam como romeno, e um momento depois um dos homens destrancou a porta e sinalizou para nós entrarmos.

“Código secreto?” eu murmurei para Adrian enquanto nós entrávamos.

“Códigos, na verdade. Um para você e um para mim. Cada convidado tem um exclusivo.”

Nós pisamos em um corredor estreito iluminado apenas por tochas incrustadas nas paredes. Suas chamas dançantes lançavam estranhas sombras enquanto nós passávamos. Um pouco mais a frente, o baixo murmúrio de conversas no alcançou. E soava surpreendentemente normal, como qualquer conversa que você ouvia em uma festa. Baseado nas descrições de Adrian, eu tinha meio que esperado ouvir cânticos e tambores.

Eu balancei a cabeça. “Eu sabia. Eles mantêm um calabouço medieval embaixo da Corte. Estou surpresa que não tem correntes nas paredes.”

“Assustada?” Adrian testou, pegando minha mão.

“Disso? Dificilmente. Quer dizer, na escala de Rose Hathaway de coisas medonhas, isso é dificilmente uma –”

Nós emergimos do corredor antes que eu pudesse terminar. Um grande cômodo com tetos abobadados se estendia diante de nós, algo que espantava meu senso de espaço desafiando meu cérebro enquanto eu tentava lembrar o quanto nós tínhamos descido. Candelabros de ferro forjado contendo velas acesas estavam pendurados no teto, lançando a mesma luz fantasmagórica que as

tochas tinham. As paredes eram de pedra, mas uma pedra bem trabalhada e bonita: cinza com manchas avermelhadas, polidas em lisos pedaços redondos. Alguém queria manter a sensação de calabouço do velho mundo mas ainda ter o lugar com uma aparência elegante. Essa era a típica linha de pensamento da realeza.

Mais ou menos 50 pessoas estavam se espremendo no cômodo, alguns reunidos em grupos. Como Adrian e eu, eles estavam com roupas formais e máscaras que só cobriam parte do rosto. Todas as máscaras eram diferentes. Algumas tinham o tema floral como a minha, enquanto outras eram decoradas com animais. Algumas simplesmente tinham espirais ou desenhos geométricos. Porém mesmo com as máscaras apenas cobrindo metade dos rostos dos convidados, a iluminação projetada ajudava a obscurecer qualquer outra feição identificadora. Eu os examinei cuidadosamente, esperando que eu pudesse encontrar detalhes que entregaria alguém.

Adrian me levou além da entrada em direção a um canto. Assim que minha visão da área se expandiu, eu pude ver uma grande lareira no chão no meio da sala, entalhada com a pedra do chão. Não havia fogo aceso nela, mas todos mantiam distância. Por um momento, eu tive um desorientante déjà vu, lembrando do meu tempo na Sibéria. Eu também tinha estado em um tipo de memorial cerimonial lá – porém dificilmente um com máscaras e códigos – e todos tinham sentado ao redor de uma fogueira do lado de fora. Tinha sido em honra a Dimitri, enquanto todos aqueles que o amavam sentavam e contavam estórias sobre ele.

Eu tentei conseguir uma visão melhor da lareira, mas Adrian estava intencionado em nos manter atrás da maioria da multidão. “Não chame atenção para você,” ele avisou.

“Eu estava apenas olhando.”

“É, mas qualquer um que observe muito de perto perceberia que você é a pessoa mais baixa aqui. Seria bem óbvio que você é uma dhampir. Essa é a elite das gerações mais antigas, lembra?”

Eu franzi as sobrancelhas para ele o máximo que eu pude através da máscara. “Mas eu achei que você tinha dito que tinha feito arranjos para eu estar aqui?” eu gemi quando ele não respondeu. “Por acaso “Fazer arranjos” significa apenas me colocando de penetra? Se sim, aqueles caras são uma merda como seguranças.”

Adrian zombou. “Ei, nós tínhamos os códigos certos. Isso é tudo que precisávamos. Eu roube – er, peguei eles emprestados da lista da minha mãe.”

“Sua mãe é uma das pessoas que ajudou a organizar isso?”

“Yup. Sua descendência da família Tarus tem estado há centenas de anos dentro deste grupo. Eles aparentemente tiveram uma grande cerimônia aqui depois do ataque da academia.”

Eu revirei tudo isso dentro da minha mente, tentando decidir como eu me sentia. Eu odiava quando pessoas eram obsessivas com status e aparências, porém era difícil culpá-los por quererem honrar aqueles que tinham sido mortos – particularmente quando grande parte deles tinham sido dhampirs. O ataque Strigoi a St. Vlademir era uma memória que me assombraria para sempre. Antes que eu pudesse ponderar um pouco mais, uma sensação familiar passou por mim.

“Lissa esta aqui,” eu disse, olhando ao redor. Eu podia a sentir perto mas não a encontrei imediatamente no mar de máscaras e sombras. “Alí.”

Ela estava afastada de alguns outros, usando um vestido com tom rosa e uma máscara branca e dourada com desenhos de cisnes. Através do laço, eu a senti procurando por qualquer pessoa que ela conhecesse. Eu impulsivamente comecei a ir até ela, mas Adrian me puxou de volta, me dizendo para esperar enquanto ele a resgatava.

“O que é tudo isso?” ela perguntou quando me alcançou.

“Eu achei que você sabia,” eu disse a ela. “Isso é tudo coisa super secreta da realeza.”

“Muito supersecreto para mim,” ela disse. “Eu ganhei meu convite da rainha. Ela me disse que isso era parte da minha herança

e para manter isso para mim, aí então Adrian veio e disse que eu tinha que vir por sua causa.”

“Tatiana convidou você diretamente?” eu exclamei. Talvez eu não devesse estar surpresa. Lissa dificilmente precisaria ter entrado de penetra como eu tinha. Eu supus que alguém teria tido certeza que ela conseguiria um convite,

mas eu tinha assumido que isso tinha sido feito de Adrian. Eu olhei ao redor inquietamente. “Tatiana está aqui?”

“Provável,” disse Adrian, com a voz irritantemente casual. Como usual, a presença de sua tia não tinha o mesmo impacto nele que tinha no resto de nós. “Oh, ei. Alí está Christian. Com a máscara de fogo.”

Eu não sei como Adrian tinha encontrado Christian, fora a metafórica máscara não-tão-sutil. Com a sua altura e cabelos escuros, Christian facilmente se misturava com os outros Moroi ao seu redor e tinha até estado conversando com uma garota que estava por perto, o que parecia fora do comum. “Sem chance ele ter conseguido um convite legítimo,” eu disse. Se qualquer Ozera tivesse sido avaliado como especial o suficiente para vir aqui, Christian não teria sido um deles.

“Ele não conseguiu,” concordou Adrian, fazendo um pequeno gesto para Christian se juntar a nós. “Eu dei a ele um dos códigos que eu roubei da minha mãe.”

Eu olhei para Adrian assustada. “Quantos você roubou?”

“O suficiente para –”

“Vamos prestar atenção agora.”

A voz alta de um homem soou pelo cômodo, parando tanto as palavras de Adrian quanto os passos de Christian. Com uma careta, Christian retornou para onde ele tinha estado, separado de nós agora do outro lado do cômodo. Parecia que eu não teria a oportunidade de perguntar a Lissa sobre Dimitri afinal de contas.

Sem nenhuma instrução prévia, os outros no aposento começaram a formar um círculo ao redor da lareira no chão. O cômodo não era grande o suficiente para nós formarmos um único círculo, assim eu ainda fui capaz de ficar atrás de outro Moroi enquanto assistia ao espetáculo. Lissa estava ao meu lado, mas sua atenção estava fixada do outro lado, em Christian. Ela estava desapontada que ele não teve como se juntar a nós.

“Hoje à noite nós viemos para honrar os espíritos daqueles que morreram lutando com o grande mal que vem nos atormentando há tanto tempo.” Esse era o mesmo homem que nos tinha chamado para prestar atenção. A máscara negra que ele usava brilhava com espirais pratas. Ele não era ninguém especial que eu reconhecesse. Era provavelmente seguro assumir que ele era alguém de

uma importante descendência que por acaso tinha uma boa voz para chamar a atenção das pessoas. Adrian confirmou isso.

“Este é Anthony Badica. Eles sempre o recrutam como mestre de cerimônias.”

Anthony parecia mais como um líder religioso que um mestre de cerimônia nesse momento, mas eu não queria responder e atrair a atenção de alguém.

“Hoje à noite nós os honramos.”

Certo, esse script poderia não ser tão difícil de seguir afinal. Anthony continuou falando sobre o quão terrível foi a tragédia, e nós repetíamos a mesma resposta. Toda a ideia dessa vigília dos mortos ainda era estranha para mim, mas então a tristeza de Lissa penetrou através do laço e começou a me afetar também. Priscilla tinha sempre sido boa com ela – e educada comigo. Grant pode ter sido o guardião de Lissa por um curto tempo, mas ele tinha protegido e ajudado ela. De fato, se não fosse pelo trabalho de Grant com Lissa, Dimitri poderia ainda ser um Strigoi. Assim, vagarosamente, a gravidade disso tudo começou a me acertar, e mesmo se eu pensasse que havia maneiras melhores de lamentar, eu apreciei o reconhecimento que os mortos estavam recebendo.

Depois de mais algumas repetições, Anthony gesticulou para alguém ir a frente. Uma mulher com uma brilhante máscara esmeralda se dirigiu à frente com uma tocha. Adrian se mexeu ao meu lado. “Minha querida mãe,” ele murmurou.

Com certeza. Agora que ele tinha apontado, eu pude claramente definir as feições de Daniella. Ela jogou sua tocha na lareira no chão, e ela ascendeu com o quatro de julho ([Nota 6](#)). Alguém devia ter molhado a madeira com gasolina ou vodka russa. Talvez ambos. Não me admira que os outros convidados tenham mantido distância. Daniella se misturou na multidão, e outra mulher veio à frente segurando uma bandeja com taças de ouro. Andando ao redor do círculo, ele entregou um copo para cada pessoa. Quando a dela acabou, outra mulher apareceu com uma bandeja.

Enquanto as taças eram distribuídas, Anthony explicou, “Agora nós iremos brindar e beber pelos mortos, assim seus espíritos irão seguir em frente e encontrar a paz.”

Eu me mexi desconfortavelmente. Pessoas falavam sobre espíritos inquietos e os mortos encontrando a paz sem realmente saber o que aquilo significava. Sendo uma shadow-kissed ([Nota 7](#)) veio com a habilidade de ver mortos inquietos, e isso tinha me custado um bom tempo para ganhar controle para que eu não os visse. Eles sempre estavam ao meu redor; eu tinha que me concentrar para mantê-los bloqueados. Eu me perguntei o que eu veria agora se eu abaixasse minhas paredes mentais de proteção. Estariam os fantasmas daqueles mortos na noite do ataque de Dimitri perambulando ao nosso redor?

Adrian cheirou seu copo assim que ele o pegou e fechou a cara. Por um momento, eu fiquei em pânico ate cheirar o meu também. “Vinho. Graças a Deus,” eu sussurrei para ele. “Pela sua cara, eu pensei que era sangue.” Eu lembrei o quanto ele odiava sangue que não era direto da fonte.

“Nah,” ele murmurou de volta. “Apenas uma safra ruim.”

Quando todos tinham seu vinho, Anthony elevou seu copo acima da cabeça com ambas as mãos. Com o fogo atrás dele, ele ficou com uma aparência quase sinistra e sobrenatural. “Nós bebemos por Priscilla Voda,” ele disse.

“Nós bebemos por Priscilla Voda,” todos repetiram.

Ele abaixou a taça e tomou um gole. Assim fizeram todos os outros – bem, exceto por Adrian. Ele engoliu metade do seu de uma vez, safra ruim ou não. Anthony elevou sua taça sobre a cabeça novamente.

“Nós bebemos por James Wilket.”

Enquanto eu repetia as palavras, eu percebi que James Wilket era um dos guardiões de Priscilla. Esse grupo doido da realeza estavam demonstrando respeito pelos dhampirs. Nós passamos pelos outros guardiões um por um, mas eu manti meus goles pequenos, querendo manter a cabeça no lugar hoje à noite. Eu tinha certeza de que perto do final da lista de nomes, Adrian estava fingindo seus goles porque já tinha bebido tudo.

Quando Anthony acabou de nomear todos que tinham morrido, ele elevou seu copo novamente e aproximou-se das chamas do fogo, as quais tinham começado a fazer o pequeno cômodo desconfortavelmente quente. As costas do meu vestido estavam ficando cada vez mais úmidas com suor.

“Para todos aqueles perdidos para o grande mal, nós honramos seus espíritos e esperamos que eles prossigam em paz para o próximo mundo.” Ele então derramou o resto do seu vinho nas chamas.

Toda essa conversa de espíritos prolongando sua estada nesse mundo certamente não condizia com as usuais crenças do cristianismo que dominavam a religião Moroi. Isso me fez ponderar o quão antiga essa cerimônia realmente era. Mais uma vez. Eu senti a urgência de baixar minhas barreiras mentais e ver se algo disso tinha realmente chamado fantasmas para nós, mas eu temia o que poderia encontrar. Além disso, eu prontamente fui distraída quando

todo o resto do círculo começou a derramar seu vinho no fogo também. Um por um, no sentido horário, cada pessoa se aproximava. Tudo estava silencioso enquanto isso acontecia, menos o crepitar da lareira e mover da lenha. Todos observavam respeitosamente.

Quando minha vez chegou, eu lutei severamente para não tremer. Eu não tinha esquecido que Adrian tinha me colocado de penetra aqui. Moroi de classe baixa não eram permitidos, imagine dhampirs. O que eles fariam? Declarar o espaço violado? Um linchar? Lançar-me no fogo?

Meus temores se provaram infundados. Ninguém disse ou fez algo diferente enquanto eu derramava meu vinho, e um momento depois, Adrian deu um passo à frente para a vez dele. Eu me misturei de volta ao lado de Lissa. Quando todo o círculo tinha completado o ritual, nós fizemos um momento de silêncio pelos falecidos. Tendo testemunhado o sequestro de Lissa e subsequente resgate, eu tinha um monte de mortos para pesar. Nenhum momento de silêncio no mundo iria algum dia fazê-los justiça.

Outro sinal silencioso parecia passar pelo aposento. O círculo dispersou, e a tensão diminuiu. Pessoas novamente começaram a bater papo em pequenos grupos, assim como em qualquer outra festa, apesar de eu ver lágrimas nos rostos de alguns.

“Muitas pessoas deviam gostar de Priscilla,” eu observei. Adrian se virou em direção a uma mesa que tinha misteriosamente sido arrumada durante a cerimônia. Ela se encontrava contra a parede do fundo e estava cheia de frutas, queijo e mais vinho. Naturalmente, ele encheu um copo.

“Eles não estavam todos chorando por ela,” ele disse.

“Eu acho difícil de acreditar que eles estavam chorando pelos dhampirs,” eu apontei. “Ninguém aqui nem ao menos conhecia eles.”

“Não é verdade,” ele disse.

Lissa rapidamente entendeu o que ele dizia. “A maioria das pessoas que foi ao resgate deveriam ser guardiões designados a

Moroi. Eles não podiam ser todos guardiões da Corte.”

Ela tinha razão, eu percebi. Nos tínhamos muitas pessoas conosco no armazém. Muitos desses Moroi tinham sem dúvida perdido seus guardiões dos quais tinham se tornados próximos. Apesar do desdém que eu geralmente nutria por esse tipo de realeza, eu sabia que alguns tinham provavelmente formado legítimas amizades e ligações sentimentais com os seus guarda-costas.

“Essa é uma festa chata,” uma voz de repente disse. Viramos-nos e vimos que Christian tinha finalmente aberto seu caminho até nós. “Eu não sabia dizer se nós supostamente estávamos fazendo um funeral ou invocando o diabo. Isso foi meio que uma tentativa incompetente de ambos.”

“Pare com isso,” eu disse, surpreendendo a mim mesma. “Aquelas pessoas morreram por você ontem à noite. O que quer que seja isso, ainda é para demonstrar respeito a eles.”

O rosto de Christian ficou sóbrio. “Você está certa.”

Ao meu lado, eu senti Lissa se iluminar por dentro quando o viu. O horror da experiência deles tinha-os feito próximos de novo, e eu lembrei a ternura que eles tinham compartilhado na viagem de volta. Ela ofereceu a ele um olhar quente e recebeu a tentativa de um sorriso em retorno. Talvez algo bom viria de tudo o que tinha acontecido. Talvez eles fossem capazes de resolver seus problemas.

Ou talvez não.

Adrian abriu um sorriso. “Hey. Feliz que você conseguiu vir.”

Por um momento, eu achei que ele estava falando com Christian. Então eu olhei e vi que uma garota com uma máscara de pavão tinham se juntado a nós. Com a mistura de pessoas e máscaras, eu não tinha percebido que ela estava propositalmente perto de nós. Eu a examinei, vendo apenas olhos azuis e cachos dourados antes de finalmente reconhecer ela. Mia.

“O que você está fazendo aqui?” eu perguntei.

Ela sorriu. "Adrian me deu um código."

"Adrian aparentemente deu códigos para metade da festa."

Ele parecia muito feliz consigo mesmo. "Está vendo?" ele disse, sorrindo para mim. "Eu disse a você que faria isso valer o esforço. A gang toda está aqui. Quase."

"Esta é umas das coisas mais estranhas que eu já vi," disse Mia, olhando ao redor. "Eu não sei por que tem que ser um segredo que as pessoas que morreram eram heróis. Porque eles não podem esperar pelo funeral em grupo?"

Adrian encolheu os ombros. "Eu te falei, essa é uma antiga cerimônia. Isso é remanescente do antigo país, e essas pessoas acham que é importante. Pelo que eu sei, costumava ser bem mais elaborado. Essa é uma versão moderna."

Ocorreu-me então que Lissa não tinha dito uma única palavra desde que nós notamos que Christian tinha vindo com Mia. Eu abri minha mente para o laço, sentindo uma inundação de ciúmes e ressentimento. Eu ainda insistia que Mia era uma das últimas pessoas que Christian se envolveria. (Certo, era difícil para mim imaginar ele se envolvendo com qualquer pessoa. Ele dando certo com Lissa tinha sido monumental). Lissa não conseguia ver isso, entretanto. Tudo que ela via era ele saindo continuamente com outras garotas. Enquanto nossa conversa continuava, a atitude de Lissa cada vez mais fria, e os olhares amigáveis que ele mandava para ela começaram a diminuir.

"Então, é verdade?" Mia perguntou, sem perceber o drama que se desenrolava ao seu redor. "Dimitri está realmente... de volta?"

Lissa e eu trocamos olhares. "Sim," eu disse firmemente. "Ele é um dhampir, mas ninguém acredita nisso ainda. Porque eles são idiotas."

"Apenas acontece, pequena dhampir." O tom de Adrian era gentil, apesar do tópico claramente deixá-lo desconfortável também. "Que você não pode esperar que todo mundo entre nessa de cara."

“Mas eles são idiotas,” Lissa falou ferozmente. “Qualquer um que fale com ele pode dizer que ele não é um Strigoi. Eu estou pressionando eles para deixarem-no sair da cela para que assim as pessoas possa realmente ver por elas mesmas.”

Eu desejei que ela pudesse pressionar um pouco mais forte para eu conseguir vê-lo, mas agora não era hora para falar sobre isso. Observando a sala, eu me perguntei se algumas pessoas teriam problemas aceitando Dimitri por causa de seu papel na morte dos que eles amavam. Ele não estava no

controle de si mesmo, mas isto não era o suficiente para trazer os mortos de volta.

Ainda desconfortável perto de Christian, Lissa estava ficando mais inquieta. Ela também queria sair e checar Dimitri. “Quanto tempo nós temos que ficar aqui? Haverá mais –”

“Quem diabos é você?”

Nosso pequeno grupo se virou como um só e encontramos Anthony parado diante de nós. Considerando que a maior parte de nós estava aqui ilicitamente, ele poderia estar falando com qualquer um. Mas, baseado em onde seu olhar estava fixado, não havia dúvidas a quem ele se referia.

Ele estava falando comigo.

# VINTE

“Você não é Moroi!” ele continuou. Não estava gritando, mas nós certamente havíamos conseguido chamar a atenção das pessoas ao nosso redor. “Você é Rose Hathaway, não é? Como você e seu sangue impuro se atrevem a invadir a santidade de nosso –”

“Já basta,” uma voz calma disse de repente. “Eu tomo conta disso daqui por diante.”

Mesmo com o rosto coberto, não havia como não reconhecer aquela voz. Tatiana saiu de detrás do homem, vestindo uma máscara florida prateada e um vestido de manga longa cinza. Eu devia ter visto ela antes na multidão sem perceber. Até falar, ela se misturou aos outros.

O salão todo estava quieto agora. Daniella Ivashkov apareceu atrás de Tatiana, os olhos se arregalando por trás da máscara quando ela me reconheceu. “Adrian –” ela começou.

Mas Tatiana estava tomando conta da situação. “Venha comigo.”

Não havia dúvida de que a ordem era para mim ou que eu iria obedecer. Ela se virou e caminhou elegantemente até a entrada do salão. Eu corri atrás dela, como fizeram Adrian e Daniella.

Assim que estávamos fora do hall iluminado por tochas, Daniella se virou para Adrian. “No que estava pensando? Você sabe que não me importo que traga Rose para certos eventos, mas isso foi –”

“Impróprio,” disse Tatiana rapidamente. “Embora, talvez seja bom para uma dhampir ver como os sacrifícios de seu povo são respeitados.”

Isso nos chocou tanto que passamos um momento em silêncio. Daniella se recuperou primeiro. “Sim, mas a tradição diz que –”

Tatiana a interrompeu novamente. “Estou bem ciente da tradição. É um ramo ruim de etiqueta, mas Rosemarie estar aqui certamente

não arruína nossos planos. Perder Priscilla...” Tatiana não engoliu aquilo, propriamente dito, mas ela perdeu parte de sua compostura normal. Eu nunca imaginei alguém como ela tendo uma melhor amiga, mas Priscilla havia sido. Como eu agiria se perdesse Lissa? Não tão controlada, nem de longe.

Eu aquiesci, ainda surpresa por Tatiana não estar berrando para que eu saísse. “É uma grande perda,” eu disse. “E deixa a situação pior, porque são os números que mais nos prejudicam – principalmente quando Strigoi formam grupos grandes. Não podemos vencer isso sempre.”

Tatiana concordou, parecendo agradavelmente surpresa que nós concordássemos em algo. Isso fazia duas de nós. “Eu sabia que entenderia. Mesmo assim...” Ela se voltou para Adrian. “Você não devia ter feito isso. Algumas linhas de propriedade precisam ser mantidas.”

Adrian estava surpreendentemente fraco. “Desculpe, tia Tatiana. Eu só achei que era algo que Rose podia ver.”

“Você vai guardar isso para si mesmo, não vai?” perguntou Daniella, voltando-se para mim. “Muitos dos convidados são muito, muito conservativos. Eles não iriam querer que isso vazasse.”

Que eles se encontraram ao redor da fogueira e brincaram de fantasia? É, eu podia ver por que eles queriam guardar segredo.

“Não vou contar a ninguém,” eu assegurei.

“Bom,” disse Tatiana. “Agora, você devia sair antes que – aquele é Christian Ozera?” Seus olhos se voltaram para o salão lotado.

“Sim,” dissemos tanto eu quanto Adrian.

“Ele não foi convidado,” exclamou Daniella. “Isso é culpa sua também?”

“Não é tanto minha falta quanto é minha genialidade,” disse Adrian.

“Eu duvido que qualquer um vá saber, desde que ele se comporte,” disse Tatiana com um suspiro. “E eu tenho certeza de

que ele usaria qualquer oportunidade que tenha para falar com Vasilisa.”

“Ah,” eu disse, sem pensar. “Não é a Lissa.” Lissa tinha dado as costas para Christian e estava falando com outra pessoa enquanto olhava ansiosa para mim da porta.

“Quem é?” perguntou Tatiana.

Merda. “É, hm, Mia Rinaldi. É uma amiga nossa de St. Vladimir.” Eu pensei em mentir e dar a ela um nome de realeza. Algumas famílias eram tão grandes que era impossível saber todos eles.

“Rinaldi.” Tatiana gemeu. “Eu acho que conheço um servente com esse nome.” A verdade é que eu fiquei bem impressionada que ela soubesse quem trabalhava para ela. Mais uma vez, minha opinião dela mudou.

“Um servente?” perguntou Daniella, lançando ao filho um olhar de aviso. “Tem mais alguém que eu deveria saber?”

“Não. Se eu tivesse tido mais tempo, provavelmente teria colocado Eddie aqui. Diabos, quem sabe até a Jailbait.”

Daniella pareceu escandalizada. “Você acabou de dizer Jailbait?”

“É só uma piada,” eu disse apressadamente, não querendo fazer essa situação ficar ainda pior. Tinha medo de como Adrian responderia. “É como chamamos nossa amiga Jill Mastrano de vez em quando.”

Nem Tatiana nem Daniella pareciam achar que isso era uma piada.

“Bom, ninguém parece perceber que eles estão fora de seus devidos lugares,” disse Daniella, acenando com a cabeça em direção a Christian e Mia. “Embora não haja dúvidas de que as fofocas sobre como Rose interrompeu este evento vão se espalhar.”

“Desculpe,” eu disse, me sentindo mal pela possibilidade de ter colocado ela em confusão.

“Não há nada para se fazer sobre isso agora,” disse Tatiana em um tom cansado. “Você devia partir agora que todos pensam que foi

repreendida severamente. Adrian, volte conosco e se certifique de que nenhum de seus outros 'convidados' atrairão atenção alguma. E não faça algo assim de novo."

"Não farei," disse ele, quase soando convincente.

Os três começaram a dar as costas, me deixando para que sumisse dali, mas Tatiana parou e olhou para mim. "Errado ou não, não se esqueça do que viu aqui. Nós realmente precisamos de guardiões."

Eu assenti, um jorro de orgulho me percorrendo pelo reconhecimento dela. Então, ela e os outros voltaram ao salão. Eu os observei ansiosamente, odiando o fato de todos lá dentro pensarem que eu fui chutada de lá em desgraça. Considerando que poderia ter sido muito pior, eu resolvi levar em conta as vantagens. Tirei a máscara, não tendo mais o que esconder, e fiz a caminhada de volta para o primeiro andar e para a rua.

Não tinha ido muito longe quando alguém surgiu diante de mim. Era um sinal de minha preocupação quando eu quase saltei três metros.

"Mikhail," exclamei. "Você me matou de susto. O que está fazendo aqui?"

"Na verdade, estava procurando você." Ele parecia ansioso, nervoso. "Eu fui no seu prédio antes, mas você não estava lá."

"É, eu estava no Masquerade of the Damned."

Ele me olhou com uma expressão vazia.

"Esquece. O que houve?"

"Eu acho que podemos ter uma chance."

"Chance de quê?"

"Ouvi dizer que você tentou ver Dimitri hoje."

Ah, sim. O assunto que eu definitivamente queria pensar mais a respeito. "É. 'Tentou' é bem otimista. Ele não quer mais me ver, nem

preciso me preocupar com o exército de guardiões me mantendo aqui fora.”

Mikhail se remexeu desconfortável, olhando em volta como um animal assustado. “É por isso que eu vim atrás de você.”

“Ok, eu realmente não estou entendendo nada disso.” Eu também estava começando a ficar com dor de cabeça por causa do vinho.

Mikhail respirou fundo e exalou. “Acho que posso colocá-la lá dentro.”

Eu esperei um instante, me perguntando se havia uma frase de efeito chegando ou se era tudo uma ilusão nascida de minhas emoções fragilizadas. Não. O rosto de Mikhail estava mortalmente sério, e embora eu não o conhecesse assim tão bem, eu já havia percebido que ele nunca fazia piadas.

“Como?” eu perguntei. “Eu tentei e –”

Mikhail acenou para que eu o seguisse. “Venha e eu explico. Não temos muito tempo.”

Eu não pretendia desperdiçar qualquer chance que aparecesse, então corri atrás dele. “Alguma coisa aconteceu?” eu perguntei, assim que consegui acompanhar suas passadas largas. “Ele... ele pediu que eu fosse lá?” Era mais do que eu me atrevia a esperar. A forma como Mikhail falou a palavra “colocar” não ajudava muito.

“Eles aliviaram a guarda dele,” Mikhail explicou.

“Mesmo? Quanto?” Havia aproximadamente uma dúzia lá quando Lissa visitou, inclusive sua escolta. Se eles decidiram que só precisavam de um ou dois guardiões para Dimitri, seria um indicativo de que todos estavam entendendo que ele não era mais um Strigoi.

“Mais ou menos cinco.”

“Ah.” Não era ótimo. Não era horrível. “Mas eu posso crer que até isso significa que eles estão mais perto de acreditar que ele é inofensivo agora?”

Mikhail deu de ombros, mantendo os olhos no caminho a nossa frente. Havia chovido durante a Vigília dos Mortos e o ar, ainda úmido, havia esfriado um pouco. “Alguns guardiões, sim. Mas será necessário um decreto real do Conselho para declarar o que ele é.”

Eu quase parei ali mesmo. “Declarar o que ele é?” eu exclamei. “Ele não é um 'o que'! Ele é uma pessoa. Um dhampir como nós.”

“Eu sei, mas está fora de nossas mãos.”

“Você está certo. Desculpe,” eu murmurei. Não havia sentido em atirar no mensageiro. “Bem, eu espero que eles movam suas bundas para decidir de uma vez.”

O silêncio que veio a seguir dizia muito. Eu lancei um olhar afiado para Mikhail.

“O quê é? O que você não está me contando?” eu exigi.

Ele se encolheu. “O rumor é que tem algo importantíssimo sendo discutido no Conselho atualmente, algo prioritário.”

Aquilo também me irritou. O que nesse mundo podia ser mais importante que Dimitri? Calma, Rose. Fique calma. Não deixe a escuridão piorar as coisas. Eu sempre tentei deixá-la escondida, mas aquilo frequentemente perdia o

controle quando eu ficava muito estressada. Sim, estavam sendo dias bem estressantes. Eu voltei ao tópico anterior.

Chegamos ao prédio prisional, e eu subi as escadas dois degraus de cada vez. “Mesmo que tenham aliviado os guardiões de Dimitri, eles ainda não me deixarão entrar. Os que estão lá agora sabem que fui ordenada a me manter longe.”

“Um amigo meu está com o turno da entrada agora. Não teremos muito tempo, mas ele dirá aos guardiões da área das celas que você está autorizada a entrar.”

Mikhail estava prestes a abrir a porta quando eu o impedi, colocando a mão em seu braço. “Por que está fazendo isso por mim? O Conselho Moroi pode não achar Dimitri importante, mas os guardiões acham. Você podia se meter em uma encrenca danada.”

Ele olhou para mim, de novo com aquele sorriso pequeno e amargo. “Você precisa perguntar?”

Pensei sobre o assunto. “Não,” eu disse gentilmente.

“Quando eu perdi Sonya...” Mikhail fechou os olhos pelo tempo de uma batida cardíaca e, quando os abriu, eles pareciam estar vendo o passado. “Quando a perdi, eu não queria mais viver. Ela era uma boa pessoa – de verdade. Ela virou Strigoi por desespero. Não havia outro modo de se salvar do espírito. Eu daria qualquer coisa – qualquer – por uma chance de ajudá-la, de consertar as coisas entre nós. Não sei se isso será possível algum dia, mas é possível para você no momento. Não posso deixá-la perder isso.”

Com isso, ele nos deixou entrar e, de fato, havia outro guardião ali. Exatamente como Mikhail falou, ele foi lá embaixo dizer aos outros que Dimitri tinha visita. O amigo de Mikhail parecia nervosíssimo por causa disso, o que era compreensível. Ainda assim, ele estava disposto a ajudar. Era incrível. Eu fiquei pensando no que amigos podem fazer uns pelos outros. Essas últimas semanas foram prova inegável disso.

Como na visita de Lissa, dois guardiões vieram me escotar escada abaixo. Eu os reconheci de quando estive na mente dela, e eles pareciam surpresos em me ver. Se eles haviam ouvido Dimitri dizendo expressamente que não queria me ver, minha presença devia realmente ser um choque. Mas, até onde eles sabiam, alguém com poder me deixou ir até lá, então eles não fizeram perguntas.

Mikhail nos acompanhou na decida, e eu senti meu coração e respiração ficando acelerados. Dimitri. Eu estava prestes a ver Dimitri. O que iria dizer? O que iria fazer? Era quase demais para compreender. Eu precisava me estapear mentalmente para manter o foco, ou eu ficaria em um choque espantado.

Quando chegamos ao corredor que dava nas celas, eu vi dois guardiões diante da de Dimitri, um no final do corredor e mais dois na entrada pela qual viemos. Eu não queria a audiência que Lissa tivera mas, com ênfase em segurança aqui, eu poderia não ter escolha.

“Posso ter um pouquinho de privacidade?” perguntei.

Um dos escoltadores sacudiu a cabeça. “Ordens oficiais. Dois guardiões devem estar a postos na cela o tempo todo.”

“Ela é uma guardiã,” lembrou Mikhail simplesmente. “Eu também. Deixe-nos ir. O resto pode esperar na porta.”

Eu olhei grata para Mikhail. Eu podia aguentar ele por perto. Os outros, decidindo que éramos seguros o bastante, foram discretamente para o final do corredor. Não era privacidade total e completa, mas eles não escutariam tudo.

Meu coração parecia prestes a explodir para fora do peito enquanto eu entrava na cela e o via lá. Ele estava sentado quase da mesma maneira que quando Lissa chegou: na cama, enrolado em si mesma, de costas para nós.

As palavras ficaram presas na minha garganta. O pensamento coerente deixou minha mente. Era como se tivesse esquecido por completo minha razão de estar aqui.

“Dimitri,” eu disse. Ao menos, foi o que tentei dizer. Eu engasguei um pouco, então os sons que saíram de minha boca eram embaralhados. Mas parecia ser o bastante, porque as costas dele ficaram rígidas de repente. Ele não se virou.

“Dimitri,” eu repeti, com mais clareza dessa vez. “Sou... eu.”

Não havia por que dizer mais nada. Ele sabia que era eu desde a minha primeira tentativa de chamá-lo. Eu tinha a sensação de que ele poderia reconhecer a minha voz em qualquer situação. Era provável que ele soubesse o som das batidas do meu coração e da minha respiração. Mas do jeito que estava, eu achava que tinha parado de respirar enquanto esperava pela sua resposta. Quando veio, foi um pouco desapontadora.

“Não.”

“Não o quê?” eu perguntei. “Como em não, não sou eu?”

Ele exalou de frustração, um som quase – mas não exatamente – como aquele que costumava fazer quando eu fazia algo

particularmente ridículo em nossos treinos. “Não, como em eu não quero ver você.” A voz dele estava embargada com a emoção. “Eles não deviam deixá-la entrar.”

“É. Bem, eu meio que dei um jeito.”

Ainda assim, ele não iria se virar para mim, o que era agonizante. Eu olhei para Mikhail, que me deu um aceno encorajador com a cabeça. Eu suponho que devia estar feliz por Dimitri ao menos responder.

“Eu precisava ver você. Eu tinha que saber se estava tudo bem.”

“Tenho certeza de que Lissa já atualizou você.”

“Eu precisava ver com meus próprios olhos.”

“Bem, agora você vê.”

“Só vejo suas costas.”

Era enlouquecedor mas, mesmo assim, cada palavra que eu tirava dele era uma dádiva. Parecia fazer milhares de anos desde que ouvi sua voz. Como antes, me perguntei como podia ter confundido o Dimitri da Sibéria com este. Sua voz era idêntica em ambos os lugares, no mesmo tom e sotaque, mas, como Strigoj, suas palavras sempre deixavam uma frieza no ar. Essa era quente. Mel e veludo e todo o tipo de coisa maravilhosa me envolvendo, não importa quão terríveis fossem as coisas que ele dizia.

“Eu não quero você aqui,” disse Dimitri de modo direto. “Não quero ver você.”

Eu esperei um momento para bolar uma estratégia. Dimitri ainda tinha aquele ar deprimido e sem esperanças ao seu redor. Lissa se aproximou com gentileza e compaixão. Ela atravessou as defesas dele, mas boa parte disso era porque ele a considerava sua salvadora. Eu poderia tentar uma tática similar. Poderia ser gentil e compreensível e cheia de amor – e tudo seria verdade. Eu o amava. Eu queria ajudá-lo tanto. Mesmo assim, não sabia qual método em particular funcionaria comigo. Rose Hathaway não foi sempre

conhecida pela aproximação gentil. Ainda assim, eu joguei com seu senso de obrigação.

“Você não pode me ignorar,” eu disse, tentando manter minha voz fora do alcance dos outros guardiões. “Você me deve isso. Eu salvei você.”

Alguns momentos de silêncio se passaram. “Lissa me salvou,” ele disse cuidadosamente.

A raiva queimou meu peito da mesma forma que foi quando Lissa o visitou. Como ele podia ter tanta consideração por ela e não por mim?

“Como acha que ela chegou a isso?” eu exigi. “Como acha que ela aprendeu como salvar você? Você tem ideia do que nós – do que eu – passei para conseguir essa informação? Acha que eu ir para a Sibéria foi loucura? Acredite, você não chegou nem perto de ver a loucura. Você me conhece. Sabe do que sou capaz. E eu quebrei meus recordes desta vez. Você. Me. Deve. Uma.”

Era duro, mas eu precisava de uma reação dele. Algum tipo de emoção. E eu consegui. Ele se virou rapidamente, olhos brilhando e poder emanando de seu corpo. Como sempre, seus movimentos eram tanto ferozes quanto graciosos. Da mesma forma, sua voz eram um misto de emoções: raiva, frustração e preocupação.

“O melhor que posso fazer é –”

Ele congelou. Os olhos castanhos que estavam apertados com irritação se arregalaram subitamente com... o quê? Espanto? Temor? Ou talvez o mesmo sentimento atordoado que tive quando vi ele?

Porque, de repente, tive certeza de que ele estava experimentando o mesmo que senti antes. Ele me viu diversas vezes na Sibéria. Ele me viu noite passada no depósito. Mas agora... Agora, ele me via com os próprios olhos. Agora que não era mais um Strigoi, o mundo inteiro estava diferente. Sua visão e sentimentos eram diferentes. Mesmo sua alma era diferente.

Era como um daqueles momentos onde as pessoas falam de suas vidas passando diante dos olhos. Porque, enquanto olhávamos um

para o outro, cada parte de nosso relacionamento foi vista novamente dentro da minha cabeça. Eu me lembrei de quão forte e invencível ele foi quando nos conhecemos, quando ele veio trazer Lissa e eu de volta para os braços da sociedade Moroi. Lembrei-me da gentileza de seu toque quando ele enfaixou minhas mãos sangrentas e machucadas. Lembrei dele me carregando nos braços depois que Natalie, a filha de Victor, me atacou. Mais que tudo, eu lembrei de nossa primeira noite juntos na cabana, logo antes de um Strigoi tirá-lo de mim. Um ano. Só nos conhecemos durante um ano, mas passamos por uma vida toda dentro dele.

E eu soube que ele também percebeu isso enquanto me estudava. Seu olhar era todo-poderoso, observando cada um de meus atributos. Tentei conseguir uma lembrança opaca de como me parecia hoje. Eu ainda estava usando o vestido do encontro secreto, e sabia que ele ficava bem em mim. Meus olhos deviam estar vermelhos por ter chorado antes, e eu só tive tempo para passar uma escova rápida nos cabelos antes de sair com Adrian.

De algum jeito, eu duvidava que qualquer uma dessas coisas importasse. O jeito que Dimitri me olhava... Confirmou tudo o que eu já suspeitava. Os sentimentos que ele tinha por mim antes de ser transformado – os sentimentos que foram distorcidos enquanto ele era Strigoi – ainda estavam ali. Eles tinham que estar. Talvez Lissa fosse sua salvadora. Talvez o resto da Corte a visse como uma deusa. Eu sabia, naquele momento, que não importava a quão esfarrapada eu me parecesse ou quão vazia ele tentasse manter sua expressão, eu era uma deusa para ele.

Ele engoliu e tentou retomar o controle com esforço, como sempre. Algumas coisas nunca mudavam. “Então o melhor que posso fazer,” ele continuou calmamente, “é me manter longe de você. É o melhor jeito de pagar essa dívida.”

Era difícil para mim manter o controle e ter uma conversa lógica. Eu estava tão espantada quanto ele. Estava ultrajada. “Você se ofereceu para reparar Lissa ficando ao lado dela para sempre!”

“Eu não fiz as coisas...” ele desviou os olhos por um momento, lutando novamente por controle, e então me olhou de novo. “Eu não fiz a ela as coisas que fiz a você.”

“Não era você! Eu não ligo.” Meu temperamento estava queimando de novo.

“Quantos?” ele exclamou. “Quantos guardiões morreram na noite passada por causa do que eu fiz?”

“E... eu acho que seis ou sete.” Perdas duras. Senti uma pequena dor em meu peito, lembrando os nomes lidos naquele porão.

“Seis ou sete.” Dimitri repetiu, angústia na voz. “Mortos em uma noite. Por minha culpa.”

“Você não agiu sozinho! E eu já disse, não era você. Você não podia se controlar. Não importa para mim –”

“Importa para mim!” ele gritou, sua voz ecoando pelo corredor. Os guardiões em cada ponta se mexeram, mas não chegaram mais perto. Quando Dimitri falou de novo, ele manteve a voz mais baixa, mas ainda estava tremendo por causa das emoções selvagens. “Importa para mim. É isso que você não entende. Não pode entender como é saber o que eu fiz. Tudo isso de ser um Strigoi... é como um sonho agora, mas um do qual lembro claramente. Não existe perdão para mim. E o que aconteceu com você? Eu lembro mais que tudo. Tudo o que fiz. Tudo o que queria fazer.”

“Você não vai fazer agora,” eu implorei. “Então deixe para trás. Antes – antes de tudo acontecer, você disse que podíamos ficar juntos. Que teríamos tarefas próximos um do outro e –”

“Roza,” ele interrompeu, o apelido atravessando meu coração. Eu acho que ele deixou escapar, não querendo me chamar assim de verdade. Havia um sorriso distorcido no seu lábio, sem humor algum. “Você realmente acha que eles vão permitir que eu seja um guardião novamente? Será um milagre se me deixarem viver!”

“Não é verdade. Assim que perceberem que você mudou e é você mesmo de novo... tudo vai voltar a ser como era antes.”

Ele sacudiu a cabeça com tristeza. "Seu otimismo... sua crença de que pode fazer qualquer coisa acontecer. Ah, Rose. É uma das coisas incríveis em você. Também uma das mais enfurecedoras."

"Eu acreditava que podia fazê-lo deixar de ser um Strigoi," eu apontei. "Talvez minha crença no impossível não seja tão louca afinal de contas."

A conversa era tão grave, tão estraçalhadora, e ainda assim, ainda me fazia lembrar das nossas velhas aulas. Ele tentava me convencer de algo sério, e eu rebatia com lógica de Rose. Costumava conseguir um misto de descrença e exasperação. Eu tinha a sensação de que, se a situação fosse um pouco diferente, ele teria a mesma atitude agora. Mas essa não era uma aula. Ele não iria sorrir e revirar os olhos. Isso era sério. Era vida e morte.

"Estou grato pelo que fez," ele disse de um modo formal, ainda lutando para vencer seus sentimentos. Era outro traço que compartilhávamos, o desejo de sempre manter o controle. Ele sempre foi melhor que eu. "De fato, eu lhe devo uma. E é uma dívida que não posso pagar. Como eu disse, o melhor que posso fazer é ficar fora da sua vida."

"Se você for parte da vida de Lissa, então não poderá me evitar."

"As pessoas podem conviver umas com as outras sem... sem ser nada além disso," ele disse firmemente. Era uma coisa tão Dimitri de se dizer. A lógica lutando contra emoção.

E foi naquele momento que perdi a compostura. Como eu disse, ele sempre foi melhor em manter controle. Eu? Nem tanto.

Eu me joguei contra as barras, tão rapidamente que até Mikhail recuou. "Mas eu amo você!" eu assoviei. "E eu sei que você me ama também. Você realmente acha que pode passar o resto da vida ignorando isso quando estiver perto de mim?"

A parte problemática era que por um longo tempo na Academia, Dimitri esteve convencido que ele poderia fazer exatamente isso. E ele estava preparado para passar o resto da vida evitando o que sentia por mim.

“Você me ama,” eu repeti. “Eu sei que ama.” Eu estiquei meu braço através das barras. Estava longe de tocar ele, mas meus dedos tentaram tocar desesperadamente, como se eles pudessem crescer e fazer contato. Isso era tudo que eu precisava. Um toque dele para saber que ele ainda se importava, um toque para sentir o calor da pele dele e –

“Não é verdade,” disse Dimitri silenciosamente, “que você está envolvida com Adrian Ivashkov?”

Meu braço caiu.

“O – onde você ouviu isso?”

“As coisas se espalham,” ele disse, ecoando Mikhail.

“Elas certamente se espalham,” eu murmurei.

“Então você está?” ele perguntou teimosamente.

Eu hesitei antes de responder. Se eu contasse a verdade, ele teria mais motivos para ter razão sobre nós ficarmos separados. Mas era impossível para mim mentir para ele.

“Sim, mas –”

“Bom.” Eu não tenho certeza de como eu esperava ele reagir. Com ciúmes? Choque? Ao invés disso, enquanto ele se inclinava contra a parede, ele parecia...

aliviado. “Adrian é uma pessoa melhor do que pensam. Ele será bom para você.”

“Mas –”

“É aí que está seu futuro, Rose.” Um pouco daquela atitude inútil e cansada estava retornando. “Você não entende passar pelo que eu passei – voltar de ser um Strigoi. Isso mudou tudo. Não é apesar o que eu fiz com você ser imperdoável. Todos os meus sentimentos... minhas emoções por você... elas mudaram. Eu não me sinto da forma como costumava. Eu posso ser um dhampir de novo, mas depois do que eu passei... bem, isso me assusta. Já está na minha alma. Eu não posso amar ninguém agora. Eu não posso – eu não amo – você. Não tem mais nada entre você e eu.”

Meu sangue ficou frio. Eu me recusei a acreditar nas palavras dele, não com a forma que ele me olhou mais cedo. “Não! Isso não é verdade! Eu te amo e você –”

“Guardas!” Dimitri gritou, sua voz tão alta que era de se admirar que todo o prédio não ouvisse. “Tirem ela daqui. Tirem ela daqui!”

Com um incrível reflexo de guardiões, os guardas desceram para a cela em um segundo. Como um prisioneiro, Dimitri não estava em posição de fazer pedidos, mas as autoridades aqui certamente não iriam encorajar uma situação que iria criar uma confusão. Eles começaram a retirar Mikhail e eu, mas eu resisti.

“Não, espere –”

“Não lute,” murmurou Mikhail no meu ouvido. “Nosso tempo acabou, e você não poderia ter conseguido nada mais hoje, de qualquer forma.”

Eu queria protestar, mas as palavras ficaram presas em meus lábios. Eu deixei os guardiões me levarem para fora, mas não antes de eu olhar uma última vez Dimitri. Ele tinha um olhar totalmente vazio no rosto, como de um guardião, mas o jeito penetrante com que ele me olhava, me deu certeza que havia muitas coisas acontecendo dentro dele.

O amigo de Mikhail ainda estava em serviço lá em cima, o que nos deixou sair sem nos meter em – muitos – problemas. Assim que saímos ao ar livre, eu parei e chutei um dos degraus com raiva.

“Merda!” eu gritei. Alguns Moroi cruzando o jardim – provavelmente vindo de uma festa idiota – me encaram.

“Acalme-se,” disse Mikhail. “Essa foi a primeira vez que você o viu desde que ele mudou. Só existe um certo número de milagres que você pode esperar, assim tão cedo. Ele vai mudar de ideia.”

“Não tenho tanta certeza,” eu disse. Suspirando, eu olhei para o céu. Algumas poucas nuvens se moviam preguiçosamente, mas eu mal as vi. “Você não o conhece como eu.”

Porque embora parte de mim pensasse que muitas coisas que Dimitri tinha dito eram, de fato, uma reação ao choque de voltar a si, havia outra parte de mim que se perguntava. Eu conhecia Dimitri. Eu conhecia seu senso de honra, e suas crenças sobre o que é certo e errado. Ele seguia essas crenças. Ele vivia sua vida por elas. Se ele realmente, realmente acreditasse que a coisa certa a fazer era me evitar e deixar a relação entre nós acabar, bem... havia uma boa chance dele agir conforme sua ideia, não importando o amor entre nós. Como me lembrei mais cedo, ele certamente mostrou muita resistência quando estávamos em St. Vladimir.

Quanto ao resto... a parte sobre ele não me amar mais ou ser capaz de amar qualquer um... bem, esse seria um problema totalmente diferente se fosse verdade. Tanto Christian e Adrian se preocupavam de que houvesse uma parte de Strigoi sobrando nele, mas seus medos eram relacionados à violência e derramamento de sangue. Ninguém teria adivinhado isso: que viver como um Strigoi tinha endurecido seu coração, matando qualquer chance dele amar alguém.

Matando qualquer chance dele me amar.

E eu tinha certeza de que, se esse fosse o caso, então parte de mim morreria também.

# VINTE E UM

Mikhail e eu podíamos dizer pouco um para o outro, depois disso. Eu não queria que ele se metesse em problemas pelo que tinha feito, e eu deixei ele nos guiar ao prédio dos guardiões em silêncio. Quando emergimos do lado de fora, eu pude ver o céu clareando. O sol estava quase nascendo, indicando o meio de sua noite. Entrando na mente de Lissa brevemente, eu vi que a Vigília dos Mortos tinha finalmente terminado, e ela estava voltando para seu quarto – preocupada comigo e ainda irritada que Christian tivesse aparecido com Mia.

Eu segui o exemplo de Lissa, me perguntando se dormir poderia diminuir a agonia que Dimitri tinha deixado em meu coração. Provavelmente não. Ainda sim, agradecia a Mikhail por sua ajuda e pelo risco que ele correu. Seria exatamente o que ele iria querer que eu fizesse por ele se nossos papéis fossem reversos e a Sr. Karp estivesse presa.

Eu caí num sono pesado em minha cama, mas meus sonhos foram perturbados. De novo e de novo, eu fique ouvindo Dimitri me dizer que ele não podia mais me amar. Isso me atingiu de novo e de novo, quebrando meu coração em pedaços. Num certo ponto, se tornou mais do que uma batida ilusória. Ou ouvi uma batida de verdade. Alguém estava na minha porta, e devagar, eu me arrastei para fora dos meus horríveis sonhos.

Com os olhos sonolentos, eu fui até a porta e encontrei Adrian. A cena era quase um espelho de ontem à noite, quando ele veio me convidar para a Vigília dos Mortos. Só que desta vez, seu rosto estava muito mais sério. Por um segundo, eu pensei que ele estava aqui porque soube da minha visita a Dimitri. Ou que talvez porque ele tivesse se metido em muito mais problemas do que imaginava, ao levar seus amigos para um funeral secreto.

“Adrian... é cedo para você...” eu olhei para o relógio, descobrindo que na verdade era eu que estava dormindo até mais tarde.

“Nem um pouco cedo,” ele confirmou, o rosto ainda sério. “Muitas coisas estão acontecendo. Eu vim te dizer as novidades antes de ouvir por outra pessoa.”

“Que notícias?”

“O veredicto do Conselho. Eles finalmente aprovaram uma resolução que estavam discutindo. Aquela pela qual você foi chamada.”

“Espere. Eles terminaram?” Eu lembrei o que Mikhail tinha dito, o problema misterioso que tinha mantido o Conselho ocupado. Se tinha acabado, então eles podiam passar para outra coisa – digamos, tipo, declarando que Dimitri era um dhampir novamente. “Isso são ótimas notícias.” E se isso realmente estava relacionado a quando Tatiana me chamou para descrever minhas habilidades... bem, havia uma chance de ser guardiã de Lissa? A rainha podia ter decidido? Ela pareceu amigável o bastante ontem à noite.

Adrian me olhou de uma forma que eu nunca vi antes: com pena.

“Você não faz ideia, faz?”

“Ideia do que?”

“Rose...” Ele gentilmente descansou uma mão no meu ombro. “O conselho acabou de aprovar um decreto baixando a idade mínima dos guardiões para 16 anos. Os dhampirs vão se formar quando forem calouros e irão ser designados.”

“O que?” Certamente eu ouvi errado.

“Você sabe o quão assustados eles tem estado em relação à proteção e sem ter guardiões o bastante, certo?” Ele suspirou. “Essa é a solução deles para aumentar os números.”

“Mas eles são jovens demais!” Eu gritei. “Como alguém pode pensar que garotos de 16 anos podem estar prontos para lutar?”

“Bem,” disse Adrian, “porque você testemunhou que eles podem.”

Minha boca se abriu, tudo ao meu redor congelou. Você testemunhou que eles podem... não. Não era possível.

Adrian gentilmente puxou meu braço, tentando me tirar do meu estupor.

“Vem, eles ainda estão resolvendo tudo. Eles vão fazer o anúncio em uma sessão aberta, e algumas pessoas... estão um pouco chateadas.”

“Yeah, não diga.” Ele não precisou falar duas vezes. Eu imediatamente comecei a segui-lo, então percebi que estava de pijama. Eu rapidamente me troquei e penteei meu cabelo, ainda surpresa com o que ele tinha acabado de me dizer. Adrian não era superatlético, mas ele manteve um bom ritmo enquanto íamos em direção ao Conselho.

“Como isso aconteceu?” eu perguntei. “Você não falou sério quando disse que... que eu tive um papel nisso?” Eu quis que minhas palavras fossem uma exigência, mas elas saíram com um tom de imploração.

Ele acendeu o cigarro sem parar, e eu não me incomodei de xingar ele por isso. “Aparentemente é um tópico muito discutido há algum tempo. As pessoas que tem insistido no assunto precisavam mostrar muitas provas para ganhar. Você foi seu grande prêmio: uma dhampir adolescente matando Strigoi e muito antes da formatura.”

“Nem tanto,” eu murmurei, minha fúria aumentando. Dezesseis? Eles estavam falando sério? Era ridículo. O fato de que eu tinha, sem saber, apoiado o decreto revirou meu estômago. Eu fui uma tola, achando que eles ignorariam todas as vezes que eu quebrei regras e simplesmente me elogiariam por isso. Eles me usaram. Tatiana tinha me usado.

Quando chegamos, o Conselho estava um caos tanto quanto Adrian tinha dito. É verdade, eu não passava muito tempo nesses

encontros, mas eu tinha certeza que as pessoas paradas em enormes grupos e gritando umas com as outras não era normal. Os membros do Conselho provavelmente não gritavam para tentar colocar ordem na multidão, também.

O único ponto de calma era a própria Tatiana, sentada paciente no meio da mesa, como a etiqueta do Conselho exigia. Ela parecia muito contente consigo mesmo. O resto de seus colegas tinha perdido todos os sentidos de propriedade e estavam de pé, como uma audiência, discutindo entre si e com quem mais que começasse a discutir. Eu encarei surpresa, incerta do que fazer em toda essa desordem.

“Quem votou pelo que?” eu perguntei.

Adrian estudou os membros do Conselho e apontou cada um com seus dedos. “Szelsky, Ozera, Badica, Dashkov, Conta e Drozdov. Eles foram contra.”

“Ozera?” eu perguntei surpresa. Eu não sabia que os Ozera tinham um príncipe – Evette – muito bem, mas ela parecia sempre tão dura e desagradável. Eu tinha novo respeito por ela, agora.

Adrian acenou para onde Tasha estava furiosamente se dirigindo a um enorme grupo de pessoas, os olhos flamejando e os braços bem abertos. “Evette foi persuadida por alguns dos seus familiares.”

Isso me fez sorrir também, mas apenas por um momento. Era bom que Tasha e Christian estivessem sendo reconhecidos entre seu clã de novo, mas o

resto de nossos problemas ainda estava bem vivo. Eu podia deduzir o resto dos nomes.

“Então... o Príncipe Ivashkov votou a favor,” eu disse. Adrian deu de ombros numa forma de desculpar sua família. “Lazar, Zeklos, Tarus e Voda.” Aquela família Voda votar para proteção extra não era uma surpresa, considerando a recente matança dos seus membros. Priscilla nem ainda em seu tumulto estava, e o novo príncipe Voda, Alexander, parecia claramente incerto do que fazer com sua recente promoção.

Eu olhei de forma afiada para Adrian. “São apenas cinco de seis. Oh.” Entender me desanimou. “Merda. Um empate real.”

O sistema de votação dos Moroi tinha sido feito em 12 membros, um para cada família, e quem quer que fosse o rei ou rainha. É verdade, isso geralmente significava que uma família tinha dois votos, já que um monarca raramente votava contra sua própria família. Sabia que havia acontecido. Independentemente, o sistema deveria ter 13 votos, para evitar um empate. Só que... um problema recente tinha surgido. Não havia mais Dragomirs no Conselho, o que significa que um empate poderia ocorrer. Nesse raro evento, a lei Moroi ditava que o voto do Monarca era o de minerva. Eu ouvi que isso sempre foi controverso, e ainda sim, ao mesmo tempo, não havia muita coisa para ser feita. Empates no Conselho significariam que nada seria feito, e já que monarcas eram eleitos, muitos tinham fé de que eles agiriam no melhor interesse dos Moroi.

“Tatiana foi a sexta,” eu disse. “E sua sedução.” Olhando ao redor, eu vi alguns rostos bravos de famílias que tinham votado contra o decreto. Aparentemente, nem todos acreditavam que Tatiana teria agido no melhor interesse dos Moroi.

A presença de Lissa passou pelo laço, então ela chegar alguns segundos depois não foi nenhuma surpresa. As notícias viajam rápido, embora ela ainda não soubesse todos os detalhes. Adrian e eu fomos até ela. Ela estava tão surpresa quanto eu.

“Como eles podem ter feito isso?” ela perguntou

“Porque eles tem muito medo de que alguém possa fazer eles a aprenderem a se defenderem. O grupo de Tasha estava ficando muito alto.”

Lissa balançou a cabeça. “Não, não apenas isso. Eu quero dizer, porque sequer houve uma sessão? Deveríamos estar em luto depois do que aconteceu no outro dia – publica. Por toda Corte, não só uma festa secreta. Um dos

membros do Conselho morreu! Eles não podiam esperar o funeral?” Nos olhos de sua mente, eu podia ver as imagens

passando daquela noite, onde Priscilla tinha morrido diante dos olhos de Lissa.

“Mas foi facilmente substituída,” uma nova voz disse. Christian tinha se juntado a nós. Lissa deu alguns passos para longe dele, ainda irritada com Mia. “E na verdade, é a hora perfeita. As pessoas que queriam isso tinham que aproveitar sua chance. Toda vez que tem uma enorme briga com Strigoi, todo mundo entra em pânico. O medo fez muitas pessoas concordarem com isso. E se algum dos membros do Conselho estava indeciso antes, a batalha provavelmente os convenceu.”

Esse era um pensamento bem razoável para Christian, e Lissa estava impressionada, apesar de seus sentimentos problemáticos agora. O heraldo do Conselho finalmente conseguiu fazer sua voz ser ouvida por cima dos gritos. Eu me perguntei se o grupo se acalmaria se Tatiana começasse a gritar e mandasse eles se calarem. Mas não. Isso provavelmente estava abaixo dela. Ela ainda estava sentada, calma, como se nada incomum estivesse acontecendo.

Mesmo assim, levou vários segundos antes de todos se acalmarem e sentarem. Meus amigos e eu corremos para pegar os primeiros assentos que conseguimos encontrar. Com paz e silêncio finalmente alcançada, o heraldo cedeu espaço para a rainha.

Sorrindo para a assembléia, ela se dirigiu a eles com uma voz imperativa. “Gostaríamos de agradecer a todos por vir hoje e expressar suas... opiniões. Eu sei que alguns ainda estão incertos sobre essa decisão, mas as leis Moroi foram seguidas – leis que foram feitas há séculos. Teremos outra sessão breve para saber o que vocês tem a dizer, em ordem.” Algo me disse que esse era um gesto vazio. As pessoas podiam falar o quanto quisessem; ela não iria ouvir. “Essa decisão – esse veredicto – vai beneficiar os Moroi. Nossos guardiões já são excelentes.” Ela deu um leve aceno em direção aos guardiões parados perto das paredes. Eles estavam com seus rostos normalmente neutros, mas eu estava supondo que, como eu, eles provavelmente queriam socar metade do Conselho.

“De fato, eles são tão excelentes, que vão treinar seus alunos para estarem prontos para nos defenderem mais cedo. Ficaremos mais seguros às tragédias que recentemente ocorreram.”

Ela baixou sua cabeça por um momento, no que deve ter sido ela mostrando seu pesar. Eu me lembrei de ontem à noite, quando ela se engasgou por causa de Priscilla. Aquilo tinha sido uma atuação? A morte de sua melhor amiga era um jeito convincente de Tatiana continuar com seus próprios planos. Certamente... certamente, ela não era tão fria.

A rainha ergueu sua cabeça e continuou. “E de novo, ficamos felizes por ouvir e registrar suas opiniões, embora por nossas próprias leis, esse assunto esteja decidido. Mais sessões terão que esperar por um período adequado de luto passar.”

Seu tom e linguagem corporal insinuava que esse, de fato, era o fim da discussão. Então, uma voz impertinente de repente quebrou o silêncio da assembléia.

Minha voz.

“Bem, eu meio que gostaria de registrar minha opinião agora.”

Dentro da minha cabeça, Lissa estava gritando: Sente-se, sente-se! Mas eu já estava de pé, me movendo em direção à mesa do Conselho. Eu parei há distância respeitosa, uma que permitiria que eles notassem mas não me faria ser atacada pelos guardiões. E oh, eles me notaram. O heraldo ficou vermelho por eu ter quebrando as regras.

“Você está quebrando o protocolo do Conselho! Sente-se agora antes de ser removida.” Ele olhou para os guardiões, como se ele esperasse que eles viessem à frente naquele momento. Nenhum deles se mexeu. Ou eles não me viam como ameaça, ou estavam se perguntando o que eu fazia. Eu também estava pensando nisso.

Com um pequeno e delicado gesto de mão, Tatiana acenou para o heraldo se afastar. “Eu acredito que o protocolo já foi quebrado tantas vezes que não vai fazer diferença.” Ela me deu um olhar gentil, um que aparentemente tinha intenção de nos fazer parecer

amigas. “Além do mais, a guardiã Hathaway é uma de nossas guardiãs mais valiosas. Eu sempre me interesso no que ela tem a dizer.”

Mesmo? Hora de descobrir. Eu dirigi minhas palavras ao conselho.

“Essa coisa que vocês aprovaram é uma loucura.” Eu considerei uma enorme conquista da minha parte não usar palavrões, porque eu tinha alguns adjetivos na cabeça que eram muito mais apropriados. Quem disse que eu não entendia a etiqueta do Conselho? “Como qualquer um de vocês conseguem ficar aí sentados e acharem que está tudo bem mandar garotos de 16 anos arriscarem suas vidas?”

“É uma diferença de apenas dois anos,” disse o príncipe de Tarus. “Não é como se estivéssemos mandando garotinhos de 10 anos.”

“Dois anos é muito.” Eu pensei por um momento sobre quando eu tinha 16 anos. O que tinha acontecido nesses dois anos? Eu fugi com Lissa, vi amigos morrerem, viajei pelo mundo, me apaixonei... “Você pode viver uma vida inteira em dois anos. E se vocês querem nos manter na frente – o que a maioria de nós estamos dispostos à fazermos quando nos formamos – então vocês nos devem esses dois anos.”

Dessa vez, eu olhei para a audiência. As reações foram misturadas. Alguns claramente concordavam comigo, acenando. Alguns pareciam que nada no mundo mudaria suas opiniões sobre o decreto ser justo. Outros não me olhavam nos olhos... Eu os surpreendi? Eles estão indecisos? Embaraçados com seu próprio egoísmo? Eles podiam ser a chave.

“Acredite em mim, eu adoraria ver seu povo aproveitar sua juventude.” Esse era Nathan Ivashkov falando. “Mas no momento, não é uma opção. Os Strigoi estão se aproximando. Estamos perdendo Moroi e guardiões todo dia. Conseguir mais lutadores vai impedir isso, e na verdade, estamos desperdiçando habilidades dhampirs ao esperar mais dois anos. Esse plano vai proteger ambas as raças.”

“Ele vai matar a minha mais rápido!” eu disse. Percebendo que eu podia começar a gritar e perder controle, eu respirei fundo antes de continuar. “Eles não estarão prontos. Eles não terão todo treinamento que precisam.”

E foi então que a própria Tatiana pôs em prática seu plano. “Ainda sim, por sua própria admissão, você certamente estava preparada quando jovem. Você matou mais Strigoi antes de completar 18 anos do que alguns guardiões matam por todas as suas vidas.”

Eu a encarei com os olhos cerrados. “Eu,” eu falei friamente, “tive um excelente instrutor. Um que atualmente você mantém preso. Se você quer falar sobre habilidades sendo desperdiçadas, então vá olhar na sua própria cadeia.”

Houve uma leve agitação na platéia, e a expressão “somos amigas” de Tatiana se tornou um pouco mais fria. “Esse não é um assunto que vamos falar hoje. Aumentar nossa proteção é. Eu acredito que você até comentou, no passado, que os guardiões estavam ficando em menor número.” Minhas próprias palavras, jogadas de volta na minha cara. “Eles precisam de mais gente. Você – e muitos dos seus companheiros – provaram que são capazes de nos defender.”

“Nós somos exceções!” Era egoísta, mas era a verdade. “Nem todos os novatos chegaram nesse nível.”

Um brilho perigoso apareceu em seus olhos, e sua voz ficou suave novamente. “Bem, então, talvez precisamos de mais treinamentos excelentes. Talvez devêssemos mandar você para St. Vladimir ou para outra Academia para que você possa melhorar a educação dos seus jovens colegas. Meu entendimento é que sua designação será trabalho administrativo permanente aqui na Corte. Se você quer ajudar a fazer esse decreto ter sucesso, nós poderíamos mudar sua designação e fazer de você uma instrutora, ao invés disso. Isso pode acelerar seu retorno a designação de guarda costas.”

Eu dei a ela um sorriso perigoso próprio. “Não,” eu avisei, “tente me ameaçar, subornar, ou chantagear. Nunca. Você não vai gostar das consequências.”

Isso talvez fosse ir longe demais. As pessoas na platéia trocaram olhares surpresos. Algumas de suas expressões eram de nojo, embora eles não pudessem esperar nada melhor de mim. Eu reconheci alguns daqueles Moroí. Foram os que eu ouvi falando sobre minha relação com Adrian e como a rainha odiava ela. Eu também suspeitava que muitos estavam na festa da realeza ontem a noite. Eles viram Tatiana me colocar para fora e desrespeitar ela hoje era um tipo de vingança.

Os Moroí não foram os únicos que reagiram. Independente de suas opiniões partilhadas, alguns guardiões deram alguns passos para frente. Eu me certifiquei de ficar exatamente onde estava, e isso, junto com a falta de medo de Tatiana, os manteve no lugar.

“Estamos ficando cansados dessa conversa,” Tatiana disse, mudando o verbo para o “nós” da realeza. “Você pode falar mais – e o fazer de maneira adequada – quando tivermos nossa próxima reunião aberta a comentários. Por agora, goste ou não, essa resolução foi aprovada. É lei.”

Ela está deixando você sair dessa! A voz de Lissa voltou a minha mente. Se afaste agora antes que você faça algo que te meta mesmo em problemas. Discuta depois.

Era irônico porque eu estava prestes a explodir e deixar escapar toda a minha raiva. As palavras de Lissa me pararam – mas não por causa do seu conteúdo. Foi a própria Lissa. Quando Adrian e eu discutimos os resultados mais cedo, eu notei um problema.

“Não foi uma votação justa,” eu declarei. “Não foi legal.”

“Você é uma advogada agora, Sra. Hathaway?” A raiva estava achando graça e ela ignorar meu título de guardiã era uma óbvia falta de respeito. “Se você se refere ao voto do monarca ser o de minerva, então eu te asseguro que, neste tipo de situação, essa é a lei Moroí há séculos.” Ela olhou para os membros do Conselho, e

nenhum deles protestou. Mesmo aqueles que votaram contra não podiam negar que ela tinha razão.

“Yeah, mas o Conselho inteiro não votou,” eu disse. “Você teve uma vaga vazia no Conselho nos últimos anos – mas não mais.” Eu virei e apontei para onde minha amiga estava sentada. “Vasilisa Dragomir tem 18 anos agora, e ela pode preencher a vaga da sua família.” Em todo o caos, o aniversário dela tinha sido esquecido, até por mim.

Todos os olhos da sala se voltaram para Lissa – algo que ela não gostava. No entanto, Lissa estava acostumada estar sob os olhos do público. Ela sabia o que era esperado de alguém da realeza, como parecer e se portar. Então, ao invés de se encolher, ela ficou sentada ereta e encarou a frente com um olhar calmo que dizia que ela poderia andar naquela mesa agora mesmo e exigir seu direito de nascença. Se era sua magnífica atitude ou talvez um pouco de carisma do espírito, era quase impossível desviar o olhar dela. Sua beleza tinha sua qualidade luminosa normal, e ao redor, muitos rostos mostravam a mesma admiração por ela, que eu observei na Corte. A transformação de Dimitri era um enigma, mas aqueles que acreditavam nele, de fato a consideravam um tipo de santa. Ela virou uma lenda sobre os olhos de tantas pessoas, tanto pelo nome da sua família quanto por misteriosos poderes – e agora, esta suposta habilidade de restaurar Strigoi.

Presunçosa, eu olhei de volta para Tatiana. “18 anos não é a idade legal para votar?”

Cheque-mate, vadia.

“Sim,” ela disse alegre. “Se os Dragomir tivessem um quorum.”

Eu não diria, exatamente, que minha surpreendente vitória foi esmagada naquele momento, mas certamente perdeu um pouco de seu brilhantismo. “Um o que?”

“Um quorum. Por lei, para uma família Moroi ter um voto no Conselho, ele precisa ter uma família. Ela não tem. Ela é a única.”

Eu encarei descrente. “O que, você está dizendo que ela precisa ter um filho para votar?”

Tatiana fez uma careta. “Agora não, é claro. Algum dia, tenho certeza. Para uma família poder votar, eles tem que ter pelo menos dois membros, um com mais de 18 anos. É a lei Moroi – de novo, uma lei que está escrita há séculos.”

Algumas pessoas estavam trocando olhares confusos e surpresos. Essa claramente era uma lei que muitas pessoas desconheciam. É claro, essa situação – uma linhagem real ser reduzida há uma pessoa – não era uma que sempre ocorria na história, se é que algum dia ocorreu.

“É verdade,” disse Ariana Szelsky relutante. “Eu já li sobre isso.”

Ok, foi neste momento que minha brilhante vitória ser esmagada. A família Szelsky era uma que eu confiava, e Ariana era a irmã mais velha do cara que minha mãe protegia. Ariana era um tipo de pessoa que adorava ler, e já que ela votou contra a diminuição de idade dos guardiões, parecia improvável que ela falasse isso sem ser verdade.

Sem mais munição, eu recorri aos meus modos antigos.

“Essa,” eu disse a Tatiana, “é a lei mais fodida que eu já ouvi.”

Isso foi o bastante. A platéia começou a falar chocada, e Tatiana desistiu de qualquer atitude amistosa que estava tendo. Ela falou antes do heraldo falar o que quer que fosse que ele ia ordenar.

“Removam ela!” gritou Tatiana. Mesmo com o barulho rapidamente crescendo, sua voz passou clara pela assembleia. “Não vamos tolerar esse tipo de comportamento vulgar!”

Os guardiões estavam em cima de mim num segundo. Honestamente, com a quantidade de vezes que eu era arrastada para fora dos lugares ultimamente, tinha algo quase familiar em passar por isso de novo. Eu não lutei com os guardiões enquanto eles me levavam pela porta, mas eu também não deixei eles me levarem sem dizer mais algumas palavras.

“Você poderia mudar a lei do quorum se você quisesse, sua vadia hipócrita!” eu gritei em resposta. “Você está distorcendo a lei porque você é egoísta e está com medo! Você está cometendo o pior erro da sua vida. Você vai se arrepender! Espere para ver – você vai desejar nunca ter feito isso!”

Eu não sei se alguém ouviu o que eu falei porque naquele momento, o lugar voltou ao caos que tinha estado quando eu cheguei. Os guardiões – três deles – não me soltaram até estarmos lá fora. Assim que eles me soltaram, nós todos ficamos parados, constrangidos, por um momento.

“E agora?” eu perguntei. Eu tentei manter minha raiva fora da minha voz. Eu ainda estava furiosa e agitada, mas não era culpa desses caras. “Vocês vão me prender?” Já que isso me levaria até Dimitri, era quase uma recompensa.

“Eles só falaram para te tirar de lá,” um dos guardas disse. “Ninguém disse o que fazer com você depois que fizéssemos isso.”

Outro guardião, mais velho e grisalho, mas que ainda parecia feroz, me deu um olhar torto. “Eu sairia daqui enquanto pudesse, antes deles realmente terem uma chance de te punir.”

“Não que eles não te achem se quiserem,” acrescentou o primeiro guardião.

Com isso, os três começaram a voltar para dentro, me deixando confusa e chateada. Meu corpo ainda estava acelerado por causa da luta, e eu estava cheia de frustração que eu sempre experimentava quando enfrentava uma situação em que me sentia inútil. Toda aquela gritaria por nada. Eu não consegui nada.

“Rose?”

Eu saí das minhas emoções perturbadas e olhei em direção ao prédio. O guardião mais velho não tinha entrado e estava parado na porta. O rosto dele era estóico, mas eu pensei ter visto um brilho em seus olhos. “Se o que eu penso vale algo,” ele me disse, “eu acho que você foi fantástica lá dentro.”

Eu não sentia muita vontade de sorrir, mas meus olhos me traíram. “Obrigada,” eu disse.

Bem, talvez eu tenha conseguido uma coisa.

# VINTE E DOIS

Eu não aceitei o conselho dos caras e saí correndo de lá, nem fiquei exatamente sentada no batente da frente. Eu fiquei embaixo de um grupo de cerejeiras, imaginando que seria apenas questão de tempo até a assembléia acabar e as pessoas saíssem pelas portas. Depois de passados alguns minutos e nada ter acontecido, eu entrei na mente de Lissa e descobri que as coisas ainda estavam com força total. Apesar de Tatiana ter declarado já duas vezes que a sessão tinha acabado, pessoas ainda continuavam paradas e discutindo em grupos.

Tasha estava em um desses grupos com Lissa e Adrian, fazendo um dos ardentes discursos nos quais ela era tão boa. Tasha pode não ser tão friamente calculista quanto Tatiana era quando isso se tratava de táticas políticas, mas Tasha tinha um senso afiado para falhas no sistema e reconhecia oportunidades quando essas surgiam. Ela era contra o decreto da diminuição da idade. Ela era a favor de ensinar os Moroi a lutar. Nenhum desses dois estavam levando ela muito longe, então ela pulou a próxima melhor coisa: Lissa.

“Porque nós estamos discutindo entre nós mesmo sobre como é melhor matar um Strigoi se nós podemos salvá-los?” Tasha colocou um braço ao redor de Lissa e um ao redor de Adrian, tranzendo os dois para frente. Lissa ainda usava sua aparência serena e confiante, mas Adrian parecia pronto para fugir se dessem alguma chance. “Vasilisa – quem, por acaso, está de fato sendo negada sua vez de falar aqui, graças a uma arcaica lei – mostrou que Strigoi podem ser trazidos de volta.”

“Isto não foi provado,” exclamou um homem na multidão.

“Você tá brincando?” perguntou uma mulher ao lado dele. “Minha irmã estava no grupo que o trouxe de volta. Ela disse que ele é

definitivamente um dhampir. Ele estava até mesmo no sol!”

Tasha balançou a cabeça aprovando a mulher. “Eu estava lá também. E agora nós temos dois usuários de espírito capazes de fazer isso por outro Strigoi.”

Mesmo eu respeitando muito Tasha, eu não concordava inteiramente com ela nisso. A quantidade de poder – sem mencionar o esforço envolvido em estacar – que Lissa requeriu com Dimitri foi imenso. Isso tinha até danificado temporariamente o laço. Isso não significava que ela não poderia fazer isso de novo. Nem significava que ela não queria fazer isso novamente. Ela era

ingenuamente compassiva o suficiente para se jogar na linha de fogo para ajudar os outros. Mas eu sabia que quanto mais poder um usuário de espírito utilizava, mais rápido eles iam em direção ao caminho da insanidade.

E Adrian... bem, ele não tinha quase nenhum interesse nisso. Mesmo se ele quisesse sair estacando Strigois, ele não tinha o tipo de poder curativo que se deveria ter para restaurar um – pelo menos não agora. Não era incomum entre os Moroi usar seus elementos de maneiras diferentes. Alguns usuários de fogo, como Christian, tinham habilidade de controlar a chama em si. Outros podiam apenas usar sua mágica para, vamos dizer, esquentar o ar da sala. Da mesma forma, Lissa e Adrian tinham suas forças no espírito. O maior triunfo curativo dele era recompor uma fratura, e ela ainda não conseguia caminhar pelos sonhos, não importa o quanto ela praticasse.

Então, na verdade, Tasha tinha uma usuária de espírito capaz de salvar Strigoi, e este dificilmente poderia transformar legiões de monstros. Tasha parecia entender isso apenas um pouco.

“O conselho não deveria estar perdendo tempo com leis de faixa etária,” ela continuou. “Nós precisamos mergulhar nossos esforços em encontrar mais usuários de espírito e recrutá-los para ajudar a salvar Strigoi.” Ela fixou seu olhar em alguém na multidão.

“Martin, seu irmão não foi transformado contra a vontade dele? Com trabalho suficiente, nos poderíamos trazê-lo de volta para você. Vivo. Assim como você se lembra dele. Caso contrário, ele irá apenas ser estacado quando os guardiões o encontrarem – e com certeza ele estará matando inocentes durante o percurso.”

Yeah, Tasha era boa. Ela podia pintar uma boa imagem e quase trazer o cara chamado Martin as lágrimas. Ela na verdade não mencionou pessoas que tinham se transformado em Strigoi de bom grado. Lissa, ainda de pé com ela, não tinha certeza de como se sentia sobre a idéia de um exército de usuários de espíritos para salvação de Strigoi, mas ela percebeu como isso era parte de vários outros planos que Tasha tinha – incluindo o que conseguiria o direito de voto de Lissa.

Tasha usou as habilidades e o caráter de Lissa, ridicularizando o que claramente era uma lei ultrapassada de uma era que nunca poderia ter previsto essa situação. Tasha mais adiante apontou que um Conselho completo de 20 famílias iria mandar uma mensagem para os Strigoi de todos os lugares sobre a união dos Moroi.

Eu não queria ouvir mais nada. Eu ia deixar Tasha utilizar sua magia em política e falar mais com Lissa depois. Eu ainda estava tão agitada sobre o que tinha acontecido quando eu gritei com o Conselho que eu não conseguia mais olhar para aquele local. Eu deixei a mente dela e retornei para a minha, gritando quando eu vi um rosto bem na minha frente.

“Ambrose!”

Um dos mais bonitos dhampirs do planeta – depois de Dimitri, claro – me lançou um sorriso brilhante de estrela de cinema. “Voce estava tão parada, eu pensei que talvez você estivesse tentando virar uma dríade.”

Eu pisquei. “Uma o que?”

Ele apontou para das árvores cerejeiras. “Espíritos da natureza. Lindas mulheres que se fundem com as árvores.”

“Eu não tenho certeza se isso foi um elogio ou não,” eu disse. “Mas é bom te ver de novo.”

Ambrose era uma verdadeira aberração na nossa cultura: um dhampir macho que nem tinha feito os votos de guardião nem tinha fugido para se esconder com os humanos. Dhampirs fêmeas com frequência escolhiam não se juntar aos guardiões para poder focar em criar sua família. Era por isso que nós éramos tão raras. Mas homens? Eles não tinham nenhuma desculpa, até onde a maioria das pessoas estavam interessadas. Melhor do que se esconder em desgraça, no entanto, Ambrose escolheu simplesmente ficar e trabalhar para os Moroi de outra forma. Era essencialmente um servo – um de alta classe que servia bebidas em festas de elite e fazia massagem em mulheres da realeza. Ele também, se os rumores fossem verdade, servia Tatiana de maneiras físicas. Isto era horripilante, entretanto, que eu imediatamente tirei isso da minha mente.

“Voêe também,” ele me disse. “Mas se você não estava se comunicando com a natureza, o que você estava fazendo?”

“É uma longa história. Eu meio que fui posta para fora do encontro do Conselho.”

Ele pareceu impressionado. “Literalmente jogada para fora?”

“Arrastada, eu suponho. Eu estou surpresa de não ter te visto por perto,” eu ponderei. “Claro, eu meio que estive, um, distraída nessa última semana.”

“Assim eu ouvi,” ele disse, me dando um olhar simpático. “Embora, eu realmente estava fora. Só voltei ontem à noite.”

“Na hora exata para a diversão,” eu resmunguei.

O olhar inocente no rosto dele me disse que ele não tinha ouvido falar sobre o decreto de veto. “O que você está fazendo agora?” ele disse. “Isso não parece com punição. Você terminou sua sentença?”

“Algo do tipo. Eu estou meio que esperando por uma pessoa agora. Estava indo passar um tempo no meu quarto.”

“Bem, se você está matando tempo, porque você não vem ver tia Rhonda?”

“Rhonda?” Eu franzi a testa. “Sem ofensa, mas sua tia realmente não me impressionou com suas habilidades da última vez.”

“Sem problemas,” ele disse alegremente. “Mas ela tem estado curiosa sobre você. E Vasilisa. Então, se você estiver só passando o tempo...”

Eu hesitei. Ele estava certo sobre eu não ter nada melhor para fazer no momento. Eu estava sem opções por causa das decisões idiotas tanto de Dimitri quanto do Conselho. Porém Rhonda – a tia vidente Moroi dele – não era alguém que eu realmente queria ver de novo. Apesar do que eu tinha dito, a verdade era que em retrospecto, algumas das previsões de Rhonda tinham virado realidade. Eu apenas não gostava do que elas diziam.

“Certo,” eu disse, tentando parecer entediada. “Vamos ser rápidos.”

Ele sorriu novamente, como se ele pudesse ver através do meu fingimento, e me levou em direção a um edifício que eu tinha estado uma vez antes. Ele abrigava um luxuoso salão e SPA frequentado pela realeza Moroi. Lissa e eu tínhamos feito as unhas ali, e enquanto Ambrose e eu fazíamos nosso caminho por ele para o covil de Rhonda, eu senti uma estranha dor dentro de mim. Manicures e pedicures... essas pareciam as coisas mais triviais do mundo. Mas naquele dia, tinham sido maravilhosas. Lissa e eu tínhamos rido e ficado juntas... logo antes da escola ser atacada e tudo desmoronar...

Rhonda previa o futuro no quarto de trás que era o mais longe do ocupado SPA. Apesar da sensação de pobreza, ela tinha um negócio vívido e tinha até mesmo sua própria recepcionista. Ou, bem, ela costumava ter. Dessa vez, a mesa estava vazia, e Ambrose me levou direto para a sala de Rhonda. Ela parecia a mesma de antes, era como estar dentro de um coração. Tudo era vermelho: o papel de parede, a decoração, os travesseiros cobrindo o chão.

A própria Rhonda sentava no chão, bebendo um copo de iogurte, o que parecia terrivelmente comum para alguém que alegava manusear poderes místicos. Cabelo preto cacheado cascadeava pelos seus ombros, fazendo as largas argolas douradas em suas orelhas brilharem.

“Rose Hathaway,” ela falou feliz, colocando o iogurte de lado. “Que surpresa agradável.”

“Voce não deveria ter me visto vindo?” eu perguntei secamente.

Os lábios dela se moveram com divertimento. “Esse não é o meu poder.”

“Desculpe interromper seu jantar,” Ambrose disse, graciosamente dobrando seu musculoso corpo para sentar. “Mas Rose não é fácil de convencer.”

“Eu imagino que não,” ela disse. “Eu estou impressionada que você conseguiu fazê-la vir no final. O que eu posso fazer por você hoje, Rose?”

Eu encolhi os ombros e me joguei ao lado de Ambrose. “Eu não sei. Eu estou aqui apenas porque Ambrose me convenceu a vir.”

“Ela não acha que sua última previsão foi tão boa,” ele disse.

“Ei!” eu o lancei um olhar maligno. “Não foi exatamente isso que eu disse.”

Da última vez, Lissa e Dimitri estavam comigo. As cartas de Tarô de Rhonda disseram que Dimitri perderia o que ele mais valorizava, e ele perdeu; sua alma. E eu? Rhonda tinha simplesmente me dito que eu mataria os mortos-vivos. Eu tinha zimbado disso, sabendo que minha vida seria toda matando Strigoi. Agora eu me perguntava se “morto-vivo” significava a parte Strigoi de Dimitri. Mesmo que eu não tivesse enfiado a estaca, eu certamente tinha cumprido um grande papel.

“Talvez outra leitura faça a última ter mais sentido?” ela ofereceu.

Minha mente estava elaborando outra piada sobre fraude psíquica, o que foi o por que foi tão surpreendente quando minha

boca disse, “esse é o problema. A última fez sentido. Eu tenho medo... eu tenho medo do que mais as cartas podem mostrar.”

“As cartas não fazem o futuro,” ela disse gentilmente. “Se algo tem que acontecer, irá, não importa ver isso ou não. E mesmo assim... bem, o futuro está

sempre mudando. Se nós não tivéssemos opções, não haveria nenhum porque em viver.”

“Viu,” eu disse volúvel, “esse é o tipo de resposta vaga de cigana que eu estava esperando.”

“Romani,” ela corrigiu. “Não cigana.” Apesar do meu comentário ela ainda parecia estar de bom humor. Atitudes calmas pareciam correr em sua família. “Você quer ver as cartas ou não?”

Eu queria? Ela tinha razão em uma coisa – o futuro se desenvolvia com ou sem ela ver as cartas. E mesmo que as cartas o mostrassem, eu provavelmente não iria entender até acontecer.

“Ok,” eu disse. “Só por diversão. Eu quero dizer, a última vez provavelmente foi um palpite de sorte.”

Rhonda virou os olhos mas não disse nada enquanto começava a misturar seu baralho. Ela o fazia com tanta precisão que as cartas pareciam se mexer sozinhas. Quando ela finalmente parou, ela me entregou o deque para cortar. Eu o cortei, e ela o colocou junto de novo.

“Antes tiramos três cartas,” ela disse. “Temos tempo para fazer mais se você quiser. Cinco, talvez?”

“Quanto mais tiver, mais provável de algo ser explicado.”

“Se você não acredita nelas, então isso não deveria ser um problema.”

“Ok, então. Cinco.”

Ela ficou séria conforme virava as caras, os olhos cuidadosamente as estudando. Duas das cartas tinham saído de cabeça para baixo. Eu não tomei isso como um bom sinal. Da última

vez, eu descobri que isso fazia cartas boas... bem, não serem tão boas.

A primeira era o dois de copas, mostrando um homem e uma mulher juntos em um campo cheio de flores com o sol brilhando acima deles. Naturalmente, estava de cabeça para baixo.

“Copas está ligado a emoções,” Rhonda explicou. “O dois de copas mostra união, um amor perfeito e florescendo muitas emoções alegres. Mas já que está invertido –”

“Quer saber?” eu interrompi. “Eu acho que estou pegando o jeito disso. Você pode pular essa. Eu tenho uma boa ideia do que significa.” Podia muito bem ser Dimitri e eu naquela carta, o copo vazio e cheio de mágoa... eu não queria ouvir Rhonda analisar o que já estava me machucando.

Então ela foi para a próxima: a rainha de espadas, também de cabeça para baixo.

“Cartas assim se referem a pessoas específicas,” Rhonda me disse. A Rainha de Espadas parecia muito impetuosa, com um cabelo ruivo e vestes prata. “A Rainha de Espada é inteligente. Ela vive de conhecimento, pode superar seus inimigos e é ambiciosa.”

Eu suspirei. “Mas de cabeça pra baixo...”

“De cabeça para baixo,” disse Rhonda, “todos esses traços são distorcidos. Ela ainda é inteligente, ainda tenta seguir seu caminho... mas ela o faz de maneira nada sincera. Tem muita hostilidade e decepção aqui. Eu diria que você tem um inimigo.”

“Yeah,” eu disse, olhando a coroa. “Eu acho que sei quem é. Eu acabei de chamar ela de vadia hipócrita.”

Rhonda não comentou e foi para a próxima. Eu estava vendo isso do jeito certo, mas eu meio que desejava não estar. Era um monte de espadas presas no chão e uma mulher amarrada e vendada em uma delas. O oito de espadas.

“Oh, qual é,” eu exclamei. “Qual é a minha e espadas? Você me deu uma tão deprimente quanto da última vez.” Eu tinha tirado uma

mulher chorando na frente de uma parede de espadas.

“Aquele foi o nove de espadas,” ela concordou. “Poderia ser pior.”

“Eu acho difícil acreditar nisso.”

Ela pegou o resto do deque e passou por ele, finalmente tirando uma carta. O dez de espadas. “Você poderia ter tirado essa.” Ela mostrava um cara morto caído no chão com várias espadas transpassadas nele.

“Entendi seu ponto,” eu disse. Ambrose riu ao meu lado. “O que o nove significa?”

“O nove é estar presa. Incapaz de sair de uma situação. Também significa calúnia ou acusação. Invocar a coragem para escapar de algo.” Eu olhei de volta

para a rainha, pensando nas coisas que eu disse na sala do Conselho. Aqueles definitivamente contavam como acusações. E estar presa? Bem, sempre havia a possibilidade de toda uma vida em cima de papéis...

Eu suspirei. “Ok, e a próxima?” Ela era a que melhor parecia, o seis de espadas. Ela tinha várias pessoas num bote, passando pela água banhada pelo luar.

“Uma jornada,” ela disse.

“Eu acabei de voltar de uma jornada. Algumas delas.” Eu a olhei cheia de suspeitas. “Cara, isso não é, tipo, algum tipo de jornada espiritual, é?”

Ambrose riu de novo. “Rose, eu queria que você lesse as cartas todos os dias.”

Rhonda o ignorou. “Se fosse de copas, talvez. Mas espadas é mais tangível. Ação. Uma verdadeira jornada.”

Onde diabos eu iria? Isso significava que eu iria viajar para a Academia, como Tatiana tinha sugerido? Ou era possível que, apesar de todas as vezes que quebrei regras e a chamei de nomes, eu poderia receber uma designação afinal de contas? Uma longe da Corte?

“Você pode estar procurando por algo. Pode ser uma jornada física combinada com uma jornada espiritual,” ela disse, o que soava como uma forma de cobrir seu rabo. “A última...” Suas sobrancelhas se uniram num franzido para a quinta carta. “Está escondida de mim.”

Eu a olhei. “O Coringa de copas. Parece bem óbvio. É um coringa, de, um, copas.”

“Normalmente eu tenho uma visão clara... as cartas falam comigo em como se conectam. Essa não está clara.”

“A única coisa que não está clara é se esse é um cara ou uma garota.” A pessoa na carta parecia jovem mas tinha um rosto andrógono que fazia impossível determinar seu gênero. As calças azuis e a túnica não ajudavam, embora o campo ensolarado no fundo parecesse promissor.

“Pode ser qualquer um,” Rhonda disse. “É a mais inferior das cartas a representar uma pessoa: Rei, Rainha, Cavaleiro, e o Coringa. Quem quer que ele seja, é alguém digno de confiança e criativo. Otimista. Pode ser alguém que vai numa jornada com você – ou talvez o motivo da sua jornada.”

Qualquer otimismo ou crença que eu tinha nas cartas basicamente desapareceu depois disso. Já que ela tinha acabado de dizer uma centena de coisas que poderia ser, eu não considerei muito autoritário. Normalmente, ela notava meu ceticismo, mas sua atenção ainda estava na carta, enquanto ela estava franzida.

“Mas eu não sei dizer... tem uma nuvem ao redor. Por quê? Não faz sentido.”

Algo em relação à confusão dela mandou um calafrio pela minha espinha. Eu sempre disse a mim mesma que isso era falso, mas se ela estivesse inventando tudo... bem, ela não poderia simplesmente ter inventado algo em relação ao Coringa de Copas? Ela não estava convencendo muito se essa última carta estava fazendo ela se questionar. A ideia de que, talvez, houvesse alguma força mística bloqueando ela, diminuiu meu ceticismo.

Com um suspiro, ela finalmente olhou para cima. “Desculpe por não poder te dizer. O resto ajudou?”

Eu olhei as cartas. Mágoa. Um inimigo. Acusações. Presa. Viagem. “Algumas me dizem coisas que eu já sei. O resto traz só mais dúvidas.”

Ela sorriu sábia. “É assim que normalmente funciona.”

Eu a agradei pela leitura, secretamente feliz por não ter que pagar. Ambrose me levou para fora, e eu tentei me livrar do humor que a adivinhação de Rhonda tinha me deixado. Eu já tinha problemas o bastante em minha vida sem deixar um bando de cartas me incomodarem.

“Você vai ficar bem?” ele perguntou quando finalmente saímos para a rua. O sol estava alto. A Corte Real iria para cama logo, terminando o que tinha sido um dia turbulento. “Eu... eu não teria te levado lá se soubesse o quanto tudo iria te deixar chateada.”

“Não, não,” eu disse. “Não são as cartas. Não exatamente. Tem muitas coisas acontecendo... uma das quais você provavelmente deveria saber.”

Eu não quis comentar sobre o decreto quando nos encontramos, mas como dhampir, ele tinha o direito de ouvir o que tinha acontecido. Seu rosto ficou perfeitamente imóvel enquanto eu falava, a não ser seus olhos castanhos, que ficavam cada vez mais arregalados conforme a história progredia.

“Tem algum erro,” ele disse finalmente. “Eles não fariam isso. Eles não fariam isso a um bando de adolescentes de 16 anos.”

“Yeah, bem, eu também achava que não, mas eles aparentemente estavam falando sério o bastante para me expulsarem quando eu, hum, questionei isso.”

“Eu posso imaginar você ‘questionando’. Tudo que isso vai fazer é mais dhampirs desistirem de serem guardiões... a não ser, é claro, que ser tão jovem os deixe ainda mais suscetíveis a lavagem cerebral.”

“É uma área meio sensível para você, huh?” eu perguntei. Afinal de contas, ele era um guardião que largou tudo.

Ele balançou a cabeça. “Ficar nessa sociedade era quase impossível para mim. Se algum daqueles garotos decidirem largar, eles não terão os amigos poderosos que eu tive. Eles serão desgarrados. Isso é tudo que será. Ou matar adolescentes ou os excluir de sua própria gente.”

Eu me perguntei sobre que amigos poderosos ele tinha, mas não tinha tempo para saber da história da vida dele. “Bem, aquela vadia da realeza não parece se importar.”

O olhar pensativo e distraído dos olhos dele de repente se afiaram. “Não chame ela assim,” ele advertiu me encarando. “Não é culpa dela.”

Whoa. Que surpresa. Eu quase nunca vi o sexy e carismático Ambrose ser nada a não ser amigável. “É claro que é culpa dela! Ela é a governante suprema dos Moroi, lembra?”

A careta dele se aprofundou. “O Conselho votou. Não foi ela sozinha.”

“Yeah, mas ela votou para apoiar esse decreto. Ela deu o voto de minerva.”

“Deve ter tido um motivo. Você não a conhece como eu. Ela não iria querer fazer isso.”

Eu comecei a perguntar se ele estava maluco mas parei quando eu lembrei da relação dele com a rainha. Aqueles rumores românticos me deixavam nauseada, mas se eram verdade, eu suponho que ele poderia ter uma preocupação legítima por ela. E eu também decidi que era melhor se eu não conhecesse ela do jeito que ele conhecia. As marcas de mordida no pescoço dele certamente indicavam algum tipo de atividade íntima.

“O que quer que esteja acontecendo entre vocês é da conta de vocês,” eu disse a ele calmamente, “mas ela usa para fazer você pensar que ela é algo que não é. Ela fez isso comigo, e eu cáí. Foi tudo um golpe.”

“Eu não acredito,” ele disse, o rosto duro. “Como rainha, ela lida com todo tipo de situação dura. Deve ter havido mais nisso – ela vai mudar o decreto, tenho certeza.”

“Como rainha,” eu disse, imitando seu tom, “ela deveria ter a habilidade de –”

Minhas palavras se silenciaram enquanto uma voz falava na minha cabeça. Lissa.

Rose, você vai querer ver isso. Mas você tem que prometer não causar problemas. Lissa me mostrou um local, junto com uma sensação de urgência.

O olhar duro de Ambrose se transformou em preocupação. “Você está bem?”

“Eu – yeah. Lissa precisa de mim.” Eu suspirei. “Olha, eu não quero que a gente brigue, ok? Obviamente temos jeitos diferente de ver as coisas... mas eu acho que nós dois concordamos em uma coisa importante.”

“Que garotos não deveriam ser mandados para morrer? Yeah, podemos concordar nisso.”

Nós sorrimos um para o outro, e a raiva entre nós sumiu. “Eu vou falar com ela, Rose. Eu vou descobrir a história verdadeira e te contar, ok?”

“Ok.” Eu tinha dificuldades em acreditar que eu poderia entender Tatiana, mas de novo, poderia haver mais na relação deles do que eu sabia. “Obrigado. Foi bom te ver.”

“Você também. Agora vá – vá até Lissa.”

Eu não precisei de mais encorajamento. Junto com a sensação de urgência, Lissa passou uma mensagem através do nosso laço que me fez voar: É sobre Dimitri.

# VINTE E TRÊS

Eu não precisei de nossa ligação para encontrar Lissa. A multidão me deu a dica de onde ela – e Dimitri – estavam.

Meu primeiro pensamento foi que algo como um tipo de apedrejamento medieval estava acontecendo. Então me dei conta que as pessoas ao redor estavam simplesmente vendo algo. Eu passei por eles, inconsciente dos olhares feios que ganhei, até parar na frente. O que eu vi me fez parar.

Lissa e Dimitri estavam sentados lado a lado em um banco enquanto três Moroi e – que puts – Hans sentavam do lado oposto. Guardiões estavam parados ao redor deles, tensos e prontos para pular se algo desse errado, aparentemente. Antes de eu sequer ouvir uma palavra, eu soube exatamente o que estava acontecendo. Isso era um interrogatório, uma investigação para determinar o que, exatamente, era Dimitri.

Na maioria das circunstâncias, esse seria um estranho lugar para uma investigação formal. Era, ironicamente, um dos jardins que Eddie e eu tínhamos trabalhado, o que ficava na sombra da estátua da jovem rainha. A igreja da Corte ficava perto. Essa área gramada não era exatamente solo sagrado, mas era perto o bastante da igreja para as pessoas correrem, em caso de emergência. Crucifixos não ferem Strigoj, mas eles não podem entrar em uma igreja, mosteiro, nem nenhum lugar sagrado. Entre isso e o sol da manhã, esse provavelmente era um local seguro e os oficiais poderiam questionar Dimitri.

Eu reconheci um dos interrogadores Moroi, Reece Tarus. Ele era parente de Adrian, pelo lado da sua mãe, mas também tinha falado a favor do decreto de idade. Então eu instantaneamente não gostei dele, particularmente considerando o tom duro que ele usava com Dimitri.

“O sol machuca seus olhos?” perguntou Reece. Ele tinha uma prancheta em sua frente e parecia estar fazendo um questionário.

“Não,” disse Dimitri, a voz suave e controlada. Sua atenção estava totalmente nos interrogadores. Ele não fazia ideia de que eu estava ali, e eu meio que gostava assim. Eu só queria o olhar por um momento e admirar suas feições.

“E se você encarar o sol?”

Dimitri hesitou, e eu não tenho certeza se alguém percebeu o repentino brilho em seus olhos – ou sabiam o que significava. A pergunta era idiota, e eu acho que Dimitri – talvez, apenas talvez – quisesse rir. Com sua habilidade normal, ele manteve a compostura.

“Qualquer um ficaria cego se encarasse por tempo demais o sol,” ele respondeu. “Me aconteceria o mesmo que a todo mundo.”

Reece não pareceu gostar da resposta, mas não havia falhas na lógica. Ele forçou os lábios juntos e foi para a próxima pergunta. “Ele escalda sua pele?”

“No momento não.”

Lissa olhou para a multidão e me notou. Ela não podia me sentir como eu, através do nosso laço, mas às vezes parecia que ela tinha um senso de que eu estava por perto. Eu acho que ela sente minha aura se eu estiver perto o bastante, já que todos os usuários de espírito alegam que o campo de luz ao redor dos shadow-kissed são bem distintos. Ela me deu um pequeno sorriso antes de voltar sua atenção ao interrogador.

Dimitri, sempre vigilante, notou o pequeno movimento dela. Ele foi olhar para o que a tinha distraído, me vendo, e hesitou um pouco na próxima pergunta de Reece, que foi, “Você já notou seus olhos, ocasionalmente, ficando vermelhos?”

“Eu...” Dimitri me encarou por vários segundos e então voltou sua atenção a Reece. “Eu não estive perto de muitos espelhos. Mas acho que meus guardas teriam notado, e nenhum deles disse nada.”

Alí perto, um dos guardiões fez um pequeno barulho. Ele mal conseguiu manter o rosto limpo, mas eu acho que ele também queria rir dessa ridícula linha de interrogação. Eu não conseguia lembrar o nome dele, mas quando eu estive na Corte há um tempo atrás, ele e Dimitri tinham conversado e rido bastante quando estavam juntos. Se um velho amigo estava começando a acreditar que Dimitri era um dhampir de novo, esse era um bom sinal.

O Moroí perto de Reece olhou ao redor, tentando descobrir de onde o barulho tinha vindo, mas não descobriu nada. O questionário continuou, dessa vez tendo a ver se Dimitri poderia entrar em uma igreja se eles pedissem.

“Eu posso ir agora mesmo,” ele disse a eles. “Eu vou à missa amanhã se você quiser.” Reece fez outra anotação, sem dúvidas se perguntando se ele poderia fazer o padre ungir Dimitri com água benta.

“Isso tudo é uma distração,” disse uma voz familiar em meu ouvido. “Fumaça e espelhos. Isso é o que a tia Tasha diz,” Christian agora estava ao meu lado.

“Precisa ser feito,” eu murmurei em resposta. “Eles tem que ver que ele não é mais um Strigoi.”

“Yeah, mas eles mal assinaram a lei da idade. A rainha deu o ok para isso, assim que a sessão do Conselho saiu, porque é sensacional e vai fazer as pessoas prestarem atenção em outra coisa. Foi assim que eles finalmente limparam a assembléia. ‘Hey, vão olhar o show!’”

Eu quase podia ouvir Tasha dizer isso palavra por palavra. Independentemente, havia verdade nisso. Eu me senti dividida. Eu queria que Dimitri ficasse livre. Eu queria que ele voltasse a ser como era. Ainda sim, eu não gostava de ver Tatiana fazer isso para seus próprios ganhos e não porque ela se importava com o que era certo. Essa era possivelmente a coisa mais monumental que acontecia em nossa história. E precisava ser tratado assim. O destino de Dimitri não deveria ser um “show” conveniente para distrair todos de uma lei injusta.

Reece agora estava perguntado para Lissa e Dimitri, para que descrevessem exatamente o que experimentaram na noite do ataque. Eu tinha a sensação de que isso era algo que eles contaram algumas vezes. Embora Dimitri fosse a postura de uma não ameaça, eu ainda tinha aquela sensação de culpa, a culpa e tormento que ele sentia de quando foi um Strigoi. Ainda sim, quando ele virou para ouvir Lissa contar sua versão da história, seu rosto se iluminou com admiração. Temor. Adoração.

Ciúmes passou por mim. Seus sentimentos não eram românticos, mas não importava. O que importava era que ele tinha me rejeitado mas a via como a melhor coisa do mundo.

Ele me disse para nunca mais falar com ele e jurou que faria tudo por ela. De novo eu senti aquele petulante senso de ser injustiçada. Eu me recusei a acreditar que ele não podia mais me amar. Não era possível, não depois de tudo que passamos juntos. Não depois de tudo que sentimos um pelo outro.

“Eles certamente parecem íntimos,” Christian notou, um tom suspeito em sua voz. Eu não tinha tempo para dizer a ele que suas preocupações eram infundadas porque eu queria ouvir o que Dimitri tinha a dizer.

A história de sua mudança era difícil para os outros seguirem, em grande parte porque não entendiam o espírito. Reece entendeu o máximo que possível

e então virou para questionar Hans. Hans, sempre prático, não achou necessário um extensivo interrogatório. Ele era um homem de ação, não palavras. Pegando uma estaca em sua mão, ele perguntou a Dimitri se ele poderia tocá-la. Os guardas ficaram tensos, provavelmente no caso de Dimitri agarrar a estaca e ter um ataque.

Ao invés disso, Dimitri calmamente esticou o braço e pegou a ponta da estaca por alguns momentos. Houve um ofegar coletivo enquanto todos esperavam por ele gritar de dor já que Strigoi não podiam tocar uma estaca encantada. Ao invés disso, Dimitri parecia entediado.

Então ele surpreendeu todos. Voltando sua mão para trás, ele estendeu o seu antebraço em direção de Hans. Com o tempo ensolarado, Dimitri estava usando uma camiseta, deixando a pele ali, nua.

“Me corte com ela,” ele disse a Hans.

Hans arqueou a sobrancelha. “Cortar você vai doer, não importa quem você é.”

“Seria insuportável se eu fosse um Strigoi,” Dimitri disse. Seu rosto era duro e determinado. Ele era o Dimitri que eu vi em batalha, o Dimitri que nunca recuaria. “Faça. Não seja fácil comigo.”

Hans, a princípio, não reagiu. Claramente, esse era um inesperado curso. Decisão finalmente passou por suas feições, e ele levantou, passando a ponta da estaca contra a pele de Dimitri. Como Dimitri tinha pedido, Hans não se conteve. A ponta afundou, e ele sangrou. Vários Moroi, desacostumados em ver sangue (a não ser que estivessem bebendo), ofegaram devido à violência. Como um, todos fomos para frente.

O rosto de Dimitri demonstrava que ele definitivamente sentia dor, mas uma estaca de prata contra um Strigoi não iria apenas doer – iria queimar. Eu cortei muitos Strigoi com estacas e ouvi eles gritarem de agonia. Dimitri fez uma careta e mordeu o lábio enquanto o sangue saía de seu braço. Eu juro, havia orgulho em seus olhos devido à habilidade de suportar aquilo.

Quando ficou óbvio que ele não iria começar a gritar, Lissa foi em direção dele. Eu sentia as intenções dela; ela queria curá-lo.

“Espere,” disse Hans. “Um Strigoi poderia se curar disso em minutos.”

Eu tinha que dar crédito para Hans. Ele usou o teste de duas formas. Dimitri deu a ele um olhar agradecido, e Hans deu um pequeno aceno de

reconhecimento. Hans acreditava, eu percebi. Quaisquer que fossem suas falhas, Hans realmente achava que Dimitri era um

dhampir de novo. Eu iria amá-lo para sempre por isso, não importava o quanto ele me fazia preencher papéis.

Então, nós todos ficamos parados vendo o pobre Dimitri sangrar. Era um tipo de coisa doente, mas na verdade, o teste funcionou. Era óbvio para todos que o corte não iria a lugar algum. Lissa finalmente pode curar, e isso causou uma enorme reação entre a multidão. Murmúrios de maravilha me cercaram, e aqueles olhares de adoração brilhavam no rosto das pessoas.

Reece olhou em direção a multidão. "Alguém tem alguma pergunta para acrescentar a nossa?"

Ninguém falou. Todos estavam bobos com o que viam diante deles.

Bem, alguém tinha que se apresentar. Literalmente.

"Eu tenho," eu disse, indo em direção deles.

Não, Rose, implorou Lissa.

Dimitri tinha um olhar igualmente desagradável. Na verdade, a maioria das pessoas sentadas perto dele tinha. Quando o olhar de Reece parou em mim, eu tive a sensação de que ele estava me vendo no Conselho de novo, chamando Tatiana de vadia hipócrita. Eu coloquei minhas mãos nos meus quadris, sem me importar com o que eles pensavam. Essa era minha chance de forçar Dimitri a me reconhecer.

"Quando você costumava ser um Strigoi," eu comecei, deixando claro que eu acreditava ser no passado, "você tinha boas conexões. Você conhecia o paradeiro de muitos Strigoi na Rússia e nos EUA, não é?"

Dimitri me olhou com cuidado, tentando entender onde eu queria chegar.

"Sim."

"Você ainda sabe onde eles estão?"

Lissa franziu. Ela achava que eu inadvertidamente implicava que Dimitri ainda mantinha contato com outros Strigoi.

“Sim,” ele disse. “Desde que nenhum deles tenha se mudado.” A resposta saiu mais fácil dessa vez. Eu não tinha certeza se ele entendeu minha tática ou se ele apenas confiava que a lógica-Rose seria útil.

“Você partilharia essa informação com os guardiões?” eu perguntei. “Você nos contaria o esconderijo de todos os Strigoi para que a gente possa atacá-los?”

Isso ganhou reações. Procurar Strigois proativamente era um debate quente junto com os outros assuntos discutidos no momento, com fortes opiniões em ambos os lados. Eu ouvi aquelas opiniões reiteradamente atrás da multidão, algumas pessoas dizendo que o que eu sugeria era suicídio enquanto outros reconheciam que nós tínhamos uma ferramenta valiosa.

Os olhos de Dimitri se acenderam. Não era o olhar de adoração que ele tinha dado a Lissa, mas eu não me importei. Era similar aqueles que partilhávamos, naqueles momentos quando entendíamos um ao outro tão perfeitamente, que nem precisávamos falar o que estávamos pensando. Aquela conexão passou entre nós, assim como a aprovação – e gratidão – dele.

“Sim,” ele respondeu, a voz forte e alta. “Eu posso contar tudo que eu sei sobre os planos dos Strigois e suas localizações. Eu vou enfrentar eles com vocês – ou ficar pra trás, como vocês quiserem.”

Hans se inclinou para frente em sua cadeira, sua expressão ansiosa. “Isso poderia ser muito valioso.” Mais pontos para Hans. Ele estava no lado daqueles que preferiam acabar com Strigoi antes deles nos atacarem.

Reece corou – ou talvez fosse apenas o sol. Em seu esforço de ver se Dimitri iria queimar na luz, os Moroi estavam se expondo ao desconforto. “Agora espere aí,” Reece exclamou por cima do barulho que aumentava. “Essa nunca foi uma tática que endossamos. Além do mais, ele pode sempre mentir...”

Os protestos dele foram cortados por um grito de mulher. Um pequeno garoto Moroi, não mais do que seis anos, tinha de repente

passado pela multidão e estava vindo em nossa direção. Era sua mãe que tinha gritado. Eu me movi para parar ele, agarrando seu braço. Eu não tinha medo que Dimitri o ferisse, só que a mãe do garoto tivesse um ataque cardíaco. Ela veio para frente, com o rosto cheio de gratidão.

“Eu tenho perguntas,” o garoto, obviamente tentando ser corajoso, disse baixinho.

Sua mãe o alcançou, mas eu ergui minha mão. “Peraí um segundo.” Eu sorri para ele. “O que você quer perguntar? Vá em frente.” Atrás dele, medo passou pelo rosto de sua mãe, e ela olhou ansiosa para Dimitri. “Eu não vou deixar nada acontecer com ele,” eu sussurrei, embora ela não tivesse como saber se eu iria cumprir isso. Mesmo assim, ela ficou onde estava.

Reece virou os olhos. “Isso é ridículo –”

“Se você é um Strigoi,” o garoto interrompeu falando alto, “então porque você não tem chifres? Meu amigo Jeffrey disse que Strigoi tem chifres.”

Os olhos de Dimitri pararam, não no garoto, mas em mim por um segundo. De novo, aquela faísca de entendimento entre nós. Então, com o rosto liso e sério, Dimitri virou para o garoto e respondeu, “Strigoi não tem chifres. E mesmo que tivessem, não iria importar porque não sou um Strigoi.”

“Strigoi tem olhos vermelhos,” eu expliquei. “Os olhos dele parecem vermelhos?”

O garoto se inclinou para frente. “Não. Eles são castanhos.”

“O que mais você sabe sobre Strigoi?” eu perguntei.

“Eles tem presas como nós,” o garoto respondeu.

“Você tem presas?” eu perguntei a Dimitri com uma voz cantada. Eu tinha a sensação de que eles já tinham passado por isso, mas tomava um novo rumo quando era uma criança quem perguntava.

Dimitri sorriu – um sorriso cheio e maravilhoso que me pegou desprevenida. Esses tipos de sorriso são raros para ele. Mesmo

quando feliz ou divertido, ele normalmente dava apenas pequenos sorrisos. Esse era genuíno, mostrando todos os dentes, que eram rentes como o de qualquer humano e dhampir. Nenhuma presa.

O garoto parecia impressionado. "Ok, Jonatham," disse sua mãe ansiosa. "Você perguntou. Agora vamos embora."

"Strigoi são super fortes," continuou Jonathan, que possivelmente era um aspirante a advogado. "Nada pode ferí-los." Eu não me incomodei em corrigir ele, por medo dele querer ver uma estaca para enfiar no coração de Dimitri. Na verdade, eu estava meio surpresa por Reece já não ter pedido isso. Jonathan fixou um olhar penetrante em Dimitri. "Você é super forte? Você pode se ferir?"

"É claro que posso," respondeu Dimitri. "Sou forte, mas todo tipo de coisa ainda pode me ferir."

E então, sendo Rose Hathaway, eu disse que algo que eu realmente não deveria ao garoto. "Você deveria ir socar ele e descobrir."

A mãe de Jonathan gritou de novo, mas ele era um bastardinho rápido, saindo de meu alcance. Ele correu até Dimitri antes que qualquer um pudesse impedir – bem, eu poderia – e deu um soco com seu pequeno punho contra o joelho de Dimitri.

Então, com os mesmos reflexos que o permitiam desviar de um inimigo, Dimitri imediatamente se jogou para trás, como se Jonathan o tivesse derrubado. Segurando seu joelho, Dimitri gemeu como se estivesse sentindo uma dor terrível.

Várias pessoas riram, e naquele momento, um dos guardiões já tinha pegado Jonathan e devolvido ele à sua quase histérica mãe. Enquanto ele estava sendo arrastado para longe, Jonathan olhou por cima do ombro para Dimitri.

"Ele não parece muito forte para mim. Eu não acho que ele é um Strigoi."

Isso causou mais risadas, e o terceiro interrogador Moroi, que tinha estado quieto, bufou e se levantou. "Eu vi tudo que precisava. Eu não acho que ele deveria andar por aí sem guardas, mas ele não

é um Strigoi. Dê a ele um lugar para ficar e mantenha a guarda nele até que mais decisões sejam tomadas.”

Reece disparou. “Mas –”

O outro homem o dispensou. “Não perca mais tempo. Está quente, e eu quero ir para cama. Não estou dizendo que entendo o que aconteceu, mas esse é o menor de nossos problemas no momento, com metade do Conselho querendo arrancar a cabeça um do outro por causa do decreto de idade. Se alguma coisa, o que vimos hoje é algo bom – até milagroso. Pode alterar a forma como vivemos. Eu vou me reportar para Vossa Majestade.”

E assim, o grupo começou a se dispersar, mas havia confusão em alguns de seus rostos. Eles eram muito iniciantes para entender se o que tinha acontecido com Dimitri era real, então tudo que sabíamos sobre os Strigoi estava prestes a mudar. Os guardiões ficaram com Dimitri, é claro, enquanto ele e Lissa se levantaram. Eu imediatamente fui em direção a eles, ansiosa para aproveitar minha vitória. Quando ele foi “derrubado” pelo soquinho de Jonathan, Dimitri me deu um pequeno sorriso, e meu coração saltou. Eu soube, naquele momento, que tudo ficaria bem. Ele ainda tinha sentimentos por mim. Mas

agora, num piscar de olhos, aquela conexão se fora. Me vendo andar em direção deles, o rosto de Dimitri ficou frio e resguardado de novo.

Rose, disse Lissa através do nosso laço. Vá embora agora. Deixe ele em paz.

“Pro inferno que eu vou,” eu disse, tanto respondendo em voz alta para ela, quanto me dirigindo para ele. “Eu acabei de reforçar o seu caso.”

“Estávamos bem sem você,” disse Dimitri duramente.

“Oh, yeah?” Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. “Você parecia bem agradecido alguns minutos atrás, quando eu sugeri a ideia de você nos ajudar contra os Strigoi.”

Dimitri se voltou para Lissa. A voz dele era baixa, mas eu consegui ouvir. “Eu não quero vê-la.”

“Você precisa!” eu exclamei. Algumas das pessoas que estavam se retirando pararam para ver o porquê da gritaria. “Você não pode me ignorar.”

“Faça ela ir embora,” Dimitri rosnou.

“Eu não –”

ROSE!

Lissa gritou em minha cabeça, me calando. Aqueles olhos penetrantes cor de jade me encararam. Você quer ajudar ele ou não? Ficar parada aqui e gritar com ele só vai deixar ele mais chateado! É isso que você quer? Você quer que as pessoas vejam isso? Ver ele ficar bravo e gritar com você para que você não se sinta invisível? Eles precisam ver ele calmo. Eles precisam ver ele... normal. É verdade – você ajudou. Mas se você não se afastar agora, você pode estragar tudo.

Eu encarei os dois horrorizada, meu coração batendo com força. As palavras dela estiveram na minha mente, mas Lissa podia muito bem ter andado até mim e gritando em voz alta. Meu temperamento aumentou ainda mais. Eu queria correr até ambos, mas a verdade das palavras dela penetrou através da minha raiva. Começar uma cena não iria ajudar Dimitri. Era justo eles me despacharem? Era justo os dois se juntarem e ignorarem o que eu tinha acabado de fazer? Não. Mas eu não ia deixar meu orgulho ferido estragar tudo que eu consegui. As pessoas tinham que aceitar Dimitri.

Eu olhei ambos de uma forma que fez meus sentimentos ficarem claros e então me afastei. O sentimento de Lissa imediatamente mudou para simpatia através do nosso laço, mas eu os bloqueei. Eu não queria saber.

Eu mal tinha me afastado da igreja quando encontrei Daniella Ivashkov. Suor estava começando a marcar sua linda e bem aplicada maquiagem, o que me fez pensar que ela também esteve assistindo ao espetáculo-Dimitri. Ela parecia ter alguns amigos com ela, mas

eles mantiveram distância enquanto conversavam entre si quando ela parou na minha frente. Engolindo minha raiva, eu me lembrei que ela não tinha feito nada para me irritar. Eu forcei um sorriso.

“Olá. Lady Ivashkov.”

“Daniella,” ela disse gentilmente. “Sem títulos.”

“Desculpe. Ainda é estranho.”

Ela acenou em direção à Dimitri e Lissa que estavam saindo com os guardas. “Eu acabei de te ver lá. Você o ajudou, eu acho. Pobre Reece estava bem frustrado.”

Eu lembrei que Reece era parente dele. “Oh... desculpe. Eu não quis –”

“Não se desculpe. Reece é meu tio, mas nesse caso, eu acredito no que Vasilisa e o Sr. Belikov estão dizendo.”

Apesar do quão irritada Dimitri tinha me deixado, meu instinto se ressentiu pelo título esquecido dele, de guardião. Ainda sim, eu podia perdoar ela, considerando sua atitude.

“Você... você acredita que Lissa o curou? Que Strigoi podem ser restaurados?”

Eu estava descobrindo que muitas pessoas acreditam. A multidão tinha acabado de demonstrar isso, e Lissa ainda estava construindo seus seguidores. De alguma forma, minha linha de pensamento sempre tendia a assumir que todos da realeza estavam contra mim. O sorriso de Daniella se tornou torto.

“Meu próprio filho é um usuário de espírito. Já que aceitei isso, eu tenho que aceitar que muitas coisas que eu não acreditava são possíveis.”

“Eu suponho que sim,” eu admiti. Além dela, eu notei um homem Moroi parado perto de uma árvore. O olhar dele ocasionalmente parava em nós, e eu

podia jurar que o tinha visto antes. As próximas palavras de Daniella voltaram minha atenção de volta a ela.

“Falando em Adrian... ele estava te procurando mais cedo. É repentino, mas alguns dos parentes de Nathan vão dar um coquetel daqui uma hora, e Adrian queria que você fosse.” Outra festa. Isso era tudo que eles faziam na Corte? Massacres, milagres... não importava. Tudo era causa para uma festa, eu pensei amargamente.

Eu provavelmente estava com Ambrose e Rhonda quando Adrian foi me procurar. Era interessante. Ao passar o convite, Daniella também estava dizendo que ela queria que eu fosse. Infelizmente, eu tinha dificuldades em ser assim tão aberta. A família de Nathan era os Ivashkovs, e eles não seriam tão animados.

“A rainha estará lá?” eu perguntei suspeitosamente.

“Não, ela tem outros compromissos.”

“Tem certeza? Nenhuma visita inesperada?”

Ela riu. “Não, tenho certeza. Dizem os rumores que vocês duas ficarem juntas no mesmo lugar... não é uma boa ideia.”

Eu só podia imaginar as histórias sobre o que aconteceu no Conselho, particularmente já que o pai de Adrian testemunhou tudo.

“Não, não depois daquilo. O que ela fez...” A rainha que eu senti de novo começou a surgir. “Foi imperdoável.” Aquele cara estranho perto das árvores ainda estava por perto. Por quê?

Daniella não confirmou ou negou minha afirmação, e eu me perguntei o que ela achava. “Ela ainda gosta muito de você.”

Eu fiz uma careta. “Eu acho difícil acreditar nisso.” Normalmente, as pessoas que gritam com você em público não ‘gostam’ muito de você, e até a calma atitude de Tatiana tinha falhado no final da nossa discussão.

“É verdade. Isso vai passar, e pode até haver uma chance de você ser designada para Vasilisa.”

“Você não pode estar falando sério,” eu exclamei. Eu deveria saber melhor. Daniella Ivashkov não parecia ser o tipo cômico, mas eu realmente acreditava que eu tinha passado dos limites com Tatiana.

“Depois de tudo que aconteceu, eles não querem desperdiçar bons guardiões. Além do mais, ela não quer que exista uma animosidade entre vocês.”

“Yeah? Bem, eu não quero o suborno dela! Se ela acha que soltar Dimitri e me dar um trabalho com a realeza vai me fazer mudar de ideia, ela está errada. Ela está mentindo, manipulando –”

Eu parei abruptamente. Minha voz se erguendo o bastante para que os amigos de Daniella começassem a encarar. E eu realmente não queria dizer os nomes que eu achava que Tatiana merecia, para Daniella.

“Desculpe,” eu disse. Eu tentei a civilidade. “Diga a Adrian que eu vou para a festa... mas você realmente quer que eu vá? Depois de eu ter invadido a cerimônia na outra noite? E depois de, um, outras coisas que eu fiz?”

Ela balançou sua cabeça. “O que aconteceu na cerimônia foi tão culpa de Adrian quanto sua. Está feito, e Tatiana deixou pra lá. Essa festa é um evento muito mais leve, e se ele te quer lá, então eu quero que ele seja feliz.”

“Eu vou tomar um banho e me trocar agora e encontrar ele lá em uma hora.”

Ela foi discreta o bastante para ignorar minha explosão de raiva de antes. “Maravilhoso. Eu sei que ele vai ficar feliz em saber disso.”

Eu não disse para ela que eu estava feliz com a ideia de me exibir na frente de alguns Ivashkovs na esperança de me vingar de Tatiana. Eu não acreditei nem por um instante que ela aceitou o que estava acontecendo comigo e Adrian ou que ela iria deixar para lá a minha explosão de raiva. E na verdade, eu queria ver ele. Não conversamos muito ultimamente.

Depois de Daniella e seus amigos partirem, eu achei que era hora de resolver as coisas. Eu fui direto para o Moroi que esteve pairando por perto, as mãos nos quadris.

“Ok,” eu exigi. “Quem é você, e o que você quer?”

Ele era apenas alguns anos mais velho que eu, e não pareceu muito impressionado com minha atitude durona. Ele sorriu, e de novo eu ponderei sobre onde o tinha visto.

“Eu tenho uma mensagem para você,” ele disse. “E alguns presentes.”

Ele me entregou uma mochila. Eu olhei dentro e encontrei um laptop, umas cordas, e vários pedaços de papel. Eu encarei descrente.

“O que é isso?”

“Algo que você precisa para seguir em frente – e não deixar mais ninguém saber. O bilhete explica tudo.”

“Não brinque de filme de espião comigo! Eu não vou fazer nada até você –”

Eu reconheci o rosto dele. Eu o tinha visto em St. Vladimir, na época da minha formatura – sempre pairando no fundo. Eu gemi, de repente entendendo o porquê de todo aquele segredo – e a atitude convencida. “Você trabalha para Abe.”

# VINTE E QUATRO

O homem sorriu. “Você faz parecer uma coisa ruim.”

Eu fiz uma cara e olhei para a sacola tecnológica com novo apreço. “O que está havendo?”

“Eu sou um mensageiro. Faço favores ao Sr. Mazur.”

“Esse é um jeito bonito de dizer que você espiona para ele? Acha todos os segredinhos sujos das pessoas para que ele possa usá-los contra as pessoas e continuar jogando seus jogos?” Abe parecia saber tudo sobre todos – especialmente política da realeza. De que outra forma ele poderia ter olhos e ouvidos em qualquer lugar? Digamos, na Corte? Até onde eu sabia, ele poderia ter escutas no meu quarto.

“Espionar é uma palavra pesada,” eu percebi que o cara não negou a acusação. “Além disso, ele paga bem. E é um bom chefe.” Ele me deu as costas, o serviço concluído, mas deu um último aviso. “Como eu disse – é sensível ao tempo. Leia o aviso assim que puder.”

Metade de mim queria jogar aquilo no homem. Estava me acostumando à ideia de ser a filha de Abe, mas isso não queria dizer que eu queria me meter num esquema maluco dele. Uma sacola de equipamentos parecia um presságio.

Mesmo assim, eu a levei para minha suíte e esvaziei ela sobre minha cama. Havia algumas folhas de papel, a de cima sendo uma carta digitada.

Rose,

Eu espero que Tad tenha conseguido entregar isso em tempo. Espero que não tenha sido muito má com ele. Faço isso em benefício de alguém que deseja falar com você sobre um assunto urgente. Porém, é uma conversa que ninguém mais pode ouvir. O laptop e o

modem via satélite nessa sacola vão permitir uma discussão com privacidade, desde que você esteja em um lugar privado. Seu encontro se dará às sete da manhã.

Não havia nome, mas eu não precisava de um. Soltei a carta e olhei para a confusão de fios. Faltava menos de uma hora para às sete.

“Ah, qual é, velho,” exclamei.

Para dar algum crédito a Abe, os papéis tinham algumas direções bem básicas, que não necessitavam da visão de um engenheiro da computação. O único problema era, havia muitos deles, detalhando onde cada cabo ia, qual senha para logar, como configurar o modem, e por aí vai. Por um momento, pensei em ignorar tudo aqui. Ainda assim, quando alguém como Abe usava a palavra urgente, me fazia pensar que talvez não fosse bom me apressar em rejeitar isso.

Então, me preparando para algumas acrobacias técnicas, eu segui as instruções. Levou quase todo o tempo que eu possuía, mas eu consegui conectar o modem e a câmera e acessar o programa seguro que me permitiria uma vídeo-conferência com o contato misterioso de Abe. Eu terminei com alguns minutos de folga e esperei encarando a tela preta no meio da tela, me perguntando em que tinha me metido.

Exatamente às sete, a janela veio à vida e um rosto familiar – embora inesperado – apareceu.

“Sydney?” eu perguntei surpresa.

O vídeo tinha a mesma imagem levemente tremida que a maioria dos enviados pela Internet tinha, mas, mesmo assim, o rosto da minha (mais ou menos) amiga Sydney Sage sorriu de volta para mim. O sorriso era de um humor seco, mas isso era típico dela.

“Bom dia,” ela disse, bocejando. Pelo estado de seu cabelo loiro, que ia até a altura do queixo, era provável que ela tivesse acabado de acordar. Mesmo na resolução baixa, a tatuagem dourada de lírio em sua bochecha brilhava. Todos os Alquimistas tinham a mesma tatuagem. Ela consistia em tinta e sangue de Moroi, dando ao

portador a mesma saúde boa e longevidade dos Moroi. Também havia um pouco de compulsão ali, para impedir a sociedade secreta dos Alquimistas de revelar qualquer coisa que não deviam sobre os vampiros.

“Noite,” eu disse. “Não manhã.”

“Podemos discutir seus horários bagunçados e profanos outra hora,” ela disse. “Não é para isso que estou aqui.”

“Por que você está aqui?” eu perguntei, ainda espantada em vê-la. Os Alquimistas faziam seus trabalhos quase com relutância, e embora Sydney gostasse de mim mais do que ela gostava da maioria dos Moroi e dhampirs, ela não era o tipo que fazia telefonemas (ou vídeos) amigáveis. “Espere... você não pode estar na Rússia. Não se for de manhã...” Tentei me lembrar da diferença

de horários. Sim, para os humanos de lá, o sol teria se posto ou estaria no processo de se pôr neste momento.

“Estou de volta ao meu país de origem,” ela disse com uma grandeza falsa. “Conseguí um posto novo em New Orleans.”

“Uau, legal.” Sydney tinha odiado ser mandada para a Rússia, mas a impressão que eu tive era que ela ficaria lá até terminar seu estágio como Alquimista. “Como conseguiu isso?”

Seu sorriso pequeno virou uma expressão de desconforto. “Ah, bem. Abe, hã, meio que me fez um favor. Ele fez isso.”

“Você fez um acordo com ele?” Sydney devia odiar mesmo a Rússia. E a influência de Abe devia ser realmente profunda se ele podia afetar uma organização humana. “O que deu a ele em troca? Sua alma?” Fazer uma piada como essa para uma pessoa religiosa como ela não era muito apropriado. Mas é claro, eu acho que ela pensava que Moroi e dhampirs comiam almas, então talvez meu comentário não estivesse muito deslocado.

“Eis o problema,” ela disse. “Era um daqueles acordos do tipo 'vou deixá-la saber quando precisar de você no futuro'.”

“Idiota,” eu disse.

“Ei,” ela estourou. “Eu não preciso fazer isso. Na verdade, estou lhe fazendo um favor ao falar com você.”

“Por que você está falando comigo, exatamente?” eu queria perguntar mais sobre o pacto aberto dela com o diabo, mas percebi que isso ia me fazer ser desconectada.

Ela suspirou e tirou um pouco de cabelo da frente do rosto. “Eu preciso perguntar algo para você. E eu juro que não vou denunciá-la... eu só preciso descobrir a verdade para que não percamos nosso tempo com uma coisa.”

“Ok...” Por favor não me pergunte sobre Victor, eu rezei.

“Você invadiu algum lugar recentemente?”

Droga. Eu mantive uma expressão completamente natural. “O que quer dizer com isso?”

“Os Alquimistas tiveram alguns registros roubados recentemente,” ela explicou. Ela estava toda profissionalmente séria agora. “E todos estão indo à loucura tentando descobrir quem foi – e por quê.”

Mentalmente, eu soltei um suspiro de alívio. Ok. Não era sobre Tarasov. Graças a Deus existia um crime do qual eu não fosse a culpada. Então, o significado real daquelas palavras me atingiu. Eu a olhei fixamente para ela.

“Espere. Vocês são roubados e é de mim que você suspeita? Eu achei que estivesse fora da sua lista de criaturas malignas?”

“Nenhum dhampir está fora da minha lista de criaturas malignas,” ela disse. O meio sorriso dela voltou, mas eu não sabia dizer se ela estava brincando ou não. Ele sumiu rapidamente, mostrando que aquilo era muito importante para ela. “E acredite em mim, se qualquer um pudesse invadir nossos registros, você poderia. Não é fácil. Praticamente impossível.”

“Hã, obrigada?” Eu não tinha certeza se deveria me sentir lisonjeada ou não.

“É claro,” ela continuou, zombeteira, “só roubaram registros em papel, o que foi idiota. Tudo tem um back-up digital hoje em dia, então não sei por que eles estavam escavando armários jurássicos de arquivos.”

Eu poderia dar a ela milhares de razões pelas quais alguém faria isso, mas descobrir por que eu era a suspeita número um era mais importante. “Isso é idiota. Então, por que acha que fui eu quem roubou?”

“Por causa do que foi roubado. Eram informações sobre um Moroi chamado Eric Dragomir.”

“Eu – quê?”

“É sua amiga, certo? Quero dizer, a filha dele.”

“Sim...” eu estava quase sem fala. Quase. “Você tem arquivos sobre Moroi?”

“Temos arquivos sobre tudo,” ela disse orgulhosa. “Mas quando tentei pensar em quem poderia cometer esse crime e teria interesse em um Dragomir... bem, seu nome veio à mente.”

“Eu não fiz isso. Eu faço muitas coisas, mas não isso. Nem sabia que vocês tinham esse tipo de registro.”

Sydney me olhou com suspeita.

“É verdade!”

“Como eu disse antes,” ela me contou, “eu não vou denunciar você. Sério. Eu só quero saber para que possa fazer as pessoas pararem de perder tempo com certas pistas.” Sua presunção diminuiu. “E, bom, se foi você... eu preciso vigiar você. Prometi para o Abe.”

“Qualquer coisa para você acreditar em mim. Eu não fiz isso! Mas agora eu quero saber quem fez. O que eles roubaram? Tudo sobre ele?”

Ela mordeu o lábio. Dever um favor a Abe podia significar que ela trairia seu próprio grupo, mas ela parecia ter limites sobre quanto disso ela podia fazer.

“Vamos lá! Se você tem um back-up digital, você tem que saber o que tinha ali. É de Lissa que estamos falando.” Uma ideia surgiu em minha mente. “Pode me mandar cópias?”

“Não,” ela disse rapidamente. “Absolutamente não.”

“Então, por favor... só uma dica sobre o que está lá! Lissa é minha melhor amiga. Não posso deixar nada acontecer a ela.”

Eu me preparei para a rejeição. Sydney não parecia muito pessoal. Ela tinha amigos? Podia entender o que eu sentia?

“A maior parte é biografia,” ela disse por fim. “Algo de sua história e observações que fizemos.”

“Observ –” eu deixei aquilo passar, decidindo que realmente não queria saber mais do que precisava sobre os Alquiemistas nos espionando. “Mais alguma coisa?”

“Registros financeiros.” Ela fez careta. “Particularmente sobre grandes depósitos que ele fez para uma conta bancária em Las Vegas. Depósitos que ele se esforçou para esconder.”

“Las Vegas? Eu fui lá faz pouco tempo...” Não que isso fosse relevante.

“Eu sei,” ela disse. “Eu vi algumas fitas de segurança do Witching Hour com suas aventuras. O fato de você sair correndo daquele jeito foi parte do motivo para eu suspeitar de você. Parecia combinar com você.” Ela hesitou. “O cara com você... o Moroi alto com cabelo escuro... é seu namorado?”

“Er, é.”

Levou muito tempo e esforço para ela conceder a próxima declaração. “Ele é bonitinho.”

“Para uma criatura maligna da noite?”

“Claro.” Ela hesitou novamente. “É verdade que vocês foram lá para fugir juntos?”

“O quê? Não! Essas histórias chegam até vocês também?” Eu sacudi minha cabeça, quase rindo de quão ridículo tudo aquilo era,

mas sabendo que precisava voltar aos fatos. “Então, Eric tinha uma conta em Vegas para onde estava mandando dinheiro?”

“Não era dele. Era de alguma mulher.”

“Que mulher?”

“Ninguém – bem, ninguém que possamos rastrear. Ela estava como 'Jane Doe'.”

“Original,” eu resmunguei. “Por que ele estaria fazendo isso?”

“Isso, nós não sabemos. Nem nos importamos de verdade. Só queremos saber quem nos invadiu e roubou nossas coisas.”

“A única coisa que sei é que não fui eu.” Vendo o olhar investigativo dela, eu joguei as mãos para cima. “Qual é! Se eu quisesse saber sobre a vida dele, eu perguntaria para Lissa. Ou roubaria nossos próprios registros.”

Vários momentos de silêncio se passaram.

“Ok. Acredito em você,” ela disse.

“Mesmo?”

“Você quer que eu não acredite?”

“Não, é que convencer você foi mais fácil do que eu imaginei.”

Ela suspirou.

“Eu quero saber mais sobre esses registros,” eu disse séria. “Eu quero saber quem é essa Jane Doe. Se pudesse me conseguir outros arquivos –”

Sydney sacudiu a cabeça. “Não. É aqui que eu corto você. Você já sabe demais. Abe queria que eu a mantivesse longe de encrenca e eu fiz isso. Fiz minha parte.”

“Não acho que Abe vai deixar você escapar tão facilmente. Não se você fez um acordo aberto.”

Ela não reconheceu isso, mas o olhar de seus olhos castanhos me fez pensar que ela concordava. “Boa noite, Rose. Dia. Tanto faz.”

“Espera, eu –”

A tela ficou preta.

“Droga,” eu grunhi, fechando o laptop com mais força do que devia.

Cada parte daquela conversa foi um choque, começando com Sydney e terminando com alguém roubando registros dos Alquimistas sobre o pai de Lissa. Por que alguém se importaria com um morto? E por que roubar registros? Para descobrir alguma coisa? Ou para esconder informação? Se fosse a última, Sydney tinha razão em dizer que foi uma tentativa falha.

Eu revi tudo em minha cabeça enquanto me arrumava para ir para a cama, encarando meu reflexo enquanto escovava os dentes. Por que, por que, por quê? Por que fazer isso? E quem? Eu não precisava de mais intriga na minha vida, mas tudo que envolvia Lissa precisava ser tratado com seriedade. Infelizmente, logo ficou claro que eu não descobriria nada essa noite, então eu dormi com essas perguntas rodando na minha cabeça.

\*\*\*

Eu acordei na manhã seguinte me sentindo um pouco menos sobrecarregada – mas ainda sem respostas. Eu pensei se deveria ou não contar à Lissa o que descobri e finalmente decidi que sim. Se alguém estava colhendo informações sobre seu pai, ela tinha o direito de saber, e, além disso, aquilo não era nada comparado aos rumores sobre seu –

Um pensamento me espantou enquanto eu espalhava xampu nos cabelos. Eu estivera muito cansada e surpresa para juntar as peças na noite passada. O cara no Witching Hour disse que o pai de Lissa foi lá muitas vezes. Os registros de Sydney diziam que ele fez grandes depósitos em uma conta em Las Vegas.

Coincidência? Talvez. Mas com o passar do tempo, eu estava começando a deixar de acreditar em coincidências.

Assim que fiquei apresentável, eu me dirigi ao lado de Lissa da Corte – mas não cheguei muito longe. Adrian estava me esperando na sala de estar do meu prédio, atirado em uma cadeira.

“É cedo para você, não?” eu provoquei, parando diante dele.

Eu esperava um sorriso, mas Adrian não me pareceu particularmente alegre nesta manhã. Na verdade, ele parecia um farrapo. Seu cabelo não tinha o estilo cuidadosamente arrumado de sempre, e suas roupas – estranhamente boas para o horário – estavam amassadas. O cheiro de cigarros de bulbo pairava ao seu redor.

“É fácil chegar cedo quando não se dorme muito,” ele respondeu. “Fiquei de pé a noite toda esperando uma certa pessoa.”

“Esperando por – ah. Deus.” A festa. Eu tinha esquecido completamente da festa para a qual a mãe dele me convidou. Abe e Sydney tinha me distraído. “Adrian, eu sinto tanto.”

Ele se encolheu e não me tocou quando sentei no braço da sua cadeira. “Tanto faz. Provavelmente, eu nem devia ficar surpreso mais. Estou começando a notar que me iludo.”

“Não, não. Eu ia, mas você não vai acreditar no quê –”

“Guarda. Por favor.” Sua voz estava cansada, seus olhos injetados. “Não é necessário. Minha mãe me disse que viu você no interrogatório de Dimitri.”

Eu franzi as sobrancelhas. “Mas não foi por isso que perdi a festa. Tinha esse cara e –”

“Não é esse o ponto, Rose. O ponto é que você conseguiu tempo para isso – e para visitar a cela dele, se o que eu ouvi é verdade. Mesmo assim, você não pôde se prestar a aparecer para algo que disse que iria fazer comigo – ou até mesmo mandar uma mensagem. Era tudo que você tinha que fazer: dizer que não podia ir. Eu esperei mais de uma hora na casa dos meus pais antes de desistir.”

Eu comecei a dizer que ele podia ter tentado fazer contato, mas honestamente, ele devia? Não era responsabilidade dele. Fui eu quem disse a Daniella que encontraria com ele lá. Era minha culpa por não aparecer.

“Adrian, me desculpe.” Eu apertei sua mão, mas ele não retribuiu. “Sério, eu queria, mas –”

“Não,” ele interrompeu de novo. “Desde que Dimitri voltou... não, risque isso. Desde que você ficou obcecada em mudá-lo, você se despedaçou sobre mim. Não importa o que acontecia entre nós, você nunca se entregou de verdade ao nosso relacionamento. Eu queria acreditar no que me disse. Eu achei que estivesse pronta... mas você não estava.”

O protesto surgiu nos meus lábios mas, de novo, eu me impedi. Ele estava certo. Eu disse que daria uma chance justa ao namoro com ele. Eu até me afundei no papel confortável de namorada dele, mas o tempo todo... o tempo todo, parte de mim era consumida com Dimitri. Eu também sabia, mas mantive vidas separadas. Uma memória estranha dos tempos com Mason veio à mente. Eu tive a mesma vida dupla com ele, e ele morreu por causa disso. Eu era uma bagunça. Não conhecia meu próprio coração.

“Desculpe,” eu disse de novo. “Eu realmente queria que tivéssemos alguma coisa...” Mesmo para mim, aquelas palavras pareciam muito ridículas. Adrian deu um sorriso sábio.

“Eu não acredito nisso. Nem você.” Ele levantou e passou a mão pelos cabelos, não que isso ajudasse em algo. “Se quer mesmo ficar comigo, tem que ser de verdade dessa vez.”

Eu odiava vê-lo tão sombrio. E odiava especialmente ser a razão. Eu o segui até a porta. “Adrian, espera. Vamos conversar mais.”

“Agora não, pequena dhampir. Eu preciso dormir um pouco. Não aguento jogar esse jogo agora.”

Eu poderia ter ido atrás dele. Eu poderia ter jogado ele no chão. Mas não valia a pena... porque eu não tinha respostas para ele. Ele estava certo sobre tudo, e até eu arrumar a confusão que era minha cabeça, eu não tinha o direito de forçar uma conversa. Além disso, considerando o estado em que ele se encontrava, eu duvidava que outras tentativas pudessem ser produtivas.

Mesmo assim, quando ele pisou lá fora, não pude segurar minhas próximas palavras. “Antes de você ir, – e eu entendo que você precisa – tem algo que preciso perguntar. Algo que não é sobre nós. Afeta – afeta Lissa.”

Isso o fez parar lentamente. “Sempre um favor.” Com um suspiro de quem está cansado do mundo, ele virou o rosto, me olhando por cima do ombro. “Seja rápida.”

“Alguém invadiu os registros dos Alquimistas e roubou informações sobre o pai dela. Algumas eram coisas normais da história de vida dele, mas havia documentos sobre ele ter feito depósitos em uma conta bancária em Las Vegas. A conta bancária de uma mulher.”

Adrian esperou alguns momentos. “E?”

“E eu estou tentando descobrir por que alguém faria isso. Eu não quero ninguém se metendo na família dela. Você tem alguma ideia do que o pai dela estaria fazendo?”

“Você ouviu o cara no cassino. O pai dela ia muito lá. Talvez ele tivesse dívidas de jogo e estivesse pagando um agiota.”

“A família de Lissa sempre teve dinheiro,” eu apontei. “Não tem como ele ter contraído tantas dívidas. E por que alguém se importaria o bastante para roubar essa informação?”

Adrian jogou as mãos ao céu. “Eu não sei. Isso é tudo que eu tenho, ao menos a essa hora da manhã. Eu não tenho capacidade cerebral para intriga. Entretanto, não consigo imaginar nada disso sendo uma ameaça para Lissa.”

Eu aquiesci, desapontada. “Ok. Obrigada.”

Ele continuou em seu caminho, e eu o assisti ir. Lissa vivia perto dele, mas não queria que ele pensasse que eu o estava seguindo. Quando ele abriu distância o bastante, eu saí do prédio e comecei a caminhar na mesma direção. O som baixo de sinos me fez parar. Eu hesitei, subitamente insegura sobre onde ir.

Eu queria falar com Lissa e dizer o que Sydney me contara. Ela estava sozinha, até que enfim; era a chance perfeita. Ainda assim... os sinos. Era manhã de domingo. A missa ia começar na igreja da Corte. Eu tinha um pressentimento sobre alguma coisa, e apesar de tudo que havia acontecido – inclusive com Adrian – eu precisava ir e ver se eu estava certa.

Eu corri em direção à igreja, indo na direção oposta ao prédio de Lissa. As portas estavam fechadas quando cheguei ao meu destino, mas os poucos atrasados estavam tentando entrar discretamente. Eu fui com eles, parando para ajeitar meu comportamento. Nuvens de incenso flutuavam no ar, e meus

olhos levaram um tempo para se adaptarem da luz do sol à luz de velas. Como essa igreja fazia parecer a capela de St. Vladimir uma anã, estava preenchida com muito mais gente que eu costumava ver em uma missa. A maioria dos assentos estava cheia.

Mas não todos.

Meu pressentimento estava certo. Dimitri estava em um dos bancos dos fundos. Alguns guardiões estavam com ele, claro, mas era isso. Mesmo em uma igreja lotada, ninguém mais sentou com ele no banco. Reece havia perguntado à Dimitri se ele pisaria na igreja ontem, e Dimitri foi um passo além, dizendo que ele iria até à missa de domingo.

O padre já havia começado a falar, então eu fui até o banco de Dimitri tão quieta quanto conseguia. O silêncio, entretanto, não importava, porque eu ainda atraía considerável atenção das pessoas próximas que estavam espantadas em me ver sentando perto do Strigoi que virou dhampir. Olhos encaravam e diversas conversas sussurradas começaram.

Os guardiões haviam deixado algum espaço perto de Dimitri, então eu sentei ao seu lado, seu rosto demonstrando estar ao mesmo tempo surpreso e não surpreso por isso.

“Não,” ele disse em uma voz baixa. “Não comece – não aqui.”

“Nem pensaria nisso, camarada,” eu murmurei de volta. “Só vim pelo bem de minha alma, isso é tudo.”

Ele não precisava dizer uma palavra para me fazer entender que ele duvidava que eu estivesse lá por razões sagradas. Mas eu fiquei quieta o tempo inteiro. Até mesmo eu respeitava alguns limites. Após vários minutos, a tensão no corpo de Dimitri diminuiu um pouco. Ele ficou alerta quando me uni a ele, mas eventualmente decidiu que eu manteria o bom comportamento. Sua atenção se desviou de mim e passou aos cantos e orações, e eu fiz meu melhor para assistí-los sem ser óbvia.

Dimitri costumava ir à capela da escola porque lhe trazia paz. Ele havia dito que mesmo que ele matasse para destruir o mal no mundo, ele ainda precisava pensar na vida e buscar perdão por seus pecados. Vendo ele agora, eu percebi que isso era mais verdadeiro que nunca.

Sua expressão era rara. Eu estava tão acostumada a vê-lo esconder suas emoções que era um pouco espantoso ver traços delas em seu rosto. Ele estava absorto nas palavras do padre, sua face linda completamente focada. E eu

percebi que ele estava entendendo tudo que o padre dizia sobre pecado pessoalmente. Pelo desespero em seu rosto, você pensaria que Dimitri sozinho era responsável por todos os pecados do mundo dos quais o padre falava.

Por um instante, eu pensei ter visto esperança do rosto de Dimitri também, só uma fagulha misturada com culpa e sofrimento. Não, eu percebi. Não esperança. Esperança significa que você acredita ter uma chance em alguma coisa. O que eu vi no rosto de Dimitri era saudade. Desejo. Dimitri desejava que, por estar nesse lugar sagrado e ouvir as palavras transmitidas, ele pudesse encontrar redenção pelo que fizera. Ainda assim... ao mesmo tempo, era óbvio que ele não acreditava que isso fosse possível. Ele queria isso mas nunca poderia ter, até onde ele sabia.

Vendo ele assim me machucou. Eu não sabia como reagir àquela atitude desolada. Ele achava que não havia esperança para ele. Eu?

Eu não poderia imaginar um mundo sem esperança.

Eu também pensei que nunca citaria uma lição da igreja, mas quando o resto da multidão levantou para fazer a comunhão, eu me achei dizendo para Dimitri: "Você não acha que, se Deus pode, supostamente, perdoar você, é meio egoísta não perdoar a si mesmo?"

"Por quanto tempo você ficou esperando para usar essa frase comigo?" ele perguntou.

"Na verdade, acabou de vir à mente. Bem boa, né? Aposto que você pensou que eu não estava prestando a menor atenção."

"Você não estava. Você nunca presta. Você estava me observando."

Interessante. Para saber que eu o estava observando, Dimitri teria que ter me observado observando ele? Isso estava embrulhando minha cabeça. "Você não respondeu a pergunta."

Ele manteve os olhos na fila da comunhão enquanto planejava sua resposta. "É irrelevante. Eu não preciso me perdoar mesmo que Deus o faça. E eu não tenho certeza de que Ele o faria."

"O padre acabou de dizer que Deus faria. Ele disse que Deus perdoa tudo. Você está chamando o padre de mentiroso? Isso é um grande sacrilégio."

Dimitri grunhiu. Eu nunca pensei que me divertiria atormentando ele, mas o olhar frustrado dele não era por causa de sua própria amargura. Era porque eu

estava sendo impertinente. Eu vi essa expressão nele centena de vezes, e a familiaridade me trazia calor, por mais maluco que isso pareça.

"Rose, você é quem está cometendo sacrilégio. Está distorcendo a fé das pessoas por seus próprios objetivos. Você nunca acreditou em nada disso. Ainda não acredita."

"Eu acredito que os mortos voltam à vida," eu disse com seriedade. "A prova está bem ao meu lado. Se isso é verdade, acho

que perdoar a si mesmo não é um passo tão grande.”

Seu olhar endureceu, e se ele estava rezando por algo naquele momento, era que a comunhão se acelerasse para que ele pudesse sair dali e se afastar de mim. Nós dois sabíamos que ele tinha que esperar o fim do serviço da igreja. Se ele fugisse, iria fazer com que ele parecesse um Strigoi.

“Você não sabe do que está falando,” ele disse.

“Não?” eu silvei, me aproximando um pouco mais. Eu fiz isso para melhor demonstrar meu argumento, mas só serviu (para mim, ao menos) para me dar uma visão melhor de como a luz das velas brilhava em seu cabelo e quão alto e magro seu corpo era. Alguém parecia acreditar que ele era confiável o bastante para fazer a barba, e seu rosto estava macio, mostrando seus traços incríveis e perfeitos.

“Eu sei exatamente do que estou falando,” eu continuei, tentando ignorar a forma que sua presença me afetava. “Eu sei que você passou por muita coisa. Eu sei que fez coisas terríveis – eu vi isso. Mas está no passado. Estava além do seu controle. Não é como se você fosse fazer de novo.”

Um olhar estranho, assombrando, passou por seu rosto. “Como você sabe? Talvez o monstro não tenha partido. Talvez ainda haja um Strigoi dentro de mim.”

“Então você precisa derrotá-lo continuando com sua vida! E não é só pelo seu juramento cavalheiresco de proteger Lissa. Você precisa viver de novo. Precisa se abrir para as pessoas que o amam. Nenhum Strigoi faria isso. É assim que você salva a si mesmo.”

“Não posso ter pessoas me amando,” ele grunhiu. “Eu sou incapaz de amar qualquer um de volta.”

“Talvez você devesse tentar, ao invés de só sentir pena de si mesmo!”

“Não é tão fácil assim.”

“Dro –” eu quase não consegui impedir a mim mesma de xingar na igreja. “Nada que fizemos foi fácil! Nossa vida antes – antes do ataque não era fácil, e nós enfrentamos! Podemos enfrentar isso também. Podemos enfrentar qualquer coisa juntos. Não me importa se põe a sua fé neste lugar. Eu não me importo. O que importa é que ponha sua fé em nós.”

“Não existe nós. Eu lhe disse isso.”

“E você sabe que não sou uma boa ouvinte.”

Estávamos mantendo nossas vozes baixas, mas acho que nossos movimentos indicavam claramente uma discussão. Os outros estavam distraídos demais para perceber, mas os guardiões de Dimitri estavam nos observando cuidadosamente. Mais uma vez, eu lembrei a mim mesma do que tanto Lissa quanto Mikhail disseram. Deixar Dimitri irritado em público não iria lhe fazer favor algum. O problema era, eu ainda não sabia dizer nada que não o irritasse.

“Eu queria que você não tivesse vindo aqui,” ele disse por fim. “É mesmo melhor para nós que nos afastemos.”

“É engraçado, porque eu poderia jurar que você disse uma vez que nós éramos feitos um para o outro.”

“Eu quero que você fique longe de mim,” ele disse, ignorando meu comentário. “Eu não quero você tentando trazer de volta sentimentos que se foram. Isso é passado. Nada disso vai acontecer de novo. Nunca mais. É melhor para nós dois que passemos a agir como estranhos. É melhor para você.”

Os sentimentos amorosos, a paixão que ele me provocou se aqueceram – para fúria. “Se você vai me dizer o que eu posso ou não posso fazer,” eu rugi no tom mais baixo que conseguia, “então ao menos tenha a coragem de dizer na minha cara!”

Ele se virou tão rápido que podia mesmo ser um Strigoi. Seu rosto estava cheio de... quê? Não a depressão anterior. Nem raiva, embora houvesse uma certa irritação. Havia mais, porém... um misto de desespero, frustração e talvez até medo. Acima de tudo isso estava a dor, como se ele sofresse de uma agonia terrível e única.

“Eu não quero você aqui,” ele disse, os olhos em chamas. As palavras machucavam, mas algo nelas me excitava, da mesma forma que a agitação anterior pelos meus comentários zombeteiros tinha feito. Esse não era um

Strigoi frio e calculista. Nem o homem derrotado na cela. Esse era meu velho instrutor, meu amante, que atacava a tudo na vida com intensidade e paixão. “Quantas vezes preciso lhe dizer isso? Você precisa ficar longe de mim.”

“Mas você não vai me machucar. Eu sei.”

“Eu já machuquei você. Por que não entende isso? Quantas vezes eu preciso dizer isso?”

“Você me contou... contou antes de partir que me amava.” Minha voz tremia. “Como pode abandonar isso?”

“Porque é tarde demais! E é mais fácil que ser lembrado do que fiz com você!” Seu controle se foi, a voz ecoando pelo fundo da igreja. O padre e os outros em comunhão não notaram, mas nós definitivamente chamamos a atenção daquelas na metade de trás da igreja. Alguns dos guardiões ficaram rígidos e, de novo, eu tive que repetir o aviso para mim mesma. Não importa quão furioso Dimitri estava, quão traída eu me sentia... eu não podia arriscar que os outros pensassem que ele era perigoso. Dimitri dificilmente parecia que iria quebrar o pescoço de alguém, mas ele estava visivelmente incomodado, e alguns poderiam confundir sua frustração e sua dor por algo mais sinistro.

Eu dei as costas para ele, tentando acalmar minhas emoções em fúria. Quando olhei de novo, nossos olhos se encontraram, poder e eletricidade queimando entre nós. Dimitri poderia ignorar tanto quanto quisesse, mas a conexão – o chamado profundo de nossas almas – ainda estava lá. Eu queria tocá-lo, não só com seu roçar em minha perna, mas com tudo. Eu queria envolvê-lo em meus braços e segurá-lo contra mim, assegurando que poderíamos fazer qualquer coisa juntos. Sem perceber, eu fui até ele, precisando desse toque. Ele se encolheu como se eu fosse uma cobra, e todos os guardiões foram para a frente, prontos para o que ele pudesse fazer.

Mas ele não fez nada. Nada além de me encarar com um olhar que fez meu sangue gelar. Como se eu fosse algo estranho e ruim. "Rose. Por favor, pare. Por favor fique longe." Ele estava se esforçando para ficar calmo.

Eu saltei, agora tão irritada e frustrada quanto ele. Eu tinha a sensação de que, se ficasse, nós dois explodiríamos. Em um tom baixo, eu murmurei, "Isso não está acabado. Eu não vou desistir de você."

"Eu desisti de você," ele disse, a voz também macia. "O amor some. O meu sumiu."

Eu o encarei com descrença. Todo esse tempo, ele nunca disse isso daquela forma. Seus protestos sempre foram sobre um bem maior, sobre o remorso que ele sentia por ser um monstro ou como isso o destruiu para o amor. Eu desisti de você. O amor some. O meu sumiu.

Eu me afastei, a dor dessas palavras me atingindo tão forte quanto se ele tivesse me estapeado. Algo mudou em sua feição, como se ele soubesse o quanto me machucou. Eu não fiquei lá para ver. Ao invés disso, eu abri caminho para fora do corredor e corri pelas portas de trás, com medo de que, se eu ficasse um segundo a mais, todos na igreja me veriam chorar.

# VINTE E CINCO

Eu não queria ver ninguém depois disso. Eu voltei para meu quarto o mais rapidamente que pude, mal notando os obstáculos e pessoas no meu caminho. De novo e de novo, eu ouvia as palavras de Dimitri em minha cabeça: O amor passa. O meu passou. De alguma forma, essa era a pior coisa que ele podia ter dito. Não me entenda errado: o resto também não era fácil. Ouvir ele me dizer que iria evitar e ignorar nossa antiga relação me fez sentir horrível também. Ainda sim, nisso, não importava o quanto doía, havia uma pequena esperança de haver alguma faísca de amor entre nós. Que ele ainda me amava.

Mas... o amor passa.

Isso era totalmente diferente. Significava que ele tinha morrido, se enfraquecendo até se secar, como as folhas ao vento. Essa ideia me causou dor no peito e estômago, e eu me curvei na minha cama, envolvendo meus braços ao redor de mim mesma, como se isso fosse amortecer a dor. Eu não podia aceitar o que ele tinha dito. Eu não podia aceitar que, de alguma forma, depois de sua provação, seu amor por mim tinha morrido.

Eu queria ficar no meu quarto pelo resto do dia, curvada na escuridão das minhas cobertas. Eu esqueci a conversa com Sydney e minhas preocupações sobre o pai de Lissa. Eu até larguei a própria Lissa. Ela tinha algumas coisas para fazer hoje, mas de vez em quando, uma mensagem passava pelo laço: Vem se juntar a mim?

Quando eu não contatei ela, ela começou a ficar preocupada. Eu de repente fiquei com medo que ela – ou outra pessoa – pudesse vir me procurar no meu quarto. Então eu decidi sair. Eu não tinha um destino; eu só continuei andando. Eu andei pela Corte, passando por lugares que nunca tinha visto antes. A Corte tinha mais estátuas e fontes do que eu sabia. Mas sua beleza se perdia em mim, e quando

eu voltei para o meu quarto, horas depois, eu estava exausta de tanto andar. O bem. Pelo menos eu evitei ter que conversar com alguém.

Ou tinha? Era tarde, já passado da minha hora de dormir, quando ouvi uma batida na minha porta. Eu hesitei em responder. Quem apareceria tão tarde? Eu queria uma distração ou eu queria manter minha solidão? Eu não fazia ideia de quem era, só que não era Lissa. Deus. Até onde eu sabia, era Hans exigindo saber porque eu não tinha aparecido para trabalhar hoje. Depois de pensar muito (e mais batidas persistentes), eu decidi atender.

Era Adrian.

“Pequena dhampir,” ele disse com um sorriso pequeno e cansado. “Parece que você viu um fantasma.”

Não um fantasma, exatamente. Acredite em mim, eu sabia que era um fantasma quando eu o via. “Eu só... eu só não esperava ver você depois do que houve essa manhã...”

Ele entrou e sentou na minha cama, e eu fiquei feliz por ver que ele tinha se limpado desde que conversamos mais cedo. Ele usava roupas limpas, e seu cabelo havia voltado à sua perfeição usual. Eu ainda sentia o cheiro remanescente de cravo, mas depois do que eu o fiz passar, ele tinha direito aos seus vícios.

“Yeah, bem, eu não esperava aparecer também,” ele admitiu. “Mas você... bem... você me fez pensar em algo.”

Eu sentei ao lado dele, mantendo uma distância segura. “Nós?”

“Não. Lissa.”

“Oh.” Eu acusei Dimitri de ser egoísta, mas aqui estava eu, naturalmente assumindo que o amor por mim podia ter trazido Adrian pra cá.

Os seus olhos verdes ficaram especulativos. “Eu fiquei pensando sobre o que você disse, sobre o pai dela. E você tem razão – razão sobre o negócio do jogo. Ele tinha o dinheiro para pagar qualquer

dívida. Ele não teria que esconder. Então eu fui perguntar para minha mãe.”

“O que? Ninguém deveria saber disso –”

“Yeah, yeah, eu imaginei que sua informação seria secreta. Não se preocupe. Eu disse a ela que quando estávamos em Vegas, ouvimos umas pessoas falando sobre isso – sobre o pai de Lissa fazer depósitos secretos.”

“O que ela disse?”

“A mesma coisa que eu. Bem, na verdade, ela ficou brava comigo primeiro. Ela disse que Eric Dragomir era um bom homem e que eu não deveria espalhar rumores sobre os mortos. Ela sugeriu que talvez ele tivesse um problema com jogo, mas se fosse isso, as pessoas não deveriam se focar nisso, quando ele fez tantas outras coisas boas. Depois da Vigília dos Mortos, eu acho que ela estava com medo que eu cause mais brigas públicas.”

“Ela tem razão. Sobre Eric,” eu disse. Talvez alguém tivesse roubado aqueles registros como algum tipo de campanha de difamação. Eu admito, espalhar rumores sobre a reputação sobre os mortos era inútil, mas talvez alguém quisesse denegrir a reputação dos Dragomir e se livrar de qualquer chance da lei de voto ser mudada para Lissa? Eu estava prestes a dizer isso para Adrian quando fui interrompida por algo ainda mais chocante.

“Então meu pai nos ouviu, e disse tipo, ‘Ele provavelmente estava financiando alguma amante. Você tem razão – ele era um cara legal. Mas ele gostava de flertar. E ele gostava de madames.’” Adrian virou os olhos. “Essa é uma citação direta: ‘Ele gostava de madames.’ Meu pai é um idiota. Ele soa como alguém com duas vezes a sua idade.”

Eu agarrei o braço de Adrian sem perceber. “O que ele disse depois disso?”

Adrian deu de ombros, mas deixou minha mão onde estava. “Nada. Minha mãe se irritou e disse a mesma coisa para ele que tinha dito para mim, que era cruel espalhar histórias que ninguém poderia provar.”

“Você acha que é verdade? Você acha que o pai de Lissa tinha uma amante? Era para isso que ele estava pagando?”

“Não sei, pequena dhampir. Honestamente? Meu pai é o tipo de gente que se atraca em qualquer rumor que pode. Ou inventa um. Eu quero dizer, ele sabia que o pai de Lissa gostava de festejar. É fácil tirar conclusões disso. Provavelmente ele tinha algum segredo sujo. Diabos, todos temos. Talvez quem quer que tenha roubado aqueles arquivos queira explorar isso.”

Eu contei a ele minha teoria sobre isso ser usado contra Lissa. “Ou,” eu disse reconsiderando, “talvez alguém que a apóie tenha pego. Para que não vazasse.”

Adrian acenou. “De qualquer forma, eu não acho que Lissa esteja em perigo mortal.”

Ele começou a levantar, e eu o puxei de volta. “Adrian, espere... eu...” eu engoli. “Eu quero me desculpar. O jeito que tenho tratado você, o que eu estive fazendo... não foi justo com você. Sinto muito.”

Ele desviou seu olhar de mim, os olhos se focando no chão. “Você não pode impedir seus sentimentos.”

“O negócio é que... eu não sei como me sinto. E isso soa idiota, mas é verdade. Eu me importo com Dimitri. Foi idiota pensar que eu não fui afetada pela volta dele. Mas eu percebo agora...” O amor acaba. O meu acabou. “Eu

percebo agora que com ele acabou. Não estou dizendo que é fácil superar. Vai levar um tempo, e eu menti para nós dois quando eu disse que não iria.”

“Isso faz sentido,” Adrian disse.

“Faz?”

Ele olhou para mim, um brilho de diversão em seus olhos. “Sim, pequena dhampir. Algumas vezes você faz sentido. Vá em frente.”

“Eu... bem, como eu disse... eu tenho que me curar dele. Mas eu me importo com você... eu acho que até te amo um pouco.” Isso

ganhou um pequeno sorriso. “Eu quero tentar de novo. Eu realmente quero. Eu gosto de ter você na minha vida, mas eu pulei nas coisas muito cedo antes. Você não tem porque me querer depois do jeito que eu tenho te arrastado, mas se você quiser voltar, então eu quero também.”

Ele me estudou por um longo tempo, e minha respiração parou. Eu falei sério: ele tinha o direito de terminar as coisas entre nós... e ainda sim, a ideia disso me aterrorizava.

Finalmente, ele me puxou contra ele e deitou na cama. “Rose, eu tenho todo tipo de motivo para querer você. Eu não sou capaz de ficar longe de você desde que te vi no hotel de esqui.”

Eu me aproximei de Adrian na cama e pressionei minha cabeça contra seu peito.

“Podemos fazer isso funcionar. Eu sei que podemos. Se eu fizer besteira de novo, você pode ir embora.”

“Se apenas fosse tão fácil,” ele riu. “Você esquece: Eu tenho uma personalidade viciante. Sou viciado em você. De alguma forma, eu acho que você poderia fazer todo tipo de coisas ruins comigo, e eu ainda voltaria para você. Só seja honesta, ok? Me diga o que você está sentindo. Se você está sentindo algo por Dimitri que te confunde, me diga. Vamos dar um jeito.”

Eu queria dizer isso a ele – independentemente dos meus sentimentos – ele não tinha nada para se preocupar com Dimitri porque Dimitri tinha me rejeitado várias vezes. Eu podia correr atrás de Dimitri o quanto quisesse, e não faria bem nenhum. O amor acaba.

Aquelas palavras ainda doiam, e eu não conseguia suportar dar voz àquela dor. Mas enquanto Adrian me abraçava e eu pensava o quão compreensivo ele

era com tudo isso, uma parte ferida de mim reconheceu que o oposto também era verdade: o amor cresce.

Eu tentaria com ele. Eu realmente tentaria.

Eu suspirei. “Você não deveria ser tão sábio. Você deveria ser superficial e irracional e... e...”

Ele me deu um beijo na testa. “E?”

“Mmm... ridículo.”

“Ridículo eu posso ser. E os outros... mas apenas em ocasiões especiais.”

Estávamos bem perto um do outro agora, e eu virei minha cabeça para estudar ele, sua alta estrutura óssea cabelo bagunçado que o deixavam tão bonito. Eu lembrei das palavras da mãe dele, que independentemente do que queríamos, ele e eu eventualmente iríamos nos separar. Talvez fosse assim que seria minha vida. Eu sempre perderia o homem que eu amava.

Eu o puxei contra mim, beijando sua boca com uma força que pegou até eu de surpresa. Se eu tinha aprendido algo sobre a vida e amor, era que eles são coisas tênues que podem terminar a qualquer momento. Cuidado era essencial – mas não ao custo de desperdiçar sua vida. Eu decidi que não iria desperdiçar agora.

Minhas mãos já estavam tirando a camiseta de Adrian antes daquela ideia se formar totalmente. Ele não questionou ou hesitou em tirar minhas roupas em resposta. Ele podia ter momentos de profundidade e entendimento, mas ele ainda era... bem, Adrian. Adrian vivia sua vida no agora, fazendo as coisas que queria sem sequer pensar duas vezes. E ele me queria há muito tempo.

Ele também era muito bom nesse tipo de coisa, e por isso minhas roupas saíram mais rápidas que as dele. Os lábios dele eram quentes e ansiosos contra minha garganta, mas ele teve cuidado de nem uma vez deixar suas presas tocarem minha pele. Eu fui um pouco menos gentil, me surpreendendo quando eu afundei minhas unhas na pele nua das costas dele. Os lábios dele se moveram mais para baixo, tracejando a linha da minha clavícula enquanto ele tirava meu sutiã com uma mão.

Eu fiquei um pouco surpresa pela reação do meu corpo enquanto nós dois lutávamos para tirar a jeans do outro antes. Eu me

convencia que eu nunca iria querer sexo de novo, depois de Dimitri, mas neste momento? Oh, eu queria. Talvez fosse alguma reação psicológica a rejeição de Dimitri. Talvez fosse o

impulso de viver o momento. Talvez fosse amor por Adrian. Ou talvez fosse apenas luxúria.

O que quer que fosse, me deixou impotente sobre as mãos e boca dele, que pareciam feitas para explorar cada parte de mim. A única vez que ele parou foi quando todas as minhas roupas finalmente tinham sido tiradas e eu fiquei ali deitada nua com ele. Ele estava quase nu também, mas eu ainda não tinha chegado à suas cuecas ainda. (Elas eram de seda porque, honestamente, o que outra coisa Adrian usaria?). Ele segurou meu rosto com suas mãos, os olhos cheios de intensidade e desejo – e um pouco de confusão.

“O que é você, Rose Hathaway? Você é real? Você é um sonho dentro de um sonho. Eu temo que tocar você vai me fazer acordar. Você vai desaparecer.” Eu reconheci um pouco daquele ar poético que às vezes ele tinha, o feitiço que me fazia perguntar se ele estava pegando um pouco daquela loucura induzida por espírito.

“Me toque e descubra,” eu disse, trazendo ele para mais perto de mim.

Ele não hesitou de novo. O resto da sua roupa saindo, e todo o meu corpo esquentou com a sensação da pele dele e com a forma que as mãos dele deslizavam por cima de mim. Minhas necessidades físicas estavam rapidamente ultrapassando qualquer razão e pensamento lógico. Não havia pensamentos, só nós, e a feroz urgência que nos aproximava. Era tudo uma necessidade ardente e desejo e sensações e –

“Oh, merda.”

Saiu como um murmúrio já que nós estávamos nos beijando e nossos lábios ansiosamente buscando um ao outro. Com reflexos de guardiã, eu mal consegui me afastar, assim que nossos quadris começaram a se unir. Perder a sensação dele foi chocante para mim,

e mais pra ele. Ele foi atordoado, simplesmente encarando descrente enquanto eu me afastava ainda mais e finalmente consegui sentar.

“O que... qual o problema? Você mudou de ideia?”

“Precisamos de proteção primeiro,” eu disse. “Você tem camisinhas?”

Ele processou isso por alguns segundos e então suspirou. “Rose, só você escolheria esse instante para lembrar disso.”

Era um ponto justo. Meu timing foi uma droga. Ainda sim, era melhor do que lembrar depois. Apesar do desejo desenfreado do meu corpo – que

acredite, ainda estava lá – eu de repente tive a vívida imagem da irmã de Dimitri, Karolina. Eu a conheci na Sibéria, e ela tinha um bebê com cerca de seis meses. O bebê era adorável, como bebês geralmente são, mas por Deus, ela dava tanto trabalho. Karolina trabalhava como garçonete, e assim que ela chegava em casa, sua atenção se dirigia ao bebê. E os bebês sempre precisam de algo: comida, troca de roupa, resgate de se engasgarem com pequenos objetos. A irmã dele Sonya, estava prestes a ter um bebê também, e do jeito que eu deixei as coisas com a irmã mais nova dele Viktoria, eu não ficaria surpresa se ela logo ficasse grávida. Uma coisa enorme que muda a vida de alguém, feita por um ato descuidado.

Então eu estava bem confiante de que não queria um bebê na minha vida no momento, não tão jovem. Com Dimitri eu não me preocupei, graças à infertilidade dhampir. Com Adrian? Era um problema, e embora doenças sejam raras entre ambas nossa raças, eu não era a primeira garota que Adrian já tivera. Ou a segunda. Ou a terceira...

“Então, você tem alguma?” eu perguntei impaciente. Só porque eu estava no modo responsável, não significava que eu queria menos sexo.

“Sim,” Adrian disse, sentando também. “No meu quarto.”

Nós nos encaramos. O quarto dele era muito longe, na sessão Moroi da Corte.

Ele se aproximou colocando seu braço ao meu redor e mordiscando minha orelha. “As chances de algo ruim acontecer são bem baixas.”

Eu fechei meus olhos e coloquei minha cabeça contra ele. Ele envolveu suas mãos ao redor do meu quadril e acariciou minha pele. “O que você é, um médico?” eu perguntei.

Ele riu suavemente, sua boca beijando um ponto logo atrás da minha orelha. “Não. Sou apenas alguém disposto a arriscar. Você não pode me dizer que não quer isso.”

Eu abri meus olhos e me afastei para que pudesse olhar diretamente para ele. Ele tinha razão. Eu queria isso. Muito, muito mesmo. E uma parte de mim – que era basicamente toda eu – queimava com luxúria, estava tentando me ganhar. As chances provavelmente eram baixas, certo? Não existia pessoas que tentavam uma eternidade ter filhos e não conseguiam? Meu desejo tinha um argumento ok, então eu fiquei surpresa quando minha lógica ganhou.

“Não posso arriscar,” eu disse.

Agora Adrian me estudava, e finalmente, acenou. “Ok. Outra hora então. Hoje à noite seremos... responsáveis.”

“Isso é tudo que você vai dizer?”

Ele franziu. “O que mais eu poderia dizer? Você disse não.”

“Mas você... você poderia ter me compelido.”

Agora ele estava realmente surpreso. “Você quer que eu te compele?”

“Não. É claro que não. Só me ocorreu que... bem, que você poderia ter feito isso.”

Adrian segurou meu rosto com suas mãos. “Rose, eu trapaceio nas cartas e para comprar bebidas alcoólicas. Mas eu nunca, nunca te forçaria a fazer algo que não quer. Certamente não isso –”

As palavras dele foram cortadas porque eu me pressionei contra ele e comecei a beijar ele de novo. Surpresa deve ter impedido ele

de fazer algo imediatamente, mas logo, ele me afastou com o que pareceu ser muita relutância.

“Pequena dhampir,” ele disse secamente, “se você quer ser responsável, esse não é um bom jeito de ser.”

“Não precisamos deixar isso para trás. E podemos ser responsáveis.”

“Todas aquelas histórias são –”

Ele parou quando eu joguei meu cabelo para longe do caminho e ofereci meu pescoço para ele. Eu consegui virar levemente para que pudesse encontrar os olhos dele, mas não disse nada. Eu não precisei. O convite era óbvio.

“Rose...” ele disse incerto – embora eu pudesse ver o desejo em seu rosto.

Beber sangue não é o mesmo que transar, mas era um anseio que todos os vampiros tem e fazer isso excitado – pelo que ouvi – era uma experiência enlouquecedora. Também era um tabu e quase nunca era feito, era o que as pessoas alegavam. Era de onde a definição de Meretriz de Sangue tinha se originado: dhampirs que dão sangue durante sexo. A ideia de dhampirs dando o sangue a todos era considerada desgraçada, mas eu já fiz antes: com Lissa

quando ela precisava de comida e com Dimitri quando ele foi um Strigoi. E tinha sido glorioso.

Ele tentou de novo, sua voz mais firme dessa vez. “Rose, você sabe o que está pedindo?”

“Sim,” eu disse firmemente. Eu passei um dedo pelos lábios dele e então os deslizei para que tocassem suas presas. Eu joguei as próprias palavras dele de volta para ele. “Você não pode me dizer que não quer isso.”

Ele queria. Em um segundo, sua boca estava no meu pescoço e suas presas estavam perfurando minha pele. Eu gritei devido à repentina dor, um som que se suavizou até sair em um gemido enquanto as endorfinas que acompanhavam cada mordida de

vampiro entravam em mim. Uma maravilhosa onda me consumiu. Ele me puxou com força contra ele enquanto ele bebia, quase no seu colo, pressionando minhas costas contra seu peito. Eu estava pouco ciente de que suas mãos estavam em mim de novo, dos lábios dele na minha garganta. Na maior parte, tudo que eu sabia é que eu estava me afogando em uma pura e estática doçura. O alto perfeito.

Quando ele se afastou, foi como perder parte de mim mesma. Como estar incompleta. Confusa, precisando dele de volta, eu o busquei. Ele gentilmente afastou minha mão, sorrindo enquanto lambia seus lábios.

“Cuidado, pequena dhampir. Eu fui mais além do que deveria. Você provavelmente poderia criar asas e voar para longe agora mesmo.”

Não soava uma má ideia. Em mais alguns segundos, no entanto, a parte intensa e maluca do alto sumiu, e eu voltei a mim mesma. Eu ainda me sentia maravilhosa e tonta; as endorfinas tinham alimentado o desejo do meu corpo. Minha razão voltou devagar para mim, permitindo (mais ou menos) que um pensamento coerente penetrasse aquela onda feliz. Quando Adrian estava convencido que eu estava sóbria o bastante, ele relaxou e deitou na cama. Eu me juntei a ele um momento depois, me aconchegando do lado dele.

Ele parecia tão satisfeito quanto eu.

“Isso,” ele brincou, “foi o melhor não-sexo do mundo.”

Minha única resposta foi um sonolento sorriso. Era tarde, e quanto mais eu sentia a onda das endorfinas, mais sonolenta eu me sentia. Uma parte pequena de mim dizia que embora eu quisesse isso, e me importasse com Dimitri, tudo foi errado. Eu não o tinha feito pelos motivos certos, ao invés disso tendo sido levada por minha própria dor e confusão.

O resto de mim decidiu que não era verdade, e a voz irritante logo desapareceu na exaustão. Eu adormeci contra Adrian, tendo a melhor noite de sono que já tive em muito tempo.

\*\*\*

Eu não fiquei totalmente surpresa por ser capaz de sair da cama, tomar banho, me vestir, e secar meu cabelo sem Adrian acordar. Meus amigos e eu passamos muitas manhãs tentando arrastar ele da cama no passado. De ressaca ou sóbrio, ele tinha um sono pesado.

Eu passei mais tempo cuidando do meu cabelo do que eu passava há algum tempo. A marca da mordida estava fresca em meu pescoço. Então meu cabelo ficou solto, cuidadosamente arrumado para que as longas ondas tapassem o lado da mordida.

Satisfeita pelo machucado poder ficar coberto, eu ponderei o que fazer em seguida. Em uma hora mais ou menos, o Conselho iria ouvir os argumentos das facções com ideias diferentes sobre o novo decreto, Moroi lutando, e o voto dos Dragomir. Contanto que eles me deixassem entrar na assembléia, eu não tinha intenção de perder os debates dos tópicos mais quentes do mundo no momento.

Mas eu não acordei Adrian. Ele estava agarrado aos meus lençóis e dormia pacificamente. Se eu o acordasse, eu me sentiria obrigada a esperar ele se arrumar. Através do nosso laço, eu senti Lissa sentada sozinha na mesa do café. Eu queria ver ela e tomar café da manhã, então decidi que Adrian poderia cuidar de si mesmo. Eu deixei um bilhete avisando onde eu estava, disse para trancar a porta quando ele saísse, e desenhei muitos beijinhos.

Mas quando eu finalmente estava a caminho do café, eu senti algo que arruinou meus planos para tomar café. Christian sentou ao lado de Lissa.

“Ora, ora,” eu murmurei. Com tudo mais acontecendo, eu não tinha prestado muita atenção na vida pessoal de Lissa. Depois do que aconteceu no armazém, eu não estava surpresa por ver eles juntos, embora os sentimentos dela me dissessem que não havia ocorrido uma reconciliação romântica... ainda. Essa era uma tentativa de amizade, uma chance de superar o constante ciúme e desconfiança deles.

Longe de mim me intrometer no amor. Eu conhecia outro lugar perto do prédio dos guardiões que também tinha café e dunnets. Isso iria bastar,

contanto que eu lembrasse que eu tecnicamente ainda estava no período probatório e tinha feito uma cena na assembléia.

As chances disso provavelmente não eram boas.

Ainda sim, eu decidi tentar e me dirigi para lá, olhando o céu inquieta. Chuva não iria ajudar meu humor hoje. Quando eu cheguei no café, eu descobri que eu não tinha que me preocupar com ninguém prestando atenção em mim. Havia um peixe maior: Dimitri.

Ele estava sem sua guarda pessoal, e embora eu estivesse feliz por ele ter alguma liberdade, a ideia de que ele ainda chamava atenção, ainda me irritada. Pelo menos não havia nenhuma multidão hoje. As pessoas que vinham tomar café da manhã não conseguiam se impedir de encarar, mas poucos se demoravam. Esse era um bom sinal.

Ele estava sentado sozinho na mesa, café e um dunnut comido pela metade na frente dele. Ele estava lendo um livro que eu apostava que era de Faroeste.

Ninguém estava sentado com ele. Sua escolta simplesmente mantinha um "anel" de proteção, perto das paredes, na entrada, e dois estavam perto da mesa. A segurança parecia inútil. Dimitri estava completamente entretido com seu livro, inconsciente dos guardas e ocasionais espectadores – ou ele estava simplesmente fazendo um bom show em mostrar que ele não se importava. Ele parecia muito inofensivo, mas as palavras de Adrian voltaram à minha mente. Ainda havia algo Strigoi nele? Alguma parte negra? O próprio Dimitri alegava que ainda carregava a parte que o impedia de realmente amar alguém.

Ele e eu sempre tivemos essa percepção estranha um do outro. Em uma sala lotada, eu sempre podia encontrá-lo. E apesar das preocupações dele com o livro, ele olhou para cima quando andei até o balcão do café. Nossos olhos se encontraram por um milésimo

de segundo. Não havia expressão no rosto dele... e ainda sim, eu tinha a sensação de que ele estava esperando algo.

Eu, eu percebi assombrada. Apesar de tudo, apesar de nossa briga na igreja... ele ainda achava que eu iria perseguir e fazer alguma promessa de amor. Por quê? Ele esperava que eu não fosse razoável? Ou era possível... era possível que ele queria que eu me aproximasse dele?

Bem, por qualquer que fosse o motivo, eu decidi que não iria ceder. Ele já me machucou demais. Ele me disse para ficar longe, e se tudo era parte de um jogo elaborado para brincar com meus sentimentos, eu não iria brincar. Eu dei a ele um olhar altivo e virei de costas enquanto andava até o balcão. Eu pedi um

chá e uma bomba de chocolate. Depois de segundos considerando, eu pedi um segundo chá. Eu tinha o pressentimento de que esse seria um daqueles dias.

Meu plano era comer lá fora, mas eu olhei em direção as janelas escuras, e consegui ver, por pouco, pingos de chuva batendo no vidro. Merda. Eu brevemente considerei lutar contra o tempo e ir para algum lugar com minha comida, mas eu decidi que não iria deixar Dimitri me espantar. Olhando uma mesa longe dele, em fui em direção dela, saindo do meu caminho para não olhar ou reconhecer ele.

“Hey, Rose. Você vai para o Conselho hoje?”

Eu parei. Um dos guardiões de Dimitri tinha parado, me dando um sorriso amigável quando o fez. Eu não lembrava o nome do cara, mas sempre que passávamos na frente um do outro ele parecia gentil. Eu não queria ser grossa, então, relutantemente, eu respondi – embora isso significasse ficar perto de Dimitri.

“Yup,” eu disse, me certificando que minha atenção estivesse no guardião. “Só estou pegando algo para comer antes de ir.”

“Eles vão deixar você entrar?” perguntou outros dos guardiões dele. Ele também estava sorrindo. Por um momento, eu pensei que

eles estavam gozando da minha última explosão. Mas não... não era isso. Seus rostos mostravam aprovação.

“Essa é uma excelente pergunta,” eu admiti. Eu comi um pedaço da minha bomba. “Mas acho melhor tentar. Eu também vou tentar me comportar.”

O primeiro guardião riu. “Eu certamente espero que não. O grupo merece todo o pesar que você possa dar a eles e sua estúpida lei sobre a idade.” O outro guardião acenou.

“Que lei sobre idade?” perguntou Dimitri.

Relutantemente, eu olhei para ele. Como sempre, ele tirou meu folego. Pare com isso, Rose, eu me xinguei. Você está com raiva dele, lembra? E agora você escolheu Adrian.

“O decreto onde o pessoal da realeza acha que mandar dhampirs de dezesseis anos lutar com Strigoi é a mesma coisa que mandar eles com dezoito,” eu disse. Eu dei outra mordida.

Dimitri se levantou tão rápido que eu quase me afoguei com minha comida.

“Que garotos de dezesseis anos vão lutar contra Strigoi?” Os guardiões dele ficaram tensos, mas não fizeram nada.

Eu levei um momento para engolir. Quando eu finalmente consegui falar, eu quase estava com medo de fazê-lo. “Esse é o decreto. Os dhampirs se formam quando tem 16 anos agora.”

“Quando isso aconteceu?” ele exigiu saber.

“No outro dia. Ninguém te disse?” Eu olhei para os guardiões. Um deles deu de ombros. Eu tinha a impressão que eles podiam acreditar que Dimitri era realmente dhampir mas não estavam prontos para conversar com ele. O único contato social dele teria sido Lissa e seus interrogadores.

“Não.” A testa de Dimitri franziu enquanto ele ponderava as notícias.

Eu comi minha bomba em silêncio, esperando que isso o forçasse a falar mais. E o fez.

“Isso é loucura,” ele disse. “Deixando de lado a moralidade, eles não estão prontos tão cedo. É suicídio.”

“Eu sei. Tasha deu um bom argumento contra. Eu também.”

Dimitri me olhou de forma suspeita naquela última parte, particularmente quando alguns dos guardiões dele sorriram.

“Foi uma votação apertada?” Ele falava num estilo de interrogatório, de uma forma séria e focada que o definia como guardião. Era muito melhor do que uma depressão, eu decidi. Também era melhor do que ele me dizendo para ir embora.

“Muito. Se Lissa pudesse votar, não teria passado.”

“Ah,” ele disse, brincando com a beira do seu copo de café. “O quorum.”

“Você sabe disso?” eu perguntei surpresa.

“É uma lei Moroi conhecida.”

“Foi o que ouvi.”

“O que a oposição está tentando fazer? Convencer o Conselho ou fazer Lissa Dragomir votar?”

“Ambos. E outras coisas.”

Ele balançou sua cabeça, colocando o cabelo por trás da orelha. “Eles não podem fazer isso. Eles precisam escolher uma causa e ir com tudo usando ela. Lissa é a escolha mais inteligente. O Conselho precisa dos Dragomir de volta, e eu vi a forma como as pessoas olharam para ela quando eles me colocaram a mostra.” Um leve tom de amargura pairava em suas palavras, indicando como ele se sentia em relação a isso. Então ele voltou a ação. “Não seria difícil conseguir apoio para isso – se eles não dividirem seus esforços.”

Eu comecei a beber meu segundo chá, esquecendo sobre minha resolução de ignorar ele. Eu não queria distrair ele do assunto. Ele era a primeira coisa que tinha trazido o velho fogo de volta a seus olhos, a única coisa que pareceu realmente interessá-lo – bem, fora jurar devoção para Lissa e dizendo para eu ficar longe da sua vida. Eu gostava desse Dimitri.

Ele era o mesmo Dimitri de muito tempo atrás, o feroz que estava disposto a arriscar sua vida pelo que era certo. Eu quase desejei que ele voltasse a ser aquele Dimitri irritante e distante, o que tinha me dito para ficar longe. Ver ele agora trouxe de volta lembranças demais – sem mencionar a atração que eu pensei ter esmagado. Ele tinha aquela mesma intensidade de quando lutamos juntos. Mesmo quando transamos. Essa era a forma como Dimitri supostamente deveria ser: poderoso e no comando. Eu estava feliz e ainda sim... ver ele do jeito que eu amava só fez meu coração se sentir muito pior. Ele estava perdido para mim.

Se Dimitri adivinhou meus sentimentos, ele não demonstrou. Ele olhou diretamente para mim e, como sempre, o poder daquele olhar me envolveu. “A próxima vez que você ver Tasha, pode dizer para ela vir falar comigo? Precisamos conversar sobre isso.”

“Então, Tasha pode ser sua amiga, mas eu não?” A voz afiada tinha escapado antes de eu poder impedir. Eu corei, envergonhada por ter tido um lapso na frente dos outros guardiões. Dimitri aparentemente também não queria uma platéia. Ele olhou para aquele que tinha, inicialmente, se dirigido a mim.

“Nós podemos ter um pouco de privacidade?”

A escolta dele trocou olhares, e então, quase como um ser, eles foram para trás. Não era uma distância considerável, e eles ainda mantinham uma

segurança ao redor de Dimitri. Mesmo assim, era o bastante para nossa conversa não ser ouvida. Dimitri virou de volta para mim. Eu sentei.

“Você e Tasha são situação completamente diferentes. Ela pode seguramente ficar em minha vida. Você não.”

“E ainda sim,” eu disse jogando meu cabelo para trás, com raiva, “aparentemente não tem problema eu ficar na sua vida quando for conveniente – digamos, tipo, para fazer tarefas, ou passar mensagens.”

“Não parece que você precisa de mim em sua vida,” ele disse secamente, inclinando sua cabeça levemente em direção ao meu ombro direito.

Eu levei um segundo para entender o que tinha acontecido. Ao jogar meu cabelo, eu expus meu pescoço – e a mordida. Eu tentei não corar de novo, sabendo que eu não tinha nada para me sentir envergonhada. Eu coloquei o cabelo de volta no lugar.

“Isso não é da sua conta,” eu assoviei, esperando que os outros guardiões não tivessem visto.

“Exatamente.” Ele soava triunfante. “Porque você precisa viver sua própria vida, bem longe de mim.”

“Oh, pelo amor de Deus,” eu exclamei. “Dá pra parar com o –”

Meus olhos se ergueram do rosto porque um exército de repente veio até nós.

Ok, não era exatamente um exército, mas podia muito bem ser. Num minuto era apenas Dimitri, eu, e a segurança dele, e de repente – o lugar estava cheio de guardiões. E não apenas quaisquer guardiões. Eles usavam as roupas preto-e-branco que eram utilizadas em ocasiões formais, mas um pequeno botton vermelho em seus colarinhos que marcavam eles como sendo especificamente guardas da rainha. Tinha que ter pelo menos 20 deles.

Eles eram letais e mortais, os melhores dos melhores. Ao longo da história, assassinos que atacaram os monarcas se encontraram rapidamente sendo derrubados pela guarda real. Eles eram os andarilhos da morte – e estavam todos ao nosso redor reunidos. Dimitri e eu levantamos, incertos do que estava acontecendo mas certos de que a ameaça era dirigida a nós. A mesa dele e as duas cadeiras estavam entre nós, mas nós ainda entramos no modo de batalha de quando ficávamos cercados por inimigos: ficar de costas um para o outro.

A segurança de Dimitri usava roupas normais e parecia um pouco surpresa com o que viam, mas com a eficiência guardiã, a escolta

prontamente se juntou a guarda da rainha. Não havia mais sorrisos e piadas. Eu queria me jogar na frente de Dimitri, mas nessa situação, era meio difícil.

“Você precisa vir conosco agora mesmo,” um dos guardas da rainha disse. “Se resistir, vamos te levar a força.”

“Deixem ele em paz!” eu gritei, olhando rosto por rosto. Aquela negra raiva explodiu dentro de mim. Como eles podiam ainda não acreditar? Porque eles ainda estavam indo atrás dele? “Ele não fez nada! Porque vocês não podem aceitar que ele é um dhampir agora?”

O homem que falou arqueou uma sobrancelha. “Eu não estava falando com ele.”

“Você... você está aqui para me pegar?” eu perguntei. Eu tentei pensar em algum espetáculo novo que eu pudesse ter feito recentemente. Eu considerei a ideia maluca que a rainha tinha descoberto que eu passei a noite com Adrian e estava irritada por causa disso. Isso dificilmente era o bastante para mandar a guarda do palácio atrás de mim... ou era? Eu realmente tinha ido longe demais?

“Por quê?” exigiu Dimitri. O corpo alto e maravilhoso dele – o que podia ser tão sensual às vezes – estava cheio de tensão e ameaça agora.

O homem continuou a me olhar, ignorando Dimitri. “Não me obrigue a repetir: venha com nós quieta, ou vamos te obrigar.” O vislumbre de algemas apareceu em sua mão.

Meus olhos se alargaram. “Isso é loucura! Eu não vou a lugar nenhum até que me diga o que diabos isso –”

Esse foi o momento em que eles aparentemente decidiram que eu não iria quieta. Dois dos guardas reais foram para cima de mim, e embora tecnicamente trabalhássemos para o mesmo lado, meus instintos tomaram conta. Eu não estava entendendo nada aqui, a não ser que eu não iria ser arrastada para longe como algum tipo de criminosa. Eu empurrei a cadeira em que eu estive sentada antes em

um dos guardiões e mirei um soco no outro. Foi um lance desajeitado, pior porque ele era mais alto que eu. A diferença de peso me permitiu esquivar da próxima vez que ele tentou me agarrar, e quando eu chutei a perna dele com força, um pequeno gemido me disse que eu acertei em cheio.

Eu ouvi alguns gritos. As pessoas trabalhando no café se abaixaram atrás do balcão como se esperassem que armas automáticas fossem sacadas. Os outros

que estavam comendo café saíram de suas mesas, derrubando comida e pratos. Eles correram para as saídas – saídas que estavam bloqueadas por mais guardiões. Isso trouxe mais gritos, embora as saídas estivessem fechadas por minha causa.

Enquanto isso, outros guardiões estavam se juntando ao grupo. Embora eu tenha dado alguns bons socos, eu sabia que os números eram demais. Um guardião agarrou meu braço, e começou a tentar colocar as algemas em mim. Ele parou quando outro par de mãos, me agarrou do outro lado e me afastou.

Dimitri.

“Não toque nela,” ele rosnou.

Havia um tom na voz dele que teria me assustado se fosse dirigida a mim. Ele me empurrou para trás dele, colocando seu corpo protetoramente na frente do meu com minhas costas para a mesa. Guardiões nos atacaram de todas as direções, e Dimitri começou a se livrar deles com a mesma graça mortal que uma vez tinha feito as pessoas chamarem ele de Deus. Ele não matou nenhum dos que ele lutou, mas ele se certificou que eles ficassem incapacitados. Se alguém achava que virar um Strigoi ou ficar preso tinha diminuído a capacidade de luta dele, eles estavam terrivelmente enganados. Dimitri era uma força da natureza, conseguindo me impedir toda vez que eu tentava me juntar à luta. A guarda da rainha podia ser o melhor do melhor, mas Dimitri... bem, meu ex amante e instrutor tinha uma categoria própria. As habilidades de luta dele estavam além de qualquer pessoa, e ele as estava usando para me defender.

“Fique para trás,” ele me ordenou. “Eles não vou encostar um dedo em você.”

A princípio, eu fiquei surpresa com a proteção dele – embora eu odiasse não ser parte da luta. Ver ele lutar de novo também era algo surpreendente. Ele tinha um ar lindo e gracioso ao mesmo tempo. Ele era um exército de um homem, o tipo de guerreiro que protege seus amados e trás terror aos seus inimigos –

E foi então que uma terrível revelação me atingiu.

“Pare!” Eu de repente gritei. “Eu vou! Eu vou com você!”

Nenhum deles me ouviu a princípio. Eles estavam muito envolvidos na luta.

Os guardiões ficavam tentando chegar por trás de Dimitri, mas ele parecia sentir eles e empurrava cadeiras e qualquer outra coisa que pudesse usar para

segurar eles – enquanto ainda conseguia chutar e socar aqueles que vinham em nossa direção. Quem sabia? Talvez ele realmente pudesse derrubar um exército sozinho.

Mas eu não podia deixar.

Eu chacoalhei o braço de Dimitri. “Pare,” eu repeti. “Não lute mais.”

“Rose –”

“Pare!”

Eu estava certa que eu nunca gritei uma palavra tão alto em toda a minha vida. Ela ecoou pelo lugar. Até onde eu sabia, ela ecoou por toda a Corte.

Isso não fez, exatamente, todo mundo parar, mas muitos guardiões diminuíram a velocidade. Alguns dos trabalhadores do café nós observavam por cima dos balcões. Dimitri ainda estava em movimento, ainda pronto para derrubar todos, e eu tive que praticamente me jogar nele para fazer ele me notar.

“Pare.” Dessa vez, minha voz foi um sussurro. Um silêncio agitado tinha caído em cima de todos. “Não lute mais com eles. Eu vou com eles.”

“Não. Eu não vou deixar eles te levarem.”

“Você precisa,” eu implorei.

Ele estava respirando com força, cada parte dele pronta para atacar. Nós nos encaramos, e centenas de mensagens pareceram passar entre nós enquanto a velha eletricidade estalava no ar. Eu só esperava que ele entendesse a mensagem certa.

Um dos guardas tentou ir para frente – tendo que passar pelo corpo inconsciente do seu colega – e a tensão de Dimitri aumentou. Ele começou a bloquear o guardião e a me defender de novo, mas eu me coloquei entre eles, segurando a mão de Dimitri e ainda olhando nos olhos dele. A pele dele era quente e parecia tão, tão certo tocá-la.

“Por favor. Não mais.”

Eu vi então, que ele finalmente entendeu o que eu estava tentando dizer. As pessoas ainda tinham medo dele. Ninguém sabia o que ele era. Lissa tinha dito que ele se comportar calmamente e normalmente iria ajudar seus medos.

Mas isso? Ele derrubar um exército de guardiões? Isso não ia fazer ele ganhar pontos por bom comportamento.

Até onde eu sabia, já era tarde demais, depois disso, mas eu tinha que tentar controlar os danos. Eu não podia deixar eles o prenderem de novo – não por minha causa.

Enquanto ele me olhava, ele mandou uma mensagem própria: que ele ainda iria lutar por mim, que ele iria lutar até cair para manter eles longe de mim.

Eu balancei a cabeça e apertei, parcialmente, sua mão. Seus dedos eram exatamente como eu lembrava, longos e graciosos, com calosidades por causa dos anos de treinamento. Eu o soltei e virei

para encarar o cara que tinha originalmente falado. Eu assumi que ele era um tipo de líder.

Eu ergui minhas mãos e lentamente fui para frente. “Eu vou quieta. Mas, por favor... não o prendam. Ele só pensou... ele só pensou que eu estava com problemas.”

O negócio é, conforme as algemas eram colocadas nos meus pulsos, eu estava começando a achar que eu estava com problemas também. Conforme os guardiões se ajudavam, o líder deles respirou fundo e fez a proclamação que ele tentou fazer desde que chegou. Eu engoli, esperando ouvir o nome de Victor.

“Rose Hathaway, você está presa por alta traição.”

Não era bem o que eu esperava. Esperando que a minha submissão tivesse me dado alguns pontos, eu perguntei, “Que tipo de alta traição?”

“O assassinato de Vossa Majestade Real, Rainha Tatiana.”

# VINTE E SEIS

Talvez fosse algum tipo de senso de humor perturbado, mas eu acabei na cela – vaga – de Dimitri.

Eu tinha ido sem fazer barulho depois que o guardião leu minha acusação. Na verdade, eu fiquei em pasmad porque tanto do que ele tinha dito era impossível de processar. Eu nem conseguia chegar na parte sobre mim. Eu não conseguia sentir ultraje ou indignação pela acusação porque eu ainda estava presa na parte de Tatiana estar morta.

Não apenas morta. Assassinada.

Assassinada?

Como isso aconteceu? Como tinha acontecido aqui? Essa Corte era um dos lugares mais seguros do mundo, e Tatiana, em particular, sempre era guardada – pelo mesmo grupo que tinha atacado Dimitri e eu tão rapidamente. A não ser que ela deixasse a Corte – e eu tinha certeza que ela não tinha – nenhum Strigoi podia matar ela aqui. Com as constantes ameaças que enfrentamos, assassinato entre dhampis e Moroi quase não existia. Claro, acontecia. Era inevitável em qualquer sociedade, mas com a forma como a nossa era caçada, nós raramente tínhamos tempo para nos voltar uns contra os outros (fora as gritarias dos membros do Conselho). Esse era parte do motivo do porque Victor foi tão condenado. Seus crimes eram o máximo que as coisas poderiam ficar de ruins.

Até agora.

Assim que superei a impossível ideia de Tatiana estar morta, eu fui capaz de fazer a verdadeira pergunta: porque eu? Porque eles estavam me acusando? Eu não era advogada, mas eu tinha certeza que chamar alguém de hipócrita não era uma evidência forte num julgamento.

Eu tentei conseguir mais detalhes dos guardas do lado de fora da minha cela, mas eles permaneceram com o rosto duro e em silêncio. Depois de deixar minha voz rouca de tanto gritar, eu sentei na cama e fui para a mente de Lissa, onde eu certamente conseguiria mais informações.

Lissa estava frenética, tentando conseguir respostas com qualquer um que pudesse. Christian ainda estava com ela, e eles estavam dentro do foyer de um dos prédios administrativos, que estava muito movimentado. Tanto dhampirs quanto Moroi corriam pra todo lado, alguns assustados com essa nova

instabilidade no governo e outros esperando tomar vantagem com ela. Lissa e Christian estavam parados no meio de tudo, como folhas varridas em na fúria de uma tempestade.

Embora Lissa agora fosse, tecnicamente, uma adulta, ela sempre esteve debaixo da asa de alguém mais velho na Corte – normalmente Priscilla Voda, e ocasionalmente até Tatiana. Nenhuma delas estava disponível agora, por motivos óbvios. Enquanto muitos da realeza a respeitavam, Lissa não tinha uma fonte a recorrer.

Vendo a agitação dela, Christian bateu sua mão. “Tia Tasha vai saber o que está acontecendo,” ele disse. “Ela vai aparecer mais cedo ou mais tarde. Você sabe que ela não vai deixar nada acontecer com Rose.”

Lissa sabia que havia uma certa incerteza naquela afirmação mas não disse nada. Tasha podia não querer que nada acontecesse comigo, mas ela certamente não era toda poderosa.

“Lissa!”

A voz de Adrian vez Lissa e Christian virarem. Adrian tinha acabado de entrar, junto com sua mãe. Adrian parecia que tinha ido direto do meu quarto para lá. Ele usava as roupas de ontem, levemente amassadas, e seu cabelo estava arrumado com nenhum pouco do cuidado normal. Em comparação, Daniella parecia arrumada e íntegra, a figura perfeita de uma mulher de negócios que não tinha perdido sua feminilidade.

Finalmente! Aqui estavam as pessoas que poderiam ter respostas. Lissa correu até eles agradecida.

“Graças a Deus,” Lissa disse. “Ninguém nos diz o que aconteceu... só que a rainha está morta e Rose presa.” Lissa olhou para Daniella implorando. “Me diga que houve algum tipo de erro.”

Daniella deu tapinhas no ombro de Lissa e um olhar de conforto, dadas às circunstâncias. “Temo que não. Tatiana foi morta ontem à noite, e Rose é a principal suspeita.”

“Mas ela nunca faria isso!” exclamou Lissa.

Christian se juntou a ela em sua fúria. “Ela gritar com o Conselho aquele dia não é o bastante para condenar ela por assassinato.” Ah, Christian e eu tínhamos a mesma linha de pensamento. Era quase assustador. “Nem invadir a Vigília dos Mortos.”

“Você tem razão. Não é o bastante,” concordou Daniella. “Mas também não a faz ficar bem. E aparentemente, eles tem outras evidências que prova a culpa dela.”

“Que tipo de evidências?” Lissa exigiu.

Daniella ficou apoplética. “Eu não sei. Isso ainda é parte da investigação. Eles vão ter uma audiência para mostrar a evidência e questionar ela sobre seu paradeiro, possíveis motivos... esse tipo de coisa.” Ela olhou ao redor, para as pessoas correndo. “Se chegarem tão longe. Esse tipo de coisa... não acontece há séculos. O Conselho ganha absoluto controle até que um novo monarca seja eleito, mas ainda tem caos. As pessoas estão com medo. Eu não ficaria surpresa se o Conselho entrasse em lei marcial.”

Christian virou para Lissa, esperança em seu rosto. “Você viu Rose ontem à noite? Ela estava com você?”

Lissa franziu. “Não. Eu acho que ela estava no quarto. A última vez que a vi foi onteontem.”

Daniella não pareceu contente com isso. “Isso não vai ajudar. Se ela estava sozinha, então ela não tem álibi.”

“Ela não estava sozinha.”

Três pares de olhos viraram na direção de Adrian. Era a primeira vez que ele falava desde que tinha chamado Lissa. Lissa não tinha se focado nele muito, o que significava que eu também não tinha. Ela só observou sua aparência superficial quando ele chegou, mas agora ela podia ver os pequenos detalhes. Preocupação e estresse deixavam marcas, fazendo ele parecer mais velho do que era. Quando ela viu a aura dele, ela viu o dourado normal de um usuário de espírito, mas haviam outras cores enlameadas e tingidas com escuridão. Havia um vacilo ali também, um aviso da instabilidade do espírito assumindo controle. Isso tudo tinha acontecido rápido demais para ele reagir, mas eu suspeitava que ele iria para os cigarros e bebida assim que tivesse um momento livre. Era assim que Adrian lidava com esse tipo de coisa.

“O que você está dizendo?” Daniella perguntou prontamente.

Adrian deu de ombros. “Ela não estava sozinha. Eu fiquei com ela a noite toda.”

Lissa e Christian fizeram um bom trabalho em manter suas expressões neutras, mas o rosto de Daniella registrou choque por um pai ter que ouvir a vida sexual do seu filho. Adrian notou a reação dela também.

“Me poupe,” ele avisou. “Sua moral, suas opiniões... nada importa agora.” Ele gesticulou em direção ao grupo de pessoas em pânico correndo, gritando sobre como Victor Dashkov certamente viria para Corte matá-los. Adrian balançou sua cabeça e voltou para sua mãe. “Eu estava com Rose. Isso prova que ela não fez isso. Vamos lidar com sua desaprovação de mãe em relação a minha vida amorosa mais tarde.”

“Não é isso que me preocupa! Se eles tiverem evidências que você está envolvido com isso, eles podem te colocar sob suspeita também.” A postura com a qual Daniella tinha entrado estava começando a se partir.

“Ela era minha tia,” gritou Adrian incrédulo. “Porque diabos Rose e eu iríamos matá-la?”

“Porque ela não aprovava o namoro de vocês. E porque Rose estava chateada com a lei da idade.” Isso veio de Christian. Lissa encarou, mas ele meramente deu de ombros. “O que? Só estou dizendo o óbvio. Alguém diria se não fosse eu. E todos ouvimos as histórias – as pessoas tem inventado coisas que são extremas até para Rose.” Um forte comentário de fato.

“Quando?” perguntou Daniella, agarrando a manga de Adrian. “Quando você esteve com Rose? Quando você foi até ela?”

“Eu não sei. Eu não lembro,” ele disse.

Ela apertou com mais força. “Adrian! Leve isso a sério. Isso vai fazer uma enorme diferença em como as coisas vão proceder. Se você chegou lá antes de Tatiana ser morta, então você não será ligado ao assassinato. Se você ficou com Rose depois –”

“Então ela tem um álibi,” ele interrompeu. “E não tem problema.”

“Eu espero que isso seja verdade,” murmurou Daniella. Os olhos dela não pareceram mais se focar nos meus amigos. As engrenagens na cabeça dela estavam girando, os pensamentos dela pulando a frente enquanto ela pensava na melhor forma de proteger seu filho. Eu era um caso infeliz para ela. Ele era, compreensivelmente, um alerta vermelho. “Ainda vamos ter que te conseguir um advogado. Eu vou conversar com Damon. Eu tenho que achar ele antes da audiência hoje à noite. E Rufus vai ter que saber sobre isso também. Merda.” Adrian arqueou a sobrancelha ao ouvir isso, eu tinha a impressão que Lady

Ivashkov não falava palavras muito freqüentemente. “Temos que descobrir que horas você esteve lá.”

O estresse de Adrian ainda o envolvia como uma capa, e parecia que ele poderia cair se não encontrasse nicotina ou bebidas logo. Eu odiei ver ele assim, particularmente por minha causa. Havia força nele, sem dúvidas, mas sua natureza – e os efeitos do espírito – dificultavam para ele lidar com isso. Ainda sim, apesar de sua agitação, ele conseguiu pensar em algo para ajudar sua frenética mãe.

“Havia alguém no lobby do prédio quando eu cheguei... um faxineiro ou algo assim, eu acho. Mas ninguém na recepção.” A maioria dos prédios normalmente tem empregados caso haja uma emergência ou um porteiro.

O rosto de Daniella se iluminou. “É isso. É o que precisamos. Damon vai descobrir a hora que você foi lá para que possamos te livrar disso.”

“Então ele pode me defender se as coisas ficarem ruins?”

“É claro,” ela respondeu duramente.

“E quanto a Rose?”

“O que tem ela?”

Adrian ainda parecia pronto para se despedaçar, mas havia uma seriedade e foco em seus olhos. “Se você descobrir que Tia Tatiana foi morta antes de eu estar lá, e Rose for jogada para os lobos sozinhos, Damon será advogado dela?”

A mãe dele desanimou. “Oh, bem, querido... Damon não faz esse tipo de coisa...”

“Ele fará se você pedir para ele,” disse Adrian firmemente.

“Adrian,” ela disse duramente, “Você não sabe do que está falando. Eles dizem que as evidências contra ela são fortes. Se nossa família mostrar apoio –”

“Não é como se estivéssemos apoiando um assassino! Você conheceu Rose. Você gostou dela. Você pode me olhar nos olhos e dizer que não tem problemas para ela entrar com qualquer defesa tosca que eles derem para ela? Você pode?”

Daniella ficou branca, e eu juro, ela até recuou um pouco. Eu acho que ela não está acostumada a essa furiosa resolução de seu filho demônio. E embora

as palavras dele fossem perfeitamente sãs, havia um tipo de desespero maluco em sua voz e atitude que era um pouco assustadora. Se era causada por espírito ou sua própria emoção, eu não sabia dizer.

“Eu... eu vou falar com Damon,” Daniella disse finalmente. Ela teve que engolir algumas vezes antes de conseguir falar.

Adrian respirou fundo e uma parte daquela fúria se foi. “Obrigado.”

Ela se afastou, desaparecendo na multidão deixando Adrian sozinho com Christian e Lissa. Os dois pareciam um pouco menos surpresos que Daniella.

“Damon Tarus?” Lissa supôs. Adrian acenou.

“Quem é esse?” perguntou Christian.

“O primo da minha mãe,” disse Adrian. “O advogado da família. Um verdadeiro tubarão. Meio desprezível também, mas ele pode tirar qualquer um de qualquer coisa.”

“Isso é algo, eu suponho,” disse Christian. “Mas ele é bom o bastante para brigar contra essa suposta evidência?”

“Eu não sei. Eu não sei mesmo.” Adrian distraidamente pôs a mão no bolso, o lugar normal dos cigarros, mas ele não tinha nenhum hoje. Ele suspirou. “Eu não sei qual é essa evidência ou como Tia Tatiana sequer morreu. Tudo que ouvi é que eles encontraram ela morta essa manhã.”

Lissa e Christian trocaram olhares. Christian deu de ombros, e Lissa se voltou para Adrian, assumindo o papel de mensageira.

“Uma estaca,” disse Lissa. “Eles encontraram ela na cama com uma estaca em seu coração.”

Adrian não disse nada, e sua expressão não mudou. Ocorreu a Lissa que em toda essa conversa sobre inocência, evidências, e advogados, todo mundo meio que relevou o fato de que Tatiana era a tia-avó de Adrian. Ele não tinha aprovado algumas das decisões dela e fez muitas piadas sobre ela, pelas costas. Mas ela ainda era família dele, alguém que ele conheceu por toda sua vida. Ele tinha que estar sentindo dor por sua perda, mais do que todo mundo. Até eu me senti um pouco dividida. Eu a odiava pelo que ela tinha feito para mim, mas eu nunca a quis morta. E eu não conseguia me

impedir de lembrar que ela ocasionalmente falava como uma pessoa de verdade. Talvez fosse falso, mas eu tinha certeza que ela foi sincera na noite que passou na casa dos Ivashkov. Ela

foi cansada e pensativa, na maior parte se preocupando em trazer paz a seu povo.

Lissa observou Adrian partir, simpatia e pesar passando por ela. Christian gentilmente bateu no braço dela. "Vem," ele disse. "Descobrimos o que precisávamos saber. Aqui estamos no caminho."

Se sentindo impotente, Lissa deixou ele a guiar para fora, se desviando de mais pessoas em pânico. O laranja de um sol se pondo deu a todas as árvores e folhas um tom dourado, e quente. Havia muitas pessoas do lado de fora quando voltamos no armazém com Dimitri, mas não era nada comparado a isso. As pessoas estavam zumbindo com medo, correndo para contar as notícias. Algumas já estavam de luto, vestindo preto, com lágrimas em seus rostos. Eu me perguntei o quanto disso era real. Mesmo na tragédia e crime, a realeza poderia estar buscando poder.

E cada vez que ela ouvia meu nome, Lissa ficava com mais e mais raiva. Era a má raiva também, o tipo que parecia uma fumaça negra em nosso calo e que geralmente fazia ela surtar. Era a maldição do espírito.

"Não consigo acreditar nisso!" ela exclamou para Christian. Eu notei, mesmo que ela não tenha, que ele se apressou para levar ela em um lugar onde não tivessem muitas pessoas. "Como alguém pode pensar isso de Rose? É uma armadilha. Tem que ser."

"Eu sei, eu sei," ele disse. Ele também conhecia os sinais do perigo do espírito e estava tentando acalmar ela. Eles chegaram numa área pequena e gramada a sombra de uma enorme árvore e sentaram no chão. "Nós sabemos que ela não fez isso. É só isso que importa. Vamos provar. Ela não pode ser punida por algo que não fez."

"Você não conhece esse grupo," murmurou Lissa. "Se alguém quer pegar ela, eles podem fazer todo tipo de coisa ser possível."

Com apenas a mais fraca sensação, eu tirei um pouco da escuridão dela para mim, tentando acalmá-la. Infelizmente, isso só me deixou com mais raiva.

Christian riu. “Você esqueceu. Eu cresci nesse grupo. Eu fui para a escola com esse tipo de garotos. Eu os conheço – mas não vamos entrar em pânico até sabermos mais, ok?”

Lissa suspirou, se sentindo muito melhor. Eu ia tomar escuridão demais se não tomasse cuidado. Ela deu a Christian um pequeno e tentador sorriso.

“Eu não lembro de você ser tão razoável antes.”

“É só porque todo mundo tem diferentes definições do que é razoável. A minha é só mal compreendida, só isso.” A voz dele era imponente.

“Eu acho que você deve ser muito incompreendido,” ela riu.

Os olhos dele seguraram os dela, e o sorriso rosto dele se transformou em algo quente e suave. “Bem, eu espero que isso não seja um mal entendido, caso contrário, eu posso levar um soco.”

Se inclinando, ele levou seus lábios até os dela. Lissa respondeu com nenhuma hesitação ou pensamento, se perdendo na doçura do beijo. Infelizmente, eu estava sendo levada junto. Quando eles finalmente se afastaram, Lissa sentiu seu ritmo cardíaco aumentar e suas bochechas coraram.

“Isso foi definição do que exatamente?” ela perguntou, revivendo como ela tinha sentido a boca dele.

“Significa ‘eu sinto muito’,” ele disse.

Ela olhou para longe nervosamente agarrando um pouco da grama. Finalmente, com um suspiro, ela olhou para cima. “Christian... algum dia... algum dia houve algo entre você e Jill? Ou Mia?”

Ele encarou surpreso. “O que? Porque você acha isso?”

“Você passou tanto tempo com elas.”

“Só tem uma pessoa que eu já quis,” ele disse. A firmeza de seu olhar, aqueles olhos azuis cristalinos, não deixou dúvidas de quem era essa pessoa. “Mais ninguém nem chegou perto. Apesar de tudo, mesmo com Avery –”

“Christian, sinto tanto por aquilo –”

“Você não precisa –”

“Eu preciso –”

“Merda,” ele disse. “Dá para me deixar terminar uma fra –”

“Não,” Lissa interrompeu. E ela se inclinou e o beijou, um beijo forte e poderoso que queimou através do corpo dela, um que disse para ela que não havia mais ninguém no mundo para ela também.

Bem. Aparentemente Tasha tinha razão; eu era a única que podia juntar os dois. Eu só não esperava que minha prisão tivesse um papel nisso.

Eu me afastei da mente dela para dar a eles alguma privacidade e me poupar de ver eles se pegarem. Eu não invejei o momento deles. Não havia nada que nenhum deles poderia fazer por mim no momento, e eles mereciam sua reunião. A única ação deles era esperar por mais informação, e na verdade, o método deles de passar o tempo era muito mais saudável do que Adrian provavelmente estava fazendo.

Eu deitei na cama e encarei o teto. Não havia nada a não ser metal e cores neutras ao meu redor. Isso me deixou maluca. Eu não tinha nada para ver, nada para ler. Eu me senti como um animal preso numa jaula. A cela parecia ficar cada vez menor. Tudo que eu podia fazer era repassar o que eu descobri via Lissa, analisando cada palavra do que tinha sido dito. Eu tinha perguntas em relação a tudo, é claro, mas a única coisa que me marcou foi ouvir Daniella mencionar a audiência. Eu precisava saber mais sobre isso.

Eu consegui minha resposta – horas mais tarde.

Eu caí em algum tipo de atordoamento e quase não reconheci Mikhail parado na frente da minha cela. Eu pulei da minha cama até

a grade e vi que ele estava destrancando a porta. Esperança passou por mim.

“O que está acontecendo?” eu perguntei. “Eles estão me soltando?”

“Temo que não,” ele disse. Seu ponto foi provado quando, depois de abrir a porta, ele prontamente pôs minhas algemas. Eu não resisti. “Estou aqui para te levar pra sua audiência.”

Entrando no corredor, eu vi outros guardiões reunidos. Minha própria segurança. Um espelho de Dimitri. Que ótimo. Mikhail e eu andamos juntos, e misericordiosamente, ele falou no caminho ao invés de manter aquele terrível silêncio que parecia ser comum no tratamento de prisioneiros.

“O que exatamente é essa audiência? Um julgamento?”

“Não, não. Muito cedo para um julgamento. Uma audiência decide se você vai para julgamento.”

“Isso parece uma perda de tempo,” eu apontei. Nós saímos do prédio dos guardiões, e aquele ar fresco foi a coisa mais doce que já provei.

“É uma enorme perda de tempo se você vai a julgamento, e eles percebem que não existe caso. Na audiência, eles vão mostrar todas as evidências que tem, e um juiz – ou, bem, alguém agindo como juiz – vai decidir se você deve ter um julgamento. O julgamento torna oficial. É nele que eles dão o veredicto e o punimento.”

“Porque eles levaram tanto tempo para fazer uma audiência? Porque eles me fizeram esperar o dia todo numa cela?”

Ele riu, mas não porque ele achava engraçado. “Isso é rápido, Rose. Muito rápido. Pode levar dias ou semanas para ter uma audiência, e se você for a julgamento, você vai ficar presa até lá.”

Eu engoli. “E vai ser rápido também?”

“Eu não sei. Nenhum monarca foi assassinado há quase 100 anos. As pessoas estão malucas, e o Conselho quer estabelecer ordem. Eles já estão fazendo enormes planos para o funeral da

rainha – um espetáculo gigante que vai distrair todos. Sua audiência também é uma tentativa de estabelecer ordem.”

“O que? Como?”

“Quanto eles condenarem o assassino, mais seguro eles vão se sentir. Eles pensam que as provas contra você são solidas, eles só querem apressar tudo. Eles querem que você seja culpada. Eles querem enterrar ela sabendo que sua assassina está indo à justiça, para que todos possam dormir tranquilos quando o novo rei ou rainha for eleito.”

“Mas eu não –” eu parei de negar. Não havia por que.

Na nossa frente, estava o prédio onde ficava o tribunal. Ele tinha parecido assustador da primeira vez que estive aqui, para o julgamento de Victor, mas isso era por causa do medo das lembranças que ele me provocou. Agora... agora era meu próprio futuro em jogo. E aparentemente não apenas só o meu futuro – o mundo Moroi estava observando e esperando, esperando que eu fosse uma vilã que poderia ser presa seguramente para sempre. Engolindo, eu dei a Mikhail um olhar nervoso.

“Você acha... você acha que eles vão me mandar para o julgamento?”

Ele não respondeu. Um dos guardas abriu a porta para nós.

“Mikhail?” eu urgi. “Eles realmente vão me colocar em julgamento por assassinato?”

“Sim,” ele disse simpaticamente. “Tenho certeza que eles vão.”

# VINTE E SETE

Entrar no Tribunal foi uma das experiências mais surreais da minha vida – e não apenas porque eu era a acusada. Eu ficava me lembrando do julgamento de Victor, e a ideia de que agora eu estava no lugar dele era simplesmente estranha demais para compreender.

Entrar com um grupo de guardiões fez as pessoas encararem – e acredite em mim, tinham muitas pessoas ali – então, naturalmente, eu não me encolhi ou pareci envergonhada. Eu andei com confiança, minha cabeça alta. De novo, eu tive aquele estranho flashback de Victor. Ele também tinha entrado confiante, e eu fiquei surpresa por alguém que tinha cometido os crimes que ele cometeu, se comportar desse jeito. Essas pessoas estavam pensando a mesma coisa sobre mim?

Na frente do tribunal estava sentada uma mulher que eu não reconheci. Entre os Moroi, o juiz entra normalmente com um advogado que fora designado para a posição para a audiência ou algo assim. O julgamento em si – pelo menos um grande, como o de Victor – era presidido pela rainha. Era ela quem dava a decisão final. Aqui, os membros do Conselho que decidiram até se eu chegaria a esse ponto. O julgamento torna oficial. É quando eles dão o veredicto e a punição.

Minha escolta me levou para um assento bem na frente, passando das barras que separavam os jogadores principais da audiência, e apontou para que eu fosse sentar num lugar perto de um Moroi de meia idade vestido com um terno preto muito formal. O terno gritava, desculpe que a rainha está morta, e eu vou continuar sendo fashion enquanto mostro meu pesar. Seu cabelo era de um loiro pálido, mostrando levemente os primeiros sinais de cabelos grisalhos. De alguma forma, ele fazia parecer bem. Eu presumi que esse era Damon Tarus, meu advogado, mas ela não disse uma palavra para mim.

Mikhail também estava sentado ao meu lado, e eu fiquei feliz por eles escolherem ele a ser aquele que, literalmente, não iria sair do meu lado. Olhando para trás, eu vi Daniella e Nathan Ivashkov sentados com outros Moroi da alta realeza e seus familiares. Adrian tinha escolhido não se juntar a eles. Ele estava sentado bem no fundo, com Lissa, Christian, e Eddie. Todos os seus rostos estavam cheios de preocupação.

O juiz – uma Moroi velha com cabelos grisalhos, parecia que ainda poderia arrasar – chamou a atenção de todos, e eu virei para encará-la de frente. O Conselho estava entrando, e ela os anunciou um por um. Dois bancos tinham

sido arranjados para eles, duas fileiras de seis com um décimo terceiro com as costas levantadas. É claro, só 11 dos lugares foram preenchidos, e eu tentei não fazer uma careta. Lissa deveria estar sentada ali.

Quando o Conselho se ajeitou, a juíza virou para nos encarar e falou numa voz que ecoou pelo lugar. “Essa audiência agora está em sessão, no qual determinaremos se existe evidências o bastante para –”

Uma intensa movimentação perto da porta cortou ela, e a platéia virou seus pescoços para ver o que estava acontecendo.

“O que é essa perturbação?” a juíza exigiu saber.

Um dos guardiões tinha deixado a porta parcialmente aberta e estava inclinado para fora, aparentemente conversando com quem quer que fosse que estava no corredor. Ele entrou no tribunal. “O advogado da acusada está aqui, Excelência.”

O juiz olhou para Damon e eu e ele demos um franzido para o guardião. “Ela já tem advogado.”

O guardião deu de ombros e parecia comicamente sem saber o que fazer. Se tivesse um Strigoi ali, ele saberia o que fazer. Uma bizarra interrupção de protocolo estava além das habilidades dele. A juíza suspirou.

“Tudo bem. Mande entrar quem quer que seja que está aí e vamos resolver isso.”

Abe entrou.

“Oh pelo amor de Deus,” eu disse em voz alta.

Eu não tive que me xingar por falar sem ser chamado porque um barulho de conversa imediatamente encheu o tribunal. Meu palpite era porque metade daquelas pessoas conheciam Abe e sua reputação. A outra metade provavelmente só estava surpresa com seu aparecimento.

Ele usava um terno cinza de cashmere, consideravelmente mais leve que o preto de Damon. Por baixo havia uma camisa que era de um branco tão brilhante, que parecia brilhar – particularmente contrastando com a brilhante gravata vermelha de seda que ele usava. Outros pontos vermelhos se espalhavam por sua roupa – um lenço no bolso, broches de rubi. Naturalmente, não era tão bem feita quanto à roupa cara de Damon. Mas Abe não parecia estar de luto. Ele nem parecia que estava vindo para um julgamento. Era mais

como se ele tivesse sido interrompido enquanto ia para uma festa. E, é claro, ele usava seus brincos dourados e barba preta.

A juíza silenciou o tribunal com o movimento de uma mão e ele foi até ela.

“Ibrahim Mazur,” ela disse, com um balanço de cabeça. Havia, igualmente, surpresa e desaprovação em sua voz. “Isso é... inesperado.”

Abe deu uma galanteadora reverência. “É adorável ver você de novo, Paula. Você não envelheceu nada.”

“Não estamos no country clube, Sr. Mazur,” ela informou a ele. “E enquanto estivermos aqui, você vai se dirigir a mim por meu título apropriado.”

“Ah. Certo.” Ele piscou. “Minhas desculpas, Excelência.” Virando, ele olhou ao redor até que seus olhos pairaram em mim. “Alí está ela. Desculpe por atrasar isso. Vamos começar.”

Damon levantou. "O que é isso? Quem é você? Em sou advogado dela."

Abe balançou a cabeça. "Deve ter havido algum engano. Eu demorei um tempo para conseguir um voo para cá, então posso entender porque vocês apontariam um advogado comunitário."

"Advogado comunitário!" O rosto de Damon ficou vermelho de indignação. "Eu sou um dos advogados mais renomados entre os Moroi americanos."

"Renomado, comunitário." Abe encolheu os ombros e se recostou. "Eu não julgo. Sem trocadilhos."

"Sr. Mazur," interrompeu a juíza, "você é advogado?"

"Sou muitas coisas Paula, – Excelência. Além do mais, importa? Ela só precisa de alguém para falar por ela."

"E ela tem alguém," exclamou Damon. "Eu."

"Não mais," disse Abe, seu temperamento ainda muito agradável. Ele nunca parou de sorrir, mas pensei ter visto um brilho perigoso em seus olhos que assustava tantos dos seus inimigos. Ele era o mar de paciência, enquanto Damon parecia que estava pronto para ter um ataque cardíaco.

"Excelência –"

"Chega!" ela disse naquela voz resoluta dela. "Deixe a garota escolher." Ela fixou seus olhos castanhos em mim. "Quem você quer que fale por você?"

"Eu..." Minha boca se abriu pela velocidade em que as atenções passaram para mim. Eu estive observando o drama entre os dois como se fosse uma partida de tênis, e agora a bola tinha me batido na cabeça.

"Rose."

Assustada, eu virei levemente. Daniella Ivashkov tinha aparecido atrás de mim. "Rose," ela sussurrou de novo, "você não faz ideia de quem aquele cara Mazur é." Oh, eu não fazia? "Você não vai querer nada com ele. Damon é o melhor. Ele não é fácil de se conseguir."

Ela voltou para seu assento, e eu olhei para o rosto dos meus dois advogados em potencial. Eu entendi o que Daniella quis dizer. Adrian tinha a convencido de conseguir Damon para mim, e ela teve que convencer Damon a fazer isso. Rejeitá-lo seria um insulto a ela, e considerando que ela era uma dos únicos Moroi que tinha sido gentil comigo em minha relação com Adrian, eu certamente não queria merecer seu desgosto. Além do mais, se isso era uma armadilha feita pelo pessoal da realeza, ter um deles ao meu lado provavelmente era minha melhor chance de escapar.

E ainda sim... ali estava Abe, olhando para mim com aquele sorriso inteligente dele. Ele certamente era muito bom em fazer as coisas do seu jeito, mas muito disso era conquistado com a força de sua presença e reputação. Se realmente houvesse alguma prova absurda contra mim, a atitude de Abe não seria o bastante para fazer isso sumir. É claro, ele também era manhoso. A serpente. Ele poderia fazer o impossível acontecer; ele certamente iria cobrar muitos favores por mim.

Isso, no entanto, não mudava o fato de que ele não era um advogado.

Por outro lado, ele era meu pai.

Ele era meu pai, e embora nós ainda mal nos conhecêssemos, ele passou por muitos problemas para chegar aqui e passear com seu terno cinza para me defender. Era o amor paterno tomando conta? Ele era tão bom como advogado? E no fim do dia, era verdade que o sangue é mais grosso que água? Eu não sabia. Eu não gostava desse ditado. Talvez funcionasse com humanos, mas não fazia sentido com os vampiros.

De qualquer forma, Abe me encarava com olhos castanhos intensos quase idênticos aos meus. Confie em mim, ele parecia dizer. Mas eu poderia? Eu

poderia confiar na minha família? Eu teria confiado em minha mãe se ela estivesse aqui – e eu sabia que ela confiava em Abe.

Eu suspirei e gesticulei em direção dele. "Eu fico com ele." Em voz baixa, eu acrescentei, "não me decepcione, Zmey."

O sorriso de Abe cresceu enquanto exclamações de choque enchiam a platéia, e Damon protestou em ultraje. Daniella pode ter persuadido ele a fazer isso desde o início, mas agora esse caso tinha se tornado uma questão de orgulho para ele. A reputação dele tinha acabado de ser manchada por eu tê-lo rejeitado.

Mas eu fiz minha escolha, e a exasperada juíza não iria ouvir mais nada sobre isso. Ela mandou Damon embora, e Abe foi para o seu lugar. A juíza começou com o discurso padrão, explicando porque estávamos aqui, etc, etc. Enquanto ela falava, eu me inclinei em direção de Abe.

"No que você me meteu?" eu assoviei para ele.

"Eu? No que você se meteu? Eu não poderia só ter que ir te buscar na delegacia por beber, como a maioria dos pais?"

Eu estava começando a entender porque as pessoas se irritavam quando eu fazia piadas em situações perigosas.

"A porra do meu futuro está em jogo! Eles vão me mandar para julgamento e me condenar!"

Cada traço de humor ou alegria desapareceu do rosto dele. A expressão dele ficou dura, e séria. Um calafrio passou pela minha espinha.

"Isso," ele disse devagar, numa voz chata, "é algo que eu juro para você, nunca vai acontecer."

A juíza voltou sua atenção de volta para nós, e para a promotora, uma mulher chamada Iris Kane. Não era um nome da realeza, mas ela ainda parecia bem dura. Talvez isso fosse uma coisa dos advogados.

Antes das evidências contra mim serem apresentadas, o assassinato da rainha também foi descrito com detalhes. Como ela tinha sido encontrada, essa manhã em sua cama com uma estaca em seu coração com um olhar de profundo horror e choque em seu

rosto. Havia sangue em toda parte: na sua camisola, nos lençóis, na sua pele... as fotos mostradas para todos, dispararam uma variedade de reações. Ofegos de surpresa. Mais medo e pânico. E alguns...

algumas pessoas choravam. Algumas daquelas lágrimas eram sem dúvida por causa de toda terrível situação, mas eu acho que muitos choraram porque eles amavam ou gostavam de Tatiana. Ela era fria e dura às vezes, mas na maior parte, o reinado dela tinha sido pacífico.

Depois das fotos, eles me chamaram. Essa audiência não funcionava da mesma forma que um julgamento normal. Não havia contraditório enquanto os advogados interrogavam as testemunhas. Eles apenas se revezavam em fazer perguntas enquanto a juíza mantinha a ordem.

"Srta. Hathaway," começou Iris, deixando de lado meu título. "Que horas você voltou para o seu quarto ontem a noite?"

"Eu não sei a hora exata..." eu me concentrei nela e em Abe, não no mar de rostos que estava lá. "Perto das 5 da manhã, eu acho. Talvez 6."

"Tinha alguém com você?"

"Não, bem – sim. Mais tarde." Oh, Deus. Aqui vai. "Um, Adrian Ivashkov me visitou."

"Que horas ele chegou?" perguntou Abe.

"Não tenho certeza disso também. Algumas horas depois que eu voltei, eu acho."

Abe voltou seu encantador sorriso para Iris, que estava mexendo em alguns papéis. "O assassinato da rainha foi estipulado entre as 7 e 8 da manhã. Rose não estava sozinha – é claro, precisaríamos que o Sr. Ivashkov testemunhasse isso."

Meus olhos foram brevemente para a platéia. Daniella parecia pálida. Isso era um pesadelo: Adrian se envolver. Olhando mais para trás, eu vi o próprio Adrian parecer calmo. Eu realmente esperava que ele não estivesse bêbado.

Iris ergueu um pedaço de papel triunfante. “Temos um testemunho assinado de um zelador que diz que o Sr. Ivashkov chegou no prédio aproximadamente às 9:20.”

“Isso é bem específico,” disse Abe. Ele soava divertido, como se ela tivesse dito algo fofo. “Você tem alguém na recepção para confirmar isso?”

“Não,” Iris disse friamente. “Mas isso é o bastante. O zelador lembra porque ele estava preste a tirar uma folga. A Srta. Hathaway estava sozinha quando o assassinato ocorreu. Ela não tem um álibi.”

“Bem,” disse Abe, “pelo menos de acordo com alguns dos seus fatos questionáveis.”

Mas nada mais foi dito sobre a hora. A prova foi para os registros oficiais, e eu respirei fundo. Eu não tinha gostado da linha de interrogatório, mas eu estava esperando, baseado na conversa que ouvi via Lissa. O negócio de não ter álibis não era bom, mas eu meio que partilhava o entendimento de Abe. O que eles tinham até agora não parecia ser forte o bastante para me mandar para julgamento. Além do mais, eles não me perguntaram mais nada sobre Adrian, o que eu deixei fora disso.

“A próxima prova,” disse Iris. Havia um ar de triunfo no rosto dela. Ela sabia que o negócio sobre a hora era bom, mas o que quer que fosse que estava por vir, ela achava que era ouro.

Mas na verdade, era prata. Uma estaca de prata.

Deus me ajude, ela tinha uma estaca numa embalagem de plástico. Ela brilhava na luz incandescente – a não ser a ponta. Ela era escura. Com sangue.

“Essa é a estaca usada para matar a rainha,” declarou Iris. “A estaca da Srta. Hathaway.”

Abe riu. “Oh, qual é. Guardiões ganham estacas o tempo todo. Eles tem um enorme suprimento idêntico.”

Iris ignorou ele e olhou para mim. “Onde está sua estaca agora?”

Eu franzi. “No meu quarto.”

Ela virou e olhou para a multidão. "Guardião Stone?"

Um dhampir alto com um bigode preto se ergueu da multidão. "Sim?"

"Você realizou a busca nos pertences do quarto da Srta. Hathaway, correto?"

Eu ofeguei em ultrage. "Você revisto meu –"

Um olhar profundo de Abe me silenciou.

"Correto," disse o guardião.

"E você encontrou alguma estaca de prata?" perguntou Iris.

"Não."

Ela se voltou para nós, ainda sorrindo, mas Abe pareceu achar essa nova prova ainda mais ridícula que a última. "Isso não prova nada. Ela pode ter perdido a estaca sem saber."

"Perdido no coração da rainha?"

"Srta. Kane," avisou a juíza.

"Minhas desculpas, Excelência," disse Iris suavemente. Ela virou para mim. "Srta. Hathaway, tem algo especial em relação a sua estaca? Algo que a torne distinta das outras?"

"S-sim."

"Você pode descrever o que é?"

Eu engoli. Eu tinha um mal pressentimento em relação a isso. "Ela tem um padrão perto da ponta. Um tipo de design geométrico." Guardiões às vezes mandam gravar coisas. Eu achei aquela estaca na Sibéria e a guardei. Bem, na verdade, Dimitri me mandou ela de volta depois que eu perdi ela em seu peito.

Iris foi até o Conselho e mostrou o saco para que cada um deles pudesse ver. Voltando até mim, ela me mostrou. "Esse é o padrão? Sua estaca?"

Eu encarei. De fato era. Minha boca se abriu, pronta para dizer sim, mas então eu vi o olhar de Abe. Claramente, ele não podia falar

diretamente comigo, mas ele mandava muitas mensagens através do seu olhar. O mais foi para tomar cuidado, seja esperta. O que uma pessoa esperta como Abe faria?

“Ela... ela parece similar ao design da minha,” eu disse finalmente. “Mas não sei dizer com certeza se é a mesma.” O sorriso de Abe me disse que eu tinha respondido corretamente.

“É claro que você não pode,” Iris disse, como se ela não esperasse nada diferente. Ela entregou o saco para um dos funcionários. “Mas agora que o Conselho viu que esse design bate com a descrição dela e é provavelmente sua

estaca, eu gostaria de apontar que nosso teste se revelou” – ela ergueu mais papéis, a vitória em seu rosto – “que suas digitais estão nela.”

Ali estava, o maior ponto. A “dura evidência”.

“Alguma outra digital?” perguntou a juíza.

“Não, Excelência. Só a dela.”

“Isso não significa nada,” disse Abe dando de ombros. Eu tinha a sensação que se eu ficasse parada ali e de repente confessasse o assassinato, ele alegaria ser uma evidência dúbia. “Alguém rouba a estaca dela e usa luvas. As digitais dela estariam ali porque é dela.”

“Isso está ficando um pouco cansativo, não acha?” perguntou Iris.

“A evidência ainda está cheia de buracos,” ele protestou. “É isso que é cansativo. Como ela pode ter entrado no quarto da rainha? Como ela passou pelos guardas?”

“Bem,” respondeu Iris, “essas seriam perguntas melhor exploradas no julgamento, mas considerando o extenso registro da Srta. Hathaway de invadir lugares, assim como várias marcas de indisciplina, eu não duvido que ela tenha encontrado várias formas de entrar.”

“Você não tem provas,” disse Abe. “Nenhuma teoria.”

“Não precisamos,” disse Iris. “Não aqui. Temos mais que o bastante para ir a julgamento, não temos? Eu quero dizer, nem chegamos a parte em que incontáveis testemunhas ouviram a Srta. Hathaway dizer para a rainha que ela iria se arrepender de ter feito a recente lei guardiã. Eu posso encontrar os transcritos se você quiser – sem mencionar os relatórios de outros ‘expressivos’ comentário feito pela Srta. Hathaway em público.”

Uma memória voltou a minha mente, de ficar parada do lado de fora com Danielle enquanto eu estava brava – com outros vendo – sobre como a rainha não me compraria com uma designação. Não foi uma boa decisão de minha parte. Nem invadir a Vigília dos Mortos ou dizer que não valia a pena proteger a rainha quando Lissa foi capturada. Eu dei a Iris muito material.

“Oh sim,” Iris continuou. “Também temos registros da rainha declarando sua extrema desaprovação ao envolvimento da Srta. Hathaway com Adrian Ivashkov, particularmente quando os dois fugiram.” Eu abri a boca para falar, mas Abe me silenciou. “Existem incontáveis outros registros de Vossa

Majestade e a Srta. Hathaway brigando em público. Você gostaria que eu encontrasse esses registros também, ou podemos votar pelo julgamento agora?”

Isso foi dirigido à juíza. Eu não tinha formação jurídica, mas as provas eram bem contundentes. Eu diria que definitivamente havia motivos para me considerar suspeita pelo assassinato, só que...

“Excelência?” eu perguntei. Eu acho que ela estava pronta para fazer sua declaração. “Posso dizer algo?”

A juíza pensou nisso, e então deu de ombros. “Não vejo porque não. Estamos juntando todas às evidências aqui.”

Oh, eu agir como freelancer não estava nos planos de Abe. Ele foi até o banco, esperando me impedir com um sábio conselho, mas ele não foi rápido o bastante.

“Ok,” eu disse, esperando soar razoável e que eu não perdesse a calma. “Vocês apresentaram muitas coisas suspeitas aqui. Eu posso

ver isso." Abe parecia aflito. Não era uma expressão que eu tinha visto nele antes. Ele não perdia o controle da situação muito frequentemente. "Mas o problema é esse. É muito suspeito. Se eu fosse matar alguém, eu não seria tão idiota. Você acha que eu iria deixar minha estaca presa no peito dela? Você acha que não usaria luvas? Qual é. Isso é um insulto. Se eu sou tão habilidosa quanto você diz que meus registros dizem que eu sou, então porque eu faria isso desse jeito? Eu quero dizer, sério? Se eu fizesse isso, seria muito melhor. Vocês nunca nem iriam me considerar suspeita. Isso tudo é meio que um insulto a minha inteligência."

"Rose –" começou Abe, um tom perigoso em sua voz. Eu continuei. "Todas essas suas evidências parecem tão dolorosamente óbvias. Diabos, quem quer que tenha armado isso poderia muito bem ter apontado uma flecha direto para mim – e alguém armou isso, mas vocês são muito idiotas para sequer considerar isso." O volume da minha voz estava aumentando, e eu conscientemente fiz ela voltar ao volume normal. "Vocês querem uma resposta fácil. Uma resposta rápida. E vocês certamente querem alguém sem conexões, sem uma família poderosa para protegê-lo..." Eu hesitei naquele momento, insegura de como classificar Abe. "Porque é assim que funciona. Foi assim que aconteceu com a lei da idade. Ninguém foi capaz de se levantar pelos dhampirs porque o maldito sistema não permite."

Me ocorreu naquele momento que eu tinha ficado bem longe do assunto – e eu estava me fazendo parecer mais culpada por falar mal da lei da idade. Eu voltei ao assunto.

"Um, de qualquer forma, Excelência... o que estou tentando dizer é que as evidências não deveriam ser o suficiente para me acusar ou me mandar para julgamento. Eu não planejava um assassinato dessa forma tão ruim."

"Obrigada, Srta. Hathaway," disse a juíza. "Isso foi muito... informativo. Você pode se sentar enquanto o Conselho vota."

Abe e eu voltamos para o nosso banco. "O que diabos você estava pensando?" ele sussurrou.

“Eu estava contando como é. Eu estava me defendendo.”

“Eu não iria tão longe. Você não é advogada.”

Eu dei a ele um olhar de lado. “Nem você, velho.”

A juíza pediu ao Conselho para votar se eles acreditavam que havia evidências o bastante para me fazer uma suspeita viável e me mandar para julgamento. Eles votaram. Onze mãos levantaram. Bem assim, tinha terminado.

Através do nosso laço, eu senti o alarme de Lissa. Enquanto Abe e eu levantávamos para sair, eu olhei para a audiência, que estava começando a sair e zumbir com conversa sobre o que iria acontecer agora. Os olhos verdes dela estavam arregalados, seu rosto pálido. Ao lado dela, Adrian também parecia estressado, mas enquanto ele me olhava, eu podia ver amor e determinação irradiando dele. E no fundo, atrás de ambos...

Dimitri.

Eu nem sabia que ele estava lá. Os olhos dele estavam em mim também, negros e infinitos. Só que eu não conseguia ler o que ele estava sentindo. O rosto dele não demonstrava nada, mas havia algo em seus olhos... algo intenso e intimidador. A imagem dele pronto para derrubar um grupo de guardiões passou pela minha mente, e algo me disse que se eu pedisse, ele faria de novo. Ele lutaria para chegar até mim através desse tribunal e faria tudo ao seu alcance para me resgatar.

Uma batida em minha mão me distraiu dele. Abe e eu tínhamos nos dirigido para a saída, mas o corredor a nossa frente estava cheio de pessoas, nos fazendo parar. O toque contra minha mão era um pequeno pedaço de papel

empurrando entre meus dedos. Olhando ao redor, eu vi Ambrose esperando perto do corredor, olhando direto para frente. Eu queria perguntar o que estava acontecendo, mas algum instinto me manteve quieta. Vendo que a fila não estava andando, eu abri o papel apressadamente, mantendo ele fora da vista de Abe.

O papel era pequeno, escrito em uma letra elegante escrita por extenso que era quase impossível de ler.

Rose,

Se você está lendo isso, então algo terrível aconteceu. Você provavelmente me odeia, e eu não te culpo. Eu posso apenas pedir que você confie que, o que eu fiz com o decreto sobre a idade foi melhor do que outros tinham planejado. Tem alguns Moroi que querem forçar todos os dhampirs a servirem, quer queiram ou não, usando compulsão. O decreto de idade atrasou essa facção.

No entanto, eu te escrevo com um segredo que você deve acertar, e esse é um segredo que você deve partilhar com o mínimo de pessoas possíveis. Vasilisa precisa do seu lugar no Conselho, e isso pode ser feito. Ela não é a última Dragomir. Outro vive, o filho ilegítimo de Eric Dragomir. Eu não sei de mais nada, mas se você puder encontrar esse filho ou filha, você dará a Vasilisa o poder que ela merece. Não importa o quão faltoso e perigoso é seu temperamento, você é a única que eu sinto que pode cumprir essa tarefa. Não perca tempo em realizá-la.

-- Tatiana Ivashkov.

Eu encarei o pedaço de papel, sua escrita brilhando diante de mim, mas sua mensagem queimando em minha mente. Ela não é a última Dragomir. Outro vive.

Se isso fosse verdade, se Lissa tivesse um meio irmão ou irmã... tudo mudaria. Ela poderia votar no Conselho. Ela não seria mais sozinha. Se isso fosse verdade. Se isso era de Tatiana. Qualquer um poderia assinar o nome dela num pedaço de papel. Isso não fazia ser real. Ainda sim, eu tremi, perturbada com a ideia de receber uma carta de uma mulher morta. Se eu me permitisse ver fantasmas ao nosso redor, Tatiana estaria ali, inquieta e vingativa? Eu não consegui me fazer baixar minhas proteções e olhar. Ainda não. Tinha que haver outras respostas. Ambrose tinha me entregado o bilhete. Eu precisava

perguntar a ele... só que estávamos descendo o corredor de novo. Um guardião me levava.

“O que é isso?” perguntou Abe, sempre alerta e desconfiado.

Eu rapidamente dobrei o bilhete. “Nada.”

O olhar que ele me deu, me disse que ele não acreditava nisso. Eu me perguntei se eu deveria contar a ele. É um segredo que você deve partilhar com o mínimo de pessoas possível. Se ele era um dos poucos, esse não era o lugar. Eu tentei distrair ele e tirar aquele olhar bobo que deveria estar no meu rosto. Esse bilhete era um enorme problema – mas não tão grande quanto o que eu estava enfrentando no momento.

“Você me disse que não iria a julgamento,” eu disse a Abe. Minha irritação de antes retornando. “Eu arrisquei com você!”

“Você não arriscou. Tarus não poderia ter te livrado também.”

A atitude tranquila de Abe em relação a tudo isso me deixou com ainda mais raiva. “Você está dizendo que sabia que essa audiência era uma causa perdida desde o início?” Era o que Mikhail tinha dito também. Que bom ter tanta fé de todo mundo.

“Essa audiência não foi importante,” Abe disse evasivo. “O que acontece a seguir é.”

“E o que é, exatamente?”

Ele me deu um olhar negro e esperto de novo. “Nada com que você precise se preocupar ainda.”

Um dos guardiões colocou uma mão no meu braço, me dizendo que eu precisava me mover. Eu resisti ao puxão dele e me inclinei em direção de Abe.

“O diabo que eu não tenho! É da minha vida que estamos falando,” eu exclamei. Eu sabia o que viria a seguir. Prisão até o julgamento. E então mais prisão se eu fosse condenada. “Isso é sério. Eu não quero ir a julgamento! Eu não quero passar o resto da minha vida em um lugar como Tarasov.”

O guardião empurrou com mais força, nos puxando para frente, e Abe me deu um olhar penetrante que fez meu sangue ficar frio.

“Você não vai a julgamento. Você não vai para a prisão,” ele assoviou, longe do campo de audição dos guardas. “Eu não vou permitir. Você entendeu?”

Eu balancei a cabeça, confusa com tanta coisa e sem saber o que fazer. “Até você tem limites, velho.”

O sorriso dele voltou. “Você ficaria surpresa. Além do mais, eles nem mandam traidores reais à prisão, Rose. Todo mundo sabe disso.”

Eu fiz uma careta. “Você está louco? É claro que mandam. O que mais você acha que eles fazem com traidores? Os libertam e dizem a eles para não fazerem de novo?”

“Não,” disse Abe, logo antes de se afastar. “Eles executam traidores.”

**FIM**

(Nota 1) Aquele que você tem colocar as mãos nas bolas amarela/vermelha/verde conforme indicado.

(Nota 2) Charms em inglês = talismã, mas também charme, daí a piadinha.

(Nota 3) Stakes = riscos; traduzido também como estacas.

(Nota 4) Cerveja pong - jogo de ping-pong em que você tem que acertar no copo de cerveja que esta do lado adversário.

(Nota 5) Vigília dos mortos – meio que um velório.

(Nota 6) Quatro de julho – dia da independência dos EUA.

(Nota 7) Shadow-kissed – significa beijada pelas sombras, tocada pelas sombras.